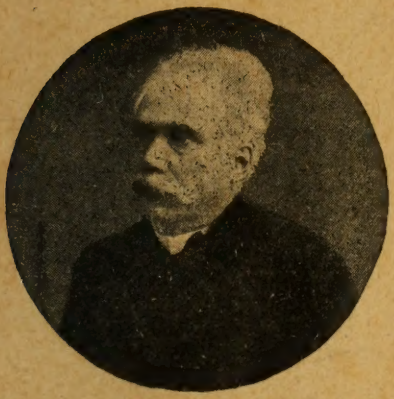
3 1761 07041208 5

SILVA PINTO



CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOTAS E DOCUMENTOS:

DESAGGRAVOS

EDITORES
JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.
186 — Rua Aurea — 188
LISBOA

CAMILLO CASTELLO BRANCO

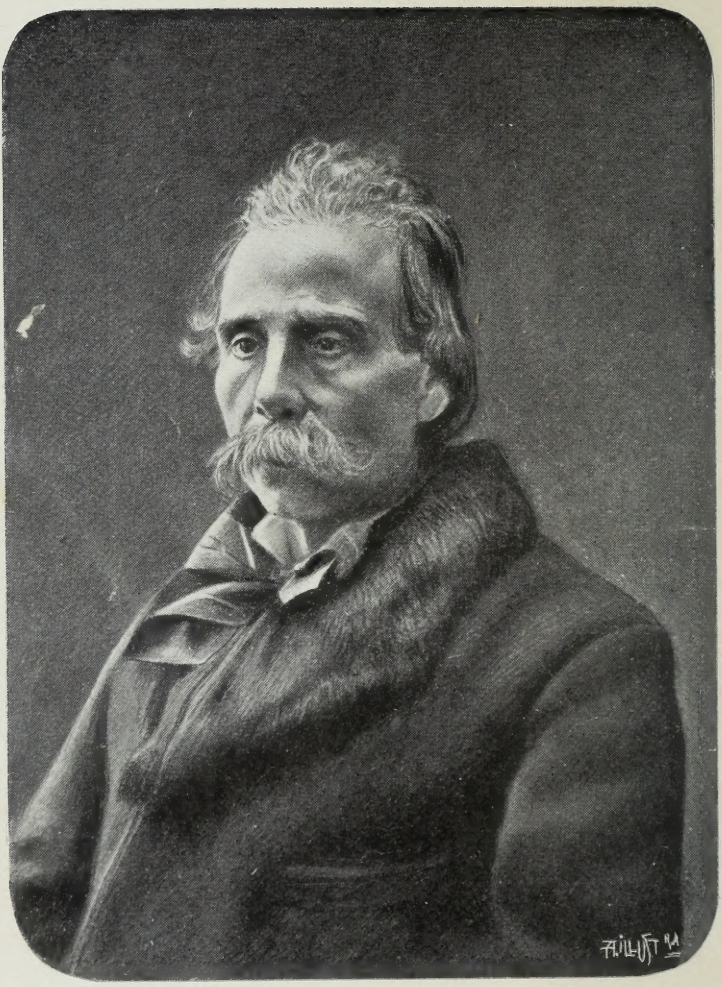
OBRAS DE SILVA PINTO

73 volumes — 1870-1910

Quastões do dia, 1870.
Sciencia e Conseieucia, 1870.
Farçadas contemporaneas, 1870.
Novas farçadas contemporaneas, 1871.
A questão da Imprensa, 1871—2.ª edição
Theophilo Braga e os Criticos, 1871.
A hora da lucta, 1872—2.ª edição.
Horas de febre, 1873.
O Espectro de Juvenal, 1873—2.ª edição.
Eugenta Grandet (tead., 1873.
O Padre Maldito, 1873.
Balzac em Portugal, 1873—4.ª edição.
Noites de vigilia (edição mensal) 1874.
Noites de vigilia (edição quinzenal), 1875.
Emilia das Neves e o Theatro Portuguez, 1875—3.ª edição.
Contos phantasticos, 1875—3.ª edição.
Os homens de Roma (drama), 1875.
A questão do Oriente (3.ª edição), 1876).
Revista Litteraria, 1876.
Os Jesuitas (ao bispo Americo), 1877.—8.ª edição.
Do Realismo na Arte, 1877.—6.ª edição.
Nós e a Alfandega do Porto, 1877.—4.ª edição.
O Padre Gabriel (drama), 1877. 2.ª edição.
Controversias e Estudos Litterarios, 1878.
No Brazil, 1879—2.ª edição.
O Emprestimo de D. Miguel, 1880—5.ª edição.
Realismos, 1880—4.ª edição.
Combates e Criticas, 1882—2.ª edição.
Novos Combates e Criticas, 1884, 2.ª edição.
Terceiro livro de Combates e Criticas, 1886—2.ª edição.
O Caso de Marinho da Cruz, 1888.
Camillo Castello Branco, 1889, Paris.
A Mulher do capitão Branican (trad.) 2 vol. 1892.
Philosophia de João Braz, 1895.
Santos Portuguezes, 1895.
Theorias de João Braz.
N'este Val de Lagrimas, 1896.
A queimar cartuchos, 1896.
De Palanque, 1896.
O riso amarello, 1897.
Noites de vigilia (4 vol) 1897.
Criterio de João Braz, 1898.
Memorias d'um suicida (trad.), 1898.
A torto e a direito, 1900.
Pela vida fóra, 1900.
Alta noite, 1900.
O mundo furta côres, 1900.
Moral de João Braz, 1901.
No Mar Morto, 1902.
S. Frei Gil, 1902.
Por este mundo, 1903.
Alma humana, 1904.
No Coliseu, 1904.
A Casa de Correcção, 1906.
A velha historia, 1906.
Ao correr do pêllo, 1906.
Na Travessia, 1907.
Em férias, 1908.
Entre nós, 1908.
Frente a frente, 1909.
Para o fim, 1909.
Na Procella, 1909.
Rompendo o fogo, 1910.
Camillo Castello Branco, 1910.
Saldos (no prelo).
Liquidando (idem).
Do Dezerto? (idem).
Segundo livro—Em férias (idem).
Essa choldra! (idem).

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/camillocastellob00silv



SILVA PINTO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOTAS E DOCUMENTOS:

DESAGGRAVOS

EDITORES
JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.ª
186 — Rua Aurea — 188
LISBOA

PQ
9261.
C3Z79

Officina Typographica — Calçada do Cabra, 7

A

Camillo Castello Branco

— Até já!...

Silva Pinto

1910

Ao despontar o anno de 1906, factos adiante mencionados inspiraram-me a ideia de promover a erecção de um monumento, em Lisboa, ao immortal Camillo Castello Branco. Eu não contara com o meu tédio despertado pelas ridiculas pretensões e cynismo de tantos videiros; nem me occorreu que a *desgraça de Camillo* sobrevivesse ao Mestre. Da faina rezultou, pois, eu afastar-me, apurando-se, por subscripção publica, uns dinheiros, que lá estão na *Camara Municipal de Lisboa.*

Rezultado valioso:—Os poderes publicos teem pago, desde então, a *pensão*, votada em côrtes — de 600$000 réis annuaes,— aos *netos de Camillo*. Isto basta ao coração de quem lidou por obtel-a — pois que *outros* abandonaram esse trabalha.

Do que, n'este livro, é do coração e da critica, adiante falarei detidamente.

I

DOCUMENTOS

(Carta á «Voz Publica» de 24 de dezembro de 1905)

Foi assim que os jornaes relataram o occorrido na ultima sessão da camara municipal de Lisboa, ácerca de Camillo Castello Branco:

«O sr. conselheiro Carvalho Pessoa propôz á camara a collocação de uma lapide na casa do largo do Carmo, tornejando para a calçada do Sacramento, commemorativa do nascimento do grande escriptor portuguez Camillo Castello Branco, *pagando* assim a capital áquelle grande vulto das lettras portuguezas uma divida em aberto.

«O sr. conselheiro Matheus dos Santos applaudiu esta proposta *e fez o elogio d'aquelle escriptor*, considerando-o o mais notavel lapidario da lingua portugueza.

«Disse que seria muito para desejar que a

actual presidencia deixasse na sua administração a idéa de se fazer annualmente, por concurso, um busto de alguma das celebridades portuguezas, nas artes, nas lettras ou nas armas, para ser collocado nos jardins publicos, ou onde melhor fosse, para lição e incentivo.

«O sr. Sabino de Sousa falou tambem sobre o assumpto, dizende que, parecendo-lhe pouco, para tão grande vulto das lettras, a collocação da lapide proposta pelo sr. conselheiro Carvalho Pessoa, se lhe afigurava conveniente encarregar *este senhor vereador de estudar* a muneira de mais amplamente se corresponder á idéa de perpetuar a memoria d'aquelle escriptor.

«O sr. conselheiro Antonio de Azevedo, parente proximo do illustre escriptor, a cuja memoria se resolveu prestar homenagem, agradeceu o voto unanime da camara e disse que Camillo Castello Branco foi incansavel no empenho de engrandecer as lettras patrias, trabalho de cuja exigua recompensa tirou os meios de subsistencia, nunca pedindo auxilio aos poderes publicos.»

*

* *

O sr. Carvalho Pessoa (conselheiro) entende conselheiralmente que Lisboa *paga a divida em aberto* ao maior prosador de Portugal, n'esta cidade nascido,—collocando a lapide na casa onde elle nasceu.

Do alvitre e das conclusões d'este vereador poderão deduzir admiradores conscientes de

Camillo — que assim as conclusões, como o alvitre, denotam mesquinhez, ou estouvamento do proponente. Quanto a mim, revelam simplesmente ignorancia. O sr. vereador vem no coice do concelho municipal de Rouen, a quem Gustave Flaubert escreveu uma carta immortal, a proposito de Louis Bouillet. Faz lá idéa do que foi Camillo e do que lhe devem a sua cidade natalicia e a sua patria?! O sr. vereador julga estar falando de algum *politico* resvalado das parlapatices á morte. Mas, ali está outra opinião.

*
* *

E' do sr. Matheus dos Santos (tambem conselheiro.) Está de accordo com o *pagamento integral* da divida, e quer que nos jardins, *ou onde melhor seja*, se colloquem bustos de celebridades. Onde melhor será que nos jardins?

Se Camillo vivesse e o adivinhasse, bem sei eu onde melhor os collocaria...

*
* *

O sr. Sabino de Sousa, que é um professor distincto, acha *incompleto* o pagamento da divida e propõe que o auctor da proposta vá *estudar*. E' bem mettida.

*
* *

O sr. Antonio de Azevedo Castello Branco

agradece e dá noticia de haver Camillo, — seu tio e protector litterario, — engrandecido as lettras patrias, vivendo do producto dos seus livros, sem pedir auxilio aos poderes publicos. Creio que é isto.

Está sabido que foi Camillo o maior prosador portuguez, até á sua morte, sem deixar sombra de continuador. D'isso me prézo de entender muito mais do que a camara municipal de Lisboa e suas dependencias, e não é preciso saber grande coisa. Mas não é exacto que dos seus livros tirasse o grande homem o preciso para viver. Em afflictivas difficuldades da vida economica poderam vêl-o, fartos vezes, amigos e inimigos seus. Estes principalmente, — para se congratularem com o Destino. E não recorreu aos *poderes publicos*, porque era de mui alta estatura para se fazer ouvir d'elles, sem se curvar, nem elevar a voz — em familiaridadees. O seu trabalho, que uns pigmeus julgam poder pagar integralmente com homenagens inconscientes e ridiculas, deu alento aos intellectuaes, deu larga e vigorosa vida á lingua portugueza e fundou uma litteratura. Tirem da nossa hisroria litteraria a *obra* de Camillo Castello Branco e hão de ouvir a estrondosa derrocada!

Na sombra do gigantesco e nobre trabalhador enriqueceram livreiros, que o exploraram e difamaram vil e estupidamente; e engordaram litterariamente, formando pulo para a vida publica rendosa, muitos insignificantes — que elle nem viu. Diz-nos o sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco. — que nunca seu tio pe-

diu aos *poderes publicos* que o auxiliassem. Diga mais: que nunca os *poderes publicos* se honraram — indo offerecer auxilio ao grande homem que honrava a patria e que desgraçado vivia — e assim morreu! O chorudo e alentador auxilio tem sido para *novatos*, — para uns que apenas sabem bajular, intrigar, ameaçar em *chantage* de parlamento ou de gazetas: horda de ridiculos e de miseraveis!

E para que o destino de Camillo Castello Branco, depois da morte, não soffra modificação uo programma, lá temos e teremos os restos mortaes do grande homem no jazigo de *Urbino de Freitas*, — sem que intervenha, para um acto de justiça embora tardio, o proprio sr. Antonio de Azevedo — que está nos pincaros da vida politica, — e embargando, como é notorio no Porto, esse acto de justiça — a trasladação solemne d'esses restos gloriosos — o sr. *Wenceslau de Lima*, esse Metternich derivado da carnavalesca *Esquerda Dymnastica*, de Barjona, ao partido regenerador! (1)

«Depois d'isto, se ajuntaram os filhos de Moab e os filhos d'Ammon, e com elles os Amalecitas... para lhe fazerem guerra.»

(*Paralipomenos*, cap. XX, vers. 1).

S. P.

(1) Em 1909, escreve-me o sr. Wenceslau de Lima, presidente do conselho de ministros, — que nunca hostilisou Camillo.

2 de janeiro, 1906.

(Carta á)«Voz Publica» do Porto)

Coincide a publicação de *Cartas de Camillo Castello Branco a Francisco Martins Sarmento*, com a minha resolução, que ha dias tenho divulgado a raros amigos e companheiros de trabalho, — com ferveroso applauso de todos. São prefaciadas e annotadas as *Cartas* pelo sr. João de Meira, que do Porto, me envia hoje um exmplar, acompanhado de palavras carinhosas. Devo extrair do prefacio umas considerações que mais e mais justificam a resolução por mim tomada. São as seguintes:

«Assim é que, emquanto Eça de Queiroz tem já um monumento em Lisboa (nessa mesma Lisboa, que sempre impiedosamente ridicularisou), Camillo não tem sequer no cemiterio da Lapa um pedaço de chão legitimamente seu, em que descançado lhe apodreça o corpo.

Assim é que emquanto á viuva de Eça de Queiroz se votou abastada pensão, se deixam ao desamparo, depois da morte do desgraçado Jorge, os netos de Camillo, obrigados a viver do escaço rendimento da pequena quinta de Seide.»

*

* *

Não perco de vista diversos trabalhos que, depois da morte do Mestre, teem viudo condensar preito á grande memoria e desaggravo aos creditos de intelligente gratidão de admira-

dores. Tenho aqui presentes — *A Camilliana*, de snr. Henrique Marques, os livros do snr. Alberto Pimentel, o do snr. F. Tavares Proença, o do snr. Paulo Osorio, e mil e uma referencias, mais ou menos desenvolvidas, em jornaes — e em cartas particulares, — com que me tem honrado e enternecido. Mas, em geral, deplora-se que não sejam cumpridos os deveres sacratissimos indicados pelo snr. João de Meira.

Viram, ha dias, os leitores desta secção da *Voz Publica* (em minha carta de 24 de dezembro) o que ha a esperar da *iniciativa official, auxiliada pelo parentesco influente*. Coisa nenhuma! As palavras de justiça do snr. João de Meira reforçam o clamor indignado que de longe vem. Não ha que estabelecer mais delongas, correndo o perigo de sossobrarem num esquecimento doloroso as boas vontades fatigadas e desalentadas.

*
* *

Vae ser iniciada, depois de accordo com o insigne esculptor Teixeira Lopes e ouvido o applauso de intellectuaes distinctos, a *subscripção nacional*, que tem por fim:

1.º — A construcção de um monumento a Camillo Castello Branco, — que será erecto numa praça publica de Lisboa,

2.º — A formação de um fundo pecuniario para os netos de Camillo, constituido pelo excedente de receita, depois de construido o monumento.

Só posso dar o meu trabalho. Contem com elle!

S. P.

Porto, 5 do janeiro, 1906.

Ex.mo amigo e sr. Silva Pinto.

A homenagem a Camillo — homenagem á memoria do morto illustre — e consideração pelos netos — representa um grande dever nacional.

Não podia ser escolhido quem melhor do que V. Ex.ª impulsionasse a realisação d'essa homenagem, porque apreciou em toda a sua luminosidade e grande figura de Camillo.

Conte V. Ex.ª com todo o apoio do *Commercio do Porto*, para a realisação d'esse generoso pensamento. Admirei e estimei pessoalmente o eminente escriptor e n'este jornal tem a memoria d'elle piedoso culto, porque foi um dos seus mais illustres collaboradores.

Queira V. Ex.ª indicar-me, minuciosamente, tudo quanto julgar conveniente para a realisação do seu, do *nosso* ompenho.

Com a mais elevada consideração e particular estima, sou

De V. Ex.ª

Admirador e amigo obrigado

Begto Carqueija.

Illustre mestre e Ex.mo Amigo

Peço-lhe que me perdôe não ter já respondido.

Perdi uma pessoa de familia, e esse desgosto me fez pôr de lado alguns trabalhos.

Tambem eu me lembro do grande Camillo e estou na firme ideia de lhe fazer a estatua. Se mais ninguem se lembrar d'elle, conte com a minha inteira coadjuvação. Unirei a minha á sua vontade, para que se pague essa grande divida.

Conto ir a Lisboa, d'aqui a pouco, e irei procural-o.

Sempre a minha admiração e respeitosa amisade.

Teixeira Lopes.

Gaya, 4 de janeiro, 1906.

---

9 de janeiro, 1906.

Meu Ex.mo Amigo

Tenho o maior praser em lhe diser — que S. M. El-Rei e S. M. A Rainha gostosissimamente adherem á subscripção para o monumento ao grande romancista e escriptor Camillo Castello Branco.

Felicito-o pela sua iniciativa e faço votos para que seja coroada do melhor resultado. Ha-de ser.

Pela minha parte, subscreverei com uma pequena quantia. Cumpro assim um grato dever, pois além de amigo pessoal, fui sempre um dos mais devotados admiradores — d'elle.

Creia me sempre

Seu creado, attento e venerador,

Arnoso.

(Das «Novidades», de 24 de janeiro)

Tendo o sr. Silva Pinto, como iniciador do monumento a Camillo Castello Branco e da pensão para os netos do grande escriptor, manifestado ao sr. conde de Arnoso o seu reconhecimento, pela adhesão de Suas Magestades áquelles projectos, foi-lhe notificado, hontem, em telegramma, pelo illustre secretario particular d'El-Rei, que Suas Magestades o receberiam hoje, no paço das Necessidades. A' 1 hora da tarde alli se dirigiu o distinctissimo escriptor.

Havia no paço accumulação de vizitas. Chegada a sua vez, foi o sr. Silva Pinto introduzido á presença de El-Rei, o qual, ás primeiras palavras de agradecimento, atalhou sorridente, declarando-se muito satisfeito por ter concorrido com o seu donativo para a realisação do projecto de Silva Pinto. Perguntou, em seguida, El-Rei o que tencionavam fazer, expondo-lhe o illustre homem de lettras, desenvolvida-

mente, que o plano geral da obra dependia do auxilio publico, devendo concorrer para este auxilio a *lealdade* de todos; que, antes de consultar Teixeira Lopes, lhe parecia que o trabalho artistico a realisar muito melhor ficaria em bronze do que em marmore, parecendo-lhe que o marmore se deve antes applicar ao *nú*, mas que a sua opinião de profano estava subordinada á decisão do artista. Mais disse Silva Pinto, a El-Rei, que não era possivel extrahir da figura completa e complicada de Camillo uma affirmação *formal*, como a que Teixeira Lopes extrahiu da figura de Eça de Queiroz; que, se Camillo voltasse a este mundo, acharia falsa qualquer expressão physionomica, ou qualquer attitude que notasse na sua estatua, e não deixaria de dizer: «É tudo falso. Eu nunca ri nem chorei assim, nem fiz d'aquellas figuras».

Isto resulta naturalmente de em Eça de Queiroz predominar o humorismo, que é toda a ironia e toda a melancolia, combinadas, ao passo que em Camillo Castello Branco não ha feição determinada e duradoura: teve todas as feições, todas as cambiantes, e foi principalmente *o maior prosador de Portugal*, o que é impossivel representar n'uma estatua.

Ácêrca do local para o monumento, o que muite interessou a El-Rei, parece ao sr. Silva Pinto, e assim o disse elle ao seu augusto interlocutor, que o largo do Carmo seria preferivel a todos, para a collocação do monumento, por varias razões: entre ellas, porque alli nasceu Camillo Castello Branco, e porque alli es-

tudam portuguez, no Lyceu, alguns centenares de rapazes, a quem poderia ser util olhar, de quando em quando, para o monumento do Mestre d'essa lingua.

Sua Magestade, ouvindo o illustre escriptor, com muita attenção, affirmou-lhe por fim o especial interesse que tinha pelo seu projecto, collocando á disposição de Silva Pinto, para o que for necessario, toda a influencia de que dispõe.

Silva Pinto foi, depois, apresentado pelo sr. conde da Ribeira Grande a Sua Magestade a Rainha. Teve a Augusta Senhora para elle palavras affectuosissimas, informando se, como El-Rei, do projecto relativo a Camillo e fazendo derivar depois a conversação para outros assumptos. Entre elles, referiu-se largamente ao que ha muitos annos vira na Casa de Correcção para rapazes, então nas Monicas e hoje em Caxias, e aos melhoramentos que sabe terem sido introduzidos n'aquella ordem de serviços.

Sua Magestade offereceu a Silva Pinto servir-se elle do ascensor do Paço, para descer, em vista do seu precario estado de saude.

---

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

Como é possivel que V. Ex.ª já saiba pelos jornaes, a Camara Municipal de Lisbôa, delegou, n'uma commissão de que faço parte, o

tratar da consagração que a Cidade deve á memoria de Camillo Castello Branco.

O nome prestigioso de V. Ex.ª foi immediatamente acclamado, como o primeiro a aggregar áquella commissão de vereadores.

Em mim delegaram os meus collegas a honra de pessoalmente vir tal communicar e de V. Ex.ª solicitar a indispensavel acquiescencia.

Foi o que procurei fazer, dirigindo-me a casa de V. Ex.ª, onde esta carta escrevo, por não ter tido o prazer e a sorte d'encontrar V. Ex.ª

A secretária, sobre a qual esta miseravel prova escrevo, por certo que vibrou, em fremitos de despeito! Ella, acostumada aos primores que tão prodigamente V. Ex.ª neste mesmo logar tem produzido!...

D'aqui me dirijo aos Paços do Concelho, onde a Commissão se reune, ás 4 horas da tarde.

Sabendo que V. Ex.ª tem difficuldade em subir, resolvemos reunir, sempre que V. Ex.ª nos désse a honra da sua presença, no gabinete do Archivo, que fica no rez-do-chão do palacio.

Se por acaso V. Ex.ª quizer acompanhar-nos na reunião d'hoje, o que seria para nós a mais auspiciosa entrada nos trabalhos que nos propômos, bastará dizer ao porteiro que nos vá prevenir, e immediatamente correremos a vir receber V. Ex.ª

Era isto o que de viva voz muito desejava dizer a V. Ex:ª quem de ha muito tem por

V. Ex.ª a mais enthusiastica admiração e se subscreve

De V. Ex.ª
Attento, Venerador,
João Sabino de Souza.

26-1-906.

Meu amigo e illustre mestre.

Puz tudo de lado, nos ultimos dias, para me entregar exclusivamente ao nosso grande Camillo, e já tenho a nossa obra planeada nas suas principaes linhas. Quero-a bem portugueza e bem nossa em tudo, como bem nosso era o grande e incomparavel escriptor. Conto ir a Lisboa, d'aqui a uns oito ou dez dias, e irei immediatamente fallar com o meu illustre amigo, para que o seu brilhante talento me illumine e me ajude a levar a cabo a difficil tarefa, Sempre com a maior admiração e verdadeira estima

De V. etc.
Antonio Teixeira Lopes.

Gaya, janeiro de 1906.

(Do «Commercio do Porto» de 27 de janeiro)

Dia a dia, recebo novas e valiosas adhesões a empreza generosa, que o illustre escriptor

Silva Pinto iniciou, de se prestar homenagem á memoria do grande romancista Camillo Castello Branco.

Estão abertas subscripções nos jornaes *A Voz Publica* e *Commercio do Porto* e vão ser abertas no *Seculo* e *Novidades*.

Silva Pinto tem tido offertas de theatros, para se realisarem festas, cujo producto reverta para o fundo da homenagem.

Tambem conta com adhesões valiosas, vindas do Brazil.

A cidade do Porto deve associar-se á dupla homenagem promovida, porque, se é certo que Camillo nasceu em Lisboa e, por isso, lá terá de ficar o monumento publico, no Porto passou a melhor parte da sua vida.

Demais, a gloria de Camillo irradia sobre todo o paiz, como grande vulto, que foi, da litteratura portugueza no seculo XIX.

(Do «Seculo» de 31 de janeiro)

Pouco depois das 2 horas da tarde reuniu-se hontem nos Paços do Concelho (sala do Tribunal dos Arbitros Avindores) a commissão nomeada pela camara municipal de Lisboa para tratar da homenagem a prestar a memoria do insigne escriptor Camillo Castello Branco.

Estiveram presentes os srs. vereadores Matheus dos Santos, Carvalho Pessoa, Sabino Coelho, Claro da Ricca e Sabino de Sousa e os vogaes aggregados — srs. Magalhães de Lima,

Silva Pinto, Teixeira de Queiroz e J. J. da Silva Graça.

A commissão installadora ficou constituida por estes senhores e mais os senhores dr. Ricardo Jorge, Barbosa Colen, professor Simões d'Almeida, Mello Barreto, Bento Carqueja, Alberto Pimentel, Narciso de Lacerda, Teixeira Lopes, maestro Augusto Machado, presidente do Centro Academico de Lisboa, e os directores dos jornaes da capital.

A commissão por unanimidade resolveu acceitar a generosa e espontanea offerta do distincto esculptor Teixeira Lopes, de se encarregar do trabalho artistico do monumento a erigir a Camillo e lançar na acta um voto de louvor áquelle talentoso estatuario.

Lançaram-se as bases da organisação, d'uma grande commissão, da qual sahirá definitivamente a commiseão executiva.

Para a grande commissão vão ser dirigidos convites a todas as camaras municipaes do paiz, socios da Academia Real das Sciencias, Instituto de Coimbra, pares do reino, deputados, professores das escolas superiores e dos lyceus, presidente e direcção da Sociedade de Geographia e da Liga Naval, emprezarios das casas de espectaculos, associação Commercial e dos Lojistas, todos os redactores de jornaes e revistas, escriptores, editores, livreiros, associações de classe, directores de Bancos e Companhias, sociedades operarias, directores de collegios, etc,. etc. Da redacção da circular a estas entidades foi encarregado o vogal — sr. Silva Pinto.

3 de fevereiro.

Appareceu hontem no *Diario de Noticias*, a seguinte carta dirigida ao director da folha supra:

«Sei que V. faz parte da comissão que projeta promover a construção dum monumento em honra do notavel romancista Camilo Castelo Branco, no largo do Carmo, perto da casa onde elle nasceu.

«Por esse motivo me dirijo a V., não para combater a construção do monumento, mas a escolha do local.

«No largo do Carmo existe um chafariz muito antigo e conhecido, o qual tem algum merecimento artistico.

«Parecia-me que o monumento poderia ser collocado, sem grave prejuizo, no largo da Abegoaria, ou noutro; evitava-se a destruição, ou remoção do chafariz.

«No largo do Carmo, em frente das ruinas do celebre convento, o que ficava bem, a meu vêr, era um monumento, ao menos, uma estatua ao grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

«Desculpe V. esta minha lembrança: oxalá que possa ser aproveitada pela illustre comissão.

«Confesso-me com toda a consideração

«Lisboa, Real e paroquial egreja de Santa Engracia, 1 de fevereiro de 1906.

De V., etc.

Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.

*
* *

Breves annotações:

I

Fôra eu quem escolhera, para local da esta tua de Camillo, o largo do Carmo.

II

Ha 8 dias que, por um accordo entre alguns membros da *comissão instaladora*, incluindo eu, foi retirada tal ideia, — o que constou nos jornaes.

III

O reverendo chegou ao *combate*, com 8 dias de atrazo. Fóra do concurso.

IV

É á *commisão executiva*, ainda não nomeada, que pertence escolher o local.

V

Se é preciso conservar no largo do Carmo o chafariz, como se hade alli collocar Nuno Alvares Pereira?

VI

A pessoa a quem se dirige Monsenhor nem

sequer faz parte da *comissão instaladora*. Já se despediu.

E ponto final.

S. P.

---

7 de fevereiro.

Graves nadas:

Outra vez, o sr. prior de Santa Engracia, Elviro dos Santos, escreve ao *Diario de Noticias*:

«Pouco depois de ter mandado para o correio um bilhete meu a agradecer a V. a publicação da minha carta, no seu mui antigo, lido e acreditado *Diario de Noticias* do dia 2 do corrente, tive occasião de lêr em outra folha, de hontem, uma carta do ex.^{mo} sr. Silva Pinto, o iniciador do monumento ao notavel romancista Camillo Castello Branco, na qual responde á minha, fazendo, um pouco enfastiado, varias ponderações esmagadoras.

Respondo a cada uma das ponderações o seguinte:

1.ª Sei muito bem que a escolha do local para o monumento foi tambem da iniciativa de sua ex.ª; até, se bem me recordo sua ex.ª attribuia ao mesmo a vantagem de incitar ao estudo da lingua portugueza a alumnos do lyceu do Carmo.

Eu não contestei que a iniciativa fosse de sua ex.ª; tratei de cousas, e não de pessoas: não lhe invejo as honras e parece, que a agua fresquinha do antigo chafariz do Carmo ha de

abrir mais o apetite dos estudantes para o estudo, do que a cara do notavel romancista.

2.ª Muito folgo, que sua ex.ª de accôrdo com alguns membros da commissão installadora, pensando melhor, puzessem de parte o primeiro alvitre; não sabia d'essa resolução, e por isso mais honroso é para mim o alvitre, que apresentei; não foi resultante de muitos pensares, mas d'um só.

3.ª É certo, que cheguei ao combate com oito dias de atrazo: não admira, estive de cama, por motivo de doença, durante tres dias; quando me levantei, tratei logo de dar expediente ao serviço da minha freguezia e das corporações a meu cargo; só depois é que fiz uma leitura rapida dos jornaes, que costumo lêr, e fiquei sabendo, que o monumento já não era construido no largo do Carmo.

Se sua ex.ª soubesse, que eu em 25 de janeiro escrevi ao meu illustre consocio Eduardo Augusto da Rocha Dias, mui digno secretario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, lembrando a conveniencia da Associação representar contra a construcção do monumento no largo do Carmo, e que elle em 27 do mesmo mez me respondeu, que a mim, como presidente da Secção de Archeologia, me competia tomar a iniciativa de tal representação, talvez não dissesse, que cheguei ao combate com oito dias de atrazo.

4.ª Dando de barato, que cheguei tarde ao combate, ainda assim não deixei de vir a tempo, porquanto sua ex.ª diz, que a commissão executiva, ainda não nomeada, não deliberou ácêrca da escolha do local.

Muito folgo com tal noticia, e estou convencido, de que a commissão não escolherá o largo do Carmo.

Agradecendo desde já, confesso-me mais uma vez com toda a consideração,

Lisboa, Real e Parochial Egreja de Santa Engracia, 4 de fevereiro de 1906.

De V. etc.

Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.

*
* *

Tal diz. Eu lhe digo:

1.º— Eu não creio que alguem possa colher *honras*, iniciando homenagens a Camillo Castello Branco. Em frente de tal gloria, só é licito affirmar inferioridade.

2.º— A engraçada referencia de monsenhor *á agua fresquinha do Carmo* é digna de Voltaire e de Monsenhor Elviro: faz rir as pedras, bem sei; mas eu só posso responder-lhe no *Pimpão*.

3.º — Não sabia Monsenhor que fôra removido o alvitre do largo do Carmo, e congratula-se por ter pensado do mesmo modo. *Les beaux esprits*, etc.

4.º— Explica a sua demora pela doença, que o fez *guardar o leito*, como diz o outro. Está certo. A doença é um direito civico.

5.º— Competindo-lhe representar, como presidente da secção de Archeologia (por muitos

annos e bons!), melhor fôra representar do que publicar epistola. Mas não sabia. Não lhe fica mal: *ignorar* é outro direito civico.

6.º— A sua chegada com atrazo não influirá nas decisões da commissão executiva. Não descure Monsenhor o expediente da sua freguezia, que deve estar atrazadote.

7.º— E, afinal, ninguem póde estranhar-lhe as *demoras*. Não se é sem motivo prior de Santa Engracia.

D'esta vez não me despeço.

S. P.

Nota.— Diz-se, em Lisboa, de coisa que não tem fim: — «É, como as obras de Santa Engracia.»

A parochia do demorado prior.

(Das «Novidades» de 9 de de Fevereiro)

Reuniu-se hoje, pelas 2 horas da tarde, no edificio dos paços do conselho, a commissão instaladora de homenagem a Camillo Castello Branco, tendo comparecidos os srs. Matheus dos Santos, Sabino Coelho, Sabino de Souza, Carvalho Pessoa, Augusto Machado, Silva Pinto, Ricardo Jorge, Magalhães Lima, Nunes Ramos (?) Simões d'Almeida, dr. Teixeira de Queiroz, Bento Carqueja e Narciso de Lacerda.

O sr. Silva Pinto leu o projecto de circular, de que havia sído incumbido para a nomeação de onde ha de sair definitivamente a commis-

são executiva do monumento. Essa circular, que é um primor litterario e que adeante transcrevemos na integra, foi approvada por acclamação e vae ser profusamente distribuida.

Nomeou-se uma commissão de patronato aos netos de Camillo, presidida pelo sr. Silva Pinto, e constituida pelos srs. Matheus dos Santos, Sabino Coelho, Ricardo Jorge e Magalhães Lima.

Foi nomeado thesoureiro da commissão o vogal sr. Augusto Machado, thesoureiro da camara municipal de Lisboa, o qual desde já recebe quaesquer donativos para o monumento.

Segue-se a circular:

«*Ill.*mo *Ex.*mo *Sr.*

«Deprimente seria para um espirito esclarecido, alliado ao sentimento da Justiça, a suspeita de que a V. Ex.ª fosse desconhecido o nosso immortal escriptor Camillo Castello Branco. A *commissão installadora* dos trabalhos para o seu monumento limita-se, pois, a lembrar, com V. Ex.ª, o que na Historia das nossas Lettras, foi aquelle extraordinario Superior.

«Garra formidavel, garra amoravel e bem feitora, despedaçou-nos a repreza das lagrimas e dilatou-nos as fauces — para o riso. Deu-nos duas expausões consoladoras e humanas, da alma condemnada ás dôres. Este o beneficio a todos nós: os que o temos lido com amor. Para os obreiros das suas officinas, – os que exploram em honrado esforço os veios da lingua portugueza,—teve beneficio especial, a toda a lar-

gueza d'uma prodiga generosidade. Despontou o Mestre as arestas do vernaculo e deu á prosa de Vieira toda a concisão, toda a mallabilidade, toda a elegancia, todo o nervosismo, da *paixão refinada* da nossa Edade. A pagina de Camillo, onde quer que o sôpro do seu genio desça a todo o vigor, é pagina de deslumbramentos; a prosa portugueza aquece ao rubro, e d'alli resaltam, simultaneas, em turbilhão, ou alternadas, contidas pelo artista, a ironia, a colera, a amargura, a troça, a invectiva, o desprezo, a dôr, o desespero, e a espaços, como protestos da Fé, um hymno de paz e de perdão! Todo o vasto e formidavel teclado e as mil boccas sonoras, ou commovidas, ou terriveis, do orgão colossal que só n'elle encontrou executante!

«Deve-lhe a Patria, com o povo portuguez e com a Litteratura Nacional, os mais grandiosos serviços. Em toda a historia das nossas Lettras, ahi aberta — nos remotos e nos modernos periodos, não ha outro forjador da nossa prosa, que assim vastamente a vulgarisasse, como Camillo, com honra e gloria para os do seu torrão. Acode lembrar que morreu pobre, como sempre viveu, o creador de duzentos volumes que são a gloria de um povo. Pobre, alanceado de dôres e cego — com o excelso espirito que tanta luz derramou!

Parece-nos, Ex.^{mo} Sr., que não nos sendo já permittido embargar os horrores de um tal destino, imperiosamente se nos impõe o preito de singular veneração por aquelle grande morto e de admiração profunda pela *obra* que nos

deixou: a construcção de um monumento a Camillo, na cidade onde nasceu, impõe-se á sua patria e á presente geração. Não haja de esperar durante seculos o pagamento do tributo nacional o primeiro prosador portugez — que foi Camillo, como o esperou o maior poeta — que foi Camões. Não tenha a tragedia da sua vida, que foi dolorosissima, o equivalente, depois da sua morte, na indifferença dos seus contemporaneos!

«Para o fim de organisar uma grande commissão, da qual haja de sahir definitivamente a *commissão executiva* da projectada homenagem, a *commissão instaladora* do monumento a Camillo, fiada nos sentimentos de Justiça e de Patriotismo, bem assim no elevado criterio de V. Ex.ª, pedc lhe a alta fineza da sua comparencia, ou da sua representação, no proximo dia 4 de março, pela 1 hora da tarde, nos Paços do Concelho de Lisboa. — *A commissão instaladora.*»

---

4 de março, 1906.

Meu caro Silva Pinto.

Ordena-me Sua Magestade El-Rei, meu Augusto Amo, que lhe envie a quantia de 500$000 réis, com que Suas Magestades, a pedido do meu amigo, subscreveram para o monumento de Camillo.

Á sua patriotica iniciativa ficaremos todos

devendo a justa paga da sacratissima divida contrahida com a memoria de tão glorioso morto.

Cordealmente o felicito.

Creia-me sempre

Seu admirador e grato amigo

Conde d'Arnoso.

(No «Jornal de Noticias», do Porto, de Eduardo Sbwalbach)

«Chronica de Lisboa

«Acordou a consciencia? Não sei. O resultado do movimento é justissimo; isso bastará para o applauso de todos aquelles que teem dentro no coração amor e respeito pelo nome de Camillo.

«Trata-se de erguer-lhe uma estatua; falla-se em transportar o seu cadaver para junto dos de Herculano, Garrett e João de Deus; pensa-se em alliviar os seus descendentes da miseria, talvez extrema, a que se teem visto condemnados.

«A estatua poderemos todos mostral-a, com orgulho; á trasladação das cinzas do grande escriptor para o Pantheon, egualando-a em grandeza a vultos gigantes da nossa litteratura, poderemos todos assistir, sem que um escrupulo de demasia no enthusiasmo nos venha

beliscar a consciencia; mas é sobretudo a vontade, por alguns, manifestada de acudir á familia do que espalhou riquezas como prodigo e morreu na pobreza, que devéras applaudio com todo o coração.

«O governo se encarregará da pensão, mais justa com certeza que algumas anteriormente concedidas. Assim se espera. Mas quantos devem a Camillo grande parte da sua riqueza deveriam concorrer, de alma alegre e desde já, para que o socego n'aquella familia, em que o pão de cada dia é substituido por quotidiana lucta, sem mais demora entrasse.

«Á iniciativa de Silva Pinto deveriam desde já acudir os editores e livreiros de Portugal e Brazil. Elles, sós, poderiam encarregar-se da gloria immensa de, sob sua responsabilidade, educar aquellas creanças possuidoras d'um nome que se encheu de gloria e que, ainda hoje, na capa d'um livro, faz correr, para onde este se imprima, a roda da fortuna...»

Sr. director do «Seculo».

Como quer que hoje, pelas 2 horas da tarde, se realise, nos paços do concelho de Lisboa, a annunciada reunião para tratar do *monumento a Camillo Castello Branco*, julgo a proposito cobrir com explicações definitivas a minha intervenção no assumpto.

Quando ha uns quinze annos o Mestre se li-

bertou d'este mundo, estabeleceu-se, n'uma corrente de remorso, que ao Estado,— aos poderes publicos, — cumpria, sem perda de tempo, affirmar, no marmore e no bronze e mediante a abertura solemne do Pantheon aos restos mortaes de Camillo, a admiração do paiz inteiro pelo primacial escriptor portuguez. O remorso, ainda mesmo sincero, tem para mim o grave inconveniente de vir depois do crime. Esperei que a admiração se firmasse no criterio; e bem longe de mim estava n'esse tempo a suspeita de que eu teria de escrever-lhe a carta de hoje.

Mas logo depois da morte de Camillo publicou seu filho Nuno um opusculo intitulado *Protesto contra a supposta filha de Camillo Castello Branco* (Porto, 1890). O opusculo fechava uma corrente de aggressões á dignissima filha de Camillo. Com outros amigos do Mestre, eu insurgira me contra essas aggressões, e, em troca, fui contemplado a pag. 52 do *Protesto* com as seguintes linhas:

— «No *Correio da Noite* n.º 3218 escreveu o sr. Silva Pinto:

«Gravou se-me no espirito a physionomia in-«sinuante da virtuosa senhora que tinha no «rosto os traços da physionomia de seu pae e «que veiu a ser a unica herdeira do seu espi-«rito. E não posso hoje explicar o sentimento «de amargura com os que fui olhando na sua «passagem — aos dois. D'ahi, talvez possa, ao «vêr, quinze annos volvidos, escrever-se e pu-«blicar-se á beira da sepultura do grande ho-«mem, entre-aberta, ainda, como ultraje para

«a filha do seu amor: — Ella não era sua fi-«lha!»

«De tudo quanto li, respeito a esta questão, nada me causou tanto desprazer. E por uma razão muito simples. É que o sr. Silva Pinto foi o «discipulo amado do mestre», e se lá d'alèm, do outro mundo, se vê o que se passa n'este, o espirito do meu querido Pae sentirá a dôr de me vêr tão mal comprehendido pela alma que elle tão altamente aquilatou.»

Como *discipulo amado do Mestre*, acceitando a revelação do filho de Camillo, me classificaram, de então em diante, em extremos de carinhosa generosidade, varios *condiscipulos* meus. E d'ahi veiu a resultar a especie de intimação que determina estas minhas explicações.

*

* *

Quando, por iniciativa do sr. conde d'Arnoso, se inaugurou om Lisboa um monumento a Eça de Queiroz, tive ensejo de conhecer pessoalmente o illustre esculptor Teixeira Lopes, e por elle me foi dito, — espontaneamente por sua parte e para mim inesperadamente,— que desejava fazer a estatua de Camillo Castello Branco, tomando eu a iniciativa. Lembro me de eu haver pezado as responsabilidades moraes que me impunha a lisonjeira proposta do insigne esculptor e de haver consultado, entre os meus raros amigos, o sr. conde d'Arnoso — que me incitou ao commettimento, offerecendo-me o seu auxilio, valiosissimo. Ainda então hesitei.

Tenho aqui as mil e uma exhortações e censuras — para que trabalhasse e porque não trabalhava, — vindas de diversos pontos do paiz. Fui esperando que outrem procedesse, com superiores recursos dimanados de prestigio e de relações sociaes que não se compadecem com a minha mysanthropia. No fim do anno passado precipitaram-se, porém, os acontecimentos.

Um artigo do sr. Christovam Ayres sustentava, com boas razões, que a um grande escriptor só erigem estatuas os seus contemporaneos, quando elle, fallecido, deixa amigos dedicados. Isto não admittia duvidas. Simultaneamente, no Porto, o sr. João de Meira, publicando umas cartas de Camillo, deplorava, em prefacio, que ao grande homem faltasse um amigo como Eça do Queiroz tivera no sr. conde de Arnoso. Foi tambem por esses dias que eu li um commovedor trabalho do sr. Alberto Pimentel — *Os netos de Camillo*. E ao tempo vi que em sessão da camara municipal de Lisboa, se aventára a ideia de collocar uma lapide no predio do largo do Carmo, onde nascera Camillo. Pareceu-me isto muito pouco, duvidando de que mais se fizesse, — porque, em regra, um mau fadario official embarga entre nós as mais energicas vontades, quando bem intencionadas.

Resolvi proceder, pondo de parte as ultimas hesitações: as que provinham do ridiculo *medo do que poderiam pensar*. Que não fossem julgar e dizer que eu me dava ares de iniciador, a alimentar-me da gloria de Camillo! Envergonhei-me dos meus escrupulos: seria o mais

irrisorio dos casos que eu, de cabeça branca, com a minha vida de trabalhos e de amarguras, quasi a terminar — graças a Deus! — me tornasse um parasita da gloria do Maior de Todos! Ao trabalho, emquanto é tempo!

*
* *

Dirigi-me a Teixeira Lopes, ao conde d'Arnoso e a Bento Carqueja. Foram os tres primeiros que me applaudiram. Depois, desde o chefe do Estado e sua esposa, até obscurissimos compatriotas, não me faltou animação. E para quê? Simplesmente *para pedir*, no fim de contas. Ainda ha dias eu pedi ao chefe do governo que acudisse aos netos de Camillo, com uma pensão. Prometteu-m'a, e sei que vae já cumprir.

Ha hoje em fóco quatro manifestações em projecto, em honra de Camillo: — A lapide no predio onde elle nasceu; — o monumento no local que fôr escolhido; — a trasladação dos restos mortaes para o Pantheon; — e a pensão aos netos do grande e desventurado escriptor. É por esta ultima solução que eu especialmente trabalharei — até a obter. Quanto ao monumento, por elle se interessa a camara municipal de Lisboa, e para esse *centro de actividade* devem justamente convergir todas as dedicações.

Aos favores que eu devo ao seu poderoso jornal, rogo-lhe que addicione o da publicação d'esta carta. Tem ella por unico fim assignalar

a insignificancia dos meus suppostos serviços e a minha natural e radical despretenção diante da luminosa figura do Superior.

4 - 3 - 1906.

De v. etc.

Silva Pinto.

Sr. director do «Seculo».

Permittiu v. que eu declarasse, no seu jornal de 4 do corrente, as razões da minha iniciativa no monumento a Camillo Castello Branco. Disse eu então que, visto achar-se interessada no assumpto a camara municipal de Lisboa, eu trabalharia especialmente para o fim de obter a pensão para os netos de Camillo. Pelo officio que hoje envio ao ex.^{mo} sr. dr. Ricardo Jorge e cuja publicação no *Seculo* peço a v. , poder-se-ha concluir, como eu, — que terminei aquella segunda parte do meu trabalho e que posso retirar-me satisfeito — e quasi feliz.

Do officio consta o seguinte:

«*Ill.*^{mo} *e ex.*^{mo} *sr.* — Havendo eu sido nomeado pela commissão instaladora da homenagem a Camillo Castello Branco, com v. ex.^{a} e com os ex.^{mos} srs. Sabino Coelho, Magalhães Lima e Matheus dos Santos, para uma commissão de patronato dos netos de Camillo Castello Branco, tratei, como a v. ex.^{a} o communiquei previamente, de, na qualidade de presidente da

commissão, trabalhar — sem distrahir os meus ex.mos collegas das suas occupações de cada dia.

«Dirigi-me, pois, ao ex.mo sr. presidente do conselho de ministros e logo obtive a promessa de tomar s. ex.a na devida consideração o meu pedido. Foi isto ha uns dez dias, e desde então não tenho deixado de importunar s. ex.a, para que a sua promessa seja realisada, sem delongas.

«Ora, no *Commercio do Porto* de 8 do corrente, vejo o seguinte, relativo á sessão do dia 7, a que assistira o sr. Bento Carqueja:

«O sr. conselheiro Antonio de Azevedo com«municou que o sr. conselheiro José Luciano «de Castro acolhera bem o pensamento de ser «estabelecida uma pensão aos netos de Camillo.»

Desde que a pensão está por tal modo garantida, o meu trabalho, por obtel-a, terminou. E sobre isto não pode haver discussão.

«A v. ex.a, que é simultaneamente um considerado homem de sciencia, um prosador distincto, um antigo e bom amigo de Camillo Castello Branco e um apreciador consciente da obra do primarcial escriptor, venho pedir o favor de me considerar desligado da commissão de patronato, quer ella tenha de subsistir, apezar de tudo, quer haja de terminar, — participando-o v. ex.a *officialmente*, se assim o entender. Regressando á minha labuta diaria, eu levo a certeza absoluta de que não perdi o meu tempo.

«Deus guarde a v. ex.a:

«Ill.mo e Ex.mo sr. dr. Ricardo Jorge.
«Lisboa, 10 de março de 1906.

Silva Pinto.»

*
* *

Depois d'isto, devo dizer a v. , — sr. director do *Seculo*, — que á commissão instaladora indiquei eu, para tomarem parte nos trabalhos, como vogaes, os meus collegas srs. Silva Graça, Narciso de Lacerda, Fialho d'Almeida, Alberto Pimentel, Barbosa Colen e Mello Barreto. Vem isto para que alguns d'esses homens, com quem tinha as relações cortadas, me perdoem havel-os julgado indispensaveis aos trabalhos em honra de Camillo — importunando-os por tão elevado motivo. Mais nada.

10 - 3 - 1906.

De v. etc.
Silva Pinto.

(«Novidades» de 16 de março de 1906)

A familia em S. Miguel de Seide

I

Ouvi mais de uma vez a João de Deus: — «O dinheiro não dá a felicidade, mas não se pode ser feliz sem dinheiro.»

Isto é assim; digam-me embora que ha desprezadores de um tal poderosisimo elemento. Se deveras existem, devem ser bem desgrçados — sem prejuizo de sua estupidez

Não dá a felicidade absoluta, mas que ha de absoluto n'este mundo? Dá porém felicidades relativas: a satisfação de paixões, de vicios, de caprichos, de vaidades. Aligeira a vida. É o Cirenéo supremo.

Tivesse eu dinheiro, não me houvessem despojado de uma fortuna — nos dominios da Boa Fé, e vêr-se-hia a esta hora livre de amarguras e de trabalhos e de importunação, consideravel numero de meus irmãos em Christo. Quero eu dizer: os netos de Camillo Castello Branco e sua mãe teriam garantido o bem estar da existencia; ao glorioso morto erguer-se-hia um monumento — como a Affonso de Albuquerque poude faze-lo o afortunado Luz Soriano, sem incommodo para commissões, nem para subscriptores.

E eu seria feliz.

*

* *

Seria feliz d'esta suprema ventura de combater e levar de vencida o infortunio que assalta os innocentes, e a injustiça encarniçada contra o Genio. Poderia hoje, vinte e dois annos decorridos sobre a ultima visita, voltar a S. Miguel de Seide, levando commigo a saudade pelos queridos mortos — e o conforto para os descendentes; chorar com elles e com elles consolar-me; percorrer a quinta e a casa onde tan-

tissimas vezes eu vi e ouvi o Maior de Todos, e, já noite, estabelecidos na aldeia o socego e o silencio, invocar, a sós, o grande morto e e perguntar-lhe: — «Mestre! estás contente commigo?»

*

* *

Tudo isso poderia ser; mas não o quizeram assim os nossos destinos — em que ha tantas afinidades, resalvando o abysmo que separa as intelligencias. Dizia-me ha dias na redacção das *Novidades*, um meu collega em lettras e em adoração por Camillo, o sr. Alberto Pimentel: — «Parece que a Desgraça o persegue ainda, até na descendencia!» Referia-se ao nosso immorredouro e eu achei-lhe razão, dolorosamente. Vamos lá a vêr se contrariamos a Desventura!

II

Tal direito nos assiste e como dever se nos impõe, dado que n'um olhar retrospectivo vejamos Camillo Castello Branco trahido, calumniado, e soccorrendo sempre. Tenho aqui estas palavras suas, ha vinte e cinco annos escriptas: — «Que será isto que atrahe ao meu retiro toda a sorte de desgraçados? Muito sinto, por elles, as desillusões!»

Era o instincto que impelle os infelizes para o amparo moral, já mesmo desesperados de outro. E era poderosamente consolador o gasalhoso sorriso do omnipotente analysta da Dôr Humana. Dava alento uma entrevista com

aquelle que tudo sondava, ou advinhava tudo. Mas a palavra não excluia a acção generosa e ardente. Acudia, com o *empenho* prestigioso, depois com recursos proprios e, quando exhausto de forças materiaes, pedia a outrem pelos outros. Foi elle quem me disse um dia: — «Ha gente tão desgraçada que até de mim precisa.»

Era a Bondade original, sem invocações a Tolstoi, original, independente, poderosa, e desprezadora da ingratidão. A sua *politica* subordinava-se a um scepticismo d'alto. Nunca bajulou, nem poupou alguma especie de soberanos e teria albergado, em hora de difficuldades, o manto real, ou a blusa — fosse qual fosse o perseguido. O que elle via e deplorava, concedendo-lhe alternadamente a piedade, o desprezo, ou a ironia, era a *especie humana*. E vingou conhecel-a a fundo. A' similhança de Henrique III, de Valois, Camillo teve muito quem o atraiçasse, mas nunca alguem o enganou.

*
* *

Mas soffreu inalteravelmente, como nenhum outro homem vi soffrer durante, a minha travessia. Tenho aqui na frente uma carta sua, escripta, em 1 de janeiro de 1883. Deixem-me reproduzil-a, como documento de dôr:

«*Meu Silva Pinto.*

«Estou ha muitos dias com uma anemia encephalica: um idiota supra-numerario! Assim

que me sento e quero trabalhar, sinto no cerebro uma machina de costura, silenciosa, mas escangalhada. Necessito muito sahir d'aqui, por um ou dois mezes.

«A convivencia assidua com o Jorge não é indifferente aos meus ganglios nervosos, Persuado-me que mais tres mezes dão commigo n'um mundo que talvez seja melhor que este: o «paraiso dos parvos», como dizia o Milton.

«Desejava vêl-o, mas não sei como nem quando. Eu imaginava-o a esta hora aqui, quando mandei contruir o seu quarto pobretão. Devia ser-me muito amparadora a sua convivencia.

«Morreu o meu velho amigo e companheiro de quarto, bispo de Vizeu. Ha 15 dias que me disse: «Vai-se apagando a luz». E' o que eu digo ao meu Silva Pinto.

«Tenho peiorado a toda a brida. Quem me dera isto acabado!»

Ainda viveu oito annos, para esgotar os soffrimentos todos, até que resolveu partir...

Hoje, quinze annos volvidos sobre a sua morte, corre-nos o dever de luctar pelos rebentos da arvore tombada antes da hora — e que a tantas deu alimento e sombra Não percamos de vista as provaveis delongas do soccorro official, que se impõem á propria vontade de um chefe de governo. Supprimamos o amor proprio, pedindo — sem affronta ao decoro social, pois que pedimos para innocentes. Impera em S. Miguel de Seide, no lar hospitaleiro e glorioso, a absoluta desventura. Tentemos

escorraçal-a, e quem sabe, amigos, se «elle» nos está vendo?!

Silva Pinto.

(«Voz Publica» de 28 de março de 1906
Carta de Lisboa)

Camillo Castello Branco

A saida da sr. José Luciano do governo inutilisou a esperança de uma pensão, por parte d'aquelle estadista, aos netos de Camillo; felizmente, porém, o chefe do actual governo (Hintze) é favoravel á immediata solução justa de tão doloroso assumpto.

Eu afastara-me *officialmente*, para não tolher a acção vertiginosa do sr. Antonio de Azevedo Castello Branco, —parente d'aquelles desventurados, — nos dominios da Philantropia; mas cá por coisas, recomecei a pensar firmemente no caso, e hontem escrevi ao doutor Ricardo Jorge, velho e leal amigo de Camillo, perguntando-lhe pela Pensão e dizendo-lhe que muito esperava do sr. Hintze, em tal assumpto.

Pelo correio, me respondeu logo o dr. Ricardo Jorge:

«*Meu caro Silva Pinto.*

«Sim senhor: estou certo de que vamos ser, ouvidos e attendidos. Temos, porém, de esperar uns dias, que o governo tome posse dos assumptos.»

«Parece-me bem divulgar isto, para que a desditosa e sympathica familia, de S. Miguel de Seide se não julgue esquecida pelos seus verdadeiros amigos.»

Em 1909

Sessão de 14 de novembro, da camara municipal de Lisboa. Extracto dos jornaes

—«O sr. presidente diz que o sr. Silva Pinto, um grande admirador de Camillo Castello Branco, quando se trata do monumento a esse vulto da litteratura portugueza, commenta : «Isso é com a Camara Municipal». Ora a verdade é que a actual vereação não tem responsabilidade alguma, mas sim o sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, ex-presidente da camara, que ainda não apresentou os documentos que tem em seu poder, na qualidade de presidente da commissão encarregada do assumpto.

«Accrescenta que, em tempo, falando-lhe sobre o assumpto, pretendera s. ex.ª convencel-o de que elle, orador, como presidente da Camara Municipal, era tambem presidente da commissão executiva encarregada do monumento, com o que não concorda.

«Alvitra, por fim que se officie ao sr. Antonio de Azevedo, pedindo-lhe o que tiver em seu poder, com respeito ao referido monumento.»

Esperemos. O que?

II

LES HONNÊTES GENS...

Dado que as lucidas annotações, méramente litterarias, que constam do recente livro *A Vida Mental Portugueza*, não constituissem para o sr. visconde de Villa Moura, seu auctor, formal direito a enfileirar-se com os criticos de boa tempera, as paginas 67 e seguintes, que eu vou do mencionado livro reproduzir, dão-lhe honrozissimo logar entre os honestos destruidores de ignobeis lendas, em homenagem á santa verdade, inilludivel.

Diz o sr. visconde de Villa Moura — contestando atoardas que tiveram origem por detraz de balcões — anteparos dos mais reféces ladrões da Invicta, o que vae lêr-se em desaggravo do *Maior de Todos*, contra os mais *réles de todos*. Ouçam e registrem o protesto documentado — *que me escapara*, — e admire-se, como se *admira* o referver da gafaria corrosiva, a phantasia dos sordidos difamadores.

*
* *

«Eu encontrava-me no Porto, por 1889. Tinha poucos annos, e começara a leitura de recreio, pelos livros de Camillo. Acabara elle então a sua obra. No anno seguinte resolveu-se pela morte, — talvez certo de que já bastava á sua gloria o fructo amadurecido do melhor e mais copioso estudo, na prova de duas centenas de livros. Inquiri da vida do romancista, talvez já na idéa de que áquella imaginação era tambem precisa vida novellesca que mantivesse coherencia na linha d'arte que o escriptor se impozera.

«A curiosidade castiga sempre. Foi-me logo contada a historia, que já então era velha, do processo por que o romancista se houve para obter a posse de Anna Placido. Uma farça ignobil era essa historia, urdida a preceito pelos delidores de Camillo, em satisfação de muitos odios represados. Ora, o desmentido de tal infamia encontramol-o n'uma pagina que serve de prefacio á correspondeneia de Vieira de Castro.

«Referiu-me, diz Camillo, do grande tribuno, — com intercadencias de hesitação, que nas praças, nos botequins e nas salas se contava o seguinte:

«Que eu, confidente e depositario das cartas que uma senhora casada escrevera a um homem ausente, ameaçara essa senhora de revelar ao marido a culpa indicada nas cartas, se ella continuasse a repellir-me; e que a senhora

ameaçada, acceitando metade da minha infamia, transigira com a proposta. Eis ahi descarnadamente a ignominia com que tentavam suffocar-me uns homens que hoje me apertam a mão.»

Depois, conta o escriptor o pesar que lhe déra a noticia de tal calumnia, sobretudo por aquella que se lhe ligara, mau grado ter de cahir na pobreza e no descredito, e segue: «Não me lembra o que respondeu Vieira de Castro. Abri a minha gaveta, desatei dois pacotes de cartas datadas e numeradas nos sobre-escriptos e disse-lhe: — Aqui tens a minha correspondencia com essa senhora, as suas e as minhas cartas...

«Lê-as tu, desde a primeira que escrevi, á primeira que recebi. Não posso dar-te outro testemunho contra essa calumnia, que eu por amor á minha especie seria incapaz de inventar em uma novella».

E finalmente:

«São volvidos dezeseis annos. A infamação nunca foi impressa; mas ha almass negras que ainda a escorrem na lingua farpada, como a poçonha da vibora.

«Meus amigos e meus inimigos! se, por violencia d'uma paixão brutal, exacerbada pela embriaguez, eu resvalasse á infamia de forçar a resistencia da derradeira mulher na escala das perdidas — Deus sabe quem são as perdidas! — ao despertar d'esse infernal aturdimento, com a consclencia do meu crime, matar-me-hia, com asco de mim proprio. No regaço d'essa senhora tão cruelmente aviltada, tenho

dois filhos. E' para meus filhos que eu escrevo esta pagina, que me pareceu até hoje impossivel. Receio que elles ainda tenham de vèr a serpente da calumnia a rojar-se na sepultura de seu pae. Sinto-me no cabo da vida e tenho maior pêjo da posteridade que dos meus contemporaneos.

«Quero que essas crianças saibam, d'este livro, que o pregão afrontoso aos calumniadores foi escripto quando ainda viviam as pessoas que podiam desmentir-m'o. No punhado das minhas cinzas hão de estar as de sua mãe — esta levantada alma que ainda não verteu uma lagrima na voragem que devorou os respeitos do mundo e a perfida riqueza com que seus perdoaveis paes a violentaram, sem dó da sua innocencia e formosura dos dezoito annos.»

Estas paginas, prefacio da *Correspondencia*, têem a data de 1874.

Do que não resultou que o romance dos amores de Camillo, — caldeado pelo imaginação tôrpe dos que tentavam dencgril-o — fôsse cancellado por aquella data, á face de tão claro documento.

Repetimos: — por 1889 ainda aquella lenda não era desfeita.»

*

* *

Existe ainda em 1910, — com a renovação dos biltres.

«Les honnêtes gens ! Quelle canaille !» — E' de Zola.

III

CARTAS DE CAMILLO

(A SILVA PINTO)

1880-1884

Meu presado Amigo

O Jorge tem peorado e eu principío a desconfiar que a Lipomania è contagiosa. Partimos todos ámanhã para o Porto, para mudar de meio. Não sei que tempo estaremos. Vamos para o Hotel do Porto. Dei ordem para que lhes enviassem *Macarios*. Recados ao sr. Lacerda.

Do seu velho

Camillo.

Meu presado Amigo

O E. d'Oliveira disse ao V. da Motta que desejava publicar o prefacio dos *Combates*, ain-

da antes de sahir o livro. Se lhe convier, dê ordem ao Teixeira para lhe enviar uma prova. Hoje disse eu ao J. Diniz que lh'a enviasse a V. Ex.ª.

Camillo Castello Branco.

Meu caro Amigo

As gazetas fantasiaram o Nuno e a raptada em Castella, na Suissa e na republica d'Andorra.

Ora, elles, para se esquivarem a longas jornadas, metteram-se-me em Seide, e mandaram-me tratar dos seus arranjos.

Em consequencia do que, consegui que o conselho de familia lhes desse hontem consentimento para casarem.

A menina, por causa do impedimento canonico da cohabitação, tem de separar-se por uns 8 dias. Depositou se em Villa Nova, em casa do administrador do concelho, emquanto se lavram escripturas. Quanto a fortuna, a coisa está muito áquem das atoardas publicas: tem 7 contos de renda, ou 150 contos. E' uma rapariga estimavel, com uma intelligencia rudimentar.

Não sei nada de V. Ex.ª ha muitos annos. Vi que o seu causidico quebrou uma perna.

Faço votos por que a sua herança não soffra alguma deslocação, juntamente com a perna do Doutor.

A sua casa já offerece uma certa elegancia. Quando tenciona vêl-a?

Do seu muito grato

C. Castello Branco.

Meu Amigo

A casa já tem janellas; como ainda não tem portas, o frequental-a sem escada de mão seria arriscado.

Verá que o Conceição não lhe replica.

Resolvi responder duas cousas ao J. de Mattos. Já lá estão nas niveas mãos da Torrezão. Se já tiver sahido a minha resposta, diga-me V. Ex.ª se o Chiado me considera extremamente pôrco. E' o que faltava, não despindo eu nunca a luva de 1 botão barata, de 400 réis.

Mascara-se? Eu tambem.

Do seu velho

C. C. Branco.

Meu presado collega e Amigo

Como o *Primeiro de Janeiro* désse no começo d'este anno a noticia da sua partida para Lisboa, julguei que tivesse deixado o Porto, e n'esta supposição escrevi-lhe para o Pelicano.

A falta da sua resposta pode significar duas cousas — ou que está no Porto, ou que não está no Pelicano. Tirava-me d'estas dnvidas o meu amigo, se se tivesse lembrado de nos dar noticias suas.

A carta enviada para Lisboa dizia-lhe que o Malbario fez nova planta; augmentou como era de esperar e menos do que era de esperar o preço da obra.

Tenho aqui a planta, que lhe enviarei quando V. Ex.ª me disser onde está.

O architecto já está reunindo os materiaes, e brevemente começa os alicerces da nova obra.

A casa teve de se delinear n'outro ponto do terreno, visto que no chão designado passa uma mina, que prejudicaria a segurança dos cimentos.

Creio que nos cncontraremos em Lisboa, para onde vou brevemente com a Sr.ª D. Anna e os dois filhos.

Isto por aqui, apesar da inverneira, figura se-me mais toleravel que o Rocio e o Poço do Borratem.

Enviamos os nossos affectos ao sr. Lacerda (1) e muito desejamos que, ao menos, nos diga que tem saude.

De V. Ex.ª
Amigo e Obrigado
C. Castello Branco.

---

(1) Refere-se Camillo ao nosso commum amigo Narciso de Lacerda.

Meu presado amigo

Não sabia que o *Illustrado* se tinha occupado no *conflicto* com o Conceição. Ha muito tempo que não recebo essa folha. Disse me, porem, o Chardron que lá nunca se disse nada a respeito da *Corja*.

Não vi o livro de Serpa, nem o comprarei. O assumpto não me ingoda. Quando eu cá tornar, d'aqui a 200 annos, heide gostar de saber o que diz o seculo XXI de A. Herculano. V. Ex.ª decerto se admirou da minha clementissima resposta ao A. da Conceição.

Pois verá que sova me dá o homem! Quando vir o Fialho d'Almeida, faça lhe recados meus.

Vejo que transferiu para a côrte a *Revista do Norte*.

Agouro-lhe prosperidades de melhores leitores: quanto a dinheiro, hade orçar pelo Porto.

Se eu poder, enviar-lhe-hei algum landamun, de vez em quando. Enviei-lhe hontem o «Zé Povinho».

Affectos de D. Anna Placido, Jorge e Nuno.

De V. Ex.ª

Creado, Attento, Amigo e Obrigado

Camillo Castello Branco.

Meu Amigo

E' clara a allusão ao Pina: o patrão Navarro lá lhe chama *Mario* (Marianno). Não era possivel que o G. Fonseca tratasse assim o sr. Silva Pinto, sem mais nem menos.

Eu imaginava V. Ex.ª em Lisboa.

Creio que lhe escrevi para lá, em resposta á sua ultima. Recados de todos desta sua casa e um abraço do seu muito amigo

Camillo Castello Branco.

Meu Amigo

Devolvo o seu livro *Alex. Herc.* Parece-me inutil para os que intendem Herculano e a sua missão litteraria; e mais inutil para os que não intendem, nem querem saber d'isso.

Como obra d'arte, está escripto com musa pedestre, a terra terra e com 40 annos de atrazo.

As *NN* ao Th. Braga são canhestras e gretam de modo que são alvo a muitas fréchadas.

A sua ementa a uma d'essas notas é justa.

O Serpa viu os versos de H, escriptos em 1827, porque o O. Martins me pediu licença para os trasladar. O Th. B., se os apanhasse, decerto os mandaria litographar.

Pelo *Pimpão*, que devo á sua curiosidade, vejo que os dissidentes do Reformador dos estudos se vão multiplicando. O homem decerto

não se sustenta amparado nas molêtas Ramalho e Carrilho. Um artigo do R., transcripto nas Ribaltas, — faz riso pelo entouo. Elle, o Ramalho, *desaprova* que se êrga o monumento! Isto deve repercutir no seculo XXI e talvez ainda resôe no seculo XXII.

Como vae de saude? Eu tenciono ámanhan tomar um laxante: mandei vir citrato de magnesia e a *Historia do Romantismo*. A 2.ª roga é para o espirito que está gorduroso d'uma leitura de Anthropogenia de Hæckel.

Que tristes dias estes de Seide!

Recados de todos d'esta s/c.

Do seu Amigo

Camillo Castello Branco.

Meu presado Amigo.

Se eu ahi não estiver no dia 13, para o acompanhar a esta sua casa, venha sem mim, que encontra o ninho preparado, se prefere isto a V.ª Nova.

Tenho grande precisão de ir ahi, mas cada dia me vai faltando a coragem, com a saude.

Sempre me avise para ser esperado na Portella, sim?

Affectos de nós todos ao sr. Lacerda, Digalhe que venha escrever n'esta meza as *sovas*. Não ha para inspiração de phrases protervas como o tedio da aldeia n'uma manhan carran-

cuda. E V. Ex.ª, querendo atirar ao *Lobo*, arranja a côr local n'estes matagaes. Já que eu não posso dizer mal de ninguem, venham sustentar a reputação de S Miguel de Seide. Assim como este santo, meu orago, abocanhava os patifes do inferno, venham V. Ex.ªs frechar d'aqui os malandrins — da terra — e serão por egual canonisados e gratos a Saturno.

Até á vista.

Do seu muito affecto e grato

Camillo Castello Branco.

Meu Amigo

Como eu tenho a grande mania de visitar presos, leio todos os dias o movimento do Limoeiro, a ver se V. Ex.ª é movido ou removido lá para dentro. Assim que este clarão de immortalidade lhe lampejar na fronte, favas contadas: vou ao Limoeiro, accender o meu charuto á luz baça da sua lampada de azeite de purgueira e jogaremos a palhinha com as caules do sua enxerga, se as lagrimas permittirem essa distracção innocente.

Eu estou cheio de compaixão pelo Gomes Leal.

Lembra-me que elle está saturado de *Pale ale* e de bifes de boi, por não poder comer uma nadega d'El-Rey.

Se elle tiver a felicidade de ser estrangulado (como se espera), será o proto-martyr da

republica e da Poesia Satanaz—Gomes & C.ª V. Ex.ª está predestinado a enfileirar-se no Martyrologio, mas, como tem de morrer pela prosa, a sua agonia ha de ser um pouco sem sabor e lenta, como quem morre com emborcações de orchata.

Eu, assim que vir que falta sangue para fructear a arvore do futuro, darei ao tempo presente esta agua chilra que me gira nas veias, pedindo que me aproveitem para martyr e para estudos osteologicos.

Posto isto, vou fazer a mala, para ir conviver uns dias com os judeus do Bom Jesus, a quem darei recados do meu amigo.

Mnitos affectos de todos d'esta casa,

Não se esqueça da estima que todos lhe dedicam e principalmente o seu grato amigo.

Camillo Castello Branco.

Meu Amigo

Não vi o quo escreveu o Lobo d'Avila; mas imagino o que V. Ex.ª escreverá. Veja se adopta, na correcção a fedêlhos, o meu systema com o referido pequeno.

Não troveje. Cascalhe uma risada. Em vez da massa de Hercules, use a bexiga de Triboulet. E em vez de pontapés, penantadas.

Eu já tinha lido a sua suspeita reflexa no *Dez de Março*.

Seja como for, não se inquiete. O meu amigo já me disse que se doía com as injurias

Em quanto a idade lhe não dá o arnez refractario, faça um estudo por tirar do tinteiro o menos fel e mais summo de herva sardonica que faz rir até rebentar o baço e intestinos subjacentes.

Vão aqui grandes amarguras, com o progresso da infermidade do Jorge. A mãe parece-me que o precederá na sepultura. Cuidei-a mais forte do que eu, e afinal, em 15 dias, envelheceu 10 annos. Veio affligir-nos a suspeita de que L. L..., residente em Lisbôa, ia suicidar-se. Nada pede; mas eu mandei-lhe hontem 100$000 réis.

Nem sei se os regeitará Como se não superabundassem os meus infortunios, veja V. Ex.ª quantos desgraçados vem attrahidos para este ponto negro, como se eu podesse dar felicidade a alguem! Se o não assusta a tristeza d'esta sua casa, venha quando quizer.

De V. Ex.ª
Amigo e Obrigado
Camillo Castello Branco.

Meu Amigo

Hontem recebi teleg, e hoje duas cartas. Além da que lhe enviei para o Porto, foi outra para Lisboa, e um teleg, para a rua das Amoreiras. D. Anna Placido, não tendo algu-

ma nova da sua existencia, começou a imaginar que V. Ex.ª estava doente em terra desconhecida, pelo menos em Seide.

A' força de a ouvir martelar n'esta hypothese, tombem me quiz eu persuadir de qual quer cousa irregular, se não funesta. Tambem me lembrei que estivesse em Portalegre; mas parecia-me que o meu amigo não sympathisava com a terra.

Envio-lhe hoje a nova frontaria da sua casa. Malbario já está caboucando nas pedreiras, e vae abrir os alicerces.

Encontramo-nos, em principio de 9br°. em Lisbôa. Vamos todos para o hotel Universal Nada espero das esperanças que tem a Anna quanto ao Jorge.

O que mais me assusta é o fastio que o vae minando. Póde ser que nos primeiros dias elle se alimente melhor; mas a demencia é irremediavel.

Vejo que o meu amigo se está saturando de paios (!). A final sahiu-me um lusitano *pur sang*.

Espero ainda vêl-o em assembléa de ginjas, na botica de qualquer Euzebio, jogando o gamão e expluindo o arrôto sadio das carnes ensacadas.

N'esse andar, a lyra de Narciso de Lacerda tem de envolver-se nas escumilhas e nas pelles dos chouriços d'alem-Tejo. Que destinos!

Do seu do c.

Camillo C. Branco

Meu presado Amigo

Maravilhou me o silencio do *Pimpão!* «Sancta simplicitas!»

Quanto ao verso de Dante:

O texto da correctissima edição chamada de Minerva (Padova 1822) diz: *Non ragionar di lor, ma guarda, e passa.*

A edição de Leonardo Ciardetti (Firenza, 1830) e a dos professores Nicolini e Bezzuoli, Firenza, 1840) e a de Paris (1875) feita sobre as citadas, todas dizem:

Non ragionar di lor etc.

Alex. Herc. no «Panorama» (não posso de prompto citar lhe os artigos) diz:

Non ragioniam di lor;

E nos *Opusculos*, tomo 3.º pag. 38, diz:

Non ragioniam *di lui*

Mas aqui o tal artigo *lui* não é erro, é proposito, porque o *lui* era commigo; subsiste porém a deturpação *ragioniam*. Quanto ao prurido: nenhum diccionarista authorisado usa *prurido*. Constancio emprega-o e authorisa-o em *Diccion;* mas a sua authoridade em vernculidade é froixa. O mais aut. vocab. portlat., de Agostinho Barbosa, (Braga 1611) diz: *pruido*, *prurito*, *prurigo*, (de *pruritus)*. Em classico de escacha-pecegueiro não me recordo de ter achado *prurido;* é natural que eu o haja empregado assim, mas isso não faz ao caso, por que eu não sou dos taes de escacha. Entretanto, um purista não diria *prurido*, posto que *rugido* e *perdido* derivam ethymologicamente de *rugitus* e *perditus*, etc. Eu,

tenho escripto *prurido*, defendia-me com aquelles exemplos ; mas frouxamente, porque são excepçõens e não regras.

Exhaurida a pitada, adeus.

Do seu muito amigo
Camillo Castello Branco.

Meu Amigo

Vim hontem e cheguei assado a Seide.

Esta noute, cuidei que era chegada a minha hora derradeira e que o rabo do Cometa me abrasava !

Recommendo-lhe o primeiro n.° do jornal chamado *Cometa* e até lhe envio um *specimen*.

Creia-me seu
Camillo Castello Branco.

Meu Amigo muito prezado

Se eu soubesse que V. Ex.ª rompia assim para o esquimó (1), declarava que dava homem por mim ; passava para a galeria.

Elle volta, decerto.

No artigo que o meu amigo deve ler hoje,

---

(1) Alexandre da Conceição.

verá duas allusoens que o provocam a desdobrar uns periodos em que faz allusão a córnos. Desejo tratar esta questão de córnos, por ser ultra-realista.

Com relação á sua crise politica, receio que V. Ex.ª seja hostia expiatoria n'esse altar dos malandros. Meu amigo, convença-se de que não ha canalha peor que a portugueza, porque é estupida.

Acho heroico morrer entre um grupo de artistas francezes que cantam o Béranger correctamento; mas entre quatro bebados que fazem as suas convicçõens nas tavernas da Ribeira: Deus nos defenda! Emquanto esses dous miseraveis que V. Ex.ª viu no caminho do hospital recebiam o tratamento, estava talvez o M... encalamistrando-se no Godfroid (?), para pavonear a cabeça apollinea em bordel de hespanholas. Lembre-se que tem talento: suba a esta ideia; e lembre-se que tem fortuna; desça a esta porcaria!

A sua casa já promette ser uma linda vivenda. A's vezes passa-me pelo cerebro a ideia glacial de que V. Ex.ª já não troca pela paz da aldeia essa balburdia em que está compromettido. Agradeço-lhe as novas provas de estima, que me prodigalisa no seu artigo. Recados de D. Anna e do Nuno. O rapaz vai ser semi millionario, pelo casamento.

Do seu amigo

C. C. Branco.

Meu caro amigo

O Nuno trouxe-me hoje o seu teleg. Já lhe escrevi para o Hotel Universal. Se lá não encontrar a carta, talvez esteja no correio. Dizia-lhe que estavamos, D. Anna, Jorge e eu, no Hotel Central, do Porto.

Brevemente voltamos para Seide, visto que o Jorge não manifesta aqui mudanças esperançosas. Como passa as noites em claro, estas vigilias devem ser-lhe mais penosas em um quarto de hotel.

Quanto á ida a Lisboa, seria um sacrificio inutil. Elle não se distrahe. Acho-o na transição para a indifferença e alienação da vida externa.

O Nuno provavelmente tambem não irá, por que tem na medula dos ossos o marialvismo d'Entre Landim e Seide. Veja se ultima os seus negocios, e volte, com o seu fato novo, á materialisação da aldeia. Venha confundir-me com a sua guarda-roupa, e escrever um livro, intitulando-o *Meditações de um Peralta.*

N. de Lacerda achou a Inspiração vadia? Diga-lhe que não escreva nada, e que engarrafe *ideaes avançados*, para os atirar aos quatro ventos de Seide.

Affectos nossos a ambos.

Do seu muito amigo

Camillo Castello Branco.

Meu presado Amigo

O Pachiderme de Berlim está orientado. Falta-lhe sómente saturar-se da Philosophia do Inconsciente, de Hartmann. Conseguido isto, pode trombejar processos á vontade.

A proposito dos livros da Ideia Nova, não compre d'isso, porque eu comprei 100$000 rs. d'essa fazenda. Se a minha livraria tem de ser sua, lá lhe vai tudo, porque eu tenciono reservar para meu uso, sómente, como litteratura e como calendario, o Almanach das Senhoras e a Luz da Rasão, para me ir alumiando n'este breve trajecto á sepultura. Extranho o silencio do philosopho!

Estou bastante doente dos olhos e de tudo. Por aqui, tudo no mesmo.

Do seu muito amigo
C. Castello Branco.

Meu Amigo

Nada de pancadaria, ouviu? *Palavras, palavras, palavras* — e mais nada.

Vou responder ao doudo, emquanto não souber que elle entrou em Rilhafolles. Depois, largo-o aos causticos. Chego a condoer-me do homem. Dou-lhe d'isto a minha palavra de honra. Fiz-lhe maior mal do que eu queria (1).

Affectos de D. Anna Placido.

Do seu amigo
Camillo C. Branco.

---

(1) Refere-se a A. da Conceição.

Meu presado Collega e Amigo

Fez-me tristeza a sua *Revista* hoje recebida. Receio-lhe dissabores grandes, em resultado da sua attitude politica. Comprehende-se de prompto que V. Ex.ª é impellido a essas situaçõens, e que a sua nobilissima alma se amolda ás formas ficticias que lhe imprimem mãos extranhas. Eu deploro que V. Ex.ª não tenha entre os seus amigos um homem cuja influencia caturra lhe modificasse e contrabalançasse as influencias sinistras que lhe podem preparar amarguras contra as quaes nem o dinheiro nem as sympathias publicas podem ser compensação.

Releve-me estas impertinencias, e quando ellas o incommodarem, dê-me um signal, para eu me calar. Do Conceição ainda não recebi nada. Provavelmente desencaminhou-se o *Scculo* que a Torresão costuma enviar me. Se me fizer favor de um numero, agradeço muito.

Do seu amigo obrigado
Camillo C. Branco.

Meu amigo

Quando recebi a sua, já lhe tinha enviado as *Ribaltas*, com as emendas. Figura se-me que a G. Torrezão é um pouco lorpa. E' natural que, se a questão proseguir, seja na Bibliog. O Chardron maguou-se com a preferencia, e não teve rasão.

Estou ha muitos dias com uma anemia encephalica, um idiota supra-numerario. Assim que me sento e quero trabalhar, sinto no cerebro uma maquina de costura silenciosa, mas escangalhada.

Necessito muito sahir d'aqui, por um ou dous mezes. A convivencia assidua com o Jorge não é indifferente aos meus ganglios nervosos. Persuado-me que mais tres mezes dão comigo n'um mundo que talvez seja melhor que este — o *paraiso dos parvos*, como dizia o Milton.

Desejava vel-o, mas não sei como, nem quando. Eu imaginava-o a esta hora aqui, quando mandei construir o seu quarto pobretão. Devia ser-me muito amparadora a sua convivencia.

Agradecimentos e recados de Anna Placido.

Abraça-o o seu amigo

C. Castello Branco.

Meu Amigo

As terrajolas que adquiriram fôros de farça e alimentaram por meio seculo o folhetim picaresco, estão-se vingando da *vis comica* dos zombeteiros. Freixo d'Espada á Cinta deu Guerra Junqueiro, e Paio Pires (!) deu a prima dos embargos. O primeiro conseguiu dar cabo de Deus e do diabo; a prima, se não esbarra no

Codigo Civil, dava cabo do futuro visconde de S. M. de Seide.

D. Anna vai mandar *edificar* (puf!) para V. Ex.ª uma nova *cascata* pouco superior á do Jorge. Estará prompta, quando vier em desembro ou janeiro — Quando quiser. Eu cheguei com a minha familia, ha duas horas, do Porto. Viémos debaixo de chuva, e apesar d'isso achamos isto bello. O Jorge lucrou com 12 dias de ausencia; mas estas melhoras são, a meu ver, ephemeras. Reposto no mesmo meio, deve voltar ás allucinaçoens que lá no Porto lhe esqueceram.

Os seus «Realismos» deviam ser bem acolhidos; agora com o novo prefacio veja lá o que faz.

Eu não lhe inculco a pujança dos seus inimigos; advirto-lhe simplesmente que é melhor não os ter; porque a gente de coração normal até mesmo quando fére os adversarios se magôa. Eu sou desgraçado até me entristecer quando firo alguem: prefiro que a retaliação seja cruel, para me não ficarem escrupulos. A respeito do meu amigo Silva Pinto não tenho nenhuns. Console-se.

Dê um abraço no visionario Lacerda, e corte-lhe as azas.

Agradecidas lembranças de Anna Placido e de meus filhos.

Seu muito amigo

C. Castello Branco.

Meu Collega e Amigo

Escrevi hoje ao Oliveira Martins.

Tenho padecido implacavelmente ha 12 dias, e quasi está perdida a esperança de sahir d'esta entrévação.

Nem uma linha escripta para a *immortalidade!*

Do seu amigo obrigado

C. Castello Branco.

Meu Amigo

O seu artigo da *Revista* é modêlo como linguagem e modêlo como exaggeração. No primeiro está o escriptor; no outro, o amigo. Abraço o segundo e applaudo o primeiro. (Este trêcho, com mais seis adjectivos de 3 respostas, pareceria de Victor Hugo).

Estou bastante incommodado.

E V. Ex.ª já de pé?

Do seu dedicado

C. Castello Branco.

Meu presado Amigo

Mando-lhe correcto o artigo das *Ribaltas*, se o quizer mandar transcrever no seu perio-

dico. Parece-lhe que fui excessivo? Estive para invocar o seu testemunho n'esse artigo sobre o meu modo de ver a escola realista, como a exercita o Fialho; mas receei que a sua tal ou qual affeição ao A. da C. e a nossa hoje notoria amisade o embaraçassem. Acha que eu seria descommedido na resposta ao homem? Parece-me que não.

Escreva para o publico e para o seu amigo

C. C. Branco.

Meu Amigo

Já recebi o *Seculo*, já respondi, e vae ámanhan.

Falei do meu amigo e dos seus *Realismos*, no artigo.

Agradeço-lhe os seus 2 telegramas, que provam o seu interesse n'estes episodios tão incompativeis com a minha, ou com o meu *cachetismo*.

Mande corrigir no meu artigo transcripto o *hors ligne* para *hors de ligne*, que é como se escreve; e o Hoffmann — que lhe tirem o ultimo *n*. Não se trata do prussiano, é do inglez-americano. As duas cousas estavam bem nas *Ribaltas*.

Eu imaginava que o Conceição tinha mais robusto pulso.

Recados da D. Anna e do Nuno.

Do seu muito grato
C. Castello Branco.

Meu presado Collega

Não se fie na minha fecundidade apregoada pelos jornaes. Ha dias, davam-me a escrever 5 volumes; e ha mais de 15 dias, que eu estou impossibilitado de erguer sem difficuldade a cabeça do travesseiro. Tenho a — não sei se triste se alegre — convicção de que vou emfim descançar brevemente. Este prefacio melancolico leva em vista responder com a maior sinceridade á sua pergunta. *Não posso.* Eu digo o com mais justiça que os papas.

Comecei um livro intitulado *Raças finas.* Não é romance propriamente dito. É uma enfiada de coisas portuguezas, infamias dos grandes, romantisadas.— O titulo, como vê, é uma ironia — o ponta-pé tardio atirado á heraldica corrente dos chronicoens que faziam fidalgos d'apellidos como hoje a corôa os faz de negreiros. Este livro, se eu o concluir, não tem ainda editor prefixo, mas quer-me parecer que não é isto o que convem aos folhetins da *Voz do Povo.*

No entanto...

Tenho gostado muito do seu modo de desmantelar o pseudo-realismo do estylo á Eça. Parece-me que V. Ex.ª continua a pacifica destruição que eu comecei, e dou-lhe a minha palavra d'honra que desmantela completamente a eschola.

Acceite os protestos de estima do seu admirador affectivo

C. Castello Branco.

Meu Amigo

O homem, recebidos mais 4$000 rs., sahiu de V.ª Nova, ficando apenas a dever 2 dias. Não se despediu. Hoje recebo a carta inclusa do Guarda-livros da Companhia do Gaz, a perguntar por elle.

Cheira-me a *fajardice*.

O que sinto é que elle envolva nas suas tenebrosas coisas o meu nome e o do Nuno.

Mando-lhe o folhetim da Marqueza de Tavora.

Pode sahir no *Atlantico*, se assim querer o Castro, e no *Jornal da Noite*.

Peço-lhe que veja as provas; sim?

Do seu amigo

C. C. Branco.

Meu Amigo

Vou tentar escrever o Prefacio. Ha de sahir coisa ao inverso de Costa acima, porque vou escrever de cangalhas, de costa abaixo.

Deve ser *lupanares*, e tambem pode ser *lupanarias*, porque tanto monta *lupanaris*, *e*, como lupanarium, ii. Para coisas de *fémea* os Romanos tinham duas declinaçoens, os devassos.

Fui hontem ao Porto, mostrar os olhos a um especialista. Assusta-me muito a cegueira, mas, como a morte me não assusta nada, assim que

eu vir a noite a fazer-se, digo *boas noutes á* vida. A *Folha Nova*, segundo ouvi ao V. da Motta, está nas vascas. A retirada de tres poetas e do S. é curiosa — por causa de uma tal Palmyra. *Lupunarium*, *ii*.

Adeus.

Seu muito amigo

C. C. Branco.

Meu Amigo

Chegou me aqui uma noticia, que considero por emquanto uma atoarda — «que de Lisboa viuham a Seide uns *padrinhos* do Conceição». Creio até certo ponto que se haja pensado n'isso; mas, na incerteza, não passo já d'aqui para o Porto, ou Lisboa. Necessito urgentemente que V. Ex.ª empregue a sua investigação; porque se me poder avisar que o boato tem probabilidade, parto immediatamente. Quero evitar que Anna Placido o suspeite, e principalmente o Nuno, em quem reconheço verduras bastante feroses para macular com duas balas a Conceição do homem; e, como sabe, eu não tenho dominio sobre elle.

Basta que na sua resposta me diga uma phraze amphibologica, para eu entender.

Do seu muito amigo

C. Castello Branco.

Meu presado Amigo

Dê-me melhores novas da sua saude. Eu tencionava dizer-lhe que se *homœpatisasse*. N'essas enfermidades glandulares, aproveita-se. Quando o meu amigo me dizia que o meu artigo não vinha nas *Ribaltas* o estava eu lendo. Entendi que o enfartamento da glandula lhe chegava aos olhos. Por emquanto irei brincando com o homem (!). Estou a ver que elle me vem dizer que o Catilina não disse *quousque tandem* e que o Hoffman não era americano. Ha de ser linda a passagem. Restabeleça-se e trabalhe. Recados d'esta familia e um abraço do seu collega obrigado e amigo inutil.

C. Castello Branco.

Meu Amigo

Acaso vi no Bom Jesus, onde fui acompanhar o Nuno e a mulher, um dos seus artigos no *Dez de Março*. Conheci logo o *gigas*.

A proposito do cazamento, eu disse á D. Anna no almoço, com muito coração e saudade: «Falta aqui o Silva Pinto.» Saiba que o estimamos muito.

Seu muito grato

C. C. Branco.

Meu presado Silva Pinto.

Hia eu para Braga quando recebi em Villa Nova o seu teleg. Desisti da jornada, para esperar a sua carta, vista a *urgencia*. Recebendo-a, escrevi logo á Torresão, para que fizesse a emenda. Cuidei que viria outra carta á noute, com alguma noticia sobre dissabores seus com os cafres. Esperei; mas, como não viesse, fiquei mais tranquillo. Eu deploro este *chinfrim* com o Conceição, se d'aqui advierem desgostos ao meu amigo, a quem tanto tenho aconselhado no sentido da doce tranquillidade dos felistinos.

Verá que o Conceição vem atrás das nossas pessoas, dos nossos antigos rancores, das nossas actuaes intimidades, etc., etc. Eu já sei o que elle me vem dizer... A sua fortuna, a mudança dos seus meios, ha de vir explicar a minha estima para V. Ex.ª

Ainda bem que as nossas relaçoens são anteriores á sua herança, e que V. Ex.ª sabe que eu as solicitava quando a sua menos feliz posição m'as tornava mais desejadas! Quando nos veremos?

Adeus. Affectos de todos. O Jorge apresenta symptomas de melhoras.

Do seu muito amigo

C. Castello Branco.

Meu Amigo

A enfermidade de Anna Placido parece-me ser uma hepatite de máo caracter Ergue-se da cama, e esforça-se por conservar-se; mas a doença é implacavel contra as forças extraordinarias da vontade. Se ella morrer, acabou-se a nossa sonhada convivencia em Seide.

Eu difficilmente lhe sobreviverei o tempo necessario para lhe dizer *adeus até logo*. Leu a sua carta que muito a captivou. Agradeço a aguarella do Snr. Narciso de L. Não lhe sabia d'esse talento.

Novidades. — O marido da botiquineira de Landim deu hoje dous tiros n'um alfaiate que *o deshonrava*. O adultero foi com duas balas para Villa Nova, a ver se a sciencia lh'as tira das ilhargas. As aldêas!... Jorge sem alteração. Nuno um pouco romantico, porque lhe levaram para um convento a pequena que lia almanacks.

Se fallar a meu respeito com B Pinheiro, faça-lhe sentir que eu sou completamente extranho ás intrigas quaesquer que sejam. Não sei de que modo o Ramalho ou elle possam offender-me, na minha obscuridade!

Acabe com isso, e venha dar-nos, se ainda vivermos, algumas horas de alegria. A sua *cascata* traz 5 artistas de cunho. Palpita-me, meu Silva Pinto, que não chêga a occupal-a. D. Anna diz que a sua casa não chega a fazer-se. Não posso dizer-lhe como está lugubre tudo isto.

Do seu amigo
C. Castello Branco.

Meu presado Amigo

Recebi muitas cousas suas, que todas muito agradeço.

Ri-me, com espanto e nojo, da ladroagem do homem de Valença Aquillo é incrivel; mas a sua sova é soberba.

O Conceição veio furibundo. Já enviei a resposta para as *Gambiarras* de domingo. Cheira-me o negocio a *polvora.*

Do seu muito amigo
C. C. Branco.

Meu presado Amigo

Se a sua data é 1 do corrente, nesse dia estava eu ahi seu visinho; mas como V. Ex.ª entrou *incognito*, ser-me-hia difficil adivinhal-o. Tenho pena de não o ver.

Fui ahi visitar ou pagar uma visita ao L. Guimaraens, e voltei no dia seguinte, muito constipado.

No proximo domingo tenciono ir com a familia a Famalicão, á feira d'anno e de gado. Se lhe parecer, dê até lá um passeio, e janta comnosco.

Recados da gente desta sua casa.

Amigo do coração
Camillo.

Meu Amigo

Agradeço desviar da publicidade o artigo de D. A. P. Nos nossos atoleiros, chamados polemicas, não podem entrar senhoras, sem sofraldarem as saias até ao joelho. Fez V. Ex.ª muito bem, e eu muito lh'o agradeço.

Effectivamente o Conceição está atarantado. Se eu confrontasse o que elle escreve dos seus *Realismo* com o que V. Ex.ª diz na sua Nota *C*, a posição do homem era má. Não lancei mão da arma. *Arranja-te lá, maroto!* Como V. Ex.ª diz.

Do seu muito amigo

C. Castello Branco.

Meu presado Amigo

Sentindo que T. Ribeiro não desse importancia á minha carta, nem ao meu pedido, esta inesperada solução constitue-me na independencia de lhe não dever algum favor. Tinha-lhe pedido, a rogo de minha filha, uma cousa insignificante que elle não quiz ou não pôde fazer. Estamos bem. Nunca mas o importunarei.

Quanto á collocação do Sr. M. L. não desisto de a solicitar por outro lado mais directo. Elle que me indique o que apparecer dependente do ministro competente, ou nomeadamente, de Sampaio. Este bom homem faz-me sempre o que pode.

Entretanto, devemos desculpar T. Ribeiro, nesta crize eleitoral, em que de ordinario as *flores d'alma* se retrahem e recolhem como as sensitivas quando lhes tocam.

Se ahi estiver depois de amanhan, ainda nos veremos, porque volto para a Foz, com Anna Placido e Jorge.

Do seu amigo
C. Castello Branco.

Meu Amigo

O verso de Musset é um aviso, para que eu já me não fie na minha memoria; mas o caso é que, se V. Hugo não o fez, era muito capaz de o fazer melhor.

O B... está em Famalicão. Não quiz aqui estar; mas tem lá que comer. Pobre homem!

Não diga nada ao Urbano, quanto ao *Jornal da Noute*. Basta-me receber os n.^{os} que disserem respeito ao seu livro.

Do seu amigo
Camillo Castello Branco.

Meu bom Amigo

Partimos ámanhan, segunda feira, para S. Miguel de Seide. Vamos cheios de tedio, armados de animo para o tedio de lá.

Naturalmente já está em Lisboa. Dê novas suas. O Barros Lobo parece que está nas garras do tigre, a valer.

Do seu do coração

Camillo Castello Branco.

Meu Amigo

Se eu soubesse que o meu amigo pensava em ir á Foz, com certeza o esperaria. Afugentou-me d'ali o tedio, e a necessidade de retirar o Nuno d'aquelle meio onde o escamoteavam.

E eu que mal posso guardar-me a mim das ciladas em que ás vezes embico, não posso ser Mentor de Telemacos que sahiram da Troia de Landim e bodegas sertanejas.

Estou passando cruelissimas horas nesta solidão de Seide. O Jorge lá anda passeando e gargalhando no quarto. Chego a suspeitar que elle é o unico feliz desta caza.

Dir-lhe hei, posto que me custe tocar-lhe em tal assumpto, alguma cousa da sua casa.

O Malbario ha cousa de um mez mandou aqui saber se V. Ex.ª tinha vindo. Comprehendemos que elle pedia dinheiro. Respondemos que se esperava até 15 de novembro, e depois fomos para a Foz. Soubemos lá que as obras tinham parado, e hontem vimos os pedreiros trabalhando em outras que se fazem no Paçal do parocho. Se elle aqui vier, talvez, com sua

authorisação, se lhe dê algum dinheiro, posto que a maré seja vasante. Nuno, apezar dos seus 200 contos, tem extorquido á mãe 2 contos de réis em 4 mezes. Tem 2 carros, 6 cavallos, lacaios, etc. Porque os 200 contos d'elle estão no Brazil, e os testamenteiros tem 2 annos para prestar contas. Este cazamento perturbou a paz e as finanças desta caza. Alem de quê — eu não posso ser testemunha fleumatica desta demencia dessipadora do Nuno. Projecto separar-me com Anna Placido, ou *só*; mas a minha separação está dependente do exito dos negocios do meu amigo. Se me comprar a minha livraria, desligo-me de compromissos de dinheiro que me tem maneatado, e posso ter um fim de vida repousado, escrevendo 2 paginas por dia; e aqui não sou capaz de achar a minha velha alma, para lhe pedir duas linhas.

Affectuosos affectos ao sr. Lacerda e um abraço fraternal do seu amigo

C. Castello Branco.

(A. F. Martins Sarmento) (*)

A correspondencia de Camillo Castello Bran-

(*) Com Prefacio e notas, juntos, do sr. João de Meira, é hoje reproduzida com sua auctorização esta correspondencia de Camillo.

co (1) constitue, a julgar pelo que d'ella tem sido dado a lume, um brilhante commentario da sua obra e da sua personalidade. E seria um incontestavel serviço prestado ás lettras patrias, a par de uma merecida homenagem á memoria do escriptor, a publicação methodica, não só das cartas dispersas por varias obras, como tambem a de todas aquellas que ainda hoje se acham ineditas e são muitas, ao que parece.

---

(1) Entre os amigos de Camillo, que o foram desde a sua longinqua mocidade até á velhice, contava-se o vimaranense Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento.

Das relações entre os dois, estreitadas quando Camillo homisiado foi hospede de Martins Sarmento na quinta de Briteiros, em 1860, abundam vestigios na obra do romancista

Um dos estudos que constituem os «*Esboços de Apreciações litterarias*» é a critica das *Poesias* de Francisco Martins; e outro consagrado a Coelho Louzada e Soares de Passos tem o sub titulo:—*Carta a Francisco M. de Gouvêa Moraes Sarmento.*

O primeiro nnmero dos *Echos humoristicos do Minho* occupa-se dos trabalhos archeologicos de Martins Sarmento, como pode ver-se adiante em nota á V das cartas que hoje se publicam.

A miscellanea *Obolo ás creanças* é om parte constituida por cinco artigos subordinados ao titulo de *Notas da velha historia patria*, tres dos quaes, assignados Fr. Bernardo de Brito Junior, pertencem a Camillo e os outros dois, firmados com o pseudonymo de F. Fagundes, são de Martins Sarmento. A formação d'este livro se refere a X carta adiante.

Emfim, os volumes «*O Regicida*» e «*No Bom Jesus do Monte*» são offerecidos a Francisco Sarmento, sendo a dedicatoria do segundo acompanhada de uma extensa carta.

Cremos que se um editor quizesse emprehender esse trabalho nem lhe faltaria coordenador e annotador, com o preciso conhecimento da obra e da biographia de Camillo, nem lhe seria difficil chegar a um accôrdo com os diversos proprietarios da preciosa correspondencia.

Infelizmente Camillo Castello Branco não deixou, como outros que lhe foram inferiores, um grupo de amigos pessoaes capazes de, pela sua posição social e pelo seu enthusiasmo, lhe promoverem as manifestações de admiração e reconhecimento que lhe eram devidas.

Assim é que, emquanto se estão collecionando com amoroso disvelo os menores retalhos da prosa de Eça de Queiroz, grande parte da obra de Camillo jaz perdida em revistas e jornaes.

Assim é que, emquanto Eça de Queiroz tem já um monumento em Lisboa (nessa mesma Lisboa que sempre impiedosamente ridicularisou) Camillo não tem sequer no cemiterio na Lapa um pedaço de chão legitimamente seu, em que descançado lhe apodreça o corpo.

Assim é que emquanto á viuva de Eça de Queiroz se votou abastada pensão, se deixam ao desamparo, depois da morte do desgraçado Jorge, os netos de Camillo, obrigados a viver do escaço rendimento da pequena quinta de Seide.

Se um dia a posteridade tiver de lançar em rosto á geração actual tão flagrante injustiça feita ao maior dos romancistas portuguezes, esperemos, ao menos, que uma generosa iniciativa, salvando da destruição eminente a vasta

correspondencia onde o espirito do grande Mestre se evidencia com todas as suas alternativas de enthusiasmo e desalento, de crença e desconfiança, de riso e tristeza, nos poupe à vergonha de tão negra ingratidão e feio delicto.

CARTAS

Meu caro Amigo

... Eu já não sei o que possa dizer-lhe. É tambem uma infelicidade.

O auctor dos folhetins Mademoiselle R. é um tal Nicolau de Brito, de Lisboa.

N'esta semana vai para Lisboa o Basto do *Nacional* (1), a fim de sollicitar a brevidade da minha despronuncia. Espero estar livre no meado do mez que vem. (2)

---

(1) José Joaquim Gonçalves Basto, emigrado de 1828 e casado no estrangeiro com Mademoiselle Elise de Loewe-Weimar. Fundou a «Coalisão» e depois o «Nacional» em 1845.

Em 1846 commandou um batalhão de artistas ao serviço da Junta do Porto.

Falleceu em 1874. Sua esposa suicidou-se em abril de 1875.

Camillo referé-se longamente a um e outro, no folheto *Suicida* publicado em 1880.

(2) Camillo, que entrou na prisão em 1 de outubro de 1860, recorreu, no dia 5 d'esse mez, para o Supremo Tribunal, do Accordão da Relação de 4 de maio do mesmo anno, que o mandava pronunciar. Em 10 de maio de 1861 o Supremo Tribunal negou a revista pedida, e só em 16 de outubro foi solto, depois de julgado e absolvido.

Estou a cahir n'uma atrophia completa de corpo e alma. Não é desanimação; é doença, a velhice extemporanea, chamada pela desgraça. A D. Anna vive melhor e mais esquecida.

Seu do coração

Camillo.

Cadêa, 18-11-1860.

Meu presado Amigo

Chegnei de Lisboa ha 8 dias. Procureí S. S. Padres. Apenas Bertrand e Borel se encarregaram de procurar nos seus armazens, e enviar-me relação dos que encontrarem. Disseram que ha hoje muito quem os procure. Isto é incrivel! A religião christan e o latim cahiram e os santos padres sobrevivem! Brevemente lhe darei conta do que me transmittirem.

Parece-me, meu caro Martins, que você passou por alto, no catalogo grande uma collecção de raros livros respectivos ás polemicas e controversias até ao 4.º seculo da egreja. Como sabe, os escripteres christãos não fizeram mais que combater os heresiarcas e particularmente os gnosticos que sobre a philosophia de Platão architetaram os absurdos systemas que os santos padres combateram com bem fraco pulso, quasi sempre. As luctas principaes e para assim dizer compendiadas em livros mais maneiros e bons para estudo, encontra você nos ar-

tigos que lhe vou indicar nos livros latinos e gregos. Não se lhe figure suggestão mercantil esta observação. É que eu, vendo os altos preços que taes obras tem no Brunet e nos Catalogos francezes, sinto que afinal os livros vão para fóra e você um dia haja de os comprar por alto preço, ou prescindir de os possuir. Repare portanto nos numeros.....

Estes livros, como verá, feito o abatimento de 20 % (operação que eu lhe ensinei a fazer com admiravel nitidez) importam em 37$850.

Vou mandar vir do Porto os Plutarcos, para lh'os enviar d'aqui. Por essa occasião lhe enviarei uma raridade: *Illustrium miraculoruu et historiarum memorabilium* de Cezario, 1605. É a collecção dos falsos milagres do 5.º seculo da egreja. Este livro foi abafado pela S. Sé. Possuo o exemplar d'Alcobaça, que pertenceu ao Deão do Funchal, confessor da Imperatriz, ultimamente fallecido.

Adeus.

Seu muito grato

Camillo Castello Branco.

Seide, 12-11-1869.

Meu Amigo

O periodico foi suspenso? Ha 15 dias que o não recebi, nem vi a conclusão do romancinho. Peço-lhe que dê ordem para que m'o remettam, se elle não terminou.

Estive em Lisboa 8 dias. Vim mais doente e menos descoroçoado da cura. Consultei toda a mestrança. Mandam-me esperar.

Seu do coração

Camillo Castello Branco.

Porto, 26-3-1871.

Meu caro Amigo

O Thomaz Ribeiro nada mandou dizer quanto ao despacho do Berrance. Talvez mais poderosa influencia o despachasse. Fôsse quem fôsse, o que eu muito desejo é que elle não se arrependa. Eu imagino doudo sem intervallo lucido quem troca por Timôr Guimarães — a casquilha.

Estou completando uns *commentarios* a um *cancioneiro alegre* de Portuguezes e Brazileiros. Veja que disparate na velhice! Se você chegar a lêr o livro, comprehende logo que eu quiz fazer supurar um furunculo que me incommodava, e receiava *que elle me rebentasse por dentro e eu morresse sem saber-se de quê*, como dizia o Hamlet.

Boas festas. Eu estou na cama, a vêr como se estorcem os braços de um carvalho que geme como um diabo precipitado do inferno de cima para o inferno debaixo. O céo assim não convida. Chamam lhe os vates o *azul*. Appli

que a estes coloristas as melhores coisas de Gil Vicente.

Do seu do coração

Camillo Castello Branco.

Meu presado Amigo

O proprietario do *Jornal do Porto* é um Cruz Coutinho, que ha 24 annos foi meu editor (1). Roubou-me, e eu chamei-lhe «ladrão», e nunca mais o vi.

Eis os laços de amisade que nos prendem.

O *Commercio do Porto* está tão cheio de escriptores que ha pouco tempo o R. Guimarães (Visconde de Benalcanfor) não conseguiu que lhe pagassem 4 folhetins mensaes; apenas obteve que lhe admittissem 2. Ganham 6 contos annuaes, e resolveram não repartir com ninguem, senão forçados e regateando.

O Roque (2) vem mal norteado para o Por-

---

(1) Foram muítos os livros que Cruz Coutinho editou a Camillo, sendo o primeiro *Onde está a felicidade?* em 1856.

(2) *Antonio d'Almeida Roque*, segundo se vê de uma carta assignada, apparecida entre os papeis de Martins Sarmento e cujos primeiros periodos são estes: «Ex.mo Snr — Recebi hoje a carta de V. Ex.a, que agradeço, bem como o interesse decidido que V. Ex.a por mim se dignou tomar. Sabia já que os lugares de collaboradores tanto do *Commercio do Porto* como do *Jornal do Porto* estavam preenchidos, porém facilmente se poderia arranjar lugar para mais um, a questão era de empenhos.»

to, para onde toda a litteratura menor de Lisboa envia o seu espirito, por pouco mais da estampilha. A litteratura em Portugal é a fome do Ceará; que a fallar verdade, elles, os litteratos, criminosos de ignorancia supina, merecem o supplicio de Ugolino, muito mais innocente.

Cá vi o habito de S. Thiago nas folhas; e vi tambem o seu sorriso rabelaico. (1)

---

(1) Refere se a um facto que o mesmo Camillo promenorisa assim no 1.º dos *Echos humoristicos do Minho:*

«As considerações, as condecorações em Portugal!

No Brasil deve saber-se que existe em Guimarães um homem que, a expensas suas, trabalha ha doze annos na exhumação de uma «cidade» celtica ou phenicia. É Francisco Martins de Moraes Sarmento, homem rico, um estudioso indefesso e archeologo irrivalisavel. Em Hespanha, França, Inglaterra e Allemanha são conhecidos os seus trabalhos da Citania e reproduzidos os exemplares das excavações, acompanhados da sua profunda critica, muito assignalada pela modestia com que o doutissimo explorador se apresenta.

Lembrou-se o marquez de Souza Holstein surprehender Francisco Martins com a commenda de S Thiago no banquete que o exhumador da Citania offereceu aos sabios que a visitaram. Pediu a commenda, cuidando que abria ao rei e ao ministro o ensejo de honrarem S. Thiago O rei talvez ignorasse que nos arrabaldes de Guimarães havia um excavador de ruinas maiores de dous mil e quatro centos annos; e o ministro duque d'Avila e Bolama, respondeu que não reconhecia no protegido do marquez de Sousa meritos relevantes para commendador. Crêr se hia que Antonio José *da Villa*, como seu pae, ou *d'Avila* como elle se appellida, descende dos Avilas duques? Não. Este duque não vem dos gardingos de Pelagio. Elle não daria um habito de Christo a seu pai, um labo-

Depois de ámanhã tenciono vêl-o.

Do seu amigo
Camillo Castello Branco.

Seide, 18-9-1870.

Meu Amigo

Vou ler a *Citania*. (1) Agora, sim, leio com confiança. Ouvi fallar n'um incendio que devo-

---

rioso sapateiro ilhéo, se seu pai descobrisse uma cidade carthagineza, com outros meritos provados na pericia de umas meias solas bem gaspeadas.

Decorridos mezes, esta miseria, que devia ser secreta como as prostituições, chegou á noticia de Francisco Martins. Se elle tivesse uma alma ordinaria e um merecimento trivial, o pungimento da affronta devia ser-lhe crudelissima recompensa; mas Francisco Martins na sua lide archeologica satisfazia uma paixão que não podia ser perturbada por vilanias de reis, nem de ministros. Ha pouco tempo, outro secretario d'estado, quando mandava lavrar decreto de mercê do habito de S. Thiago a um pianista, ordenou que se lavrasse identico para o explorador da Citania. Isto duplica a porcaria, permitta-se a palavra que não é mais suja do que o facto; mas não se pode imputar a intenções offensivas o que pertence á decomposição pôdre de tudo isto que se está esphacelando. Francisco Martins passou pelo asco de ter de regeitar a graça que lhe vendiam por quatro ou cinco duzias de libras...»

(1) Observações á «Citania» do snr. dr. Emilio Hubner, por F. Martins Sarmento — Porto, 1879.

rou a barraca das maquinas photographicas! O seu cigarro continua a destruição do Almansor. Envio-lhe um livro que achei entre os meus, quando os andava catalogando. Você dá-se á geographia antiga. Pode achal-o aproveitavel e, se não sabe perfeitamente o grego, ahi tem um estimulo. A interpretação latina desanda para a geographia moderna. O que lhe acho melhor é os Mappas. Estou catalogando 4.000 volumes, para, passado algum tempo os leiloar. Meus filhos são ignorantissimos. Logo que eu feche os olhos, vendem isto ás merceearias .....

Quando vae para o mar?

Do seu muito grato amigo
Camillo Castello Branco.

Meu presado F. Martins.

O peor é a falta de saude; que a santidade da maledicencia tenho-a eu como um Paulo no areopago de Athenas. Que saudades eu tenho dos meus dias em que trabalhava 10 horas! Hoje, sempre na cama, escrevendo a lapis, e de costas; isto, além de plasticamente ridiculo é incommodo. Fui ao Porto, onde estive 4 dias á espera dos promettidos emissarios d'um tal Rute, marido 3.º da princesa Rattazi. Quiz prevenir que aqui viessem alvoroçar-me a fa-

milia, como ha pouco suceedeu com os enviados d'um tal Jardim. (1) Afinal, retirei-me, nem mais são, nem mais pôdre do que fui. Veja a 2.ª edição do meu folheto — Rattazzi. Não lh'o mando, porque não o tenho.

Estou a ver se esbandalho a familia do *Eu-zebio Macario*. As minhas cans pejam-se d'esta brincadeira. Tómo nota dos funccionarios que me recommenda. Ahi, agora, está um juiz

---

(1) No folheto *A defesa dos livreiros* publicado pelos snrs. Lugan e Genelioux vem a pag. 21 a seguinte carta endereçada ao editor Ernesto Chardron e que hoje é curioso aproximar da que publicamos:

Meu Amigo

«De Lisboa dizem-me que o terceiro marido da Rattazzi vem ao Porto, desafiar-me. Antes que elle chegue (se é que tem de vir) é preciso que a 2 ª edição do folheto seja conhecida para se não dar o que aconteceu com a «charge» que eu dava no Jardim e ficou em tinta, etc.»

E esta outra, a pag. 15:

Meu Amigo

«A questão com o Rute parece estar fechada. Hontem recebi um telegramma d'elle em que me pede licença para publicar a minha resposta, visto que corriam noticias desfiguradas a tal respeito Referia-se á noticia falsa dada pela *Voz do Povo* que hontem diz ter sabido o que disse de um editor e de um escriptor. Parece referir-se ao meu amigo E. de Barros Lobo. Ora isto vae ser inteiramente esclarecido. Publico a carta d'elle e a minha e talvez a de Pinheiro Chagas que o atira de cangalhas, *à la renverse*.»

muitc orthodoxo ; (1) decerto não foi elle que esbulhou o herdeiro do abbade, ou por isso mesmo o esbulhou.

Do seu amigo
Camillo Castello Branco.

Meu Amigo

O seu opusculo (2) está tão sobriamente erudito e tão modestamente triumphante sobre o preconceito do nosso celtismo, que não parece escripto por um portuguez. E por isso mesmo agouro-lhe uma ovação de silencios que o ha-de estimular a escrever mais. Eu é que sei o que se lê e applaude n'este paiz idiota: são *Eusebios Macarios*. Escrevi um *Luiz de Camoens* (3), substractum de muita leitura compa-

---

(1) O dr. Joseph Teixeira de Queiroz Botelho Pimentel e Vasconcellos.

(2) F. Martins Sarmento — *Os Lusitanos* = Questões d'ethnologia — Porto, 1880.

(3) «Luiz de Camoens» — *Notas biographicas* — Porto, 1880. E' a reproducção do prefacio da 7.ª edição de *Camões*, de Garrett, publicada por E. Chardron. Vem descripto com o n.º 1910 na *Bibliographia Camilliana* do snr. Henrique Marques.

Sobre o assumpto ha na já citada *Defeza dos livreiros* cartas de que é opportuno extrahir alguns trechos :

«*Meu Amigo*

«Tenho recebido cartas de tres empreiteiros de publicações camoneanas. Não respondi, nem tenciono escrever. Estes senhores imaginam que eu tenho ca-

rada. Parece-me que dei um passo além do que estava escripto. Como fui de encontro á ignorancia publica e á parlapatice lusa, ninguem disse palavra. Estavam todos os periodiqueiros confederados na asneira que eu corrigi. Estou contente, ainda assim. Quando me fizerem o meu tricentenario hão-de lembrar-se do meu opusculo. Se o embalam analogas esperanças, felicito-o.

Cá vou luctando com as desgraças domesticas.

O meu filho Jorge, um rapaz que eu adorava, indoudeceu. Tem 17 annos. Que noute quando lhe apontava a aurora! A paciencia tambem é um suicidio lento. Refugio-me no trabalho, mas não vingo amarrar o espirito á galé.

Do seu muito grato
Camillo.

Seide, 9-3-1881.

---

nastras de obra feita e que faço namoro á gloria. Escreverei porém as paginas que deseja para o seu *Camões*. Não lhe prometto que sejam boas porque admiro pouquissimo o poeta e não sei assoprar a bexiga da admiração convencional ..» (pag. 14 e 15).

«... Necessito que me diga uma cousa com referencia ao prefacio de Camões de Garrett Primeiramente deixa-me plena liberdade de tratar a biographia de Camões como entendo que deve ser tratada á luz de 1880? Não se lhe importa que se levante contra o sacrilego prefaciador a cainçada das locaes? Eu penso quo a venda será mais segura, se farejarem nella uma coisa justa a que hão de chamar escandalo...» (pag. 16).

«... Se publicar á parte, faria bem faial-o, de modo

Meu Amigo

Emquanto você compulsa e exercita estudos austeros e conspicuos, como um tudesco *pur sang*, faço eu litteratura de *estaminet* de cabotagem indigena, com todas as farandulagens sujas, meridionaes.

Você interpreta os mythos d'Avieno ; eu escodeio o Alexandre da Conceição. Somos ambos necessarios á harmonia do Cosmos.

Vou lêr de vagar o seu livro (1). Recebi-o como um descanço, e uma nesga de relva limpa onde me recoste, á orla deste lamaçal em que me rebalço.

Escrevi a *Corja* e fiquei associado n'ella.

Do seu amigo muito grato
Camillo Castello Branco.

Meu Amigo

Pedem-me (2) do Porto que dê uns folhetins

---

que désse tres folhas, para ter melhor venda Esse livrinho posto em francez pelo Barros Lobo talvez tivesse alguma venda no estrangeiro. Tenho de soffrer injurias por causa d'esse escripto, mas já estou calejado... (pag 17).

(1) R. Festus Avienus — *Ora Maritima* — Estudo d'este poema na parte relativa á Hespanha e Portugal, por F. Martins Sarmento — Porto, 1880.

(2) Compara-se esta expressão — *pedem-me* — com a que se encontra numa carta que serve de preambulo

publicados em jornaes ultimamente, a fim de se fazer com elles um livrinho que será vendido em proveito da Créche. Parte d'esses escriptos será os 3 artigos publicados nas *Novidades*, com o pseudonymo de *Fr. B. de Brito*. O 2.º, e 3.º d'estes artigos não seriam percebidos sem os 2 que você publicou assignados F. Fagundes. Consente você que elles se publiquem juntamente? E no caso affirmativo poderia o livro ter este frontespicio:

FRANCISCO MARTINS SARMENTO

E

CAMILLO CASTELLO BRANCO

OBOLO PARA A CRÉCHE (?)

Ou prefere que se não diga quem é F. Fagundes? Em todo o caso, se você permittir a reimpressão, ha de rever as provas, porque os artigos teem erros typographicos.

---

ao folheto *Por bem fazer...* do Snr. Joaquim Ferreira Moutinho:

«Quando *offereci* jubilosamente a V. Ex.ª nns artigos insiguificantes, escriptos ainda no tempo em que eu podia escrever, etc.» e tambem com esta outra carta dirigida ao mesmo snr. Moutinho que extracto de *O Monitor*, de Leça de Palmeira, n.º 450, de 2 de junho de 1895:

Meu excellente Amigo

«Parece-me ter lido que se prepara um beneficio a favor da sua créche. Lembrei-me *offerecer-lhe* uns artigos meus ultimamente publicados em jornaes, etc...».

Boa saude?
Eu quasi cego e paraplegico.

Do seu velho e grato amigo
Camillo Castello Branco.

Camillo Castello Branco sente não poder lêr, por falta de vista, os «Argonautas». Se a readquirir, será o primeiro que leia.

Meu Amigo

.....

Dou-lhe a triste nova de que estou quasi cego. É a anemia dos olhos congenere da anemia geral (1) Faço ainda o sacrificio de ir a Lisboa (2) e sem esperanças, ouvir os especialistas. Se os de lá não souberem mais do que os do Porto, estou prompto. Eu bem queria poupar-me ao suicidio, mas desde os 18 annos que presinto a necessidade d'essa evasiva, sem me

---

(1) Segundo a opinião auctorisadissima de Souza Martins, *In memoriam* — Anthero de Quental — pag. 304, 305, a cegueira de Camillo *determinada pela atrophia dos nervos opticos era apenas a expressão d'uma sclerose mylencephalica.*

(2) Effectivamente, em 20 de outubro de 1887 chegou Camillo a Lisboa, hospedando-se no Hotel Universal. («Romance do Romancista», pag 280).

lembrar que a cegueira seria o impulso justificadissimo da catastrophe.

Já não lerei o seu livro das 300 paginas (1) meu caro amigo.

Abraça-o affectuosamente o

Seu muito grato
Camillo Castello Branco.

12-10-1887.

Camillo Castello Branco, a felicitar pelos annos que hoje faz Francisco Martins e por mais 50 que hade fazer, se a dura Parca (ou Porca ?) de Braga lhe não cortar o fio.

---

(1) Os *Argonautas* — Subsidios para a historia antiga do Occidente — Porto, 1887.

IV

AINDA ELLE

I

Não é meu proposito invadir terrenos superiormente trilhados, taes como o da analyse scientifica, do sr. Paulo Osorio, em estudo ácerca de Camillo; bem assim o do sr. Alberto Pimentel, hoje um medico e um bom espirito que honra o nome —igual nome—do seu progenitor,—e os livros de Biographia dedicados a Camillo por esse seu particular amigo e meu collega, Alberto Pimentel. Não devo esquecer os trabalhos dos srs. Conego Senna Freitas, João de Meira, Tavares Proença Junior e visconde de Villa Moura, — nem o de Bibliographia, pelo sr. Henrique Marques, a seu consenso apresentada n'este livro.

O meu preito é um gratissimo dever — de coração e de critica, — principalmente de co-

ração e servirá de *chamada* a juizos porvindouros, para a grande e incomparavel memoria.

*
* *

Se, ao termo da minha rude *travessia* me perguntam: — «Conserva recordações dolorosas d'estes ultimos sessenta annos volvidos?» — eu rospondo: — Recordo-me dos soffrimentos do Camillo.

Nunca vi assim o pavoroso referver da Dôr!

*
* *

Uma tarde, em 1884, recebi em Lisboa um telegrama de S. Miguel de Seide, que me dizia:

— «Venha! *Camillo.*»

Horas depois, eu dava entrada na hospitaleira casa de Seide, onde elle me disse:

— «Estou arrependido de o ter chamado: porque fui importunal-o e porque lhe heide parecer um velho atarantado. Mas deu-se aqui, hontem, uma scena que bastará v. ouvil-a, para me desculpar o grito de afflicção. Foi isto:

«Eu estava no meu quarto, de pé, junto a uma cómmoda que v. conhece. Em cima do movel estava uma navalha de barba. D. Anna, conversando commigo, pegou na navalha; com a inexperiencia natural, fez cahir a folha sobre um dedo, por modo que quasi o decepou. Eu, desesperado, ao ver a hemorragia, que não vedava, lancei mão de um revólver. Então, meu

Silva Pinto, a porta abriu-se e appareceu o doido...

— ?!

— «O Jorge! Apparceeu o phantasma! Tirou o bonet, veiu direito a mim, ajoelhou e disse-me, entre dois soluços: — O' papá! não se mate; não sabe que eu vou endoidecer?»

E Camillo como que em commentario:

— «E' tragico; hein?

Respoudi-lhe, chorando:

— Fez bem em chamar me, meu amigo!

*
* *

Nos lances mais angustiosos, como esse, nunca o abandonava, a não ser por momentos—a ironia mais gélida e mais funebre que eu tenho visto em rosto de *homem vivo*. Ouvi-lhe, então, phrases crueis, de uma troça infernal—que não posso repetir, em attenção a alguns vivos.

*
* *

Não encaminhava á Litteratura a palestra, mas não fugia ao assumpto se o consultavam. Uma vez, interrogado por mim, disse-me, após a explicação que eu lhe pedira:

«— Fico-me ás vezes a scismar: — Como diabo brilham vocês os «novos» *(eu tinha então uns 30 annos)*, sabendo tão pouco?! A verdade, porém, é que os da minha *camada* valiam muito menos, quer estudassem, quer não. O unico *ageitadinho* fui eu.»

*
* *

Vi-o, por vezes, perdoar, altivamente, a má-fé. Não a esquecia nunca.

*
* *

Era crente em materia religiosa? Como em materia politioa: Sempre um *sceptico trocista*, ora tomava por alvo os padres e os reis, logo ao contrario, os revolucionarios — e os principios e processos d'estes.

O que n'aquelle poderoso cerebro determinava esse *conflicto* era este facto que eu nunca vi indicado pelos que elle chamava *criticos de escada abaixo:* — Camillo era filho de um nobre e de uma mulher do povo.

Méço o alcance, porque sou filho de um plebeu e de uma aristocrata, e porque conheço de perto *o tal conflicto.*

*
* *

Sabia muito da vida.

Um dia, á mesa de jantar em Seide, eu falei largo tempo e parece que tive gracinha. Certo é que o Mestre riu-se com as minhas historias, e annotou propheticamente:

— V. tem dinheiro e tem espirito. Não póde isso durar. Hão de lhe roubar uma das coisas. Aposto que o dinheiro!

Ganhava.

*
* *

Era generoso — sem dó do infortunio. Apenas para contrariar o Destino — e para gosar o espectaculo da ingratidão.

*
* *

Era valente — por absoluto desprezo da vida.

*
* *

E como e quanto elle desprezou os homens! E as mulheres! Mas n'este segundo ponto, discordavamos. É que ainda não se me deparou aqui a Traição, o Egoismo, a Miseria moral, sem eu encontrar na Mulher — consolação. Bemdita seja!

*
* *

Dizia-me um camarada, ha pouco, — uns vinte annos volvidos sobre o suicidio de Camillo:

— V. recorda-se da morte de P. L. Courier?

— Quer v. dizer: da *mysteriosa morte* do Grande Pamphletario?

— Isso...

— Recordo-me. E' a proposito da morte de Camillo Castello Branco?

— E', justamente.

— Tenho pensado em P. L. Courier, lendo eu Armand Carrel e outros, a proposito de Camillo, á conta de certa lenda, e tambem tenho pensado no rei suéco Carlos XII, suppondo, como diversos biographos, entre elles Voltaire, que póde ser discutido o *caso* — occorrido no cerco de Frederichshall. Assim, o primacial escriptor portuguez, — como o grande batalhador da Suecia e como o auctor de *Le Pamphlet des Pamphlets*, tornara-se aos seus adherentes *insupportavel*, resultando d'aqui a morte do Maior de Todos...

Tal duvida se estabeleceu. E' sabido que Camillo *simulava*, por vezes, disparar um tiro mortifero, contra si, — sabendo que o seu revolver fôra carregado com *balas fingidas*. Em certo dia — accrescenta-se — *simulou erradamente*. Eram verdadeiras as balas.

Eu sei apenas que a torturada victima da neurasthenia do grande escriptor — sua mulher — era uma nobre e excellente senhora, superiormente carinhosa. E era muito intelligente. Ora, só *estupidos* não perdoam. O quê? Serem como Deus os fez.

A lenda deve ser calumniosa. Mais uma.

*

* *

Fala outrem:

— «Uma tarde, ahi por 1880, estava eu em um café, na Foz do Douro, quando entrou o Camillo. Falámos de coisas litterarias e, entre

outras, de uma especie de *conspiração* grave, contra elle, a proposito do *Cancioneiro alegre*. E o Camillo disse-me:

— «Vale mais o Silva Pinto, pelo meu lado, do que todos os outros contra mim.»

... Eu ignorava isto. Foi o doutor Ricardo Jorge quem ha dias m'o contou. Reproduzo-o, para *uns patetas* vêrem, e só por isso.

*
* *

Antes de Elle morrer, dizia-me, esfregando os pés de cima, um contra o outro, o pedreiro *Malbario* (releia-se: *Serões de S. Miguel de Seide)*:

— «O tal senhor Camillo já não tem quem lhe fie um kilo de assucar.»

E quando Elle *partiu* e o seu cadaver ia a caminho do cemiterio, seguido por dezoito trens — quando, *cá* e *lá*, um ladrão abastado leva no coice da carcassa nobreza, clero e povo, em centenas de tipoias, — zurravam jubilos nas ruas da passagem do prestito os que Elle já fizera ornear em casos de *honra* — nos *Brilhantes do Brazileiro*...

II

Em prefacio a um meu livro (1) disse *elle:*

(1) *Combates e Criticas* — 1880.

«Penalisa-me que em arredadas eras travassemos um recontro de polemistas assanhados, em que, ainda assim, não houve derrotas nem triumphos; se vencedor sahiu alguem, foi Silva Pinto, vencendo se a si proprio. Elle podia achar na panoplia das calumnias, que lhe offereciam, armas para uma nova e mais dilacerante arremettida. Não as acceitou. E, quando as infamias anonymas corriam impressas com a suspeita da sua auctoridade, calou o nome do difamador e soffreu em silencio a retaliação. Pois que não pude duvidar d'este bizarro lance de cavalheirismo, admirei o homem na edade menos reflexiva, e deplorei que a sorte não désse áquelle moço de vinte e dois annos medianos confortos de vida que lhe permittissem arrancar-se á illaqueação dos Aretinos e dos Clavijos, — boas navalhas de moda, mas despontadas pelo uso, que se recaldeavam ao fogo de um talento novo e inexperiente.

«Volvidos annos, vi-o e ouvi-o pela primeira vez. Nenhum de nós soltou palavra de resentimento, porque ambos tinhamos sido injustos. Dava-se, de mais a mais, uma mysteriosa e poderosa attracção que nos approximava: era a injustiça dos outros. Haviamos soffrido o embate do mesmo colosso — a Idiotia, o Moloch das victimas covardes, e reagiramos com uns fracos pulsos, endurecidos e acerados depois pela tenacidade da defeza. Elle tem trinta e tres annos, e não descançou ainda. Nem descançará...»

Estas palavras publicas de Camillo, tão amigas e tão rehabilitadoras de petulancia, servem

de base ás que eu lhe ouvi, achando-me hospedado carinhosamente na casa de S. Miguel de Seide:

— «O meu caro Silva Pinto é recebido n'esta casa como um collega e como um amigo. Lembrei-me muitas vezes, durante estes seis annos de malquerença, de que v. no mais acceso da polemica respeitára religiosamente a minha vida privada. Seja bemvindo ao meu lar!»

E ainda a proposito me dizia:

— «Hão de buscar pretextos para nos collocar novamente em posição hostil, em frente um do outro. Tenha presente este aviso.»

Não faltaram as tentativas. Uma boa alma chegou a intercalar, n'um folleto difamatorio, contra o grande homem, duas phrases d'elle, que, poderiam irritar-me e chamar-me a um terreno de provocação. As taes duas phrases ostentavam-se em grossos caracteres e foram-me remettidas com a devida chamada á minha attenção — e á minha colera.

Não me irritei, nem o meu assombro despertou. O que n'aquelle espirito supérrimo existia do *tal conflicto* permanente vingara eu descobril-o n'um intimo e despreoccupado convivio. E a sua amargura trasbordava, a espaços: não é natural que alguma vez envolvesse os seus amigos?

Foi logo em seguida á nossa reconciliação, que elle um dia, subitamente, inesperadamente, cortou comigo relações. Apezar de conhecel-o, não fui superior ao espanto, e ao nosso pobre Julio Machado o revelei. O bom Julio, seu velho amigo, disse-me: — «Não extranhe

o rompimento de hoje, nem a nova reconciliação de ámanhã».

Entrei em mim e dispuz-me a acceital-o com toda a sua força de *inesperado*. Não tive de arrepender-me. Os seus amigos velhos, o visconde de Ouguella, Borges d'Avellar, Thomaz Ribeiro, Ricardo Jorge, e tantos outros nunca lhe ouviram a meu respeito senão palavras de amizade commovida.

Lembrando-me d'essas e de tantas outras demonstrações de carinho, ao chegar-me a noticia da sua morte, eu tive de reagir contra as demasias da dôr, buscando refugio na minha crença na *vida dos mortos*, na conformidade que álem os espera e no convivio mysterioso que nos é permittido mutuar com elles — cá da nossa escravidão para o seu bem estar libertado.

*

* *

Uma tarde em S. Miguel de Seide, saíramos a passear pela aldoia — Camillo Castello Branco e eu. N'um caminho de atalho, um velho, sentado a uma porta, ergueu-se respeitosamente e cortejou: — «Tenham vossas senhorias muito boa tarde!» Correspondemos, e Camillo, interrompendo a palestra, informou-me:

— É um homem veneravel este ancião. Tem sido uma esponja de amarguras. A filha deu em mulher perdida, o filho em ladrão, e a mulher morreu-lhe de dôr... Mas, — concluiu com um movimento brusco, — Deus lá sabe o que faz.

Um quarto de hora depois, passavamos novamente pelo velho. Este ergueu-se outra vez. Tirei o chapeu; e Camillo, attentando no caso, perguntou-me:

— Quem foi que v. cortejou?

— Foi o velho de ainda agora.

— Qual velho?

— Aquelle desgraçado, de quem v. ex.ª me contou a historia. O pae do ladrão e da...

— Ah! sim: um borrachão! cortou elle, encolhendo os hombros (1).

*
* *

Na Foz do Douro, uma tarde, dizia-me Camillo Castello Branco:

— Que impressão deixou por ahi a polemica com o Alexandre da Conceição?

— A do costume. Ao primeiro terço da refrega lê-se o que v. ex.ª escreve e não se dá attenção ao que o seu adversario diz.

Elle teve um certo sorriso glacial, muito seu caracteristico, e logo depois uns momentos de concentração.

— É o tal caso, volveu. Imagine-se que nunca entrei n'essas polemicas, sem ser muito provocado. Previ sempre, de cada vez que entrava em fogo, o que realmente vinha a dar se:

---

(1) Este episodio, publicado no meu livro *N'este valle de lagrimas*, tem sido muitas vezes reproduzido em estudos de diversos auctores.

S. P.

uma especie de remorso meu, por ter sido exaggerado na lucta. Quer v. que eu lhe diga?... O unico adversario que me não deixou remorsos foi o Silva Pinto. Parece-me que não cheguei a dizer lhe tudo quanto v. merecia.

Balbuciei um agradecimento e um protesto. Afigurou-se-me que o leão não tinha a consciencia de quanto valiam as suas garras.

Elle proseguiu:

— Sempre que um dos novos me aggride, ha quem me aconselhe *a não fazer caso*. Foi assim quando v. me provocou. O Teixeira de Vasconcellos escreveu-me de Lisboa: — «Não responda. Este sujeito não guarda o decoro». E eu respondi ao Teixeira: — «Nem eu. Quem melhor as tiver melhor as joga!»

Riu-se, com aquelle seu riso, tão fino e superior; e continuou:

— É claro que os meus quarenta annos de serviços, ou quantos são, concedem-me o direito de silencio, quando um rapaz faz negaças com muito phrenesi á minha innocente pachorra. Mas que quer o meu amigo? Eu vi o pobre Castilho e o pobre Herculano sairem d'esta vida com muitas nódoas negras no corpo. Não surgiu luctador novo que não fosse ali ensaiar-se, applicando dois pontapés áquelles dois velhos. O Herculano creio eu que, á força de orgulho, chegasse a persuadir-se de que os não levara; mas o pobre Castilho sentia-os bem, e tanto que logo, pelo telegrapho e pelo correio, me avisava do sacrilegio — para que eu o desaggravasse. Acudi pelo nome d'aquelle sublime ingenuo, duas vezes, que me lembre: na ques-

tão coimbrã e na do Fausto. Mas pela minha parte resolvi não me deixar contundir sem usar de represalias. Os rapazes dão-me; mas eu reajo, como se vê...

Dei lhe razão contra mim proprio, — contra o audacioso franganote que em 1874 lhe chamara, nas columnas da *Actualidade* do Porto: *O chapado ignorante que só serve para escrever descomposturas!*

Perdoae-nos, Senhor, as nossas dividas...

*
* *

Lembro-me de que a minha palestra d'aquella tarde, com Camillo, principiara na Foz. Eu tinha de vir para o Porto, e o Mestre disse-me: — «Vamos indo no carro americano. Eu acompanho-o até á rua dos Inglezes».

Perto de Massarellos, Camillo fez parar o carro, ao ver outro que do Porto ia para a Foz.

— Não vou mais adiante. V. desculpe. Vai ali n'aquelle carro a minha Amelia — a minha filha...

Apeiou-se, entrou no outro carro, e teve ainda tempo de dizer a sua filha e ao marido d'ella, que a acompanhava, duas palavras que lhes chamaram a attenção para mim. Descobri-me; e cada um seguiu seu destino.

Eu quizera ainda falar do que foi Camillo como polemista. Ninguem póde testemunhar do bafo ardente de um leão como o homem

que o sentiu no rosto, em momento de perigo. Mas fique para diante. Mais duas palavras apenas, sobre o outro assumpto, já que vim acertando em fallar d'elle.

Foi uma noite de 1876, no theatro de S. João, do Porto. N'um intervallo, do penultimo ao ultimo acto, estavamos em grupo no salão — Augusto Seromenho, que fôra a exames áquella terra, Urbano Loureiro, Manuel Duarte d'Almeida, Alfredo Carvalhaes e eu. Notámos subitamente um movimento de outros grupos em direcção á escada dos camarotes e approximámo-nos d'ella.

Camillo Castello Branco vinha descendo, dando o braço a sua filha. Seguia-os o marido d'esta. Um não sei que de idolatria agitava-se em redor do grande homem; na sua passagem as cabeças descobriam-se, e eu previa o momento em que o publico rompesse em acclamações. A ovação foi, porém, muda; mas não foi assim menos eloquente.

Gravou-se-me no espirito a physionomia insinuante da virtuosa senhora que tinha no rosto os traços da physionomia de seu pae, e que veiu a ser a unica herdeira do seu espirito. E não posso hoje explicar o sentimento de amargura com que os fui olhando na sua passagem — aos dois. D'ahi, talvez possa, ao ver, annos volvidos, escrever-se e publicar-se á beira da sepultura do grande homem, entreaberta ainda, como ultraje para a filha do seu amor: — *Ella não era sua filha!*

*
* *

Antes de se produzirem *outros factos*, de especial cunho de miseria, sobre a morte de Camillo, sentiu-se algures escandalisada a opinião, pela indifferença glacial que no Porto acolheu os restos mortaes do culminante escriptor. Não escassearam insultos sobre a generosa terra — tão hospitaleira e tão amiga de trabalhadores. Mas um demorado exame de circumstancias especiaes teria posto embargos á condemnação disparada sobre a collectividade.

*
* *

O nome do grande homem impunha-se ali á admiração de *todos* — a uns pela critica, a outros pelo instincto. Abundavam, porém, os resentimentos. De ha muito já que o grande romancista se dera a cortar fundo nas carnes de uns potentados grutescos que no Porto giram entre a ladroeira positiva e a fallencia provavel. Estes sujos miseraveis, que são ás vezes directores de bancos e de companhias, conselheiros e titulares, com investidas sobre a bolsa e a confiança alheias e retirada célere e propicia ao remanso da *privada*, constituem auctoridade, porque na sua esteira fétida ha mil dependencias pelintras. São de uma raça que o temivel humorista crucificou — não como a Christo, mas como ao mau ladrão — em paginas que hão de viver até ao ultimo dia da lingua portugueza.

A proposito, vem talvez a narrativa do seguinte episodio crú — com ligeiros toques graciosos:

N'um hotel do Porto, ali pelos arredores de S. Lazaro, visitei um dia Camillo Castello Branco. Era de manhã. Camillo estava no seu quarto — Vou almoçar: disse-me.

Entrámos na casa de jantar. Á meza estavam uns dez ou doze dos *taes*, a contas com pyramides de costelletas. A entrada de Camillo produziu sensação. As mandibulas suspenderam-se na faina; trocaram-se olhares de pasmo; as facas e os garfos immobilisarem-se sobre as pratalhadas. O silencio fez-se.

Camillo não reparou nos sujeitos. Occupou o seu logar, e proseguindo na palestra, disse:

— Convença-se o meu amigo de que não endireitamos o mundo. O mais que podemos esperar é o quebrar dos nossos braços, se buscamos segurar a engrenagem d'esta machina. A influencia real não é a nossa; é a d'umas certas bestas...

Olhou em redor de si; viu os taes, com os olhos fictos n'elle e com as orelhas muito espectantes, e concluiu:

— É a d'essas bestas que ahi estão.

Não me esquecerei tão cedo d'aquelle caso, em que a veia de Rabelais encontraria notas especiaes para estudos sobre o carnivoro na feição abjectissima. O meu interlocutor, ao concluir a phrase, já não olhava para os sujeitos; escolhia no prato um bocado de ave não refractaria á mastigação. Eu encarei-os. Entreolha-

ram-se de revés e, como que obedecendo a um signal combinado, espetaram os garfos em enormes fragmentos de costelletas — e desataram a devorar...

Quando, d'ahi a pouco, eu, em voz baixa e um tanto véxado, contei o caso a Camillo, elle, com uma alegria infantil, desatou a rir.

— Physica e moralmente fallando, são muito inferiores aos burros! concluiu, com ar sentencioso.

Ora, aquella especie não perdôa. Nos conciliabulos da feira de S. Bento, do jardim de S. Lazaro, das *assembléas* e dos estabelecimentos dos Clerigos, borda immortaes infamias sobre a reputação de quem um dia lhes bateu palmas e só se descobriu em frente d'elles para lhes dar com o chapeu no focinho. Em geral, o escriptor é, para elles, um vadio. Viver da penna, do trabalho do espirito: historias! — Qual é a cotação do espirito?

Imagine-se — quando a penna, convertida em farpa, lhes perfura os coiros!

*

* *

Houve um periodo em que se tornou *moda* provocal-o. Foi na época do *Cancioneiro Alegre*. O leão agitou a cauda e, applicando a em tagante, pôz em debandada os cérdos que não afocinharam. Nenhum d'elles firmara em sinceridade a provocação. Surgiu réles histrião que malsinou um livro que ainda não fôra publicado, — suppondo que toda a gente o lêra e

dando-se ares de julgal-o. Um mau homem escreveu um miseravel folheto injurioso, sobre o qual conservo as seguintes palavras, escriptas, de Camillo:

«Vi a prosa d'esse pobre homem. Ha quinze annos, appareceu-me elle tão parvo e, pelos modos, tão faminto como hoje. Eu não podia engordar-lhe o cerebro, mas enchi-lhe de bifes a barriga. Esperou quinze annos, para me insultar; é levar muito longe a gratidão!

«Se v. o encontrar por ahi, diga-lhe da minha parte que, no caso de vir a escrever outro folheto, me envie as provas, antes de o dar á estampa. É para se lhe metter um pouco de grammatica. Talvez o publico deixe de o comprar; mas sempre fica mais decente.»

Nunca vi o tal sujeito; mas não quero perder o ensejo de lhe graduar o nome em redondo. Chama se *Torres Mangas*. No folheto insultante usou o pseudonymo de *Visconde de Villas Fortes*.

Desculpará, se lhe contundo o nariz, ao esfregar-lh'o sobre a campa do seu injuriado bemfeitor!

Foi n'essa época justamente que, de S. Miguel de Seide, recebi esta especie de *memorial:*

«Pelas bemditas almas, veja v. se obtem d'essa mocidade pujante e gloriosa que deixe em paz este pobre velho!»

Deram-me estas palavras de Camillo uma

hora de bom humor. Pareceu-me vel o e ouvil-o; e é preciso tel-o amado na intimidade, para se medir o abysmo de estupidez e de infamia d'onde surgiram as lendas tenebrosas contra a grande alma serena d'aquelle homem.

Era o mais completo e puro typo de *fidalgo*, assim no aspecto como no trato, que eu tenho *imaginado* na vida. Um seu inferior sentia-se, desde a hora em que lhe apertava a mão, collocado no *verdadeiro logar*. Situação humilhante? De modo nenhum, pois que a distribuição de papeis não provinha de uma imposição: brotava da consciencia. Era o Mestre e o Summo Pontifice, com um grande desprendimento, tão alto como o seu tom de dignidade. Tinha um sorriso de dois gumes, — ora simplesmente cortez, emquanto examinava o recemchegado, por detraz da sua luneta de fumo, e lhe ouvia a parolice; logo profundamente bondoso, se, pela sinceridade, o homem lhe caía em graça. O maior escriptor de Portugal nunca me impôz, em convivio a sua opinião litteraria. Mas encontrei-a, clara, precisa, luminosa, resolutiva, — sempre que a solicitei. Aquelle vasto e poderozissimo cerebro, cheio de factos, de critica, de recordação, era como que um brazeiro enorme onde as intelligencias secundarias po diam encontrar calor benefico para uma vida inteira de lucta.

*

* *

Censuravam-lhe o brusco rompimento com os *benemeritos editores*. E d'ahi as almas-sentinas

dos seus inimigos sugavam pretexto para as calumnias sobre o caracter do escriptor. A sangue frio me foi dado esmiuçar o caso, antes da minha amisade com o grande homem. Vinha a ser o seguinte: Camillo entregava-se com toda a impetuosidade do coração ás suas relações com o editor; fazia d'elle um amigo e um confidente. O homem de commercio editava os livros do seu amigo, com todas as reducções permittidas á amisade; explorava-lhe as confidencias, assoalhando-as; divulgava as cartas intimas de Camillo; n'um momento affiictivo da vida do romancista, o editor entrincheirava-se na severidade do homem de negocio, para quem vão pessimos os tempos. A alma generosa d'aquelle fidalgo sentia-se aggravada pelo egoismo do seu grande amigo e descobria subito a velhacaria do confidente. Retrahia-se, com fracasso, e desabafava com toda a amargura do seu desengano.

Era então que o outro, vendo cortado o filão da sua mina, se *vingava* das bajulações com que conquistara a absoluta confiança do seu expansivo e grande amigo e lhe apanhara livros immorredouros, pelo preço que hoje desdenhariam os sarrafaçaes das lettras. Aquella impetuosidade caracteristica do grande homem tinha-lhe grangeado inimigos, principalmente entre a burguezia do Porto — especialisando os negreiros e os contrabandistas que o grande humorista marcava a ferro quente nos cebaceos lombos conspurcados. Todos aquelles javardos, com aleijão de porcas manhas, esguichavam o pús do odio fermentado no coice do *benemerito*

desmascarado, contra o nome do immortal escriptor. E a ralé sem lettras, nem resentimentos, mas gravida de uma enorme parvoice, concordava em que *o Camilllo, realmente, não era boa rêz.*

*
* *

O grande Alexandre Dumas, o dos *Tres Mosqueteiros* — referindo-se a um rei de França, Henrique III, escreve: — «Aquelle homem teve muito quem o atraiçoasse, mas nunca ninguem o enganou.» Esta subtileza deu-me trabalho, em tempos, até ao dia em que descobri em mim proprio a triste e amarga qualidade d'essa percepção. Ser enganado é ser duplamente trahido, pela confiança propria e pela perfidia dos outros. Ser *apenas trahido* exclue a ideia do engano. Por mim, vejo vir a *traição*, sem que me illudam protestos e demonstrações de amizade, accumuladas durante longo tempo. Esta percepção, que é uma qualidade subalterna, torna o sorriso amargo, como o pensamento que elle exprime; mas livra a gente de surprezas.

Qualidade subalterna, que o grande Camillo não possuia. Tem d'estas lacunas o genio, porque o seu fundo é a grande bondade extremada e radiante, alheia á peçonha da observação suspeitosa. Foi n'aquella corrente de confiança, arripiada a espaços pelo desengano brusco e violento, que deslisou a vida de Camillo. Que diria o mestre, se podesse entrever sobre o seu fim tragico a dupla affronta a que assistimos:

— a collocação do seu cadaver *n'aquelle jazigo*, e *aquella discussão* sobre a sua memoria e o nome de sua filha ?!

*
* *

D'essas contestações, sobre a entidade moral, ou sobre a individualidade litteraria, faz-se mister joeirar os factos para o apuro da justiça. Mas é uma questão entre contemporaneos e para os contemporaneos. A breve praso vem o esquecimento, que é tambem uma fórma da justiça, sobre as contestações malevolas e não menos sobre a exaltação immerecida. Do trabalhador só fica inabalavel a parte sã e pura da sua obra. Nem criticas acerbas, nem perseguições humoristicas, nem injustas indifferenças das multidões desnorteadas, — nada d'isso prevalece contra a verdade implacavel; mais ainda: nada d'isso sobrevive ao trabalhador extincto. Desenganemo-nos todos, grandes ou pequenos, colossos ou rachiticos, condores ou *mouches de la cloche*, sublimes pela bondade ou repellentes pela malvadez: todas as nossas injustiças de uma hora ou d'uma vida inteira hão de afundar-se ao sopro da verdade eterna: processo mysterioso, pelo qual entraremos, talvez purificados, n'um mundo mais perfeito.

Não vae propicio ás coisas litterarias o nosso *momento historico;* e d'ahi procede, talvez, concentrar eu o meu espirito na recordação insistente do grande homem de lettras e no seu afastamento, por indole e por systema, de as-

sumptos que lhe dão esquecimento ephemero. Lembro-me de eu haver perguntado a um dos espiritos superiores da nossa Politica: — O que imagina v. que poderia ser o Camillo, como jornalista politico? — E o homem de estado (1) respondeu: — Imagino que não seria cousa alguma.

Era exacta a observação.

*
* *

O fundo de ironia d'aquelle ser moral desentranhava-se na escolha de objectivo no terreno das *personalidades*. No trabalho de critica, abandonava o facto, pelo individuo. Subordinava a fatalidade das coisas aos desvios do caracter. D'ahi a auzencia de resignação e a amargura afeleando lhe o riso. Quando empolgava um adversario, fazia-o com um certo fundo de misericordia, que, pouco a pouco, se transformava em irritação, attingindo ao termo do conflicto uns vislumbres de ferocidade. A sua polemica era *demorada* e não admittia distracções, nem diversões. Se um adventicio desacertava em surgir, no proposito de cortar o incidente, o polemista annotava á margem a intervenção, — tomava nota, — e continuava a contas com o seu homem.

(1) A. C. Barjona de Freitas.

*
* *

Este processo de lucta, apaixonado, de uma gr nde concentração, de uma grande fixidez, é desastroso na pugna do jornalismo diario, — desastroso para quem segue o processo. Os grandes jornalistas *politicos* raro se envolvem n'uma polemica demorada com outro adversario e, em taes circumstancias, absteem-se de concentrar no incidente a totalidade dos seus recursos. A superioridade do primeiro d'esses combatentes, (1) no nosso meio contemporaneo, estava justamente na assombrosa *flexibilidade* do seu ataque: discutia diariamente dez assumptos em um artigo de uma columna e em tres *sueltos* de seis linhas; *esquecia* opportunamente a replica, e desviava se sobre um fraco do adversario — um caso de amor proprio — esgaravatando diariamente, com os bicos da penna, na chaga que por acaso abrira, indifferente á injuria, á calumnia, á deslealdade; confundindo o homem com o facto, ou *embrulhando* um no outro, segundo as conveniencias da lucta.

A posição de Camillo Castello Branco seria insustentavel em tal terreno.

*
* *

Elle, em frente de uma multidão de adver-

(1) Marianno de Carvalho.

sarios, principiaria por uma carga a fundo na *collectividade*. Primeiro erro, n'um campo onde se exige a lucta *directa*, onde o publico espera sofregamente pela réplica de Fulano á resposta de Sicrano. Depois, quando o exito da aggressão se lhe mostrasse negativo, Camillo escolheria entre a multidão o adversario mais digno da sua colera. Esta escolha, parecida com hesitação, daria tempo á apparencia de dez derrotas. Está-se vendo um leão coberto de perdigueiros. Finalmente, o grande humorista escolheria a sua victima, e só a largaria em pedaços; mas, durante a execução, adeus assumptos a discutir! adeus questões a defender!

Jornalista ao mar!

*
* *

(... Escreve-me um dos meus raros leitores, protestando contra o facto — ainda para muitos inexplicavel — de haver-se convertido em visconde de Correia Botelho o grande Camillo Castello Branco, que tanto satyrisara titulares e titulos.

Eu lhe digo:

Camillo Castello Branco, no intuito de provar a certa cainçada titular á pressa, ou com demora, sua detractora e de sua mulher — que não *lhes* estavam cerradas — a elle, simples escriptor e o maior de todos, nem a sua mulher, as portas do primeiro dos Tres Estados, obteve para si e para a sua consorte — D. An-

na Augusta Placido — os titulos de visconde e viscondessa de Correia Botelho — e preferiu estes titulos, porque dos *Correias Botelhos* descendia e porque assim quinhoava largamente das prosapias dos *nobres* e lhes esmagava os desdens.

E por isto e assim foi que se deu o caso que é para tantos inexplicavel. Aquelle foi sempre grande, original e revoltádo, até quando parecia transigir.

Mais nada.)

*

* *

Tinha a nitida comprehensão d'aquellas difficuldades. Simultaneamente, impunham-lhe as subtilezas e o inesperado da Politica uma especie de desnorteamento, gerador de grande repulsão. Escreveu um dia e citava por vezes o caso do conde d'Azevedo, um excellente homem, muito instruido e muito honesto. O illustre titular abstivera-se durante largos annos de *figurar* na Politica, reagindo contra os desejos dos seus amigos. Um dia acceitou, muito instado, o cargo de governador civil.

Desde esse dia, passou a *figurar* nas gazetas, em correspondencias e em locaes ; apanhou de tudo — desde *besta* a *ladrão*, e accessorios do estylo. Padeceu o supplicio affrontoso, até que perdeu a paciencia e mandou ao diabo o seu cargo, amaldiçoando os amigos. Recolheu-se á vida privada, voltando logo a ser, na opinião unanime dos seus concidadãos, o homem de bem e o espirito esclarecido digno de geral apreço !

*
* *

Citava-me Camillo dezenas de homens publicos malsinados de salteadores e com vida inteira de privações e de sacrificios.

— Se eu esqueço algum que morreu sem ter *gozado* essa fama, dizia-me elle, creia v. que esse tal foi considerado maluco.

— Ossos do officio, ponderava-lhe eu, com philosophia christã.

— É claro. Mas não tenho dentes para roêl-os, objectava elle, com o seu rictus amargo. Á meia volta, sentindo-se ultrajado injustamente, é natural que o homem venha a sentir-se indifferente, quando tem de arrostar com accusações merecidas. Se essa indifferença não é o desabamento da Moral, diga-me v. o que significa.

— Creio que é o tal desabamento.

— Pois não tem duvida. E ahi está a correlação entre a *indifferença* de alguns homens publicos e a *venalidade* de outros. Um paiz, um publico, dê-lhe o nome que quizer, compraz-se em vêr difamar os seus homens superes, e malsina os de descarados, quando a injuria a frio resvala sobre as epidermes callejadas. A mesma collectividade goza as delicias dos deuses, quando lhe consta que um homem superior pelos dotes do seu espirito só tem esses dotes para alimentar-se e aos filhos; depois, quando o sujeito se faz valer, chama-lhe maroto e vendido. Que me diz a sua philosophia christã?...

A minha philosophia estava calada, porque, á força de tombos por este mundo, tem intervallos em que parece moira. O que ella aprendeu, e muito com aquelle desventurado grande homem, foi a perdoar á malvadez a maior parte dos seus feitos, á conta do que esta ultima tem a expiar nas garras do destino. N'este ponto estou com Camillo, com o pedreiro Malbario, de Famalicão, e com o meu amigo João Braz: — Tudo se paga n'este mundo!

V

O DISCIPULO AMADO [1]

Insisto. Reproduzo...

Pois que se tracta da base moral d'esta obra: da autoridade e do dever do auctor.

Já n'uma carta minha a um jornal, inserta na primeira parte d'este livro, eu me refiro ao *facto*.

Insisto. Reproduzo. Tanto mais que bem vejo, lá em baixo, as negaças da insignificancia berrante e petulaute...

*
* *

N'estes ultimos tempos, alguns escriptores novos, como que desaggravando-me, por demasias de generosidade, dos safanões do mau destino, deram-se a applaudir o meu trabalho, — o que eu acceito nos dominios da compensação, — e a designar-me para o estado-maior

(1) *Noites de Vigilia*, 1897.

das nossas Lettras, — o que se affirmaria em armadilha perigosa para sujeito menos circumspecto. Volveram semanas apenas sobre a mais solemne intimação que eu recebi: — de occupar o posto de general na campanha litteraria e revolucionaria dos nossos dias, ou, n'outra metaphora, o logar de architecto na construcção do edificio novo. Reagi detidamente e essa resposta será reconstruida, — isto é, desenvolvida, — em um dos meus precedentes livros. Não me parece inutil a reproducção, n'estas paginas, do ponto essencial da minha *defeza*, pois que já em mim suspeitou um d'esses camaradas, de breves annos e vasta generosidade, os altos destinos de convulsionar as lettras patrias e de iniciar uma nova critica resolutiva. Não eram assim magnanimos uns Novos de *curtos annos e vasta ignorancia*, ha um quarto de seculo nas garras de Camillo. Vamos, porém, á minha defeza:

«... Ha annos se deu o caso de eu me interrogar, um dia, sobre a utilidade dos meus dotes e dos meus recursos — no vasto e complexo terreno das reivindicações dos Opprimidos e dos Explorados. Pensei *com força* e brevemente, pois que se eu não resolvo em alguns minutos os meus *problemas*, terei de abandonal-os, em demasias de perturbação: é do meu estado morbido. Em tal perturbação e a seu termo, estabeleci, metaphoricamente, o seguinte:

— Trabalha-se nos cavoucos de um edificio novo. Ha falta de trabalhadores, pois que a

consciencia dos altos meritos não permitte á maioria dos recemchegados e á dos que vem chegando rebaixarem-se ás *subalternices* do aterro e dos alicerces. N'estas condições, tu (era commigo que eu falava), no resvalo de uma vida atormentada, a um final libertador, podes consagrar a uma obra util, embora subalternissima, a tua sinceridade e o teu esforço. Vae, pois! Emquanto os Novos, cheios de vigor, de enthusiasmo, de talento, e mal nascidos, se preparam para a construcção do edificio, tu, velho tropego, esfalfado, de orientação dos Affonsinhos — cumpre o teu dever! Leva o teu cesto de entulho aos alicerces do edificio, pois que para mais não serves, e terás direito a um esquecimento honrado, ao resvalares da tua fadiga a um final descanço!...

Tal eu disse a mim proprio e desde logo metti hombros ao trabalho rude. O entulho que eu levei á *obra* compunha-se do registro, da denuncia e da flagellação de tudo quanto nos dominios ao meu alcance me appareceu como Iniquidade. Embuste, Traição, Improbidade, Tyrannia, Pedantismo, Hypocrisia, ou Descaramento. Não é com materiaes nobres que se formam alicerces revolucionarios: é com os detrictos de uma *civilisação*. Sem empreiteiro, que não fosse a minha consciencia, eu cumpri o meu encargo; dei conta do meu destino: isto é, trabalhei até agora, sem recompensas, sem direito a ellas, sem louvores que não sejam os das almas generosas, com alguns sacrificios que não metterei na conta, e com algumas contusões e esfoladuras, curadas por mim proprio,

no meu santo isolamento. Se não almejei recompensas immerecidas, esperei, ao menos, que me deixassem açabar em paz. Vejo que nem isso conquistei!

Não é outra coisa, senão perturbar o fim da vida de um pobre trabalhador de cavoucos, intimarem-n'o a assumir, na construcção do edificio, uma superior direcção de trabalhos de architectura e, quiçá, de artes decorativas. Eu, por diversas metaphoras, convertido em guia, em *general*, em orientador, — a imposição dos recem chegados, que dispõem da terraplenagem feita e dos alicerces construidos! Eu, abatido por soffrimentos intimos, que me deram, ao sair da infancia, a nitida comprehensão de «um inferno» : eu, que na travessia da existencia amaldiçoada — e é assim a explicação da *minha velhice*, regeitada pela certidão baptismal, — que n'essa travessia, digo, me dispensei de auxiliares, e supprimi, como que methodicamente, todas as futuras *étapes* de consolação e descanço : eu, convidado, á ultima hora, aos brilhantismos e ás fascinações de estado maior, em campanha annunciada e inevitavel! Não haverá ahi delicada malicia, em tal cumulo de generosidade?»

*

* *

Tal eu disse e não dei por findas as minhas considerações. Mas ha hoje outro *caso* a impôr-me esclarecimentos e estes não serão levados pelos meus amigos, á conta de modestia extrema. Ha antes, pelo contrario, muito or-

gulho na referencia a este ponto da travessia. Estabeleceram alguns meus camaradas, para meu uso e gloria, a antonomasia *O discipulo amado de Camillo*. Reagiram outros, accusando-a de arbitraria e de immerecida. *Discipulo* de tal Mestre já era titulo para envaidecimento, embora eu de todos os discipulos o menos aproveitado. *Amado* pelo Mestre não daria accrescimo de consideração litteraria: porventura Camillo amava simplesmente uma qualidade moral do seu discipulo. *O discipulo amado* poderia ser uma iniquidade dos seus amigos. Importa-me esclarecer; o nome de Camillo Castello Branco vale bem as minudencias de hoje.

Não entrou no mercado, mas foi lido, em 1890, um opusculo intitulado *Protesto contra a supposta filha de Camillo Castello Branco*, por Nuno Castello Branco, visconde de S. Miguel de Seide. É um trabalho de 86 paginas escriptas pela sr.ª D. Anna Placido, viuva de Camillo, mãe do visconde Nuno e senhora de educação litteraria — que seu filho estava longe de possuir. O visconde assignou apenas.

O opusculo fecha a corrente de superiores iniquidades. Resentimentos de orgulho offendido foram aggravar uma senhora distinctissima, a digna filha de Camillo, que o Mestre como tal apresentara aos seus amigos e tratava com disvellos de bom pae. Todos os homens, intimos amigos de Camillo, que manifestaram indignação pela odiosissima campanha, foram no *Protesto* em questão violentamente aggredidos: entre elles, Alberto Pimentel, Antonio d'Azevedo Castello Branco e José d'Azevedo

Castello Branco. Tambem eu fui contemplado, com relativa moderação. É a paginas 52 a 55, o seguinte:

«No *Correio da Noite* n.º 3218, escreveu o ex.mo sr. Silva Pinto:

«*Gravou-se-me no espirito a physionomia insinuante da virtuosa senhora que tinha no rosto os traços da physionomia de seu pae, e que veio a ser a unica herdeira do seu espirito. E não posso hoje explicar o sentimento de amargura com que os fui olhando na sua passagem — aos dois. D'ahi, talvez possa, ao vêr, quinze annos volvidos, escrever-se e publicar se á beira da sepultura do grande homem, entre-aberta ainda, como ultrage para a filha do seu amor: — Ella não era sua filha!*»

«De tudo quanto li respeito a esta questão, nada me causou tanto desprazer. E por uma rasão muito simples. É que o sr. Silva Pinto foi o discipulo amado do Mestre, e se lá d'além do outro mundo se vê o que se passa n'este, o espirito de meu querido Pae sentirá a dôr de me vêr tão mal comprehendido pela alma que elle tão altamente aquilatou.»

. . . . . .

Ahi está o *Discipulo Amado do Mestre.* Eu sabia que o grande Camillo me *aquilatara altamente* a alma; e porque o não ignorava, nem esquecera, abstive-me de responder — á lettra

— ao *Protesto* da sua viuva e do seu filho, produzindo provas — em meu poder ainda hoje — não dos direitos sagrados da sr.ª D. Amelia Castello Branco Carvalho, a filha do seu amor e unica herdeira do seu espirito, pois que taes provas eram inuteis, — mas do juizo de Camillo ácerca da sinceridade com que viriam um dia, a publico, *defendel-o:* isto é, uitrajar os seus sentimentos. Pedira-me elle silencio sobre o seu desabafo. Guardei-o. Eu era *o seu discipulo amado*, e creio ter cumprido os deveres impostos a uma alma que *tão altamente elle aquilatou.*

VI

O MESTRE E EU

COMO NOS AGGREDIMOS —COMO NOS RECONCILIÁMOS

I

Foi assim:

Na *Actualidade*, folha jornalistica portuense, propriedade de Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, dei noticia do primeiro numero das *Noites de Insomnia* (jornal citado, mez de janeiro de 1874). Na feição aggressiva da noticia influiu um sentimento affectuoso por um escriptor que, havia muito, recebia de Camillo Castello Branco referencias pouco lisonjeiras. Saíu a terreiro o grande prosador, no segundo numero da sua publicação. Repliqueilhe no jornal citado (24 de fevereiro de 1874).

No terceiro numero das *Noites de Insomnia*,

Camillo discute violentamente uma traducção de *La fausse mâitresse*, de Balzac, por mim dada, em folhetins diarios, na *Actualidade*, — traducção descurada, feita sobre o joelho, em harmonia com as exigencias de um jornal. Na *Actualidade* (de 17 de março do mesmo anno) defendi quanto possivel a traducção. Azedaram-se os animos. Camillo voltou á carga nos n.os 4, 5, 6 e 7 dos seus livros mensaes; respondi-lhe, por intermedio do jornal supra, durante os mezes de março, abril e maio; mais, n'um impresso distribuido *ao publico* e, finalmente, a uma insinuação do Camillo, sobre o meu procedimento durante a época da minha residencia em Madrid (fins de 1873), respondi — indicando os nomes e as moradas dos cavalheiros com quem de perto e diariamente tratára no paiz visinho (vid. *Diario da Tarde* de 21 de julho).

A este tempo, o proprietario da *Actualidade* atacado por Camillo, no n.º 7 das *Noites*, respondeu, apresentando ao publico um *Supplemento ás Noites de Insomnia*, folheto de 8 paginas, firmado por elle Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento; tiragem 6.000 exemplares.

Tendo-me alguem attribuido a paternidade do folheto em questão, publiquei no *Diario da Tarde*, que então redigia com Urbano Loureiro e Borges d'Avellar, a seguinte carta:

«*Meus prezados Collegas e Amigos*

«Peço-lhes a fineza de no *Diario* de hoje darem lugar á seguinte

DECLARAÇÃO

«Vai em quatro mezes que, em detrimento da seriedade jornalistica e ainda do respeito proprio, sou obrigado a sustentar com o sr. Camillo Castello Branco, romancista, uma polemica para mim repugnante, e, em absoluto e por mais de um motivo, totalmente indecorosa.

«A polemica tem, como é publico, a sua origem n'alguns breves reparos por mim formulados sobre o primeiro volume das *Noites de Insomnia* d'aquelle senhor. As proporções e a indole assumidas pela discussão attingiram aquelle grau que constitue a alegria dos nescios ociosos em busca de escandalos, e que lá fóra desautorisam de um modo doloroso a imprensa jornalistica portugueza.

«Não vem para aqui discutir as razões que até certo ponto autorisaram da minha parte, ou da do meu contendor, os excessos mais ou menos condemnaveis a que um de nós arrastou o outro pela provocação e pelo exemplo. O publico sensato já fez justiça; — quero crêl-o, por honra de todos nós.

«Apparece n'este momento uma publicação supplementar ás *Noites de Insomnia*. Não sei quem teve a indigua coragem de pôr em circulação um boato que eu quero destruir com uma simples negativa: o de haver eu concorrido, directa ou indirectamente, para a elaboração do escripto alludido. Não concorri. Só d'elle tive conhecimento ao vêl-o impresso, e

— direi mais: por maiores indignidades de que o sr. Camillo me houvesse tornado alvo e victima, eu não o escreveria. Sigo n'este parecer os dictames da minha opinião independentissima, como decerto seguiu os da sua o author do impresso alludido.

«A minha *questão* com o sr. Camillo terminou *pela minha parte*. Os homens desapaixonados dirão quem venceu na triste pugna. A minha opinião firme é que em circumstancias como as actuaes a victoria cabe áquelle que sacrifica as expansões da sua cólera ao respeito que deve á seriedade publica e á sua propria reputação.

«No ultimo numero das *Insomnias* assacou-me o sr. Camillo uma insinuação para esclarecimento da qual já forneci, por intermedio d'esta folha (21 de julho), os esclarecimentos devidos ao publico. Aguardo explicações mais terminantes.

«Em *qualquer* terreno onde dois homens possam esgrimir sem se manchar e sem darem ás turbas o prazer de um espectacule aviltante, ha de encontrar-me, não só o sr. Camillo Castello Branco, mas todo o homem que comprehenda a desaffronta digna e leal, sem haixezas nem aviltamento.

C/vv. rua de Santa Catharina, 353, 1.º
Porto, 24-7-1874.

Silva Pinto.

No oitavo numero das *Noites* respondeu Camillo ao folheto *firmado* por Anselmo de Mo-

raes, sem a minima allusão ao meu nome. Terminara a nossa contenda. (1)

II

No admiravel preambulo de Camillo Castello Branco ao meu 1.º volume de *Combates e Criticas*, diz o Mestre, após referencias ao *recontro de polemistas assanhados:*

«Volvidos annos, vi-o e ouvi-o pela primeira vez. Nenhum de nós soltou palavras de resentimento, porque ambos haviamos sido injustos.»

Foi em 1879, cinco a seis annos decorridos após o conflicto. E d'este modo:

Um distinctissimo poeta e meu amigo, Narciso de Lacerda, que então imaginara uma edição dos seus *Canticos da Aurora*, pelo editor Ernesto Chardron, falou-me um dia nas provaveis *difficuldades* de um contracto com o celebre editor, por parte de um auctor novo, não apresentado. Eram pessimas as minhas relações com Chardron — desde a sua edição das *Noites de Insomnia*. Mas lembrei-me de que, horas antes, me dissera alguem: — «Camillo está hospedado no *Louvre*.»

---

(1) De resto, eu já soffrera, de Camillo, retaliação, á conta de referencias injuriosas que se lhe dirigiram na *Actualidade* — e de que eu, iniquamente, passava por auctor.

A tal facto se refere Camillo no seu admiravel Prefacio aos meus *Combates e Criticas*, 1882.

— Vamos lá! disse. E lá fomos, o poeta e eu.

*
* *

O meu bilhete de visita enviado a Camillo chamou-o á sala de visitas do hotel. Apresentei-lhe o poeta e a sua pretensão, muito naturalmente, como a um velho conhecido. Fui tratado como amigo velho.— Que muito estimava ser-nos agradavel e que o *contracto* seria util a Chardron. E que podia Narciso de Lacerda procurar o editor, no dia seguinte.

E assim saiu o bello livro, que fez época, editado por Chardron.

*
* *

Dias depois, recebi de Camillo convite para ir a S. Miguel de Seide. Esperei — já digo o quê. Decorridos mezes, fui visitar o Mestre; e então me perguntou elle porque tardara eu tanto.

— É que não tinha recursos para a viagem. Vim, finalmente, porque estou rico.

Elle sorriu tristemente. E depois:

— «Ha muito que o espero. Quando se lhe abriu a porta de minha casa, estava aberta, para recebel-o, a do meu coração.»

Foi assim.

VII

PROSA DO «CRITICO»

PREFACIO AOS «COMBATES E CRITICAS»

1882

O sr. Silva Pinto não solicitou este preambulo. Offereci-lh'o irreflectidamente, quando o escriptor deliberou publicar um livro chamado *Combates e Criticas*. Depois, como eu lêsse, na collecção de escriptos reeditados, alguns em meu louvor, com hyperboles da sua amizade generosissima, senti-me algum tanto arrependido da espontaneidade d'esta collaboração em um livro onde o meu nome e até a minha dignidade de escriptor tão a miude recebem o caloroso testemunho da bemquerença do amigo.

Esquivar-me á contrahida obrigação, por suggestões de modestia, ou temor de maledi-

cencia, pareceu me falsa ingenuidade e escrupulo excessivo.

Além de quê, o retrahir-me a tão insignificante homenagem aos talentos de Silva Pinto seria malbaratar o excellente lanço de revalidar, com a minha inflexa independencia, o conceito que já formei dos seus meritos, pelo que é da sua litteratura e probidade no processo das nossas relações.

Penalisa-me que em arredadas eras travassemos um recontro de polemistas assanhados, em que, ainda assim, não houve derrotas nem triumphos. Se vencedor sahiu algum, foi Silva Pinto, vencendo-se a si proprio. Elle podia escolher na panoplia das calumnias, que lhe offereciam, armas para uma nova e mais dilacerante arremettida. Não as acceitou. E, quando as infamias anonymas corriam impressas com a suspeita da sua auctoridade, calou o nome do difamador e soffreu em silencio a retaliação. Pois que não pude duvidar d'este bizarro lance de cavalheirismo, admirei o homem na edade menos reflexiva, e deplorei que a sorte não désse áquelle moço de vinte e dois annos medianos confortos da vida, que lhe permittissem arrancar-se á illaqueação dos Aretinos e dos Clavijos, — boas navalhas de mola, mas despontados pelo uso, que se recaldeavam ao fogo de um talento novo e inexperiente.

Volvidos annos, vi-o e ouviu-o pela primeira vez. Nenhum de nós soltou palavra de resentimento, porque ambos tinhamos sido injustos. Dava-se, de mais a mais, uma mysteriosa attracção que nos aproximava: era a injustiça

dos outros. Haviamos soffrido o embate do mesmo colosso — a Idiota, o Moloch das victimas covardes, e reagiramos com uns fracos pulsos, endurecidos e acerados depois pela tenacidade da defeza. Elle tem trinta e tres annos, e não descançou ainda. Nem descansará. Eu, no inverno da vida, distanciei-me, com o meu patrimonio de ironias, sem me esconder, dos fundibularios das encruzilhadas; e, hoje, quando as pedras granizam n'estas carvalheiras, ainda me não demitto de ir á janella, vêr a jovialidade dos scelerados de carnaval.

*
* *

Este livro dos *Combates* são as paginas mais serenas, as treguas mais remançosas das suas pelejas, e as actas dos seus triumphos.

Quantos livros vagarosamente pensados teria escripto Silva Pinto, se a sua juventude houvesse derivado na soledade de uma aldeia, longe das nossas Babylonias de cartonagem, onde, a cada passo, o metallico patear pomposo dos urcos nos convida a encarar de esguelha uns Nababos de redenho e inscripções, duros e frios como o corno da abundancia, que refestelam em frouxeis flaccidos a sua arrogante brutalidade espapaçada? Ahi é que se azedam as coleras dos Vermersch e dos Vermorel, uns epilepticos que, na placidez reportada das suas provincias, viveriam vegetalisados em socegada obscuridade.

As comparações são a desgraça do talento.

Nas varzeas, nas chans largas de ineffavel melancolia, nas montanhas, os enormes rochedos, as grandes arvores — as filhas mais queridas do sol, ruborisadas pelos seus primeiros beijos, e as primeiras a saudal-o ataviadas com as perolas do orvalho — não nos assoberbam, como nas cidades os monstruosos abôrtos de felicidade, que surdem dos connubios do acaso com a velhacaria. As arvores que só uma vez deram o feio exemplo de avançarem contra o regicida Macbeth, são um cordão sanitario contra a peste das coisas e das pessoas. *Tout nôtr mal vient de ne pouvoir être seuls* — diz La Bruyère.

Silva Pinto luctou bravamente. A divisa d'este livro *Combates e Criticas* deveria ser a de Voltaire: *Ma vie est un combat.* Combate de quinze annos, nos reductos mais perigosos das tremendas batalhas em que um homem sósinho, indefezo, se arrosta aos esquadrões cerrados da ignorancia e ás insidias ainda mais formidaveis dos seus camaradas na lucta. Ora, como os deuses nem sempre defendem os innocentes, elle foi obrigado a defender-se de inimigos possantes que tinham na sua hoste *Basilios* varios, uns para a intriga engenhosa, outros para a calumnia clandestina e alguns para a difamação descarada. Afóra isso, elles sabem todos os tramites d'um processo de exterminio que principia no descredito e, quando vinga, acaba na fome e no hospital. Não sei se o meu amigo teve de luctar com tantos *Basilios;* eu por mim, que venho de muito mais longe, conto varios de que me desfiz e se acham

nomeados nas minhas *Memorias d'além tumulo*, no capitulo *Insecticidios*. Foi Seneca, acho eu, quem fallou d'uns vermes ephemeros, que nascem, morrem e apodrecem. Eram os meus.

Mas Silva Pinto não é lugubre nos seus despiques. Antigos e modernos jornaes archivam galhofas suas que inculcam regular digestão de osmazona, e desfecham remoques de quem não faz a sua cerebração com vegetaes baratos. As mercearias não comprehendem isto. O beocio raiva contra o absurdo de que haja gaudio n'estes remadores das galés das lettras. *Quem te deu uma philosophia tão alegre?* — perguntava o conde Almaviva a Figaro. *Foi o habito da desgraça* — respondeu o barbeiro andaluz; — *com receio de chorar, principio logo por me rir de tudo.*

Silva Pinto irritava se de mais, em vez de orientar-se no rasto dos felizes, e tecer com as suas mais setinosas phrases um capacho para os dadores mais ou menos immortees das Cartas de corso na Coisa-publica. Se elle, um pouco saturado do péssimismo de Schopenhauer e Hartmann, confrontasse, com a sua immaculada pobreza a ignominia latente e consciente dos anthropoides cheios de moral... em acções, não trocaria o seu latego de epithetos esquinados pelo desgosto de esmoer em silencio as trufas de director d'uma alfandega, com o seu Juvenal interior amarrado ao estomago pelo calabre das conveniencias. Os seus nervosismos — os seus infortunios aliás abençoados, porque dão ala ao espirito e sagrados direitos á vingança — eram a falta do santissimo,

quando não é infamissimo condão da paciencia, o arnez diamantino que rebate os dardos das contrariedades. É que elle via esfervilhar em volta de si muita somma de philistino ditoso, repleto de boi, impando na sua plethorica hemorrhoidaria, soprando por todas as cornetas de Oberon, — posições bonitas a fazerem-se de consciencias e cerebros sujos, flôres a abrirem-se na côdea das esterqueiras.

*
* *

Quanto á sua litteratura, Silva Pinto não se tem gasto em leituras aturadas de in-folios, e até dos livros manuaes faz pequeno cabedal quando lhes conjectura a intenção ou prevê o remate. São assim os raros espiritos preoccupados da originalidade e febris de idéas fluctuantes que ainda não estão estampilhadas nos armazens da sciencia. Se é romance ou drama que se lhes offerece inculcado pela traição, dado que os ideaes novos lá estejam embryonarios, faz-se mister que o artista, ás primeiras paginas, preluza uma refundição da prata das velhas formulas e nos dê casquinha, para que elles — os superciliosos — se deixem engodar e esquecer, no encanto da novidade, de que o livro tem 300 paginas. Era assim o intrepido talento de Vieira de Castro. Se tinha de discorrer sobre materia condensada em dez volumes, lia uma pagina do terceiro, duas do oitavo, e assimilava em seu espirito a fina essencia de todos; e d'ahi resultara para os que o liam e

ouviam a rara ventura de não se entediarem. Em S. Miguel de Seide tivo o ensejo de verificar que Silva Pinto lia como Vieira de Castro. De manhã repunha nas estantes a dezena de livros que levára á noite para o seu quarto; e todavia não lhe seria difficil demonstrar que os lêra e commentára... com um sorriso desdenhoso e com dez horas de um dormir puro de escrupulos.

Entremos na analyse succinta da sua obra.

No complexo das theorias e applicações que formam o primoroso trabalho *Do Realismo na Arte* predomina como feição de elevada esthesia o alvitre de não derimir no culto do positivismo o sacerdocio do Ideal. Refugam-se as minudencias e os lados triviaes da realidade, pois que o artista descura na escureza inconsciente os lances de vista, as perspectivas em que a natureza das coisas é accessivel a olhos intelligentes. D'ahi o daltonismo psychologico — a doentia ignorancia das côres, á custa de querer materialisar, colorir tudo — as palavras vermelhas, os sorrisos azues, os desejos brancos. Descrevia se hontem a paixão; hoje escalpellisam-na como um musculo pôdre; sopesam-se os actos da mentalidade, calculando-se a porção de phosphoro que arde no cerebro. Se é preciso empégar no lameiral dos vicios inveterados e deshonrar a época em que se escreve, pouco importa a repulsão dos olhos e ouvidos honestos. Cuida-se que os tempos são outros, a humanidade diversa e o pudor um substantivo obsoleto bom para metrificar. Do

Pudor e da Justiça já dizia Juvenal que ambos se tinham safado fraternalmente:

Atque duæ pariter fugere sorores.

Figuram se alvorecidos os evolucionistas em uma aurora de originalidade, e despeitaram a velha arte com trajos de loureiras de ruins baldas, capaz de perverter os velhos abbades do seu culto. As demasias do descriptivo são a chlorose senil do genio. Escassez de acção, de dramatisação, do pathetico, substituida ou contrafeita pela analyse despropositada, é o crepusculo vespertino da Arte. O Romantismo e o Realismo podem symbolisar-se na personalidade psychologica de Homero. A Iliada é a mocidade, a Odyssea é a velhice do poeta. Na primeira, as frementes paixões, tragedias de cyclopes iracundos, a eloquencia olympica das arengas, as implacaveis e terriveis Fatalidades das raças. Na segunda, o atonismo das enormes forças, as fabulas infantis, as descripções ronceiras, estafadoras -- os ventos ensaccados nos ôdres de Eolo, as metamorphoses suinas operadas por Circe, Jupiter alimentado por pombinhos, as narrativas necrologicas e infinitas dos amantes de Penélope, emfim, a vasante do genio. *Os grandes poetas*, diz Quintiliano, o legislador do «sublime», *quando lhes fallece a pujança para o pathetico, descambam, pelo ordinario, em discursadores de costumeiras.*

Retrocedemos ao berço da esthetica e cuida-se que inauguramos um cyclo novo. Sophocles esmerára-se na expressão da materia ator-

mentada. Hercules empeçonhado pela tunica do centauro, e Philoctetes estorcendo-se em arquejos de morte pelas flechas hervadas fazem o assombro e o terror delicioso dos theatros. O sensualismo hellenico via as dôres da alma nas vibrações da carne, como a belleza ideal na perfeição das linhas esculpturaes. Era assim aquelle mundo que convergira em si os esplendores de todas as civilisações. A idolatria da materia, a materia palpitando a nota carnal do sentimento. Exultação e terror, vida e morte pulsavam na musculatura. Depois, no seculo de Cicero, as pinturas realistas de Sophocles anojavam os romanos. Predominava já a sensibilidade moral. O grande orador, traduzindo a horrida scena da agonia de Hercules, expungiu-a da descripção vagarosa, repugnante e repellente dos soffrimentos corpcraes. Era o progresso.

Nas moções dos actos humanos, se não partimos da escóla dos tragicos gregos, chegamos á mesma conclusão — á ausencia do livre arbitrio, aos movimentos reflexos, aos phenomenos mechanicos, á irresponsabilidade. Elles tinham a Fatalidade dos destinos inappellaveis. Œdipo matava o pae e casava com a mãe, Dejanira matava o marido inconscientemente e suicidava-se, Orestes matava a mãe, que matára o esposo ; este esposo matava a filha. Todos estes parricidios, filicidios e incestos se faziam com o mais puro coração e a mais tranquilla consciencia. Era o destino decretado pelos deuses. Nós temos a raça, a transmissão hereditaria, a nutrição, o sólo, o meio, os phenome-

nos naturaes, as influencias indeclinaveis que correspondem á Fatalidade antiga. O criminoso é um automato — um instincto sem vontade; ou, se ella existe, é «a expressão indispensavel d'um estado de cerebro determinado por acções exteriores» *(Moleschott*, Circulação da vida). «A bebedeira, a paixão do jogo, a tendencia ao roubo, ao homicidio, são predisposições hereditarias» *(Lewes)*. «Transmittem-se como a cegueira, como a surdez, como a tisi ca, como o albinismo, como o cretinismo» *(Büchner)*. «Mais procedem os crimes da doença que da culpabilidade positiva. A sociedade que persegue um crime, dura e inexoravelmente, andaria melhor se puzesse a mão na consciencia e cuidasse de averiguar por quaes circumstancias e culpas é causadora do crime contra ella perpetrado» *(Th. Buckle)*. «A sociedade prepara o crime, e o criminoso é apenas o instrumento que o executa» *(Quetelet)*. Portanto, a justiça que o condemna é um abuso escandaloso em que medram os bachareis e os mais officios correlativos que tem as cadeias, problematicamente confortaveis, repletas de victimas do feitio dá sua propria massa encephalica, da sua medulla espinhal, dos seus centros hemispherico e rachidianos, e do seu figado derrancado. Seja como fôr, a sciencia e a arte chegaram aos resultados do velho oriente dos átridas. Principiamos agora a ser gregos; mas foge nos a lingua algumas vezes para moiros.

Tudo é velho. O ideal novo póde dizer com A. de Musset:

Je suis venu trope tard dans un monde trop vieux.

Tudo é velho, gasto e carcomido, excepto a Sciencia positiva — esta perpetua virgindade da natureza. Ella sómente liberalisa fibras intactas a cada novo amante que a requesta. Sempre amada e sempre vestal. O genero humano deve-lhe ineffaveis alegrias doidas, pelo destino que a Sciencia querida lhe assegura. Devemos-lhe a certeza de que, em se nos apagando nos olhos a luz d'este mundo phenomenal, quando tombarmos do infinito do tempo ao infinito do espaço, cada um de nós contribuirá para manumentação da ordem planetaria com um pouco de ammoniaco, outro pouco de gaz acido carbonico e alguma agua. Um galante destino de gazes! E, em obsequio á nossa limpeza posthuma, a amada chimica não nos impõe o tributo do gaz sulphudrico. O' Beatrice, ó Francesca de Rimini, ó Ophelia, em que roliças ancas de aferçurada taverneira está hoje em dia o vosso acido carbonico? O' Julieta — ó eterna e trivial *coquette* da varanda! — quantas rebelliões de vinhos capitosos se tem aplacado com o teu amoniaco! Como é triste pensar-se, ó loura confidente do luar de Verona, qne o teu gaz é menos oloroso que os jasmineiros da tua varanda! Ah! que prismaticas immortaldades creou a Poesia d'uma tragedia, e que fetidas sordicias a Chimica fez com uma retorta!

Mas, se ha temeridade sandia, é querer homem pôr hombros de supporte ao desabafar das velhas coisas. Esta canceração do espirito decadente, entende-se com Silva Pinto, com o leitor, commigo, com todos quantos lêem e escrevem, com todos os que meditam ou se bur-

rificam encharcados na madraçaria. Está no ar.

C'est le Diable qui tient les fils qui nous remuent !
Aux objets répugnants nous trouvons des appas ;
Chaque jour vers l'Enfer nous descendons d'un pas,
Sans horreur, à travers des ténèbres qui puent. (1)

O cancro está na ideologia, na ethica, na sub e objectividade, no consciente e no inconsciente, no immanente e no transcendèndente, na grammatica, e até na propria rhetorica parlamentar — na infame rhetorica que os ideaes novos detestam.

Ha vinte annos, um deputado bem portuguez, se quizesse significar que o ministerio cahido tinha as suas horas contadas desde que praticou um certa irregularidade sanguinea contra a Carta, declamaria, bebendo em fonte grega: *Ajax injuriou os deuses. O blasphemo estava condemnado. Na lamina da propria espada esperrou o sangue do impio. Elle cahiu no orco!* E, um d'estes dias, um deputado por Barcellos, muito azedo, para exprimir rubramente que o partido progressista começára em ancias de morte. desde certa occasião de pancadaria, citou a NANA, sem a nomear, com um resto de candura assás pudenda e minhota. E, expluindo, disse: *Eu li, já o disse uma vez* (elle já o tinha dito um vez, de mais a mais !) *Emilio Zola, e vi lá uma mulher inpudica, que fez com que um seu amante derramasse por ella o*

(1) Baudelaire.

seu sangue, suicidando-se. Essa nodoa de sangue á porta do quarto d'essa mulher foi o ponto de partida para a sua decadencia. Depois, applicando a ventosa, explica: *E a nodoa de sangue nas pastas d'esses ministros, foi quem os intimou a sahir do poder* E a camara, n'uma grande explosão de cretinismo: *Muito bem! muito bem!* O ex-ministro do reino, o snr. José Luciano de Castro, instrumento sinistro da sangria aberta nas massas, vendo-se comparado á *Nana* á *margoton* á *lolo*, á *punaise* á *boulevardière pierreuse du quartier Notre-Dame-de-Lorette* devia sentir-se bisexualmento véxado entre o masculino e o feminino n'aquelle hermaphrodismo que lhe dava a lubrica rhetorica do Cávado. Que incendios de rubor ameaçam o impolluto snr. conselheiro Adriano d'Abreu Machado no dia em que o mesmo praxista de Zola e Daudet o tratar de *cocodéte*, de *biche*, de *paillasse de corps de garde!* O' Ferreira Borges, ó Fernandez Thomaz ó Rodrigo da Fonseca, ó Garrett, ó José Estevão! Vejam vossês! A *Nana* no parlamento com escala por Barcellos! *Zut!*

Não se resiste, pois. O mais que podemos e devemos, ó grandes relaxádos, é afivelar a mascara hypocrita da decencia.

*

* *

O artigo do *Estado do Theatro em Portugal*, como preliminar de criticas dramaticas, realça em luminosas e amarissimas verdades de

bom criterio. E' um repto enviado ás reputações panicas dos defuntos perdoados porque estão defuntissimos, e aos vivos na efflorescencia da gloria e na petulancia do *lorgnon*, — ás celebridades juvenis e luxuriantes que afôfam cadeiras nas Academias e vão desde o *Pote das-Almas* ao templo dos immortaes com a *moustache en croc et l'esprit en pointe*. A luva levou sumiça entre a papelada dos escriptorios em que se fabricam as nossas immortalidades de tres semanas; mas a Arte foi vingada no no protesto abafado pelo ficticio menospreço que devêra chamar-se pusillanimidade calaceira, se não fosse antes uma ignorancia primitiva. O protesto de Silva Pinto é unico; e a historia incorruptivel da litteratura dramatica portugueza n'esta ultima dezena de annos tem outras paginas que fiquem.

Nas criticas theatraes, Silva Pinto passa de justo a severo e intransigente como o seu dilecto G. Planche. Resente-se da leitura apaixonada d'este iconoclasta: mas nnnca desatrema de uma singular integridade, tanto ou quanto mareada pelos mordentes beliscões da sua adjetivação. Revela esclarecido discernimento na experssão plastica e não menor alcance psychologico e selecto juizo quando invectiva a contextura romanesca, de pacotilha, as phantasias em terceira mão, as pompas do palanfrorio, os epithetos parasitas e os *tours surannés* do *Saltimbanco*. E poucas pagina ávante aquilata sem hyperbole o merecimento progressivo do mesmo dramatugo, no *Luxo*. Este honrado dever cumprido com as duas obras do mesmo auctor,

raro se exemplifica. Por via de regra, duvida-se da pontualidade da critica austera que permitte a um dramaturgo, desastrado em hora esquerda, aragem de inspirsção que o regenete.

Charles Monselet criticou causticamente um drama de E. Augier. O poeta exigiu satisfação a tiro. Duas balas discretas assustaram apenas uns pintarrôxos que teciam os seus ninhos, em abril, no bosque de Saint Germain. *Il importe d'ajouter*, diz Monselet, *qu'on ne déjeunat point.* Não almoçaram, nem sequer se comprimentaram. E d'ahi por diante. se Augier fazia acaso um bom drama como *Maitre Guerin*, o critico desentranhava-se em louvores; se o drama era ordinario como *Philiberte*, todos os raios e coriscos da glottica franceza.

Talvez pareçam desatadas por extemporaneas n'este livro as apreciações da italiana Paladini. É facil defender o encadeamento d'esses artigos n'esta lavra de omnimodo criticismo. A individualidade da actriz pouco monta: ella passou com os seus meritos e demeritos; o que subsiste é a Arte dando um vitalismo duradouro á obra do critico. J. Janin não incensou sempre com lisonjarias a encomiada Rachel, cujas imperfeições lhe punham ditos destoantes em sua condicional admiração. Os folhetins do integerrimo analysta abespinhavam *les chevaliers du lustre* — a claque da empresa, — e os cavalleiros do camarim, a claque da sentimentalidade. Janin, todavia, já pela sua independencia, já pela sua gordura, era alheio a ambas as cavallarias, e pugnava devotamente

pela arte scenica, pela expressão genial do sentimento ; e das jaças d'aquelle brilhante da rampa fez em obsequio á Arte o codigo com que se educaram a Victoria, a Rosa Chéri, a Anaïs Fergueil e as duas Brohan.

Na apreciação do caracter de Izabel de Inglaterra, mal compreh ndido ou nem sequer estudado por Paladini, o sr. Silva Pinto inflora a memoria da filha de Henrique VIII com as grinaldas cultivadas por Hume e Prescott ; é, porém, cruel com Maria Stuart, quando a capitula de *barregã* e *dissoluta*. As modernas explorações dos archivos, trezentos annos cerrados á averiguação de mais luminosa exegesse, espancaram a escuridade que se embasteceu á volta de um nome execrado. Para a sua condemnação leram-se as cartas apocryphas que o falsario Buchanan forjou ao tempo que a viuva de Francisco II, na masmorra de Lochleven, não podia refutal as. Essa correspondencia entre a rainha e Bothwell, era o adulterio, o conjucidio pelo incendio, a protervia superior ao barbarismo do seculo. Depois, ha annos, um professor de historia, Wiesener, escreveu uma longa e quasi cansativa Historia de M. Stuart, que, em compensação do fastio, nos infunde a certeza de que a victima, longos annos espiada, da filha de Anna Boleyn, era uma desgraçada, com todas as imprudencias de rapariga da côrte de França, sangue dos Guises, escóla de Medicis, irrequieta, ardente, vingativa sem persistencia na vingança — mas nem adultera, nem barregã, nem cumplice na morte do segungo marido, nem voluntaria na

ignobil alliança com o terceiro. A justiça rehabilitadora da má rainha que expiou com vinte annos de carcere e com a decapitação a sua incapacidade para reinar e a sua caprichosa pertinacia catholica, ella ahi está sem impugnação na corrente da Historia, com direito a uma grande piedade (1).

N'estas criticas de theatro ha uma de menos relêvo e mais moderna que entende com a comedia do sr. Teixeira de Queiroz, intitulada *O Grande Homem*. A parte sisuda e substancial da critica é justa, porque a comedia, sem embargo de filiar-se em um grande talento de observação, nem é boa, nem eu sei se, nas condições ideaes em que foi gerada, poderia ser melhor. A quem architecta uma comedia «politica» urge a necessidade de gizar o enredo com personagens mais ou menos comicos, jogralescos até; por quanto, a politica, transferida, tal qual é, a dos parlamentos, dos escrutinios e dos seus latibulos da intriga, para o palco, perde a sua caracteristica de grutesco convencional entre as opposições. Os elementos da politica podem ser ruinosos, ineptos e deploraveis; mas nunca são irrisorios na accepção genuina do vocabulo. A politica d'um circulo rural póde dar pabulo ao riso, pela casaca do regedor e pelo cabrito assado do candidato; mas a politica geral é séria, porque é a historia militante das nações. Ora o «ridiculo»

(1) *Marie Stuart et le Comte de Bothwel*, par L. Wiesener, professeur d'histoire au Lycée Louis-le-Grand. Paris, 1863.

do proscenio reclama que os personagens da comedia sejam elementos da farça hilariante, á custa da verosimilhança. Se os trasladarem da vida real, com os enxovalhos do *humour* folliculario, no theatro com certeza não fazem rir. É a sala ficar vazia, pelo idoneo motivo de que em dois jornaes de 10 réis, de politica entre-hostil, o publico acha quotidianamente a revidação reciproca das injurias, e a delação dos desatinos, dilapidações e ladroeiras em que a franqueza briosa, com uma honesta galhardia digna de Grecia e Roma, chega a escrever em versaletes os nomes dos ladrões. E é isto o que a comedia do sr. Teixeira de Queiroz não ousa fazer com o desplante de Aristophanes, e com o administrador no camarote e o rei na tribuna e a policia na geral. Os Petronios, os Tigellinos e os Verres, todos em cuécas, da politica portugueza são sempre anonymos na ribalta. O publico assim não se entretem, não desopila o figado, não aprende coisa que preste. Na França, onde se fazem dramas d'alta politica trovejante de objurgatorias, como nos *Effrontés*, no *Fils de Giboyer* e no *Gendre de M. Poirier*, as platéas espreguiçam-se, bocejam. *Je regrette*, diz o iliustre critico de um d'esses dramas, *d'être obligé de me desacoutumer à regarder le théâtre comme un lieu de refuge, comme un asile de distraction et de plaisir. C'est me donner un vernis bien burgeois, mais enfin j'avais l'habitude d'y aller, — comment dirai-je cela? — pour m'amuser; faut-il donc que j'y aille à present pour entretenir mes ressentiments ou raviver mes sympa-*

thies politiques? Com certeza. O algibebe da Baixa não quer ir enfuriar-se ao theatro contra o sr. Barros e Sá, porque elle judaizou na Lusitania, quando foi rabbi no governo, e espalhou a sua tribu, fazendo d'este paiz catholico uma synagoga, cheia de judeusinhos prolificos — e da patria d'el-rei D. Henrique, o *Inquisidor*, um restaurado reino de Israel. Que elle por pouco não convertia a propriedade do senhor D. Luiz I em monarchia de Saul. Em parenthesis: A christandade portugueza, incluindo os theatros, apenas consente que, em homenagem ao seu rei, se admitta do reino d'Israel um simile rhetoricamente lisonjeiro, permittindo que se chame a Portugal a «Monarchia de Salomão» no sentido de sabedoria, entende-se; mas, pelo que respeita ao orientalismo das setecentas mulheres do outro real sabio, os sete céus e as onze mil virgens defendam a casa de Bragança, como todos havemos mister.

Engenhou pois o meu amigo Teixeira de Queiroz uma comedia de um monomaniaco grutesco e não de caracter com individualidade. Depois, o desnaturalismo nacional. Um jornalista que faça discursos — para o deputado declamar no parlamento — não é refractario aos bons costumes. No *Fils de Giboyer*, *Maréchal*, o deputado ridiculo, recita os discursos que lhe escreve o jornalista *Gerard;* — tal qual como *Alberto de Cerveira* ao *conselheiro Pontino*. Mas *Maréchal* não é um palerma goliardo como *Pontino:* é uma enxertia de *M. Prud'homme*, que sahiu do mesmo garfo, tão explo-

rado e tão fertil, do *conselheiro Acacio*, do sr. Eça. É inverosimil que o idiota *Pontino* em Portugal fosse tolerado a pensar e a conversar fóra de uma botica desacreditada do Bairro-Alto.

A comedia, para sahir boa e prestante como correctivo, deve ser um espelho em que o espectador veja os seus ridiculos. *On ne puet corriger les hommes qu'en les faisant voir tels qu'ils sont*, diz Beaumarchais. Nos camarotes de *D. Maria*, no espectaculo *d'O Grande Homem* apenas se presume que estivesse o *visconde da Carregueira*, protestando com um sorriso velhacaz contra a aleivosia do auctor que o punha debaixo da mesa, tendo elle *Carregueira* a certeza de que, se houve escondedoiro, foi debaixo da cama do *conselheiro*.

Não obstante, a peça de T. de Queiroz tem logar distincto n'uma secção da nossa historia politica. Assim como as comedias de Aristophanes, juntamente com as tragedias do Eschylo, Sophocles e Eurypedes, completam as Historias de Xenephonte e Thucydides, não será desacerto assentar que *O Grande Homem* é um documento complementar da historia contemporanea *tintamarresque*, como ella se professa nos periodicos illustrados de caricaturas.

Revelem se-me tamanhas delongas no juizo peosoal de um drama sobejamente aquilatado por Silva Pinto.

*

* *

Os doutrinarios no assumpto *propriedade lit-*

teraria usam argumentar com a pacata serenidade syllogista de academicos bem enroupados e fibrinosamente nutridos. Em Silva Pinto o mesmo assumpto dá umas paginas frias e sombrias como a fatalidade; ferem se ahi as cordas dolentes da elegia e até as ironias tem uma plangencia tragica. As angustias do genio esvaído na penuria, no desprezo e na insulação vasquejam no commovente naturalismo que falta ao drama romantico de A. de Vigny e ás dilacerações um pouco phantasticas de Gilbert e Malfilâtre. Sublime apostrophe ao destino surdo e cego!

*
* *

Como é bem de vêr, Silva Pinto tem pouco de seraphico, e quasi nada de mystico. Nas theses que discute nervosamente sobre pertensas theocraticas (*Jesuitas*, *Padre Gabriel*, *Homens de Roma*, etc.) dedilha um teclado forte que eu temo grandemente pelas desharmonias tympanicidas que é costume dar de si a questão. O desenvolvimento de similhantes desavenças com o clero lusitano é perigoso para quem tem inimigos intimos, dependencias, coisas. A' meia volta, chamam impio ao homem que não possue a facidade da fé e da candura de Pascal, como se a impiedade não fosse a transgressão dos preceitos de Deus, que se confessa por dogma. Desde o momento que um sincero discipulo de Comte disser que Deus é uma phantasia creada pelos homens, esse tal não é *impio* — é simplesmente *incredulo*. Lord Brou-

gham esclarece o ponto... *If a deist, one who disbelieves in our Saviour being either the Son of God as his prophet upon earth, shall argue against his miracles, or ridicule his mission or his person, he commits no blasphemy; for he firmly believes that Christ was a man like himself, and that he derived no authority from te Deity (Lives)* Voltaire, em arrancos de morte, ouvia os brados asperrimos d'um cura: *Confessae que Jesus Christo era Deus.* E o philosopho agonisante: *Em nome de Deus, peço que me não fallem n'esse homem.* «E morreu como um impio!» exclama a sacristia. Ah! não. Morreu puro desista, confessundo Deus, em nome de quem pedia ao cura que o não comparasse com um homem. E, concedido ainda que negasse a divindade do Filho — logo que reconheceu a do pae amantissimo e misericodioso, o seu erro devia ser uma venialidade no supremo juizo.

E aqui me estou enviscando na esparrella que me armaram as peças theologicas do meu amigo Silva Pinto! A meu vêr, é melhor deixar a cleresia á acção dissolvente do tempo. Ella sustenta a anarchia moral e intellectual do mundo catholico que principiou a desabar ha quatro seculos. Tão vagarosas são as jornadas da Civilisação, pelas amplas avenidas que lhe abriram o protestantismo religioso de Luther e o protestantismo philosophico de Descartes! Assumiram um peso de responsabilidade com que não podem, os padres, de mais a mais com a sobrecarga da sciencia intransigente. Entretanto, procuremos o que quer que

seja nas absconditas profundezas do mundo moral. O *Grand Être* da religião positiva de Littré é uma porção selecta da Humanidade: — são os espiritos de eleição. Com o ouvido attento, suspendamos o nosso labio maravilhado, no labio verboso dos grandes espiritos.

Perpasso outros contingentes do livro, quer litterarios, quer de historia, que não se discriminam nem pospõem por inferioridade de merito. Pelo que respeita ao *Emprestimo de D. Miguel*, o sr. Silva Pinto leva o amor de filho a não consentir que a sua mãe-patria viva de calotes. E ella, a Patria, a dôce mãe babada de gozo:

— Querido, amado filho, senta-te á mesa do Orçamento, que eu vou mandar que te sirvam o caldo negro de Sparta, para te fazer um duro spartano!

Como republicano radical, Silva Pinto rejeita a questão dos monarchas e ventila sómente a probidade dos contractos representados pelas nações. Tem razão. D. Miguel não digeriu ceitil dos 40 milhões de francos emprestados a Portugal. O meu querido amigo Thomaz Ribeiro, em um livro de jurisprudencia analoga, defende a massa fallida, com o seu victorioso talento de causidico. Cada um no seu ponto de vista. O grande poeta, como monarchista, demonstra que D. Miguel de Bragança era apenas insoluvel, um caloteiro involuntario. D'est'arte salva o pundonor da dynastia. E, descrevendo tragicamente a baixeza a que nos tem descido os Migueis e os Pedros, incute o appe-

tite de, n'uma explosão de polvora bombardeira, com um pouco do odio rabido e inflammatorio do monarcóphago sr. Gomes Leal — diante de quem e do javali de Alvito tremeu espavorida a Magestade —, fazer estilhaçar este alfôbre dos Joões e dos Affonsos — uns sujeitos que se conservam na lembrança da nação, para haver sempre um razoavel pretexto de escrever Historias de Portugal para uso dos lyceus. Elles fazem-se notaveis pelas antonomasias de *piedosos*, de *perfeitos*, de *castos*, de *formosos*. E tambem ha *gordos*. «Gordos» é que elles deviam chamar-se todos.

O leitor começa a enfastiar-se d'este aranzel em que, a espaços, basofeam uns ares pedagogos, certo preponderantismo, a pitada erudita. Queira desculpar. Ha poucas semanas que um reverendo sr. padre Coisa de Braga — producto de uma *cellula primordial* (veja *Beaumgärtner)*, lá escreveu e decidiu que eu não tenho alguma auctoridade litteraria. Que não vá elle agora commetter a iniqua bestialidade de escrever que eu me estou impondo auctoritariamente.

Direi mais duas palavras que abranjam em resumo o juizo que fórma da litteratura do auctor dos *Combates*. O seu estylo tem, de par com a elevação eloquentissima, uma nitida clareza — o *verniz dos mestres*, como disse não sei quem. Usa phrases compostas de sarcasmos e pontas de agulhas, e bom peculio de antiphrases ironicas. E muito bilioso na polemica, arrebatado, critico de rija tempera, subtil na

analyse, muito perspicaz de relance, pouquissimo caroavel de periphrases e circumloquios, com uma temeridade sempre bem sorteada de viajar largos estadios de litteratura, sem grande bagagem de expositores, e com as melhores armas de combate, muitas vezes ao serviço da verdade, e algumas vezes, com rara dexteridade, ao serviço do paradoxo. Tem ditos originaes, finos botes de esgrima faceta que se vão generalisando em outros escriptores. Ainda não conquistou a *popularité populacière*. Para isso falta-lhe escrever mal. A sua correcção ataviada a primor, e os donaires não espaventosos da locução resabem a uma fidalguia suspeita á ralè. De Edgard Poe dizia T. Gautier: *Il avait le malheur de bien écrire, ce qui a le don a'horripiler les sots de tous les poys.*

Finalmente, em uma nacionalidade grande, capaz de antognismos e tempestades de idéas, onde as instituições perigosas e os homens nocivos devessem ser derruidos a catapultas de estylo bem hervado de escarneos e ironias, Silva Pinto seria um pamphletario como o conde de Chesterfield *(Letters of Junius)*, como Paul-Louis Courier, como H. Heine, como Cormenin. Mas em Portugal, onde tudo vae apodrecendo pacificamente, a satyra não deve passar de bisnagas com agua de Labarraque.

Camillo Castello Branco.

S. Miguel de Seide, 27 de fevereiro de 1882.

OS «CANTICOS DA AURORA»

POR

NARCISO DE LACERDA

O meu dezembro álgido está tão longe d'este abril fiorido de Narciso de Lacerda, que mal posso avocar reminiscencias de mocidade, para me sentir viver da seiva, ás vezes de lagrimas, que fez desabotoar essas grinaldas. Lembram-me uns versos antigos que são uma advertencia sensata ás almas marasmadas e aos olfatos em atrophia que desdenham as florescencias e os aromas. Os versos são de Camões rapaz aos criticos encanecidos:

... quando lerdes,
Entendei que segundo o amor tiverdes
Tereis o entendimento de meus versos.

Um poema lyrico para um velho, sinceramente e conscientemente velho, é uma esphinge. Se dá ares de percebel o, o impostor é como um surdo que gesticula de cabeça com pretenciosa intelligencia das harmonias que não ouve.

O que eu ainda conservo é — não direi a percepção nitida dos aromas, mas a dos matizes das flôres, isso parece-me que sim. Se me não deleita ou penalisa o pensamento amoroso, pela correspondencia que abre com o meu espirito, applaudo a fórma escorreita ou reprovo as deformidades. Sou um formalista, ou, se

m'o consentem, um grammatico com certos pruidos de rhetorico.

Os *Canticos da Aurora* teem paginas em que a subjectividade, o lyrismo pessoal repta a inflada escóla do Ideal politico, em nome do romantismo apupado com palhaçadas. Em outros lanços do livro, Narciso de Lacerda communga na iniciação do Ideal novo, orienta-se na linha revolucionaria, abeira-se das arestas dos abysmos e das ourelas dos pantanos. Eu disse o «Ideal novo», sem querer reconhecer e suffragar um defuntissimo «Ideal velho». N'estas poesias juvenis, arpejadas na melopêa melancolica da antiga sentimentalidade de Vigny e Lamartine, vejo o Bello, com a sua formosura primaveral, sempre enverdecida por maviosas lagrimas, ou nol-as dê a mágoa propria ou a desfortuna alheia. Não há Ideaes de vitrine nova, nem Ideaes de anachronico *bric-à-brac*. O Bello é um. *Si vis me flere:* se queres que eu me commova, commove te. Se me commoveste, o teu livro é bom, póde dar-me a sensação regeneradora, a intuscepção do bem e do mal. Se o teu Ideal é revolucionario, se, a pretexto de melhorares a minha sorte e a dos meus irmão descontentes, pões Proudhon em alexandrinos e me envias politica com o carimbo de V. Hugo, sou a dizer-te, visionario poeta, que a ilha Atlantida, e a Salento de Fenelon, e a cidade do Sol de Campanella teem mais direito a entrarem nos compendios de geographia que os teus versos nos processos da perfectibilidade humana.

As formosas theorias do *Dever*, malogradas

nos honrados livros de J. Simon, não me parece que tu as refaças e vingues da indifferença publica, mediante a sonoridade rhythmica dos teus adjectivos vermelhos e das antitheses já tão puidas que mais parecem ter o *cachet* de Gongora que o dos *Châtiments*. Que lucramos nós, se a tua musa aquilina se peneira sobre marneis paludosos e faz um grande arfar de azas estridentes, e depois ella ahi vai, nuvens acima, pelas profundezas do azul, e some-se de modo que nós, os espectadores pedestres, temos de continuar a fabricar bezerros, para possuirmos um qualquer Ideal? O que nos deixam cá em baixo, ás abas do Sinai, é a photographia das cousas hediondas; mas isso que monta? Nem Baudelaire consentia que em taes condicções o alcunhassem de realista.

Nas poesias do sr. Narciso de Lacerda ha uma dualidade, que Silva Pinto, no magnifico prefacio d'este livro, exprime judiciosamente: *O poeta, com uma lealdade corajosa, apresenta-nos no seu livro a dupla miragem do seu espirito: o labor dependente, subordinado a alheio exemplo, e o fructo, espontaneo e vigorosamente accentuado, da inspiração genial.*

Mas a inspiração genial é a que nos dá o quilate da sua vigorosa naturalidade, e as notas rejuvenescidas sobre os velhos themas do amor filial — uma das grandes — a maxima riqueza moral d'este livro. O que ahi ha reflexo dos srs. Quental e G. Junqueiro, nos seus poemas ataviados á feição das objurgatorias de combate, isso foi o que me pareceu mais descasado, mais postiço na indole do poeta. Por

amor da escóla, vieram á barra os padres; e, dado que Narciso de Lacerda exceptuasse a Providencia das suas objurgatorias de Ajax e Juliano Apostata, assim mesmo as azas da sua musa, que aflam por vezes tão serenamente nos paramos lucilantes das estrellas beneficas e baixam a trazer-nos o amor a Deus e aos homens, parecem arquejar hystericas, quando roçam pela batina do clero. Foi a imitação. Foi a desculpavel vaidade de mostrar que seria muito do seu tempo, se o quizesse ser.

Um elegante poeta brazileiro e prosador de primeira ordem, o sr. Machado de Assis, que não inveja primores de linguagem aos mais corretos, e primores de bom juizo aos mais reflexivos pensadores, conclue assim um optimo artigo intitulado a *Geração nova*, impresso recentemente na *Revista Brasileira:*

«Geralmente, a mocidade, sobretudo a mocidade d'um tempo de renovação scientifica e litteraria, não tem outra preoccupação mais do que mostrar ás outras gentes que ha uma porção de coisas que estas ignoram; e d'ahi vem que os nomes ainda frescos na memoria, a terminologia apanhada pela rama, são logo transferidos ao papel, e quanto mais crespos forem os nomes e as palavras, tanto melhor. Digo aos moços que a verdadeira sciencia não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o modo efficaz de mostrar que se possue um processo scientifico, não é proclamal-o a todos os intantes, mas applical-o opportunamente. N'isto o melhor exemplo são os luminares da sciencia; releiam os

moços o seu Spencer e o seu Darwin. Fujam tambem a outro perigo, o espirito de seita, mais proprio das gerações feitas e das instituições petrificadas. O espirito de seita tem fatal marcha do odioso ao ridiculo; e não será para uma geração que lança os olhos ao largo e ao longe que se compoz este verso verdadeiramente galante:

«Nul n'aura de l'esprit, hors nous et nos amis.»

Estas sensatas reflexões, não as trasladei a fim de insinual-as no espirito do sr. Narciso de Lacerda. Eu, na sua obra poetica, não vejo desvanecimentos de seita, nem o frio proposito de uma orientação concertada e engenhada a certas fórmulas litterarias de puro convencionalismo. Este livro é a aurora de um talento florecido na sazão propria; e é mais que uma esperança,—porque Narciso de Lacerda, muito na flor dos annos, já não carece do tempo, nem das caricias da fortuna (leia *dos favores dos noticiaristas)*, para ser considerado um dos nossos melhores poetas.

C. C. B.

VIII

PROSA DO «PENSADOR» E DO «ARTISTA»

Após a demonstração dos poderosos dotes do *critico*, — que ahi fieam nas precedentes paginas, — cumpre registrar a envergadura do *prosador* — assim nas meditações do *philosopho*, ou do *crente*, como nos descriptivos do *artista*. Incomparavel sempre, quer pelo potentissimo vôo genial — o contrario da orientação scientifica, do *osso para caldo*, — ou pelos esplendores opulentissimos da prosa! E justamente se reproduz trabalho do seu espirito, produzido em épocas umas de outras consideravelmente afastadas. Camillo Castello Branco, emquanto suppostos inovadores arquejavam ao pezo de imaginarias responsabilidades, parodeava, zombando, a innovação; mas succedia que, á meia volta, o *imitador* assenhoreava-se do processo — e os *outros* passavam á segunda fila! É incontestavel e será incontestado a valer.

*
* *

(Do «Amor de Salvação»):

«Não longe da obscura paragem de Affonso de Teive, á margem do córrego chamado Péle, riacho, que pela primeira vez, é revelado ao mundo em letra redonda, assentei eu a minha tenda nómada. A minha tenda são uns vinte volumes, um tinteiro de ferro e um cabo de penna de osso, que me deram n'outro ponto do mundo, onde ha quatro annos assentára tambem a minha tenda, — ponto do mundo que por um singular acaso implicava ao meu sestro vagabundo: era no anno do Senhor de 1860, nos carceres da Relação do Porto, o menos conveniente dos paradeiros para homem de gostos impermanentes em objecto de aposentadoria. Isto, sem embargo, não impedia, que esta minha tão querida penna, tão amiga confidente d'aquellas trezentas e oitenta noites — de janeiro todas, que lá a dentro dos congelados firmamentos de pedra reina perpetuo inverno, e giam as abobadas, não sei se lagrimas, se sangue, se agua represada nos póros do granito, — não impedia, vinha eu dizendo, que a minha penna, com o seu incansavel fremir sobre o papel, me aligeirasse as noites, e aos assomos da alvorada me convidasse para a banca do trabalho, que foi o meu altar de graças ao Senhor, e o confessionario onde abri minha alma ao perscrutar do anjo providencial que me dava a uncção dos athletas e dos gran-

des desgraçados, para mais affrontosos e excruciadores supplicios.

Os meus vinte volumes, e o meu tinteiro de ferro, estão hoje sob o tecto gasalhoso d'uma alma que eu n'outras eras encontrei na minha. Não sei ha que seculos isto foi, nem que congerie de abysmos nos separam para sempre. Parei aqui, porque ainda aqui, a tempos, se me figura rediviva a imagem do passado, ainda aquella alma se me hospéda no coração em instantes de sonhos do céo, ainda a pedra tumular das affeições, cahidas á voragem infernal do desengano, está pendida sobre a derradeira: que a saudade é ainda um affecto, um excelso amor, o melhor amor e o mais incorruptivel que o passado nos herda.

A casa, onde vivo, rodeiam-na pinhaes gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas. Este incessante soido é a linguagem da noite que me falla: parece-me que é voz d'além-mundo, um como borborinho que referve longe ás portas da eternidade. Se eu não amasse de preferencia o socego do tumulo, amaria o rumor d'estas arvores, o murmurio do córrego onde vou cada tarde vêr a folhinha sêcca derivar na onda limpida; amaria o pobre presbyterio, que ha trezentos annos acolhe em seu seio de pedra bruta as gerações pacificas, ditosas, e incultas d'estes selvagens felizes que tão illuminadamente amaram e serviram o seu Creador. Amaria tudo; mas amo muito mais a morte.

Aqui, se Deus se amercear de mim, embargando o passo ao anjo exterminadôr, que de

continuo me assalteia os aditos do meu eden de quinze dias, aqui escreverei, com quanta fidelidade a memoria me suggerir, a narrativa que Affonso de Teive me fez.

Seis mezes ha que se fez noite no meu espirito. Por arrebatados impetos de quem quer furtar-se ás garras de um imaginario dragão, tenho fugido para defronte do meu tinteiro de ferro, e avocado as graciosas imagens, filhas do céo, que, nos dias da mocidade fermente de más paixões, me refrigeravam a fronte e disputavam ao encanto do mal, psalmeando-me o hymno de amor ao trabalho. O perdimento d'esse amor foi a suprema provação, a forja ardentissima em que minha alma foi lançada á voracidade d'um fogo depurante. Mas, no interior, por tudo em que sombreava a negrura do coração, eram tudo trevas, frio, lethargia, esquecimento.

Não sei de que futuro abril do meu porvir me veio esta manhã um bafejo aromatico de flôres, umas ondulações de luz, que me pareciam as da minha juventude. Tudo me visitou, como em mãos do fugace archanjo do contentameuto. Passou o nuncio mysterioso, passou depressa, mas o meu espirito ergueu-se alvoroçado a saudar o sol de Deus, do Deus immenso que na immensidade dos seus mundos ainda guardará para mim um quinhão de alegrias parcas e modestas, as que unicamente podem dar consciencia repousada, prelibações de bemaventurança e honrada alliança com os homens.

Penso que estou escrevendo as tuas palavras,

ó meu amigo, redimido a lagrimas, a ultrages, e a desapêgo do mundo. O clarão, que hoje alumiou a minha alvorada, seria porventura um reflexo das tuas alegrias. Ha dias me disseste: «Sabes tu o que é ter um Deus, que nos es-«cuta, que nos reprova, que nos povôa o es-«paço onde a alma insaciavel do homem en-«contra um vazio horrendo, uma respiração «afflictiva?» Querias tu dizer-me que orasse? A ti o confesso em grandes enchentes de consolação, e ao mundo o confessarei sem o impio rubor dos miseraveis que perderiam sua alma antes que a irreligiosidade os escarnecesse! Orei, meu amigo; porque, num dos mais apertados trances de tua vida, quando m'o acabavas de contar, interrompi o teu silencio, perguntando:

— E que fizeste depois?

E tu respondeste-me:

— Depois, Orei»

*

* *

(Do «Amor de Salvação»):

«Relumbravam no alvor das faces de Theodora olhos negros, não vivos, antes morbidos, como se a queda das longas palpebras, iriadas de veias azuladas, lhes vedasse o raio de luz em cheio que rebrilha, aquece, e regira os globos visuaes. Do nariz diremos que, n'esta feição, a mais rebelde aos desvelos da natureza, tão extremada se mostrára ella, que baste lhe fôra aquella perfeição para desmentir os que a

taxavam de desprimorosa. Em labios, não sei se me valha das figuras antigas — rosas e coraes, romãs e carmim—se me avenha com esta verdade prompta e fluentissima que d'um traço copia como o pincel, e d'uma phrase exprime tudo, como em phrases de Castilho: «era um osculo perpetuo da innocencia » Como isto sae bem na musica da expressão; e que bello seria o mundo, se as boccas formosas estivessem sempre absorvidas no osculo perpetuo da innocencia! Ó Theodora, se tu então morresses, o teu rosto trasladado em marfim, ainda agora nos seria a imagem dos labios nunca despregados do beijo d'algum anjo, resabiado ainda da voluptuosidade dos anjos mal-avindos com o candor celestial. Mas tu cresceste, e deformaste-te, ó crysalida! A tua essencia do céo vaporou para lá, no alar-se de alguma virgem irmã tua, que o Senhor chamou na ante-manhã do primeiro dia nebuloso de sua vida; e o que de ti ficou foi a formosura e a desgraça da mulher.

Mas, afóra a essencia pura do céo, esbelta, que peregrina mulher cá se ficou a ostentar as galas mundanas, esse opulento nada que desaba do altar da nossa idolatria a um roer surdo de vermes e podridão!

Esta ultima palavra tolhe-me de continuar a descrever Theodora. Esmoreceram-me os espiritos. Cahi da minha phantasia na lagôa fétida da verdade. Achei-me como ás margens d'uma sepultura regelida do gear de uma noite de dezembro. Parou-me o sangue no pulso, inteiriçaram-se-me os dedos, e a penna desprende-se.

Assobia o nordeste pelas arestas dos jazigos, e remexe e sacode de sobre esta pedra umas corôas humidas de orvalho, crystalisado em lagrimas; são corôas de perpetuas sagradas á formosura, que se julgou immorredoura, á sexta hora do seu breve dia. Lá vão as corôas no bulcão do vento; lá vão esgalhadas as frondes do chorão e do cypreste; lá vai tudo; a memoria dos vivos lá se foge tambem desta sepultura: tudo foi: só tu ficaste, ó Cruz!

*
* *

(Da «Brazileira de Prazins»):

«O Zeferino era afilhado do morgado de Barrimáo, um major de cavallaria, convencionado em Evora Monte, miguelista intransigente, mas cordato. Vivia no seu escalavrado solar, com um irmão egresso benedictino. Fr. Gervasio, muito cevado e inerte, continuava em casa a sua missão monastica. Era um contemplativo. Não se lia senão no livro da Natureza. Se não dormia, estrumava o seu vegetalismo com muitos adubos crassos de toicinho e capoeira, com um grande farfalhar de mastigação, porque dispunha de dentadura insufficiente. Tinha outro signal ruidoso de vida — era um pigarro de catarral chronica, arrancado dos gorgomilos com tamanho estrupido que parecia ao longe o grito rouco de um estrangulado, no 5.° acto de um drama de costumes. A velha creada da co-

zinha, muito flatulenta, nunca podéra afazer-se ás explosões d'aquella garganta escabrosa de mucos empedrados. Quando o grasnido asperrimo de pavão lhe feria os ouvidos, reboando nos concavos tetos dos salões, a mulher estremecia e raras vezes deixava de resmungar: — Que mêdo! credo! diabos leve a esgana do home, Deus me perdôe!

De dois em dois mezes appareciam em Barrimáo dous egressos de Cabeceiras de Basto, companheiros de noviciado de fr. Gervasio. Juntavam-se os tres amigos em uma intimidade de palestras saudosas. Com intercadencias mudas de poetica tristeza, commemoravam os seus conventuaes fallecidos, resavam juntos pelos seus breviarios benedictinos; depois, a passo cadencioso, claustral, iam para a meza com o recolhimento prescripto pela *Regra* do patriarcha. Ahi pegava de puxar por elles a natureza objectiva, e dava-lhes horas de salutar esquecimento do passado irreparavel. Gorgolejavam copiosamente os vinhos engarrafados, traiçoeiros, da Companhia, em que fr. Gervasio derretia a prestação; porque, de resto, a meza do mano morgado era farta e a sua bolça generosa para as moderadas necessidades do egresso.

O major Zeferino Bezerra de Castro não tinha graude caza; mas, como era solteiro e quinquagenario, fazia de conta que os bens lhe haviam de sobejar á vida, vendendo os allodiaes e empenhando, se necessario fosse, o morgadio, que era insignificante. Concorria com vinte moedas para as miseraveis 1.000 libras que o sr. D. Miguel recebia annualmente de donati-

vos de monarchas e dos seus partidarios portuguezes. (1)

Festejava dispendiosamente os natalicios do rei, convidando a jantar os realistas notaveis da comarca; e, contando os annos da proscripção, ia calculando a patente que lhe competia quando o soberano legitimo se restaurasse. Correspondia-se com alguns camaradas, esquecidos e atrophiados nas aldeias, o general Povoas, o Bernardino, o Magessi, o Montalegre, o José Marcellino. Mas as cartas quem lh'as redigia era o mano frade, recheando-as de trêchos de politica de pulpito — resultado das suas digestões morosas contemplativas — que servi-

(1) Um historiador moderno disse que D. Miguel em 1855 recebia setenta contos annuaes de donativos Provavelmente deu causa a esta liberdade de cifras um lapso do sr. Joaquim Martins de Carvalho, que a pag. 254-255 dos seus *Apontamentos para a Historia contemporanea*, trauscreveu de uma carta de *Lourenço Viegas* o seguinte periodo:... «Os rendimentos de el-rei compoem-se das 600 libras que vem de Lisboa da *commissão alimeuticia*, 1.000 francos mensaes que com toda a exactidão lhe manda o conde de Chambord, 5.000 francos que annualmente lhe manda o *duque de Modena* e 6.000 francos do *imperador Fernando d'Austria*, tambem annuaes, mas sem época fixa, junto a alguns extraordinarios da provincia do Minho, fazem subir a renda annual a 400.000 francos, e esta chega apenas para a despeza e economia domestica.» *Chegando apenas para a despeza domestica* de D. Miguel, 72:000$000, quanto lhe seria necessario para as despezas de fóra? Um dos zeros do sr. Martins de Carvalho deve passar para a direita do 4, e reduzir a annuidade do principe a 7:200$000 réis, ou 40.000 francos.

ram de ornamento nas columnas do *Portugal velho*, periodico miguelista da época.

N'aquelle anno, por meado de 1845, espalhára se no ambiente dos realistas, como um aroma de jardins floridos, o boato de que vinha o sr. D Miguel. O seu enorme partido sentia-se palpitar no anceio d'aquelles vagos anhelos que estremeciam as nações pagans ao visinhar-se o prophetisado apparecimento do Messias. Affirmam no os Santos Padres, e os padres do Minho asseveram o mesmo a respeito do principe proscripto. Fr. Gervasio recebia do alto da provincia cartas mysteriosas d'uns padres que parochiavam na Povoa de Lanhoso e Vieira. Era alli o foco latente do apostolado. N'aquelles estabulos de ignorancia supersticiosa é que devia apparecer, pelos modos, o presepio do novo Redemptor. Citavam-se profecias apocalypticas de frades que estavam inteiros sob as lages das claustras. Convergiam-se áquelle ponto missionario de aspectos seraphicos olhando para as estrellas como os magos e os pastores da Palestina. O frade mostrava as cartas ao irmão e dizia-lhe: «Elle ha coisa...»

— Mas muito grande! — corroborava o major com cabeçadas affirmativas muito exaggeradas.

— A Russia move-se, é o que é — affirmou fr. Gervasio, correlacionando a iniciativa de Lanhoso com a propaganda autocratica da Russia.

Em um d'estes dialogos, em que havia desabafos, exuberancias de jubilo, entreveio o Zefe-

rino das Lamellas, o pedreiro afilhado do major. Viaha contar o caso do Simeão de Prazins e a péga que teve com os cães do Dias de Villalva. Mostrava a calça remendada — que por pouco lhe não entravam no coiro os cães — dizia, e protestava vingar-se. O egresso pacificava-o; que deixasse lá a rapariga e mais o estudante; que se fosse preparando para desembainhar a espada do seu pai em defeza do throno e do altar. E o major:

— Estamos chegados a ellas, Zeferino.

E o pedreiro esfregando as mãos coreaceas, que ringiam como duas lixas friccionadas:

— A elles, sr. padrinho! A espada vae-se amolar... Vou pedil-a ao velho!

O pai de Zeferino, o Gaspar das Lamellas, tinha sido alferes do 17 de linha; e, em 1834, como o perseguissem os liberaes do concelho por pancadaria e testemunhos falsos nas devassas de 28, andou foragido alguns mezes. Sequestraram-lhe os bens; e o filho que já era muito barbado e não tinha modo de vida, fez-se pedreiro. Depois, applacadas as furias dos vencedores e restabelecida a justiça, restituiram ao Zeferino as terras devastadas. O ex-alferes sahiu do seu esconderijo, e recolheu-se a casa, com a espada muito cheia de verdete, dizendo que havia de laval-a no sangue dos malhados. Em 1838, dia de Natal, embebedou-se despropositadamente e sahiu para a rua a dar *vivas* ao sr. D. Miguel. Outros piteireiros, do mesmo credo, e affectos ás velhas instituições, responderam aos *vivas* com um enthusiasmo homicida. O Gaspar foi buscar a espada, cingiu a

banda sobre a niza de saragoça, poz a barretina com os amarellos muito oxidados, e, á frente d'um grupo de jornaleiros e garotos, caminhou para a cabeça do concelho, afim de offerecer batalha campal ás auctoridades. Além da espada do caudilho, havia na jolda tres espingardas reiunas ; o restante eram foices de gancho encavadas em grossas varas. Um porqueiro colossal floreava uma lamina brunida da faca de matar os cevados. A guerrilha, já engrossada por outros bebados encontrados na tavernas do transito, chegou á porta do morgado de Barrimáo, e a clamorosos brados elegeram-o general. Já se ouvia tocar a rebate em diversas torres, á discrição dos garotos destacados. O morgado mandou-lhes dar vinho, e que debaadassem, que recolhessem a suas casas, porque iam levar grande tareia inutilmente. O egresso veio a uma janella que abria sobre o atrio, e tentou dissuadil-os do desvario, que mais parecia um excesso de vinho que de patriotismo — dizia. Não fez nada. Cada vez mais picado o alferes, faminto de vingança, bradava que estivera quinze mezes escondido, que lhe tinham estragado a sua casa, e que ia pedir contas aos Trêpas e aos Andrades de Santo Thyrso, uns malhados, cujas cabeças havia de deixar espetadas em pinheiros.

Na villa ouvia-se o toque a rebate. Dizia-se que era incendio. Alguns vadios atravessaram a ponte muito açodados em direcção ás freguezias d'onde soavam as primeiras badaladas. O regedor de Villalva, o pai do José Dias, descia esbaforido do monte do Barreiro a dar par-

te á auctoridade. Assim que se espalhou a nova em Santo Thyrso, já se ouvia alarido de vozes. A garotagem dava *vivas*, e guinchava uns apnpos prolongados que punham eccos nas margens tortuosas do rio Ave. Os liberaes de Santo Thyrso rodearam o administrador, armados, com os seus criados. Os negociantes, com mede de saque, tambem sahiram de clavinas. As familias nas janellas faziam clamores, n'uma grande desolação. N'aquella villa lembrava ainda a mortandade do tempo do cêrco do Porto, e havia velhos que presencearam outra semelhante no tempo dos francezes. O regedor de Villalva dissera que o commandaute da guerrilha era o morgado de Barrimáo. Esta noticia fez augmentar o pavor, porque, se o morgado, serio, prudente e bravo, acceitára o commando dos populares, é porque a cousa era séria. Os homens de negocio depozeram as armas, enfardelaram os valores e fugiram, caminho do Porto. Os proprietarios, os empregados publicos, os officiaes de justiça, alguns que haviam militado e emigrado, desceram á ponte armados, em numero de oitenta. Outros seguiram vereda differente, para passar o rio. A guerrilha, cuja vozeada se aproximava, no trajecto de uma legua, pegou a sua febre a mais de trezentos homens. Era um domingo de festa solemne, consagrado á descida do Filho de Deus, para applacar os barbaros odios do genero humano: — uma grande alegria que passaria despercebida, se o vinho não preparasse as almas a comprehendel-a e sentil-a. Depois, muito communicativa, como se vê. Gaspar das Lamellas

emborracha-se ao jantar e faz brindes ao Menino Jesus e ao sr. D. Miguel I. Pica-lhe na caneca, pungem o saudades do rei, e sahe para o terreiro, a dar-lhe *vivas*. Outros vinhos em ebulição respondem-lhe n'um grito de sinceridade compacta. Trava da espada, que se tingira no sangue de tres batalhas á volta do Porto ; entra com elle a convicção em delirio, acrisolada pela allucinação da embriaguez. E o arrojo temerarie dos grandes guerreiros o que é senão uma embriaguez de gloria, quando não é uma embriaguez de genebra? Nas guerras civis portuguezas houve ahi um bravo soldado de fortuna que, no vigor dos annos, ganhára as charlateiras de general e uma corôa de conde. Os seus camaradas, mais retardados na carreira por causa da abstinencia, diziam que elle nunca sahira victorioso de campanha onde não entrasse bebedo. Este general, ao declinar da vida, casado e abstemio, não deu uma pagina gloriosa á sua historia, presidiu sem iniciativa militar nem politica á Junta Suprema do Porto, e fechou o cyclo das suas façanhas a parlamentar em Vieira com o padre Casimiro, o *General Defensor das cinco chagas*.

Tambem no cerebro vinolento do alferes das Lamellas rutilavam os relampagos da gloria, quando, a brandir o gladio ferrnginoso, descia, na vanguarda da guerrilha, o outeiro sobrejacente á Ponte de Santo Thyrso. A' entrada da ponte de páo havia taverna, com as pratelei ras alinhadas de garrafas da Companhia, com rotulos.

A multidão parou, avistando gente armada

que descia a calçada d'além, ao nivel da quinta do mosteiro de S. Bento. O taverneiro, muito caloteado d'essa vez disse ao commandante, ao Gaspar, que não cahisse em se metter á ponte.

— Vocês vão cahir ahi n'essa ponte como tordos, e os que não cahirem tem de largar os sócos a fugir — avisava, porque sabia que os de lá eram têzos, e vinham todos armados.

O cabecilha tinha o seu vinho quasi digerido; a bravura começava a ceder ás reflexões sensatas do taverneiro; mas o seu estado maior uns facinoras da quadrilha que tres annos antes infestára as encruzilhadas da Terra Negra e Travagem, não transigiam, e forçavam o a beber copos de aguardente. — Que o primeiro que mostrasse os calcanhares ia malhar da ponte abaixo! — protestavam os velhos salteadores do Minho, batendo com as coronhas no balcão.

Entretanto, o administrador do concelho com dous empregados inermes atravessava a ponte. A guerrilha estupefacta da audacia, esperava o n'uma attitude pacifica, estupida, um retrahimente de covardia, olhando-se uns para os outros e todos para o alferes. Elle, empurrado pelos valentes, collocou-se á frente, na bocca da ponte, com a espada nua. O administrador chegou muito de passo e perguntou se estava alli o sr. morgado de Barrimáo: que desejava fallar lhe.

— Que não estava; eu sou o chefe — disse o Gaspar.

— Logo me pareceu que um homem sério,

como o morgado, não estaria á frente d'este bom povo enganado — ponderou a auctoridade. — E vossemecê quem é? — perguntou ao chefe.

— Que era o alferes das Lamellas, bem conhecido em toda a parte; que perguntasse aos malhados de S. Thyrso, a esses ladrões que o perseguiram e lhe roubaram os seus bens.

O administrador, um bacharel de cabelleira á Saint-Simon, era discursivo e não perdia lanço de eloquencia em casos d'um romanesco medonho. A torrente do rio rugia quebrada pelo triangulo dos pegões. Uma rica e funebre paisagem, cortada de um lado pelos cataventos que ringiam nas cristas das torres do mosteiro, e do outro pela matta verde-negra, erriçada de pinheiros gementes. Um pittoresco cheio de suggestões, d'uma palpitação cyclopica. Depois o enorme auditorio, trezentas cabeças, fluctuando, com as boccas muito escancaradas n'uma bestialidade feramente spasmodica de lobos espantados por um archote acceso. O meio era demosthenico, inspirativo. Borbotou-lhe a gôlfos um palavriado discreto, aconselhando a turba a retirar-se *aos seus apriscos*, á honrada labutação *dos seus mesteres*, e a não pertubarem com *demagogias a pacificação dos animos e sacratissima iuviolabilidade das instituições*. Quando o funccionario fechou a parlenda, um dos mais bebedos, quer por chalaça, quer por insufficiente comprehensão das principios politicos da auctoridade, atirou o chapeu ao ar e exclamou: — «Viva o sr. D. Miguel I, rei de Portugal!»

A auctoridade ia replicar; mas a gritaria

abafou-o. Elle voltou as costas á canalha, e foi-se, com bons exemplos de oradores antigos. Os liberaes, logo que o viram retroceder, entraram na ponte de madeira, com um sonoro estrondo de marcha cadenciada.

Capitaneava os um escrivão de direito, dos 7.500, cavalleiro da Torre e Espada, o Lobato, que pedira baixa de tenente no fim da campanha.

Outro bravo, o ex-sargento Lopes, que era guarda-chefe dos tabacos, tinha pedido vinte homens, e atravessára com elles o Ave, na revolta do rio, sem ser visto, na bateira do José Pinto Soares. Elle não podia levar a bem que aquelles patêgos se retirassem sem uma sova pela retaguarda e outra pela frente. Contava com a debandada pela ladeira das mattas, e promettia, lá do alto, escorraçal os de modo que elles se espetassem entre dois fogos. Os seus vinte homens eram soldados com baixa, guardas do tabaco, e socios aposentados das quadrilhas de 1834 — um mixto de politicos, de ladrões e martyres de enxovias.

Os quatro facinoras da horda do alferes, quando viram a marcha firme e solemne dos de Santo Thyrso, — é agora rapazes! — exclamaram, desfechando as espingardas. Os populares que as tinham, descarregaram as suas e avançaram, ponte dentro, n'uma arremettida impetuosamente esbandalhada, de rodilhão, Uma das ballas prostára um arreiro da primeira fila dos liberaes; havia mais alguns feridos, que se amparavam gementes ás guardas da ponte. O bravo do Mindello viu ca-

hir morto o seu homem, e, contendo a furia das fileiras n'uma disciplina rigorosa, deu a voz de descarga á primeira, e mandou abrir passagem á immediata, que sustentava o fogo, em quanto a outra carregava as armas.

Os pelouros cortavam fundo pelas carnes da populaça. Viam-se homens que fugiam a coxearem, atiravam-se ás ribanceiras, escabujando em arrancos de morte. Os que não tinham espingardas e ainda os que as tinham sem cartuxame, pegavam dos tamancos e galgavam socalcos, buscando o refugio dos pinhaes e carvalheiras.

O alferes sentiu um choque duro de coisa que lhe contundia as costas e lhe apertava o pescoço. Era o Retrinca de S. Thiago d'Antas, o mais feroz da sua malta, que se amparava n'elle, quando cahia varado por um pelouro. Este espectaculo trivial não aterrava o soldado do Ponte Ferreira das Antas e da Asseiceira; mas dava-lhe as antigas pernas que o serviram n'essas gloriosas batalhas. Tinha cincoenta annos, e fugia ganhando a dianteira aos garôtos do seu bando destroçado. Porém, quando elle escalava a ladeira barrenta que se precipita ao sopé do monte, desciam em saltos de bszerros mordidos por vespereiros os seus homens, n'um turbilhão, acossados pelo tiroteio da companhia do ex-sargento Lopes — uns barbaçudos que pareciam gigantes no tôpo da collina e davam uns berros clangorosos imitantes a mugidos de bois. O dia de juizo!

O Gaspar arripou carreira e desfilou por

uma varzea alagada que ia esbeiçar com o rio. Como a banda do alferes vermelhava ao longe, e a espada a prumo no punho lhe dava uma caracterisação geitosa e provocante para alvejar as espingardas, as balas sibilavam por perto, chofrando nos pantanos. Alguns homens perseguiam-o chapinhando no lameiral, porque o chefe dos tabacos, o Lopes, dizia-lhes: «Ó rapazez, vêde se mataides aquelle diabo que é o cabecilha!» Os mais velleiros levam-o esfalfado, cambaleando, atortemelado, quando o viram desapparecer de subito entre uma espessa moita de platanos. D'ahi a instantes, abeirandc-se á ourela do rio, viram a barretina e a niza de saragoça sobre uns comoros hervecidos; e, a distancia de dez varas, aquelle bebedo immortal atravessava o rio a nado, n'uma tarde de dezembro, com a espada nos dentes, e a banda a tiracolo.

— Ó alma do diabo! — dizia o Patarro de Monte Cordova, cevando a arma com zagalotes para lhe atirar. — Vou matar aquelle pato bravo!

E o mais novo dos quatro, um imberbe que tinha pai:

— Não lhe atire, ó tio Patarro! E' um velho, coitado! Não lhe vê os cabellos brancos? Aquelle homem não se deve matar. Elle vai morrer afogado antes de chegar á outra banda. Verá. Que raio de amizade elle tem á espada! Aquillo é que é!

A meio do rio, onde a veia d'agua resvalava mais impetuosa, deixou-se derivar sem esforço de natação. Mal bracejava. Depois, o Ave es-

praiava-se em murmurios de lago dormente, muito barrento, e deixava-se apégar. O alferes, com a agua pela cinta, desatascou-se dos lamaçaes d'além; e, horas depois, repassando o Ave na Ponte da Lagoncinha, e, vencidas duas leguas de chafurdeiros e barroeas, entrava na sua casa das Lamellas, bebia um grande trago de genebra, e, floreando a espada, bradava: «Viva o sr. D. Miguel I.!»

Depois, sobreveio-lhe um rheumatismo articular, e ficou tolhido.

Sete annos passados, quando todas as aldeias do Minho conclamavam D. Miguel, elle ainda vivia, mas entrévado n'um carrinho, e chorava, em impotentes arquejos do corpo paralytico, porque não podia amolar a lamina da espada nos ossos dos malhados.

Tinha-a diante dos olhos pendurada n'uma escapula, com o boldrié e a banda. A's vezes, depois de beber, punha-se a olhar para ella, com os olhos envidraçados de lagrimas, e pedia que a mettessem na sua sepultura, que o enterrassem com ella. E enterreram. Espera-se que o esqueleto d'este legitimista, com as phalanges esburgadas e recurvas no punho azevrado da espada, resuscite, ao ulular da trombeta na resurreição geral das Legitimidades. Ponto é que a Russia se môva — como dizia o frade de Barrimáo.»

*

* *

(Da «Brazileira de Prazins»).

«Na residencia do abbade Marcos Rebello, em S. Gens de Calvos, havia uma sala com alcova e janellas sobre um horta arborisada. As pereiras, macieiras e abrunheiros principiavam a florir. Era no começo de abril. Alli, n'aquellas frigidas alturas, sopram as ventanias mordentes de Barroso, do Gerez, e gelam a seiva nos troncos filtrados da neve e das cristalisações glaciaes. Fazia frio. Na saleta caiada, muito excrementicia de moscaria, com o tecto de castanho esfumaçado e o pavimento lurado do caruncho, havia a um lado duas caixas de cereaes, no outro algumas cadeiras velhas de nogueira, de diversos feitios, esfarpeladas no assento; nas paredes duas lytographias — o retrato de D. João VI, com o olho velho velhaco e o beiço belfo, e o marquez de Pombal sentado, com o decreto da expulsão dos jesuitas, apontando parlapatonamente para a barra, onde alvejam pannos de navios que levam os expulsos. Na velha cal esburacada e emporcalhada de escarros seccos de antigas catarrhaes, destacam molduras de carvalho com dois paineis a oleo cheios de grêtas, S. Jeronymo no deserto, com uma cara afflicta, de tic doloroso, e Santo Antonio de Padua, n'um sadio *en bon point*, um bom sorriso ingenuo, com o Menino-Jesus sentado, muito nutrido, em uma bola que os agiologos diziam ser o globo ter-

raqueo. No centro da quadra estava uma banca de pinho pintada a ocre, com uma coberta de cama, — de chita vermelha, com araras, franjada de requifes de lã variegada. Ao lado da banca, uma cadeira de sola, com espaldar em relevo e pregaria amarrella, com verdete; do outro lado havia um fogareiro de ferro com brazas e uma cesta de vêrga, cheia de carvão. Entre as duas pequenas janellas de rotulos interiores e cachorros de pedra, trabalhava estrondosamente um relogio de parede com os frisos do mostrador sem vidro, cheios de moscas mortas, penduradas por uma perna, de ventres brancos muito inchados e as azas abertas.

Dez horas. Abriu-se então a porta da alcova que ringiu ligeiramente na couceira desengonçada, e sahiu um sujeito de mediana estatura, hombros largos, barba toda, com raras cans, olhos brilhantes, pallido-trigueiro, um nariz adunco. Representava entre trinta e seis e quarenta annos. Sentou-se á brazeira e preparou um cigarro, vagarosamente, que acendeu na aresta chammejante de uma braza. Com o cigarro ao canto dos labios e um olho fechado pelo contacto agro do fumo, foi abrir uma das vidraças, e poz fora a mão a sondar a temperatura. Coxeava um pouco. Recolheu a mão com desagrado e fechou a janella. Vinha subindo a escada de communicação com a cosinha uma mulher idosa, em mangas de camisa, meias azues de lã e ourêlos achinelados. Pediu licença para entrar, fez uma mezura de joelho, sem curvar o tronco, e perguntou:

— Vossa magestade passou bem?

— Optimamente, Senhorinha, passei muito bem.

— Estimo muito, real senhor. O sr. abbade foi chamado ás oito horas para confessar uma fregueza que está a morrer d'uma queda, e deixou dito que pozesse o almoço a vossa magestade, se elle não chegasse ás nove e meia.

— Quando quizer, Senhorinha, quando quizer, visto que o abbade deu essas ordens e quem manda aqui é elle.

Da cosinha vaporava um perfume de salpicão frito com ovos. Sua magestade farejava com as narinas anhelantes, n'um forte appetite. A creada voltou com toalha, guardanapo, loiça da India, talheres de prata, e uma travessa coberta. Sua magestade, muito familiar, tirou de sobre a meza uns cadernos escriptos, cosidos com seda escarlate, e um grande tinteiro de chumbo com pennas de pato.

— Ora vossa magestade a incommodar-se! Valha-me Deus! eu tiro isso, real senhor! Não que uma coisa assim! Um rei a...

E o real senhor:

— Ande lá, Senhorinha, que eu ajudo. Um rei é um homem como qualquer homem.

— Credo! faz muita differença... mesmo muita...

Ella descobriu a travessa a rir-se:

— Vossa magestade diz que gosta...

— Sardinhas de escabeche? Se gosto!... Vamos a ellas que estão a dizer — comei-me.

E atirou-se ás sardinhas com uma soffreguidão pelintra.

Depois, serviu-lhe rodelas de salpicão com ovos. Sua magestade gostava muito d'estas comezanas nacionaes. Já tinha comido tripas, e dizia que no exilio se lembrára muitas vezes d'esta saborosa iguaria com feijão branco e chispe, que tinha comido em Braga. O abbade de Calvos sensibilisava-se até ás lagrimas quando via el-rei a esbrugar uma unha de porco e a limpar as regias barbas oleosas das gorduras suinas. O terceiro prato era vitella assada. A Senhorinha trazia-lh'a no espêto, porque sua magestade gostava de ir trincando finas talhadas, emquanto a cosinheira, de cocoras ao pé do fogareiro, conservava o espêto sobre o brazido, a rechinar, a lourejar. Bebeu harmonicamente o real hospede um vinho branco antigo, da lavra de um fidalgo de Braga, proprietario do Douro, que estava no segredo do ditoso abbade de Calvos — capellão mór d'elrei e dom prior eleito de Guimarães.

A creada assistia muito jovial áquella deglutição formidavel, e dizia particularmente ao abbade: — Este senhor, pelo que come, parece que tem passado muitas fominhas! Ninguem hade crêr o que sua magestade atafulha n'aquelle bandulho! — e dizia que lhe dava vontade de chorar, lembrando-se das lazeiras que elle tinha apanhado; porque o abbade contava que lêra no *Deus o quer*, do visconde de Arlincourt, que o sr. D. Miguel, em Roma, não tinha ás vezes 10 réis de seu, para almoçar uma chicara de leite. E, perguntando a el-rei se era verdade aquillo — que sim, que chegára a essa extremidade; mas que preferia a fome a

ceder os seus direitos e a felicidade dos seus vassallos, pelos sessenta contos annuaes que lhe offereceram da Casa do Infantado, e que elle regeitára.

Por fim, vinha o café. As fatias eram torradas ali, no fogareiro. Sua magestade barrava-as de manteiga nacional, — preferia a manteiga do seu paiz, como a vitella, e o lombo do porco no salpicão portuguez, e o pé do porco nas tripas tambem portuguezas — tudo do seu paiz. Que rei, que patriota! — meditava o abbade de Priscos, bispo eleito de Coimbra, esmoncando-se e aparando as lagrimas ternas no alcobaça.

No fim do copioso almoço, el-rei fumava charutos hespanhoes, de contrabando; desabotoava o colête, dava arrôtos, repoltreava se na cadeira de sola um pouco desconfortavel, e vaporava grandes columnas de fumo que se espiralavam até ao tecto.

A Senhorinha veio á beira d'el-rei, e disse baixinho:

— Saberá vossa magestade que está ali o sr. Trocatles.

— O...?

— Ai! já me esquecia... o sr. visconde...

— Que suba.

O sujeito que entrou era o Torquato Nunes, um sargento do exercito realista, de S. Gens. O rei ergueu-se e fecharam-se na alcôva.

A cosinheira dizia em baixo á outra creada de fóra: — Ó coisa! Mal diria eu que ainda havia de chamar *visconde* ao safardana do Trocatles!

E a outra, benzendo-se: — Não que elle, o mundo sempre dá voltas! Veja você! aquelle moinante que me pediu uma vez dois patacos p'ra cigarros, e por signal que nunca m'os pagou!

— Pois vês-ahi! Foi elle o primeiro que conheceu o sr. D. Miguel, é o que foi, e sua magestade gosta muito d'elle. Foi feliz o diabo do homem! Aquillo vae a governo, tu verás; e já ouvi dizer que o sobrinho d'elle, o padre Zé da Eira, o de Rio Caldo, que é zanagra, está conego. Limparam-se da carepa, é o que é. A mulher d'elle já botou no domingo passado saia e jaqué de panno azul.

— E que rico panno!

— Pois vês ahi...

Entrava n'esta conjectura o abbade, esfadigado, suarento — que levasse o diabo a freguezia, que pouco tempo havia de aturar massadas d'aquellas, para confessar uma bebeda de uma velha que tinha bebido de mais na feira da Povoa e cahira d'um valado abaixo. E elle? — perguntava — almoçou bem?

— Ora! não ha que perguntar, senhor! Aquillo, salvo seja, é como a cal d'uma azenha. É quanto lhe deitarem p'rá tripa. Coisa assim! Subiu agora p'ra lá o Nunes. Ai! já me esquecia, ó sr. abbade! Olhe que na villa já perguntaram se cá na casa estavam hospedes, porque vinham p'ra cá muitas comidas. Que não vão elles pegar a desconfiar... Esta pergunta á moça traz agua no bico.

— E tu que respondeste, moça?

— Que vinham por cá jantar uns senhores padres, que agora era tempo de confesso...

— Andaste bem.

Quando o padre Marcos Rebello subia á sala, pedindo licença a meio da escada, já o rei e o visconde vinham sahindo da alcôva — um, aprumado na attitude da magestade, o outro, na do respeito, muito composto.

— Pede licença na sua casa, dom Prior? disse el rei.

O dom prior de Guimarães genuflectiu a perna direita; o soberano apressou-se a erguel-o.

— Nada de etiquetas, já lh'o disse duzias de vezes.

— Não posso nem devo proceder d'outra maneira, senhor!

— Póde e deve, que o mando eu.

E o abbade, inclinando-se com os braços em cruz sobre a batina:

— Saberá vossa magestade que o sr. capitão-mór de Santa Martha, a quem vossa real magestade fez barão de Bouro...

— Bem sei... aquelle amavel cavalheiro...

— Perfeito cavalheiro — attestou o Nunes.

— Escreveu-me a carta que tenho a honra de depositar nas mãos de vossa magestade.

El-rei leu alto:

Amigo Dom Prior de Guimarães. — Um realista do concelho de Famalicão chegou ha pouco a esta sua casa, afim de que eu escrevesse ao meu nobre e velho amigo para obter de S. M. licença para lh'o apresentar como portador de uma carta do sr. Vasco Cerveira Lobo, morgado de Quadros, e tenente-coronel que foi do regimento de dragões de Chaves. Diz elle que o

sr. D. Miguel fôra amigo pessoal do dito tenente-coronel. e por isso entende, e eu tambem que será muito do real agrado do nosso rei e senhor receber a carta d'este legitimista que nos póde ser muito util, já pelo seu nome, como tambem pela sua riqueza. Ouvidas as ordens de S. M. F., queira transmittir-m'as...

— Estou-me recordando — dizia o principe pausando as suas reminiscencias — *Cerveira Lobo... tenente coronel de dragões...* Sim, sr... Recordo-me muito bem... O Cerveira, o meu amigo Cerveira...

— Que foi prisioneiro na Chamusca, quando o Urbano se passou para os liberaes com a cavallaria e mais o coronel de dragões, o Albuquerque — lembrou o Nunes, o visconde Nunes — Vossa magestade lembra se?

— Perfeitamente. Dom prior, queira escrever ao barão e dizer-lhe que espero anciosamente a carta do meu amigo Cerveira.

Emquanto o abbade ia ao seu quarto escrever, o hospede disse ao ouvido do outro:

— Isto corre mal...

— Porque?!

— Se o homem cá vem, o meu *grande amigo*...

— Recebel-o como o teu *grande amigo*...

— Se me falla em particularidades...

— Elle não sabe fallar em particularidades. E uma besta, muito rico, e disse-me o morgado do Tanque, de Braga, seu primo, que está sempre bebedo. Nem elle cá vem, tu verás... Eu até acho que as coisas correm perfeitamen-

te.— Ouviam-se os passos do abbade.— Tem dinheiro, elle tem muito dinheiro, ouviste?

Entrou o abbade.

— Só duas palavras. E leu: *Sua Magestade recebe com muito prazer a carta do sr. tenente-coronel Cerveira Lobo.*

— Muito bem, — approvou el-rei.— Hoje á noite, com todos os resguardos que urgem as cautellas.

— Um homem, o Caneta de Braga, o chapelleiro, com uma carta — annunciou Senhorinha — só a entrega em mão propria ao sr. abbade.

— Que entrasse.

O rei e o visconde metteram-se á alcova, simulando receios.

Era uma carta do abbade de Priscos, bispo eleito de Coimbra. Tinha a honra de enviar a el-rei cem peças, donativo que as senhoras Botelhas, de Braga, offereciam de joelhos a S. M. F. e diziam que todos os seus haveres estavam ás ordens d'el-rei seu senhor.

E entregou dois grossos cartuchos, cintados por fitas cruzadas de sêda escarlate. E o Caneta muito pontual:

— Queria um recibinho, se lhe não custa, reverendo sr. abbade.

— Venha d'ahi, que eu passo-lhe o recibo.

Os dois sahiram da alcova. Os rolos estavam sobre a meza. Elles tinham ouvido fallar em recibo. O visconde Nunes, esgaziando os olhos, foi apalpar o embrulho, e muito baixinho:

— Arame! peza que tem o diabo! é oiro! Começa a pingadeira! Vês?

O outro arregalou os olhos e deitou a lingua

de fóra quanto lhe foi possivel. Nem parecia um rei!»

*
* *

(Da «Brazileira de Prazins»):

«O Zeferino, que tinha ali a egua e conhecia o caminho, não quiz ir pernoitar a Santa Martha de Bouro. Havia luar e sahia um rancho de romeiros para o Bom Jesus do Monte. Partiu em direcção a Braga, e ao outro dia de tarde apeava no sonoro pateo da caza de Quadros por onde entrára com a egua em grande estropeada, com a cara escandecida n'uma congestão de jubilo.

O Cerveira estava a dormir a sesta.

— Apanhou-a hoje d'aquella casta! Como um cacho! — informou um caseiro. — Mandou apparelhar a poldra castanha do sr. Egas, com os coldres das pistolas, escanchou-se na sella, com a espada desembainhada, e desatou a galope por de baixo das ramadas, a dar gritos: «Avança, dragões! carrega, esquadrão!» Eu estava a vèr quando o levava a breca de encontra a um esteio de pedra, que malhava abaixo da burra como um dez!... Depois o sr. Egas e mais o sr. Heitor lá o apearam apearam como poderam, e foram-n'o pôr a dormir. Arre, diabo! lá que um homem uma vez por outra apanhe um pifão, vá; mas embebedar-se todos os dias, é muito feio! E depois ninguem se entende com elle. Medra com o suor dos pobres. Um fona! Que vá para o diabo, que o

carregue. Tanto se me dá como se me deu. Se me mandar embora, boas noutes. Não é capaz de perdoar um alqueire de milho a um cazeiro! Tem vinte mil cruzados de renda, não gasta nem cinco, andam os filhos a vender matto e os pinheiros: uma vergonha, porque elle, a dois homens gastadores, que tem amigas, uma a cada canto, dá cada mez vinte pintos para os dois! O homem deve ter muita somma de peças enterradas! Qualquer dia cae-lhe ahi em casa o José Pequeno, da Lixa, que lhe põe a faca ao peito até elle pôr ali o dinheiro á vista. Diz que quer comprar mais terras, e aqui ha dias offereceu seis contos pela quinta do Lopes de Requião. Veja você. Tem seis contos ao canto da gaveta, e ainda não deu cinco réis, que são cinco réis, á filha á D. Theresinha que casou com o estudante das Quintans. Anda por lá de socas, sem meias, a fazer o serviço da cosinha E estão ahi as outras duas, que parecem umas fadistas, nas romarias, e, quando Deus quer, topa a gente de noute por esses quinchosos esses marotos dos engenheie empreiteiros a saltarem paredes para se irem metter com ellas na casa do palheiro. Uma vergonha, mestre Zeferino, a vergonha das vergonhas! Eu sou um pobre; mas raios me parta, que se eu tivisse assim umas filhas... Olhe... (batia com o pé em cheio na relva) esmagava-as como quem osborracha uma toupeira. Deus nos livre de bebedos! Você bem sabe o que isso é, mestre Zeferino, que pelos modos lá por casa não tem pouco que aturar a seu pai que tambem as agarra muito *profeitas!* Olhe você como

elle se tolheu quando foi, dia de Natal, dar fogo aos de S. Thyrso! Aquillo só com meio almude no bucho!

— Não é tanto assim — atalhou o sargento-mór de Lamellas. — Não lhe digo que meu pai não tivesse algum graieiro na aza; mas o que elle fez não era você capaz de o fazer, tio Manoel.

— Ah! isso não, bem o póde dizer, mestre Zeferino. Nunca me emborrachei, aqui onde me vê com cincoenta annos já feitos; mas, se algum dia me emborrachar, que ninguem está livre d'isso, prégo-me a dormir e não vou atirar-me ao Ave em dezembro! ágora vou, se Deus quizer. Vai se pôr o alma do diabo a dar vivas ao D. Miguel! Qual Miguel nem qual carapuça! Se D. Miguel cá vier hade fazer tanto caso de seu pai como eu d'aquella bosta que ali está. O que elle devia era tratar de conseros terrões, e fazer como você que se pôz a trabalhar e se fez pedreiro quando viu que os malhados lhe tomaram conta das terras. E d'ahi? Você hoje tem o seu par de *mel* cruzados, ganhados com o suor do seu rosto, e até já me disseram que você dava quinze centos ao de Prazins para lhe casar com a rapariga. E' assim ou não é?

— Isso acabou — respondeu com desdem, irritado — Agora não a queria nem que elle a dotasse com tres contos; intenda você o que lh'eu digo, tio Manoel, nem com seis contos! Você não sabe quem eu sou, mas brevemente o saberá. Pouco hade viver quem o não vir.

— Não sei quem você é? Ora essa... Já

lhe disse que você é homem capazorio, honrado...

— Quero cá dizer outra coisa... Você não intende ..— E ouvindo abrir a janella — lá está o fidalgo... Deixe-me lá ir.

E afastando-se do caseiro, ia dizendo comsigo:

— Que tal está o labroste! Um homem vem de fallar com el-rei, e topa com uma cavalgadura d'estas! Canalha ordinaria!...

*
* *

(Da «Brazileira de Prazins»):

«O Melro, ás 8 da noite, quando os freguezes desalojaram, fechou a taverna; e; espreitando se os pequenos dormiam, disse á mulher: — A casa do Cambado é nossa, mas é preciso vindimar o Zeferino...

— Credo! — exclamou a mulher com as mãos na cabeça.— Nossa Senhora nos acuda!

— Leva rumor! — e punha o dedo no nariz.

— Ó Joaquim, ó marido da minha alma, alembra-te dos trez annos que penaste na cadeia! Olha para aquelles quatro filhos!...

— Já te disse que me não cantes — e relançava-lhe o seu formidavel olhar vêsgo incendido com os lampejos da candeia em que afogueava o cachimbo de páo. Depois, foi tirar d'entre a cama de bancos e a parede uma velha clavina. Sentou-se á lareira e disse á mulher que tivesse mão na candeia. Enroscou o sacatrapo na ponta

da vareta de ferro e descarregou a arma, tirando primeiro a buxa de musgo, e depois, voltando o cano, vazou o chumbo na palma da mão.

— Ó Joaquim, vê lá o que vaes fazer! — insistia a mulher, limpando os olhos com a estopa da camisa. E elle, assobiando o hymno da Maria da Fonte, despejava a polvora da escorva, desaparafusava a culatra e tirava as duas braçadeiras. A mulher soluçava, e elle, cantando n'uma surdina rouca:

Leva ávante, portuguezes,
Leva ávante, e não temer...

— Pelas chagas de Nosso Senhor, lembra-te dos nossos pequenos!

E o Melro n'uma distracção lyrica:

Pela santa liberdade,
Triumphar ou padecer...

Depois, bufava para dentro do cano e punha o dedo indicador no ouvido da culatra para sentir a pressão do sopro, que fazia um fremito aspero impedido pelas escorias nitrosas. Pediu á mulher umas febras d'algodão em rama, enroscou-as n'uma agulha de albarda e escarafunchou o ouvido do cano. — Está suja — disse elle — dá cá um todo-nada de aguardente.

— Joaquim, vamo-n'os deitar, pelas almas. Não te desgraces!

— Traz aguardente e cala-te, já t'o disse, mulher, com dez diabos! — E poz-se a assobiar a *Luizinha*. Enroscou algodão embebido

em aguardente, no sacatrapo, e esfregou repetidas vezes o interior do cano, até sahirem brancas e seccas as ultimas farripas da zaracotea. Soprou novamente e o ar sahia sem estorvo pelo ouvido, com um sibillo egual. Parecia satisfeito, e cantarolava, *mezza voce:*

Agora, agora, agora,
Luizinha, agora!

Armou a clavina, aparafusou as braçadeiras, a culatra e a fecharia, introduzindo a agulha. Aperrou e desfechou o cão repetidas vezes, acompanhando o movimento com o dedo pollegar, para certificar-se de que o desarmador, a caxèta e o fradête trabalhavam harmonicamente. Levantou o fusil de aço, que fez um som rijo na mola e friccionou-o com polvora fina: e, com o bordo de um navalhão de cabo de chifre, lascou a aresta da pederneira que faiscava.

— Valha-me a Virgem! valha-me a Virgem! soluçava a mulher.

E elle, zangado com as lastimas da mulher, com expansão raivosa, n'um *sfogato:*

E viva a nossa rainha,
Luizinha,
Que é uma linda capitôa...

— Vai á loja atraz da ceira dos figos e traz o masso dos cartuxos e uma cabacinha de polvora de escorvar que está ao canto.

A mulher dava-lhe as coisas, a tremer, e fazia invocações ao Bom Jesus de Braga, e ás

almas santas bemditas. Elle encarou-a de esconso, e regougou: — Máo!... máo!...

Carregou a clavina com a polvora de um cartuxo; bateu com a coronha no sobrado, e deu algumas palmadas na recamara, para fazer descer a polvora ao ouvido. Fez duas buxas do papel do cartuxo, bateu-as com a vareta ligeiramente, uma sobre a polvora e a outra sobre a bala.

Agora, agora, agora,
Luizinha, agora!

Depois, pegou da clavina pela guarda-matta, e poz-se a fazer pontarias vagamente, passeando um olho, com o outro fechado, desde a mira ao ponto.

A mulher fôra sentar-se no sobrado, á beira da enxerga de tres filhos a chorar; o mais novo esperneava, dava vagidos na cama, a procural-a. O *Alma negra* fôra dentro beber uns tragos de aguardente, voltou enroupado n'um capote de militar, despojo das batalhas da *Maria da Fonte*. — Ora agora — disse elle — ouviste? a porta da cosinha e a cancella da horta abertas, porque eu venho pelo lado do pinhal.

— Vae com Nossa Senhora — disse a mulher — e poz-se de joelhos a uma estampa do Bom Jesus, a rezar muitos *Padre-nossos*, a fio.

Era uma noite de fevereiro, de nevoa cerrada, um céo de carvão pulverisado em brumas molhadas, sem clareira onde lucilasse uma estrella. Não se agitava um galho de arvore nua, movido pelo ar nem ondulava uma erva. Era

a serenidade negra e immota das catacumbas. Ás vezes rugia nas folhas ensopadas de nebrina no chão esponjoso das carvalheiras a fuga rapida das hardas, dos toirões e das raposas que se avisinhavam do povoado a fariscarem as capoeiras. O Joaquim Melro estremecia e punha o dedo no gatilho. O restolhar d'um gato bravo, o pio da coruja no campanario distante punham arrepios de medo na espinha d'aquelle homem que ia matar outro — chamal-o á janella e varal-o á traição com uma bala. — Era o traçado.

— Que raio de escuro! — dizia, esbarrando nos espinheiros perfurantes.

Em noites assim, o universo seria o immenso vacuo precedente ao *Fiat* genesiaco, se os viandantes não esbarrassem com as arvores e não escorregassem nos silvêdos das ribanceiras. O noctivago sente na sua individualidade, nos seus callos e no seu nariz, a doce impressão pantheista das arvores e dos calháos. Que este globo está muito bem feito. Os transgressores do descanço que Deus estatuiu nas horas tenebrosas, os scelerados das aldeias que larapeam o presunto do visinho, que fisgam a moça incauta, ou empunham o trabuco homicida, se não temem encontrar as patrulhas civicas das grandes municipalidades, encontram os troncos hostilmente nodosos das arvores que são as patrulhas de Deus. Alguns, porém, protegidos pelo Mephisto a quem venderam a alma pelo preço da consciencia eleitoral, ou mais barata, chegam incolumes ao delicto, passando illesos como o lobo e o javali por entre os troncos das

carvalheiras esmoitadas, hirtas, com os galhos a esbracejarem retorcidos n'uma agonia patibular.

O Melro, como o porco montez e o lobo cerval, embrenhára-se por pinhaes e carvalheiras: ás vezes, parava a orientar-se pelo cucuritar dos gallos tresnoitados e latir dos cães. Ao fundo das bouças ladeirentas, rugia o rio Péle nos açudes das azenhas e nas guardas dos pontilhões. Lamellas era da parte d'além. Mas o rio, de monte a monte, rugia intransitavel nas pequenas pontes. Foi á de Landim, uma aldeia engravatada, onde ainda se avistavam clarões de luz nas vidraças das familias distinctas que jogavam a bisca em ricos saráos do *faubourg Saint-Honoré*, com uns deboches sardanapalescos de sueca a feijões.

Havia tambem um rumorejo de vozes que altercavam na taverna do Chasco. Tinia dinheiro lá dentro. Jogava-se o monte.

O Melro cuidou ouviu proferir o nome do Zeferino. Abeirou-se, pè ante pé, do postigo da taverna, e convenceu-se de que estava alli o pedreiro. Era elle quem reclamava um quartinho que pozéra *de porta*, e o banqueiro recolhêra com as paradas que estavam *dentro*, quando tirou a contraria *de cara*.

— Que não admittia ladroeiras!

E o banqueiro desfeiteado observava-lhe que nada de chalaças a respeito de ladroeiras; que todos os que estavam d'aquella porta para dentro eram cavalheiros. O Zeferino replicava que não queria saber de cavalheiros; que queria o seu quartinho ou que se acabava alli o

mundo. Que quem queria roubar que fosse para a Terra Negra.

A allusão era muito certeira e inconveniente. Estavam na roda dos cavalheiros alguns veteranos da antiga quadrilha do Faisca, na Terra Negra, muito desfalcada pelo degredo e pela forca. Travou-se a lucta a sôco e páo; havia lampejo de navalhas que davam estalos nas molas; o Tagarro de Monte Cordova tinha feito afocinhar o banqueiro sobre os dois galhos do baralho com um murro herculeo, phenomenal. O taberneiro abriu a porta para escoar o turbilhão. Elles sahiram de roldão; e, quando entestaram com a treva exterior, quedaram-se cegos como n'um antro de caverna. Um, porém, dos que estavam, não sahiu; encostára-se ao mostrador, com as mãos no baixo ventre, gritando que o mataram; e, vergando sobre os joelhos, n'um escabujar angustioso, cahiu de bruços, quando o taberneiro e o Tagarro o seguravam pelos sovacos. Era o Zeferino.

Quando, á meia noute, o *Alma-negra* entrava em casa pela porta do quintal, encontrou a mulher ainda de joelhos diante da estampa do Bom Jesus do Monte. Ao lado d'ella estavam duas filhas a rezar tambem, a tiritar, embrulhadas em uma manta esburacada, aquecendo as mãos com o bafo.

O Melro mandou deitar as filhas, e foi á loja contar á mulher, livida e tremula, como o Zeferino morreu sem elle pôr para isso prégo nem estopa. Ella poz as mãos com transporte e disse que fôra milagre do Bom Jesus; que estivera

trez horas de joelhos diante da sua divina imagem. O marido objectava contra o milagre — que o comprade não lhe dava a casa, visto que não fôra elle quem vindimára o Zeferino; e a mulher — que levasse o démo a casa; que elles tinham vivido até então na choupana alugada e que o Bom Jesus os havia de ajudar.

Ao outro dia, o Joaquim Melro convenceu-se do milagre, quando o compadre, depois de lhe ouvir contar a morte do pedreiro, lhe disse:

— Emfim, você ganha a casa, compadre, porque mátava Zéférino, se os outros não mátam a elle, heim?»

*

* *

(Do «Euzebio Macario»):

«Uma noite de novembro cahia neve, e os aspectos do céo profundamente frio tinham umas estrellas tremulas, lucilantes, e um luar álgido que dava ás concavidades nevadas a claridade nitida d'uns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de pelles e uma carapuça alemtejana escarlate, que lhe abafava as orelhas. Debaixo da lapella da véstia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado, com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos sêrros. Uivos longinquos de lobo ouviam-se e punham-lhe vibrações na espinha, e um terror grande n'aquella immensa corda de serras, onde elle, áquella

hora, se considerava o unico ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a elle, ouviu o uivo alli perto, para lá da espinha do serro. Tirou a clavina do sovaco, e livido, com a sensação estranha do figado despegado, metteu o dedo tremente, automatico, no gatilho. Fez um acto de contricção; provava quanto as religiões são importantes, urgentes, nos conflictos sérios do homem com o lobo. Esperou. A fera assomára na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horisonte branco com uma negrura immovel, sinistra: parecia um bronze, um emblema de sepulchro. Ella quedou-se por largo espaço n'um aspecto de admiração, de surpreza. Depois, descahiu sobre as patas trazeiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleugmatica. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lobo; mas o frade, caçador astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Pôz-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães: «Bóca! péga! cérca! Ahi vai lobo!» Echos respondiam; e a fera, menos versada na physica dos sons reflexos, olhava crespa, espavorida para o lado em que repercutiam os brados. Ergueu-se, e desceu mui de passo, com uns vagares ironicos, com a cauda de rojo e o dorso erriçado, a ladeira da collina. O padre via-a negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o logarejo de Felicia estava mais perto que a sua aldèa, e para aquelle

lado latiam cães d'um faro que adivinha o lobo antes de lhe ouvir o uivo, e o fariscam pela inquietação das rezes nos curraes. Trepou afoito ao teso do outeiro: ganhára animo; bebora uns tragos de aguardente d'uma cabaça atada com o polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de affrontar o rebelde, se elle o não respeitasse como rei da creação, segundo affirmativas de theologos que nunca viram lobo. Do topo olhou para baixo: não o avistou. Carcavava-se um algar emmaranhado de bravio espesso onde se embrenhára. Estugando o passo, ganhou uma chã ladeada de extensas leiras de feno alvejantes como um estendal de lençóes; e, quando olhava para traz receoso, viu a alimaria, a grandes passos, com a cabeça alta, atravessar a leira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na extrema do caminho que entestava com a aldêa. O padre agachou-se, coseu-se com o vallo de urzes e giestas que formavam o tapume das terras cultivadas, e muito derreado, arquejando com o dedo no gatilho, e a fecharia rente da barba, caminhou parallelo com o lobo que farejava de focinho anhelante e as orelhas fitas; e assim que a fera passou de perfil em frente do tapigo, o rei da creação, que o era pelo direito do bacamarte, despediu-lhe a primeira bala com a destra pontaria de quem havia já matado aguias com zagalotes. O lobo, varado pela espadoa, até ao coração, decahiu sobre um dos quadris, escabujou em roncos frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado n'uma grande agonia, e morreu.

A Felicia não cahiu aos pés do matador de feras, subjugada pelo assombro da intrepidez, com phrases soluçadas de ternura. Voltou-se para um registo do Senhor do Monte, encaixilhado, sem vidro e muito pintalgado das moscas, e rezou com as mãos postas e um grande fervor de recolhecimento pela concomitancia que o Senhor do Monte tivera na morte do lobo.

Cães latiam em grasnada na chã onde jazia o lobo, quando o padre, ao pintar da aurora, regressava; conjecturou que fossem caçadores matinaes, e desviou-se do trilho para que o não conhecessem. Eram as matilhas de galgos e coelheiras dos morgados do Montalegre, homens muito fragueiros, d'uma bruteza selvagem antiga, que nas grandes neves sahiam para as serras a matar a mócadas a lebre e o coelho enregelados, famintos nas colheitas, e no concavo enxuto das urzes, quando o gêlo lhes fechava os buracos das luras. As matilhas assanhadas ladravam ao cadaver do lobo, e algum cão mais ousado puxava-lhe pelo rabo, sacudindo a cabeça com phrenesi. O lobo foi disputado aos caçadores pelos habitantes da aldêa visinha, que tinham direito a 6$000 réis com que a camara gratificava o matador; mas os de Montalegre díziam que apparecesse o homem que o matára; e estavam a termos de o levar, porque o morgado de Corujão, dado a pompas venatorias, lhe queria a pelle para tapete da cama, e falava em lhe embalsamar a cabeça.

N'isto, Felicia para desatar as dúvidas, disse

um segredo a umas quatro visinhas que quem matára o lobo fôra o sr. padre Justino de Padornellos. Espalhou-se logo o caso, foi muito admirada a valentia do padre, e um lavrador abastado, o Chanca, mandou uma cabra e um cabrito de presente a Felicia, e que dissesse ao seuhor padre que se precisasse d'alguma cousa, elle estava ás ordens para o servir, e que assim é que se queriam os homens. D'ahi por diante Felicia quando ia a um cêrco, romaria ou festa de igreija longe, o povo apontando para ella, dizia : «aquella é a femea (1) do padre que matou o lobo».

*

* *

(Do «Euzebio Macario») :

«O Brazileiro Bento José Pereira Montalegre tinha mandado ir a irmã, a Felicia, para Vassouras. Dizia-lhe que estava socio do commendador Borges, um visinho d'elles, que tinha fugido da terra por ter furtado um porco ao Barandas. Felicia lembrava-se, e dizia :

— Um grande ratoneiro, andava esquadrilhado, a pirangar pela freguezia, e chegou a isso !

O abbade lia a carta : «Fizemos sociedade

(1) Em Terras de Barroso e nas limitrophes a mulher em mancebia é uma *fémea;* reduzem-na ás condições mais physiologicamente animaes que podem. A casada não é fémea ; é a *patrôa.* «A minha patrôa,» diz o marido.

de trezentos contos fracos, em engenhos de café moído a vapor, assucar e aguardente. Venha vossê para mim, que quero casar aqui bem ella. Mando ordem de dar dinheiro a vossê a meu correspondente do Porto, Araujo & Filhos, rua dos Inglezes. Vá mana em casa d'elle».

— Pois não fostes! — atalhou Felicia.

— Vê lá! — fez o abbade. — Que não queria tolher a sua felicidade; que era tão amigo d'ella que morreria de saudades, mas que, primeiro que a sua vida, estava a fortuna d'ella.

Felicia enxugava os olhos com o avental, dava soluços, afogavam-na, queria queixar-se, dizer-lhe que elle parecia não se importar que ella fosse.

Explicavam-se de parte a parte, commovidos, á competencia de protestos, ternuras, inclinações de cabeça reciprocas nos peitos em attitudes apaixonadas, e resolveram responder-lhe — que ella devia muitas obrigações ao senhor abbade de S. Thiago de Faya; que lhe estava governando a casa; que elle era doente, sem familia, e não podia deixar assim.

Eusebio Macario escreveu a resposta dictada pelo abbade, e pediu licença para acrescentar á palavra *doente:* «e quem o trata é quem esta escreve, Eusebio Macario, pharmaceutico approvado por Sua Magestade Fidelissima que Deus guarde».

— E me guarde mim dos seus remedios — ajuntou, galhofeiro, o abbade.

Isto foi em 1844. Cartas de Vassouras vieram queixosas, mas com alguns dinheiros, que Felicia punha em cordões, em touros e cevados,

que negociava. O Bento em 48 tambem sahia commendador; dera quatro contos para os asylos, moeda forte, e mandára ao correspondente Araujo & Filhos, rua dos Inglezes, Porto, que lhe mandasse abrir as suas armas n'um annel d'ouro sobre uma chapa do tamanho de uma fava pequena.

— Que á fava devia ir o Bento — dizia Araujo & Filhos.

Mandou ao Molarinho que lhe abrisse as armas do commendador Bento José Pereira Montalegre; repetia a fava, mandava a medida do dedo annular, uma argola de papel que parecia a medida d'uma pulseira. O Molarinho mandou saber como queria elle as armas. — Que o armasse como soubesse — respondeu Araujo & Filhos, muito velhaco, cheio de inveja da commenda, e dizia á mãe dos seus socios: — Este pulha, o Bento com armas reaes em annel! Está tudo perdido!

O Molarinho não achou no indice alphabetico dos appellidos nobres o *Montalegre*. Esteve para creal-o, invental-o um *monte* batido do largo sol, matizado de boninas, com recamos de flôres amarellas de giesta e florescencias rôxas da urze: um monte risonho, *alegre* — «Montalegre». Mas receou exceder a missão da arte na cooperação dos fidalgos. Como elle tambem era *Pereira*, gravou o baixo-relevo do brazão do condestavel dos Braganças: em campo vermelho uma cruz de prata floreteada e vazia de campo; timbre, uma cruz vermelha tambem, floreteada e maciça entre azas d'ouro abertas. Eram as armas d'el-rei D. Affonso,

o Casto, e de seu sobrinho Frojaz Vermuí, avoengo de D. Nuno Alvares Pereira, e do Bento José talvez.»

*
* *

(Do «Euzebio Macario»):

«Havia povo á entrada da aldêa, na espectativa do brazileiro rico: mulheres com as mãos cruzadas sobre as barrigas n'uma immobilidade pascacia; rapazitos em fralda sujæ e esfarrapada de tumentos, coçando as pernas picadas pelas moscas, e repuxando as saias das mães, a pedirem pão com esgares lamuriantes, d'uma fealdade especifica da raça humana e dos pequenos garotos das aldêas; homens que vinham das malhadas sentavam-se no cruzeiro, com as calças brancas arregaçadas até á côxa, e esfregavam com delicias as pernas cabelludas mordidas pela pójeira do palhiço e dos eirados, pondo os joelhos escarpados ao pé da bocca. O criado do abbade, um torto que limpava a egoa e ia buscar a carne ao Arco, estava no adro, e, logo que avistou na revolta do caminho a ama, atirou ao ar seis bombas reaes, e enfiando pela escada da torre começou a repicar dous sinos a um tempo, com a vehemencia febril de quem toca a fogo. O José Macario, que estava á porta da botica e mais um grupo de trolhas que trazia na casa, fizeram subir duzias de foguetes de tres respostas, emquanto um dos trolhas disparava doze morteiros que retumbavam nos echos da corda de serras com

fragor alegre. Povo corria de todos os quinchosos; rapazolas com os chapéos nas mãos e as caras no ar, dando pulos por sobre as sebes, aparavam as canas dos foguetes e espojavam-se a disputal-as com grandes gritos e sopapos. Havia o contagio da alegria, a exultação bruta que dá a electricidade do sino e do foguete. Malhadores atiravam os chapéos ao ar, e berravam *eh! eh!* uns monosyllabos selvagens com que saudam os forasteiros e afoutam os bois derreados nas ladeiras escorregadias. Cães d'uma magreza esqueletica uivavam quando o foguete rechinava subindo; outros, com as caudas retrahidas, afflictos, saltavam paredes, guinchando latidos de pavor. A egoa em que montava o brazileiro, abbacial, pacifica, resfolegava, curveteava, ladeava, fazia programmas de couces. Elle abria muito as pernas, e agarrava-se ás crinas, dizendo: *chó*, *chó*, não mi dêrrubes! — Felicia tinha mêdo que o irmão cahisse; pinchou da jumenta, e agarrou com destreza e força a egoa pelas cambas do freio. Macario, que levava as abas da casaca apanhadas e atadas sobre o estomago para se não mancharem no suor das ancas da besta, apeou sem as desatar. O povo, o grande animal expansivo, que ri ás vezes com o fino sentimento do burlesco, dava na barriga palmadas d'uma exultação hilar e bruta. — Olha o rabo da casaca voltado p'ra diante, ó Maria Ruiva! — O diabo do homem parece um entrudo! — É que traz a barriga do envez! — E o Ferramenta: — Ó Zé das Poldras, olha o brazileiro como é gordo! Se eu pilhava assim um porco!

— E o Matula, um veterano sem nariz: — A egoa anda ó p'ra traz. Que lhe passe o freio p'r'ó rabo, que ella anda p'ra diante.— E outras chulices corriqueiras, minhotas. Os malhadores batiam nos joelhos com as mãos encodeadas muito abertas, ás upas, n'um regosijo de vinho folião.

Ao aproximar-se o grupo, a gentalha acommodou-se. Os tres iam a pé. Felicia tinha dito de esconso ao boticario que desatasse as badanas. O Bento ia carregado, desplicente, aborrecido, sentia-se grutesco, elle, commendador, seiscentos contos fortes, ao lado do boticario da aldêa, que atava as abas da casaca, escorridas, longas e agudas como dous bicos de passaro monstruoso, antediluviano.

Havia uma estrumeira de matto fôfo, antes de chegar á porta da residencia. O commendador olhava para os espinhos do tojo com a estranheza aterrada do primeiro nauta que avistou o cabo tormentorio. O verniz das botas delira-lhe dos pés a memoria do bravio que calcára na infancia. Perguntava á mana se não havia outro caminho; exprimia em tregeitos de enfado um enôjo immenso da sua situação e da selvageria do paiz que ladrilhava as estradas de sarças espinhosas. Felicia e Eusebio deram-lhe o exemplo, trilhando, recalcando, como em uvas de lagar, as hastes que erriçavam a tojeira. Elle seguia-os com as pontas dos pés grandes para fóra e para cima, pesando sobre os calcanhares gordos que cavavam abysmos no matto.

Ao cabo da estrumeira, coberta de latada espessa, d'onde pendiam cachos rôxos afestoados de uva garrafal, havia o portão vermelho, com frizos apainelados, do quinteiro da casa do abbade. As portadas estavam escancaradas; e na luz esverdeada do interior, coada pela folhagem das parreiras, recortava-se direita, elegante, sobre o limiar do portão, a filha de Eusebio.

O brazileiro, antes de saber que tinham chegado á residencia, vira Custodia, e disse ao boticario, estendendo o beiço, lubrico, na direcção da rapariga:

— Muito boa moça, hein?

E o boticario com um riso grave:

— É minha filha.

— Ah! — fez o commendador.— Muito cátita! É a primêra moça galante que mi áppárece no Minho.

— É sãzinha, graças a Deus — voltou Eusebio, commedido, modesto.

Elle, o Bento, era justo na sua admiração sanguinea, plastica, modelada ao gosto das velhas sensualidades da arte grega. Custodia, no momento do reparo, tinha os braços arqueados na cintura, e o pé direito, calçado em tamanquinho de verniz com ponteira pospontada de escarlate, posto á facaia, para fóra, com a saia um pouco espipada no joelho desviado, por maneira que o tornozêlo se lhe via torneado na meia aberta de linha de Guimarães, com quadradinhos e ramagens por onde vermelhavam tons de epiderme rosada. Vestia jaqué de panno azul claro, chanfrado na cintura, com dous ren-

ques de botões amarellos, rutilantes, em que espelhava lampejos alaranjados a ultima radiação do sol poente. A saia exterior, de crepe, um pouco apanhada de um lado, mostrava outra branca, de tomadinhos têsos de gomma, encanudados, e por baixo o debrum de velludilho preto do saiote de flanella carmezim. As mangas das roupinhas, amplas á proporção da musculatura do braço, estreitavam-se no pulso torneado, apresilhando n'um botão de linha sobre o punho bordado da camisa. Por debaixo do cós do jaqué sobresahiam realces, uns fôfos da camisa adherente aos refêgos da carne molle apertada pelas camadas de saias que levantavam saliencias boleadas dos quadrís. Cruzavam-lhe a curva opulenta dos seios as pontas franjadas d'um chale de cachemira amarello com festões de flôres rubras, que atavam atraz na cintura, dando um destaque ás ancas muito reparado dos sensualistas das feiras e das romagens. No pescoço, redondo, com maciezas e tons alvos de leite, até á raiz dos peitos, tinha uma gargantilha de ouro e mais tres cordões, com um crucifixo de uma esculpturação antiga e rebelde ás devoções sinceras, espiritualistas, por estar posto n'um calvario de enormes glandulas hemispherícas mais tentadoras que as visões lubricas dos anachorêtas. Na cabeça, penteada em bandós de grossas madeixas alouradas, alvejava um lenço de cambraieta, bordado a torçal, de muitas côres, com corações traspassados de frechas. Ria-lhe no rosto uma alegre saude que lhe carminava os beiços e punha nos olhos scintillações de

mordente desenvoltura. Parecia uma cara feita de frescas folhas de camelias brancas e vermelhas. Sentia se-lhe de longe os perfumes das lestras, do rosmaninho, das camoezas, das moitas floridas em que zumbem abelhas. Ella sahira fóra ao terreiro a comprimentar o commendador, sem acanhamento. Tinha prática de tratar com a brazileirada dos arredores — uns sujeitos que babavam as palavras dôces; conhecia ditos das novellas, e andava a lêr a traducção dos *Mysterios de Paris* que lhe emprestára a D. Libania da Casa Grande, uma douda que se apaixonára por Eugenio Sue, idealisára o romancista sob a lua cheia das noites castas e tepidas d'agosto; depois reclamára-o com suspiros ás estrellas, á Ursa maior, á viração balsamica dos pinhaes murmurosos. Muito romantica, sempre espapada n'uma madracice lyrica. Por fim, como Eugenio Sue não viesse, casou com o João Feitosa, socio do pai em S. José de Cacaria, Feitosa & Roxo. Fôra ella quem iniciára a Custodia na litteratura dissolvente; mas não conseguira derrancar-lhe a alegria, o estomago e as noites regaladas, bem dormidas de papo acima. Ella tinha um interesse palpitante pelo principe Rodolpho; mas adormecia antes da peripecia com o gancho da candêa espetado n'um buraco da parede, e um braço de jaspe decahido para baixo, como a procurar no taboado a brochura cahida — um braço que seria o perdido d'alguma Venus de Praxiteles, se não fôsse o de Custodia — o que era muito melhor.»

*
* *

... Sustento que o grande prosador ao intentar obra de demolição – pela caricatura—esquecia gradualmentè o seu proposito e a breve espaço occupava o *seu logar* entre os innovadores. *Que logar o seu?* — O primeiro logar: proteste embora a orientação scientifica — *osso para caldo* e barafustem embora os paes-avós janotas em emprenhidão de rancores e de temores.

Assim, o *Euzebio Macario* tem a sua *intenção* vinculada ao seguinte Prefacio, mais á seguinte Dedicatoria (a D. Anna Placido):

PREFACIO

«São duas phrases de entranhada gratidão a alguns criticos bons, delicados que inutilisaram os periodos percucientes, os punhaes das ironias com que tencionavam trespassar do peito ás costas o *Eusebio Macario*, tão sinistramente agourado. Esta reconsideração, já agora, é uma virtude que daria santos á legenda aurea dos litteratos, se elles coubessem no céo, onde ha tantos, beatificados por fomes de trufas e sêdes de lacryma-Christi — que importa o mesmo dizer fomes e sêdes de justiça. O timido author esperava que os artistas não

refugassem a obra tracejada, e affirmassem que eu, n'esta decrepidez em que faço ao estylo o que os meus coevos de juventude fazem ao bigode, não podia penetrar com olho moderno os processos do naturalismo no romance. Ora a cousa em si era tão facil que até eu a fiz, e tão vaidoso fiquei do *Eusebio Macario* que o reputo o mais banal, mais ôco e mais insignificante romance que ainda alinhavei para as fancarias da litteratura de pacotilha. Se eu o não escrevesse d'um jacto, e sem intermissões de reflexão, carpir-me-ia do tempo malbaratado.

Cumpre me declarar que eu não intentei ridicularisar a escola realista. Quando appareceram o *Crime do Padre Amaro*, o *Primo Bazilio* e os romances de Teixeira de Queiroz, admirei-os, e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiração. Creio que, hoje em dia, novella escripta d'outro feitio, não vinga. Eu não conhecia Zola e ainda agora apenas e escassamente o conheço de o ouvir apreciar a uma pessoa de minha familia que me fez comprehender a escóla com duas palavras: «É a tua velha escóla com uma adjectivação de casta estrangeira, e uma profusão de sciencia comprehendida na «Introducção aos tres reinos». Além d'isso tens de pôr a physiologia onde os romanticos punham a sentimentalidade: derivar a moral das bossas, e subordinar á fatalidade o que, pelos velhos processos, se imputava á educação e á responsabilidade». Comprehendi, e achei que eu, ha vinte e cinco annos, já assim pensava, quando Balzac tinha em mim

o mais inhabil e ordinario dos seus discipulos.»

S. Miguel de Seide, setembro de 1879.

Camillo Castello Branco.

DEDICATORIA

Minha querida amiga.

«*Perguntaste-me se um velho escriptor de antigas novellas poderia escrever, segundo os processos novos, um romance com todos os «tics» do estylo realista. Respondi temerariamente que sim, e tu apostaste que não. Venho depositar no teu regaço o romance, e na tua mão o beijo da aposta que perdi.*»

O AUTHOR.

*
* *

O artista, porém, mercê dos dotes incomperaveis de execução, só no final do prezente capitulo (o ultimo) da sua obra, parece *lembrar-se* de que *á familia dos Rongon Macquart, no tempo do segundo imperio*, offereceu o *pendant da familia Macario, no tempo dos Cabraes*. Vêde com olhos de penetrar:

*
* *

«N'um dia de junho de 1850, o abbade de S. Thiago da Faya, muito inflammado, entrou no hotel da Aguia, na Batalha, e comeu atabalhoado, muito alvoraçado, com gestos de doudo, uma costella que empurrava com tragos de vinho. Desceu ao botequim, e pediu café e cana. Havia pouca gente. Homens de grandes cabellos, sem bigodes, com fraques coçados no fio e cadêas vistosas de latão a tremeluzir, nas calças brancas espipadas nos joelhos e avincadas de surro, bebiam cerveja da pipa, com os queixos espumosos. Eram actores da companhia do João Manoel, vocações de tripeça falsificados na rampa. Em outra mesa havia homens de aspecto bilioso, grisalhos, com oculos, que liam o *Periodico dos Pobres* em voz alta, e chamavam ladrão ao conde de Thomar, e malandro ao Joaquim Torquato. Eram pessoas desasadas, desencadernadas, que tinham tido patentes militares na Junta suprema, e viviam do jogo com baralhos marcados e muita habilidade no uso do pègo. A um canto estava um velho de semblante livido, muito desgraçado, com um chapéo enorme de sêda d'um azulado decrepito, com um grande cigarro no canto da bocca. Ao lado, sobre um mocho, via-se uma guitarra com manchas gordurosas de suor que punham brilhos, e aos pés um cão d'agua com o felpo encarcovoado, cheio de torcidas, encaroçado, dormia e acordava de salto, apanhan-

do com muita furia, no ar, as moscas que lhe picavam as orelhas. Era o José das Desgraças, o legendario mendigo, que morreu de saudades do seu cão, aggravadas pela fome.

Entrou no café um sujeito gordo, bem vestido de preto, cara rapada, com oculos azues e bengala de castão de prata.

— Um café!

— Prompto, senhor doutor Viegas — disse um rapazola em mangas, vestindo a blusa para servir o café. — Cognac?

— Sim, e charutos de pataco.

O abbade, ouvindo proferir *Viegas*, lembrou-se do facultativo que estivera em S. Thiago da Faya, e levára a sova de Eusebio por causa da Canellas. Reparou; mas não podia ser. O outro, que elle ainda conhecêra, era magro, escanifrado, côr da terra sêcca, não tinha oculos, e usava bigode e pera. Não podia ser.

Chamou o rapaz, e mais por curiosidade que por verificar, perguntou-lhe:

— Aquelle senhor doutor Viegas é cá do Porto?

— É, sim, senhor; é o medico do hospital do Terço.

— Sim? é medico? Então póde ser; mas está muito mudado — pensava. — Vou-me desenganar.

Levantou-se, foi direito ao Viegas que o encarava por cima dos oculos, dobrado sobre a chavena, e disse:

— Vossa senhoria ha de perdoar a minha confiança. Ouvi chamar-lhe doutor Viegas. Dar-se-ha caso que vossa senhoria seja um que es-

tava aqui ha treze annos em Cabeceiras de Basto?

— Sim, senhor, sou eu mesmo — respondeu, olhando-o a fito, e exclamando com impeto da surpreza: O' abbade! você é o abbade de S. Thiago da Faya!

E erguendo-se, abraçaram-se n'uma grande cordialidade de barrigadas; que nunca mais se tinham visto; que se lembravam um do outro a miudo; que felizes tempos! as illusões da mocidade; as forças desperdiçadas em asneiras aliás agradaveis, que o dinheiro dava regalias; mas não dava a felicidade. E então o Viegas contou que fóra para o Marco de Canavezes fazer clinica depois que sahiu de S. Thiago; que casára bem com uma viuva que salvára d'um typho; e, como estivesse aborrecido da aldêa, liquidára em boas libras a fortuna da mulher e mudára a residencia para o Porto, com tenção de estudar, e ir a concurso de alguma cadeira vaga na escóla medico-cirurgica. Que para se entreter se annunciára nos jornaes como especialista de molestias de figado em que tinha feito profundas analyses e experiencias. Começou a ser consultado com tanta felicidade que em poucos annos adquirira grande reputação, principalmente com brazileiros.

Que tinha enviuvado, e passára a segundas nupcias com uma senhora fina de quem tinha tres rapazes e uma menina; que era medico de varios hospitaes; e abandonára a idéa do magisterio por não querer luctar com a corrupção do jury da escóla. Disse os nomes dos que vendiaam o voto por dinheiro, por inflen

de mulheres devassas, por politica; de resto, eram todos uma descompassadas bestas, a vergonha da sciencia e do paiz. Disse que o doutor Assiz tinha sido barbeiro antes de emigrar e que o Braga dos Lavadouros, o quintinista, de camelia na mão e barbas de Hypocrates, era uma lamina que n'um paiz onde houvesse critica e proto-medicato seria um simples enfermeiro de hospital. O Viegas tinha sido excluido em tres concursoa, como ignorante e desmoralisado; sobejavam-lhe razões de queixume.

Saltaram para outro assumpto:

— Que me diz você, abbade, á baroneza do Rabaçal?

— Pois já sabe?

Pois não havia de saber! Elle era medico do commendador Aguiar. Sabia tudo. Que a tinha visto de calecha, com o marido, e com o pai, o boticario, o Eusebio — e batia-lho no hombro — o marido da Rosa Canellas. — E aquelle garoto, o Zé, que me diz você áquelle Zé? Anda por ahi bem montado, a quebrar as calçadas, de luneta, com historias escandalosas, mettido com uma Trigueiros, muito safada. É verdade! e a Felicia? Tambem a tinha visto no theatro; parecia uma velha dama de copas com muitos caracoes, e muitos ouros, com ares palermas, a olhar para o tecto, e a apontar para as figuras. Como se despegára o abbade d'aquella boa praça?

O abbade, suspirando, com ares cynicos:

— Como me despeguei? O irmão tinho chelpa, e ella raspou-se. Adeus, minha vida! En-

trou outra. Estupores que me comam a abbadia são ás duzias: é a mim, a mim! Mas você não sabe tudo pelo que vejo. Não sabe que a Felicia casou.

— Que me diz, abbade? Lá que ella vinha a casar sabia eu, porque o Aguiar me disse que o irmão lhe dava um grande dote, quarenta contos. Casava com quem quizesse.

— Pois casou com o José Macario, casaram hontem, alli em Santo Ildefonso, ás seis horas da manhã e partiram no vapor para Lisboa, os canalhões.

Viegas gargalhava e dizia: Oh! que pulhas! que pulhas! que pandilhas! que malandros!

— Deixe-me contar-lhe, Viegas; ouça, que isto tem graça... Dê cá o lume — e accendia o cigarro, impando as bochechas com muito fumo, que engulia e resfolegava soprando a a cinza. — Eu lhe conto. Aqui ha tempos a esta parte, o barão e mais a porca da mulher, e o corno do sogro, olhavam-me de esguelha. Eu comprehendi a couso; mas fiz que não entendia, porque — veja você o diabo! — eu gostava da Felicia; era uma mulher de appetite, muito bem conservada, carnes rijas como isto — e batia no marmore da mesa com a mão empalmada — uma grande mulher, uma perfeição. Depois, a costumeira de dezeseis annos; estava affeito; por mais asneiras que fizesse por fóra aquella era preferida cá n'este diabo d'esta cousa que se chama coração Gostava de a vêr, vinha ahi de mez a mez; não lhe podia fallar; a bebeda fugia de mim; mas eu, por mais que fizesse, não podia esquecêl-a. Cheguei a chorar como uma criança, escondido...

— Mas você está bom e gordo, abbade! — observou o clinico.

— Isto foi depois que o tempo me foi curando, meu amigo; mas, ao primeiro, estive como um arenque. Não faz idéa, doutor!.. Aqui ha tres dias, mandei ao barão dous presuntos e tres duzias de salpicões, e escrevi lhe que chegava hoje ao meio dia,e lá ia bater ao ferrolho para jantar. Chego á porta, o diz-me o guarda-portão. «Os senhores foram hoje p'ra Lisboa». — Todos? — Todos; foi o sr. Eusebio e mais o sr. Josésinho e a senhora d'elle... — O sr. José Macario casou? — Casou hontem com a mana do senhor barão; casaram de madrugada e foram estar dous meses na capital. Diz que iam p'ra Cintra.

Fiquei estarrecido, imagine você! E o guarda-portão a olhar p'ra mim: — Pois é verdade Aquelle pechinchou. O senhor barão dotou-a com cem mil cruzados em dinheiro; fez-se a escriptura antes de hontem; e de mais a mais ella é verdade que não é nova, mas ainda tem muito que romper. Quando foi p'ra igreja ia ahi arreada que parecia uma princeza! fazia muita vista! um bom boccado!

— Que corja! — não pude deixar de lhe dizer — que corja! — Metti as esporas á egoa, fui guardal-a na estalagem do Cantinho, e andei por ahi como uma alma penada, capaz de lhe escrever uma carta ao Fistula, áquelle pelintrão, descarado, e dizer-lhe que tivesse vergonha, que se enforcasse; que eu ia atirar ás folhas a vida da Felicia, da safardana, que eu tirei de guardar cabras em Barroso.

— Não faça isso — aconselhou o Viegas — não faça isso, que lhe fica mal, e nada remedeia. Coração ao largo, abbade! Receita de medico: o pêllo do mesmo cão. Vingue se conservando essas boas apparencias de saude; e para não estar a malucar, venha d'ahi commigo, vamos dar um passeio.

Estava, pois, constituida e bifurcada a *familia-Macario*, no tempo dos Cabraes, cujo reinado expirou no anno seguinte. Horisontes novos vão rasgar-se. Adubos tão crassos devem rebentar em vegetações feracissimas.

*
* *

O abbade, dias depois, reconciliado com a desgraça, entrava na residencia, e perguntava a Eufemia:

— Ó rapariga, tu tens irmão no Brazil?

— Porque perguntas isso, ó idolatrado?

— É que, se tivésses, qualquer dia elle entrava por ahi dentro barão; e eu, n'esse caso, precisava ir desde já deitando o olho a quem me viesse governar a casa.

E ella, explosiva de riso e ternura:

— Isso é o que tu querias, idolatrado!

E punha-se a catal-o.

Eufemia, quando era costureira de Madame Guichard, teve um segundo-sargento a quem chamava o seu idolatrado. Depois d'esse teve

nove, uma sucia, incluso o abbade, todos idolatrados. Ella ardêra muito sem se gastar, como a sarça de Moisés. Cada vez mais gorda e frescal. O abbade, em momentos de rapto religioso, dizia cheio de unção: Os céos indemnisaram-me da ingratidão da outra bebeda.»

IX

BIBLIOGRAPHIA CAMILLIANA

LISTA das obras originaes de Camillo Castello Branco, por ordem chronologica de publicação, é reproduzida da Bibliographia Camilliana, do sr. Henrique Marques, — o mais completo trabalho conhecido sobre o assumpto. As observações são do sr. Paulo Osorio, e constam do bello livro *Camillo*, d'esse escriptor.

*
* *

N.º 1 — 1845 — *Os pundonores desagravados* (Poemeto satyrico) — Nesta sua primeira producção impressa, Camillo, faz troça d'um projectado duello entre dois condiscipulos seus d'aquella época.

N.º 2 — 1845 — *O Juizo Final;* e o *Sonho*

do Inferno (Poemeto satyrico) — «... para de uma assentada dizer mal de toda a gente — escreve Camillo no prologo do *Ao Anoitecer da vida*, referindo-se a essa sua satyra — escrevi e publiquei um *poema*, em que descrevia a vida que viviam no inferno todas as classes da minha antipathia.»

N.º 3 — 1847 — *Agostinho de Ceuta* (Drama) — Esta primeira composição dramatica de Camillo, cuja primeira edição trás a dedicatoria: «A seu tio João Pinto da Cunha, por um dever» anda ligado á aventura amorosa com Patricia Emilia. Para que ella o ouvisse, improvizou Camillo em Villa Real um theatro onde o drama se representou.

N.º 4 — 1848 — *Maria! Não me mates que sou tua mãe!* (Narrativa) — «Uma viuva, Mathilde do Rosario da Luz, que morava em Lisboa na travessa das Freiras n.º 17 — conta o sr. Alberto Pimentel no *Romance do romancista* — tinha duas filhas uma das quaes se chamava Maria José. Esta rapariga enamorou se d'um rapaz chamado José Maria, o qual foi pedi-la em casamento. Desde esse dia, Mathilde do Rosario admittiu em sua casa José Maria, que abusou da intimidade. Maria José appareceu gravida. A mãe, indignada, ameaçou ir denunciá la ao regedor. Maria José, segundo se dizia então, fôra aconselhar-se com o amante, que, por suppor que Mathilde era rica, induziu a filha a assassiná-la. Maria José acceitára o conselho e matára a mãe á facada. A pobre velha, quando a filha investiu deshumanamente com ella, em vão appellou para os

sentimentos de piedade e ternuras filiaes: *Maria! Não me mates, que eu sou tua mãe.*» Falando do caso, Thomaz Ribeiro affirmou que o crime fôra falsamente attribuido á filha da assassinada. Em todo o caso, Camillo explorou sentimentalmente o assumpto, recebeu em cobre o preço do trabalho e, como ao sr. Alberto Pimentel, elle proprio confessou, «foi grande a sua satisfação quando em casa começou a despejar as algibeiras atulhadas de patacos.»

N.º 5 — 1848 — *A Murraça* (Poemeto satyrico) — Camillo mette a ridiculo um conflicto entre o padre João Bernardo, intimo do conde de Thomar e o arcediago Almeida Pinheiro, irmão do barão de Grimancellos.

N.º 6 — 1849 — *O marquez de Torres Novas* (Drama) — A primeira edição d'este drama era offerecida «à ex.ma sr.a D. Maria Felicidade de Couto Browne.» Conta Vieira de Castro que a *Censura dramatica*, que ao tempo ainda existia no Porto, sentenciou assim sobre a peça de Camillo: «Não poderá representar-se o drama *Marquez de Torres Novas* emquanto o seu auctor não emendar com letras maiusculas a palavra *rei*, que teima sempre em escrever com *r* pequeno.»

N.º 7 — 1849 — *O caleche* (Opusculo politico).

N.º 8 — 1850 — *O clero e o sr. Alexandre Herculano* (Critica).

N.º 9 — 1851 — *Inspirações* (Poesias lyricas) — Uma d'essas poesias é a *Harpa do sceptico.*

N.º 10 — 1851 — *Anathema* (Romance).

N.º 11 — 1852 — *Salvè, Rei!* (Poesia de saudação) — Inspirado pelo casamento de D. Miguel de Bragança.

N.º 12 — 1852 — *Revelações* (Opusculo) — Este trabalho, publicado sem o nome do auctor, refere-se a uma questão de familia, entre o conde do Bolhão e sua mulher. Conta o sr. Ramalho Ortigão, no *Estudo critico* que precede a edição monumental do *Amôr de Perdição:* «Espancado na rua de Santo Antonio, em reivindicação de um artigo de jornal contra a familia de Constantini, então em demanda com a familia Bolhão, Camillo, já por terra, com uma larga ferida na cabeça, antes de ser levado para casa do alfaiate Augusto de Moraes, desfechou ao peito do aggressor um tiro, de que elle escapou pela circumstancia de trazer em couraça um espesso collete de pelles.»

N.º 13 — 1852 — *Hosanna!* (Poesias religiosas) — Este opusculo foi a origem d'uma polemica entre o auctor e o professor portuense Amorim Vianna.

N.º 14 — 1854 — *Um livro* (Poesias lyricas).

N.º 15 — 1854 — *Duas épocas na vida* (Poesias lyricas) — Este volume contém as poesias do *Hosanna* e outras divididas em duas partes: *Preceitos do coração* e *Preceitos da consciencia*, que um editor mais tarde publicou em volumes separados.

N.º 16 — 1854 — *Folhas cahidas, apanhadas na lama* (Poesias satyricas).

N.º 17 — 1854 — *Mysterios de Lisboa* (Romance em 3 volumes).

N.º 18 — 1854 — *Á Signora Laura Georgiano* (Poesia de saudação) — 5 quadras distribuidas no theatro de S. João, na noite do beneficio da cantora.

N.º 19 — 1854 — *Á Senhora Laura Georgiano* (Poesia de saudação) — Um soneto distribuido na mesma occasião.

N.º 20 — 1855 — *A filha do Arcediago* (Romance).

N.º 21 — 1855 — *Scenas contemporaneas* (Miscellanea) — Romances, poesias, um drama, narrativas historicas, etc. Camillo publicou varios livros d'este genero, que figurarão n'esta lista sob egual designação generica. No romance *A caveira* apparece a scena de Maria do Adro.

N.º 22 — 1855 — *Livro negro do padre Diniz* (Romance) — Continuação dos *Mysterios de Lisboa*.

N.º 23 — 1856 — *A neta do Arcediago* (Romance) — Continuação da *Filha do Arcediago*.

N.º 24 — 1856 — *Onde está a felicidade?* (Romance).

N.º 25 — 1856 — *Um homem de brios* (Romance) — Continuação do precedente.

N.º 26 — 1856 — *Justiça* (Drama).

N.º 27 — 1857 — *Duas horas de leitura* (Miscellanea).

N.º 28 — 1857 — *Lagrimas abençoadas* (Romance).

N.º 29 — 1857 — *Espinhos e flôres* (Drama).

N.º 30 — 1857 — *Purgatorio e paraizo* (Drama).

N.º 31 — 1857 — *Scenas da Foz* (Romance).

N.º 32 — 1858 — *Carlota Angela* (Romance).

N.º 33 — 1858 — *Vingança* (Romance).

N.º 34 — 1858 — *O que fazem mulheres* (Romance) — No fim do romance vêm a primeira poesia offerecida por Camillo a Anna Placido, designada ahi por *Ludovina*.

N.º 35 — 1861 — *Abençoadas Lagrimas!* (Drama).

N.º 36 — 1861 — *O Morgado de Fafe em Lisboa* (Comedia).

N.º 37 — 1861 — *Doze Casamentos Felizes* (Romances).

N.º 38 — 1861 — *O romance d'um homem riso* (Romance) — Um dos personagens d'este romance de Camillo é uma evocação do padre Antonio d'Azevedo, que foi, na Samardan, o primeiro educador do romancista.

N.º 39 — 1861 — *Poesia ou dinheiro?* (Drama) — Este drama já tinha sido incluido em 1855, no volume das *Scenas contemporaneas*. Menciono-o aqui, porque elle desappareceu das edições subsequentes d'esse livro, correndo depois impresso em separado. N'esse drama reproduz-se, ao que se diz, a historia do casamento de Anna Placido, que lá apparece sob o nome de *Henriqueta*.

N.º 40 — 1862 — *As três irmãs* (Romance).

N.º 41 — 1862 — *O ultimo acto* (Drama) — Diz-se que este drama reproduz uma das scenas da agitada vida do romancista. É natural; tanto mais que lá apparece Anna Placido, já sem disfarce de qualquer pseudonymo, mas apenas designada pelos seus nomes de baptismo: *Anna Augusta*.

N.º 42 — 1862 — *Amôr de perdição* (Romance) — E ocioso recordar que este vulgarisadissimo romance é todo baseado em episodios em que figuram pessoas da familia de Camillo. Foi escripto na cadeia. Este livro representa o maior successo de livraria que até hoje se tem registado em Portugal. Vae na 15.ª edição o que. em calculo aproximado, nos auctoriza a suppôr que d'elle já se hajam consumido cêrca de 45.000 exemplares. E isso entre nós é extraordinario.

N.º 43 — 1862 — *Memorias do carcere* (Impressões e narrativas) 2 volumes.

N.º 44 — 1862 — *Coisas espantosas* (Romance) — Nos *Amôres de Camillo*, o sr. Alberto Pimentel pretende que no primeiro capitulo d'este romance se enoontra, sob o resguardo de nomes suppostos, a melhor biographia da mãe do romancista.

N.º 45 — 1862 — *Coração, cabeça e estomago* (Romance) — Diz, tambem nos *Amôres de Camillo*, o sr. Alberto Pimentel: «No livro *Coração, cabeça e estomago*, (ultima parte, *Estomago)* ha muitas recordações, posto que já diluidas n'um soluto de ironia, dos amôres e do casamento de Camillo com Joaquina Pereira. Salvas a edade, a côr dos cabellos, o não saber lêr, e alguma phantasia no vestir, a Thomasia do livro é a Joaquina da realidade.»

N.º 46 — 1862 — *Estrellas funestas* (Romance).

N.º 47 — 1863 — *Annos de prosa* (Romance) — Aqui apparece mais uma vez Anna Placido, com o nome com que Camillo a cantou em verso varias vezes: *Rachel.*

N.º 48 — 1863 — *Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado* (Romance).

N.º 49 — 1863 — *O bem e o mal* (Romance).

N.º 50 — 1863 — *Estrellas propicias* (Romance).

N.º 51 — 1863 — *Memorias de Guilherme do Amaral* (Romance): — Continuação dos romances *Onde está a felicidade?* e *Um homem de brios.*

N.º 52 — 1863 — *Noites de Lamego* (Miscellanea).

N.º 53 — 1863 — *Scenas innocentes da comedia humana* (Miscellanea) — N'este livro encontram-se mais uma vez insistentes e claras referencias ao caso de Anna Placido.

N.º 54 — 1863 — *Agulha em palheiro* (Romance).

N.º 55 — 1864 — *Amôr de salvação* (Romance).

N.º 56 — 1864 — *A filha do Doutor Negro* (Romance) — Diz-se que o protogonista d'este romance viveu realmente no Porto. O sr. H. Marques regista esse facto.

N.º 57 — 1864 — *No Bom Jesus do Monte* (Impressões e narrativas) — Os trechos autobiographicos do auctor occupam largo espaço neste livro, Anna Placido passa a chamar-se nelle *Adriana.*

N.º 58 — 1864 — *Vinte horas de liteira* (Romance).

N.º 59 — 1865 — *Divindade de Jesus e tradição apostolica* (Escriptos religiosos) — Os artigos que compõem este volume haviam sido publicados em jornaes em 1852 e 1854.

N.º 60 — 1865 — *Esboços de apreciações litterarias* (Critica).

N.º 61 — 1865 — *O esqueleto* (Romance) Neste livro, apparece de novo a narrativa do episodio da Maria do Adro.

N.º 62 — 1865 — *Horas de paz* (Escriptos religiosos) — A maior parte dos artigos incluidos neste livro tinham sido tambem publicados em jornaes no mesmo periodo de *Divindade de Jesus e tradição apostolica*.

N.º 63 — 1865 — *Lucta de gigantes* (Romance).

N.º 64 — 1866 — *O Morgado de Fafe amoroso* (Comedia).

N.º 65 — 1865 — *A sereia* (Romance).

N.º 66 — 1865 — *Preceitos do coração* (Poesias lyricas — E' o 1.º vol. da 2.ª ed. das *Duas epocas da vida*, constituindo tambem vol. autonomo.

N.º 67 — 1865 — *Preceito da consciencia* (Poesias lyricas) — E' o 2.º vol., nas mesmas condições do precedente.

N.º 68 — 1866 — *A engeitada* (Romance).

N.º 69 — 1866 — *O Judeu* (Romance em 2 volumes) — O protagonista d'este romance historico é o escriptor português do seculo XVIII, Antonio José da Silva, *O Judeu*, morto nas fogueiras do Santo Officio.

N.º 70 — 1866 — *O olho de vidro* (Romance).

N.º 71 — 1866 — *A queda d'um anjo* (Romance) O protagonista d'este romance satyrico é, ao que parece, um conhecido personagem que occupa logar distincto no episcopado português.

N.º 72 — 1866 — *O santo da montanha* (Romance).

N.º 73 — 1866 — *Vaidades irritadas e irritantes* (Critica) — Foi a contribuição de Camillo para a celebre Questão Coimbrã.

N.º 74 — 1867 — *A bruxa do Monte Cordova* (Romance)..

N.º 75 — 1867 — *A doida do Candal* (Romance).

N.º 76 — 1867 — *Cavar em ruinas* (Miscellanea).

N.º 77 — 1867 — *Cousas leves e pesadas* (Miscellanea).

N.º 78 — 1867 — *O Senhor do Paço de Ninães* (Romance).

N.º 79 — 1868 — *Mosaicos e sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas* (Miscellanea) — A publicação d'este livro deu origem a uma questão judicial e, annos depois, a uma escandalosa polemica entre o auctor e o editor Anselmo de Moraes. Vêr *Noites de insomnia*.

N.º 80 — 1868 — *Mysterios de Fafe* (Romance).

N.º 81 — 1868 — *O retrato de Ricardina* (Romance).

N.º 82 — 1868 — *O sangue* (Romance).

N.º 83 — 1867 — *As virtudes antigas ou a freira que fazia chahas e o frade que fazia reis. — Um poeta português... rico!* (Miscellanea).

N.º 84 — 1869 — *Os brilhantes do brazileiro* (Romance).

N.º 85 — 1870 — *D. Antonio Alves Martins Bispo de Vizeu* (Esboço biographico).

N.º 86 — 1870 — *O condemnado* (Drama) — Este drama foi escripto a proposito da tragedia em que foi protogonista José Cardoso Vieira de Castro, a quem elle é dedicado. Juntamente com este drama, que tem três actos e quatro quadros, publicou-se um outro em um acto, *Como os anjos se vingam*, que, mais tarde, foi posto á venda em separado.

N.º 87 — 1870 — *A mulher fatal* (Romance) — Diz o sr. H. Marques que, «ao que parece, este romance não é de pura phantasia, mas simplesmente a narrativa d'uma historia verdadeira.»

N.º 88 — 1870 — *Theatro comico* (Comedias) — As duas comedias que compõem este vol. — *A Morgadinha de Val d'Amores* e *Entre a Flauta e a Viola*, — foram depois vendidas em separado.

N.º 89—1871 — *Voltareis, ó Christo?* — (Narrativa) — Um aproposito do caso Vieira de Castro.

N.º 90 — 1872 — *A infanta capellista* (Romance) — Escreve o sr. H. Marques: «Está incompleto este romance, que é incontestavelmente o livro mais raro de Camillo; a historia d'elle creio ser a seguinte: Estava Camillo escrevendo-o, quando foi visitado pelo sr. D. Pedro II, ao tempo Imperador do Brazil; este augusto personagem informou-se de qual o assumpto do romance - um escandalo da casa de Bragança — e muito naturalmente pediu ao auctor que o não continuasse; Camillo accedeu, participou ao dono da imprensa — que era preciso inutilizar as folhas impressas, e este carre-

gou com ellas um carroça, que mandou para casa do auctor; Camillo — conta-se — não sabendo o que fazer de tanta papelada deu-a ao seu barbeiro, que tratou logo de a passar a patacos, vendendo-a a um merceeiro da rua de Santo Antonio. A que estava destinado um livro de Camillo! Embrulhando assucar, café e outras especialidades da tenda, as folhas da *Infanta* iam desapparecendo, até que algumas foram parar ás mãos de gente esclarecida, que tentou pôr cobro á profanação. Foi porém tarde, porque apenas meia duzia de exemplares completos (as 128 paginas publicadas) se conseguiu apurar. Passados meses, Camillo, arrependido talvez do sacrilegio que tinha commettido, inutilizando a sua obra, reimprimiu-a e completou-a em volume, mudando-lhe os nomes de alguns personagens, alterando ligeiramente a fórma, arredondando certos periodos, e deu-no-la inteira no *Carrasco de Victor Hugo José Alves*, cuja protogonista, se não é perfeitamente uma *Infanta capellista*, é, como algures disse, uma *Infanta luveira*, da rua Nova da Palma, em Lisboa. Eis, como m'a contaram, varios amigos de Camillo, a curiosa historia do mais raro livro do glorioso romancista.»

N.º 91 — 1872 — *O carrasco de Victor Hugo José Alves* (Romance) — Vêr *obs.* precedente.

N.º 92 — 1872 — *Livro de consolação* (Romance) — Ainda a proposito do caso Vieira de Castro. Parte d'esse romance sahiu no *Primeiro de Janeiro*, com o titulo de *Espelho de desgraçados.*

N.º 93 — 1872 — *Quatro horas innocentes* (Miscellonea).

N.º 94 — 1872 — *A espada d'Alexandre* (Opusculo satyrico).

N.º 95 — 1873 — *O visconde de Ouguella* (Perfil biographico).

N.º 96 — 1873 1874 — *O Demonio do Ouro* (Romance).

N.º 97 — 1874 — *Ao anoitecer da vida* (Poesias lyricas).

N.º 98 — 1874 — *Correspondencia epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camillo Castello Branco* (Cartas e annotações).

N. 99 — 1874 — *Noites de insomnia* (Miscellanea; 12 volumes) — Publicação mensal.

N.º 100 — 1874 — *O regicida* (Romance).

N.º 101 — 1875 — *A filha do regicida* (Romance) — Continuação do precedente.

N.º 102 — 1875-1876 — *A caveira da martyr* (Romance) — Continuação dos precedentes.

N.º 103 — 1875 1877 — *Novellas do Minho* (Romances; 12 volumes) — Publicação mensal.

N.º 104 — 1876 — *Curso de litteratura portuguêsa* (Historia litteraria) — Continuação e complemento do *Curso de litteratura portuguêsa* de José Maria de Andrade Ferreira.

N.º 105 — 1879 — *Cancioneiro alegre de poetas portuguêses e brasileiros* (Compilação e commentario.

N.º 105-A — 1879 — *Os criticos do Cancioneiro alegre* (Polemica).

N.º 105-B — 1879 — *Sentimentalismo e historia* (Miscellanea) — Vem ineluido neste volume o romance *Eusebio Macario*, que nunca se publicou em separado.

N.º 106 — 1889 — *Suicida* (Narrativa) — Já publicada nas *Noites de Lamego*, com o titulo de *A formosa das violetas*.

N.º 107 — 1889 — *Luiz de Camões* (Notas biographicas) — É o prefacio da 7.ª edição do *Camões* de Garrett.

N.º 108 — 1889 — *Historia e sentimentalismo* (Miscellanea) — Vem incluido neste volume o romance *A corja*, continuação do *Eusebio Macario*, que tambem nunca sahiu em volume autónomo.

N.º 109 — 1880 — *Echos humorísticos do Minho* (Miscellanea; 4 opusculos).

N.º 110 — 1880 — *A Senhora Rattazzi* (Critica) — Reproduzida na *Bohemia do espirito*.

N.º 111 — 1882 — *Perfil do Marquês de Pombal* (Historia).

N.º 112 — 1882 — *Como os unjos se vingam* (Drama)—Vêr *obs.* ao n.º 87 d'esta lista.

N.º 113 — 1882 — *A morgadinha de Val-d'Amores* (Comedia) — Vêr *obs.* ao n.º 89 d'esta lista.

N.º 114 — 1882 — *Entre a flauta e a viola* (Comedia) — Vêr *obs.* ao n.º 89 d'esta lista.

N.º 115 — 1882 — *Narcoticos* (Miscellanea).

N.º 116 — 1882 — *A brasileira de Prasins* (Romance).

N.º 117 — 1883 — *D. Luiz de Portugal* (Historia).

N.º 118 — 1883 — *Questão da Sebenta* (Polemiea) — São 9 os opusculos que encerram todos os documentos da contenda litteraria entre Camillo e os srs. drs. Avelino Calisto, já então lente de Direito, e José Maria Rodrigues, ao

tempo ainda alumno da faculdade de Theologia. As replicas de Camillo foram reproduzidas na *Bohemia do espirito*.

N.º 119 — 1884 — *O General Carlos Ribeiro* (Memorias).

N.º 120 — 1884 — *O vinho do Porto* (Historia).

N.º 121 — 1884 — *Maria da Fonte* (Historia) — E o commentario ao livro do padre Casimiro, *Apontamentos para a Historia da Revolução do Minho, em 1846*.

N.º 122 — 1885 — *Serões de S. Miguel de Seide* (Miscellanea; 6 volumes).

N.º 123 — 1886 — *A Lyra Meridional* (Critica) — É uma separata, *fóra do mercado*, do prefacio do livro de versos que, com o mesmo titulo, o sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco publicou.

N.º 124 — 1886 — *Bohemia do espirito* (Miscellanea).

N.º 125 — 1886 — *A difamação dos livreiros, successores de Ernesto Chardron* (Polemica) — A proposito d'uma questão judicial entre o auctor e os mencionados livreiros, originada na publicação da *Bohemia do espirito*.

N.º 126 — 1886 — *Esboço de critica* (Critica) — É uma detida analyse da traducção do *Othello* de Shakespeare, pelo rei D. Luiz.

N.º 127 — 1886 — *Vulcões de Lama* (Romance).

N.º 128 — 1888 — *Nostalgias* (Poesias lyricas).

N.º 129 — 1889 — *Delictos da Mocidade* (Miscellanea) — É a compilação, feita e anno-

tada por Freitas Fortuna, das primeiras composições de Camillo.

N.º 130 — 1889 — *Vida do José do Telhado* (Narrativa) — É um folheto reproduzindo as paginas que Camillo consagra nas *Memorias do carcere* ao celebre salteador.

N.º 131 — 1889 — *Revista do Porto* (Folhetim) — É a reproducção, feita por Freitas Fortuna, d'um folhetim publicado no *Nacional*, em 25 de fevereiro de 1850.

N.º 132 — 1890 — *Nas trevas* (Sonetos).

X

NOTAS FINAES

A

ANTES de mais, um traço de autobiographia como que a legitimar pretensão a dignamente prestar este tributo. Ouvide:

... Quando homens da familia intellectual de Camillo Castello Branco — o chefe e o maior de todos, — deixam cair a mascara á sua miseria material, entendei bem: os *miseraveis* não são elles. Não são os precitos, de quem disse o poeta:

Sur son trône d'airain le Destin, qui s'en raille,
Embibe leur éponge avec da fiel amer
Et la Necessité les tord dans sa tenaille.

Digo-vos o que o grande homem bem sabia:

Aqui onde me vêdes, — ou não vêdes, — se olhos não tendes, — fui expulso, sem pão, do lar domestico, aos 22 annos de minha idade,

porque eu, aliás o filho unico, era um revolucionario no terreno das ideias,—sendo meu pae miguelista e catholico romano. Não tropecei; nem caí; luctei e espero morrer — ao menos — homem de bem. Não se ria o amalandrado contrabandista, nem o callejado syndicateiro, — nem o ladrão *puro*, seu vizinho d'elles; eu bem sei que mal se ganha assim *o pão dos filhos*...

E mais: quando um meu socio industrial me roubou *duramente*, sacrificando, — isto é, hypothecando a outrem as minhas responsabilidades de socio capitalista desprevenido, eu paguei os roubos dos infames — do que pedia e dos que emprestavam, — com a minha fortuna, e voltei pobre ao trabalho, já encanecido, para sustentar os meus desconhecidos. O ladrão sobrevivente vive de *duras* esmolas; de mim, — roubado, — bem sabem que de nada careço *pessoalmente*. Afora os cuidados pela sorte de outrem, quando contemplo, entre o nojo e o horror, a *satisfação* dos invertidos, dos Menelaus e dos bandidos, que d'isto dispõem, só vejo, a breve distancia, uma cova aberta, para a qual me impelle, inexoravelmente, mas amoravelmente, a

Morte, libertadora e inviolavel!

*
* *

E' o fim; mas que travessia! Que esqualido horror — o do *rictus* da reféce corja de estupidos e de miseraveis que se julgam triumpha-

deres! Considera-nos insensatos — a mim e a outros como eu — aquelle pescador de cazamento rico e deshonrado; e, por igual, aquelle da ladroeira prospera e cimentada pela protecção dos cumplices do *alto* e pela inercia parlapatona dos de *baixo!* Tenho nos ouvidos os dizeres de um illustre cynico: — «Quem aos 50 annos se não arranjou, é tolo.» Creio-o, sinto que assim é: tôlo por demasias de misericordia! Diz bem o cynico illustre...

Em principios do corrente anno (1910) uma onda de protesto e de veneração — inexplicavel em similhante meio de ignorancia, banhou o renome de A. Herculano. Convidado a fazer parte da *onda*, eu recuzei. Motivo: — os meus recursos estavam, todos, ao serviço de Camillo Castello Branco, a quem dedico 40 annos de trabalho e de amarguras; e aos inimigos do grande homem, ou do seu renome — a quintessencia do meu enojado desprezo. Mais nada!

*
* *

B

A estirpe dos Botelhos [1]

As seguintes paginas justificam as *pretensões* nobiliarchicas de Camillo Castello Branco:

(1) *Os amores de Camillo* por A. Pimentel, pag. 392 e seguintes.

«É fóra de duvida que o grande romancista teve, mais aggravada nos ultimos annos da vida a mania da grandeza. Toda a gente estranhou que elle quizesse trocar o seu nome por um titulo de visconde; só elle não estranhou.

Em Seide disse-lhe eu:

— Se eu fosse o ministro, teria introduzido uma innovação no seu titulo, meu querido mestre.

— Qual? perguntou Camillo.

— Agracial-o hia com o titulo de — visconde Camillo Castello Branco. Assim, a mercê não eclipsaria um nome glorioso, antes lhe seria homenagem.

Camillo não gostou, e respondeu de prompto:

— Corrêa Botelho são appellidos nobres da minha familia.

Aproveito a occasião para me referir ao reparo que um illustrado cavalheiro, meu amigo, e residente no Minho, fez á apparente contradicção que pode, effectivamente, notar-se entre a arvore genealogica de Camillo, publicada n'*O Romance do romancista*, e a asseveração, exarada n'este livro, de que a familia de Camillo, não era de origem nobre.

Aquella arvore genealogica foi deduzida pelo proprio romancista, e adquirida pelo conselheiro Jeronymo Pimentel, que me fez presente d'ella. Considero-a hoje uma novella de linhagene escripta por Camillo sob a preoccupaçãs nobliar chica. Annos depois, um abalisado entendedor de genealogias deu-se ao trabalho de investigar a de Camillo, e apurou uma nova arvore, que

me enviou acompanhada de documentos authenticos. Foram os documentos que me fizeram impressão; são certidões de archivos publicos e, como taes, merecem toda a fé.

Note-se ainda que o linhagista a quem me refiro não só era admirador, mas tambem amigo de Camillo. Apenas o demoveu o seu entranhado culto pelas investigações genealogica.

Respeito muito a opinião do douto cavalheiro que fez o reparo. Por que não hei de dizer o seu nome?

E' o sr. José de Azevedo e Menezes, da casa do Vinhal, em Famalicão; cavalheiro a quem muitas vezes consultei, e sempre com proveito, durante a feitura d'este livro.

Li com o maior interesse, o seu excellente artigo — *As costellas do sr. visconde do Corrêa Botelho* — publicado no periodico a *Alvorada*.

Sua. Ex.ª põe em relevo a clara estirpe dos Botelhos descendentes de D. Paio Mogudo de Sandim, fidalgo solarengo, de grandes barbas, mas, em face dos documentos a que já me referi, fica no meu espirito a duvida em que Camillo descendesse d'aquelle D. Paio de Sandim o que aliás nada põe nem tira em lustre ao nome glorioso do grande romancista.

Um periodo do artigo redigido pelo illustre fidalgo da casa do Vinhal merece especial transcripção. E' este: «A mão, o pé e a apresentação distincta do eminente escriptor (Camillo) denunciam logo a linha carecteristica da raça.»

Estão bem observadas estas qualidades physicas que effectivamente, Camillo possuia, mas

sendo um dom de natureza, valem decerto menos que os documentos comprovativos da nova arvore genealogica.»

*
* *

C

Referencias a Camillo em trabalhos meus (1)

—«*Camillo Castello Branco*», opusculo publicado em 1889, em Paris, por Guillard, Aillaud. Encerra um capitulo da *Brazileira de Prazins*, e outro, meu, ácerca do Mestre e da *Corja*, — ambos reproduzidos no presente livro.

— *Camillo Castello Branco e a Corja:* adiante trancripto um capitulo, dos *Combates e Criticas*. (2)

— Prefacio ás *Cartas de Camillo Castello Branco* um volume publicado por Tavares Cardoso, em 1895, em Lisboa, — adiante reconstruido.

---

(1) Nas paginas seguintes abundam apontamentos que vejo recolhidos por cuidadosos e carinhosos investigadores: os srs. Tavares Proença Junior (ua *Antobiographia de Camillo Castello Branco)* e Alberto Pimentel *(Os Amores de Camillo)*.

(2) Em uma carta que vem a paginas 72 d'este livro, refere-se Camillo a esse artigo: — «O seu artigo da *Revista*...»

N'essa compilação, bem assim no meu livro *Pela vida fóra*, (1900), apparecem algumas *Cartas* do presente volume.

C 1

O nascimento de Camillo e a certidão baptismal

Nasceu Camillo em Lisboa, em 16 de março de 1825, e foi baptisado na egreja dos Martyres. Resa assim a *certidão:*

«Em 14 dias do mez de Abril de 1825 anos «batizei solenemente a Camilo que nasceu em «dezaseis dias de marso do dito ano, filho na- «tural de Manoel Joaquim Botelho Castelo «Branco de Villa Real foi padrinho o Dr. José «Camilo Ferreira Botelho de São Paio, Por «seu Procurador Paulo Manoel Ferndes mora- «dor na freguezia dos Anjos de que asinou e «madrinha N... da Conceição de que fiz a «cento que asignei junto com o dito dia ut su- «pra. O Prr. *Henrique José Correia.*»

Camillo nasceu pois a 16 de março de 1825, e não de 1826, como disse Vieira de Castro. V. *Camillo Castello Branco (Noticia de sua vida e obras)* por J. C. Vieira de Castro, 2.ª edição, Porto 1863, pag. 61.

Diz o Sr. Alberto Pimentel: «Camillo erra

muitas vezes as datas referentes á sua biographia, porque julgava ter nascido em 1826. Foi eu que lhe mostrei em Lisboa a certidão de idade, pela qual se convenceu de que nascera em 1825.» V. *Amores de Camillo*, Lisboa, 1899, pag. 56.

*
* *

D

Os paes, seu fallecimento

Manuel Joaquim Botelho Castello Branco, de Villa Real de Traz os Montes, deve ter morrido em 1834, tendo 9 annos seu filho. A mãe, sr.ª D. Jacintha Rosa d'Almeida do Espirito Santo, natural dos Açores, falleceu talvez (hypotheses do sr. Ramos Proença) em 1827, ou 1828, tendo Camillo 2 a 3 annos.

*
* *

E

Camillo estudante

Diz Camillo no prefacio do livro — *A filha do doutor Negro:* «Eu era estudante na academia do Porto em 1845.» Camillo frequentou ahi as aulas de chimica, botanica e o primeiro anno da Eschola Medica.

«Matriculou-se na Eschola Medica em 16 de

outubro de 1843 e fechou matricula em 5 de março de 1844.

«Matriculou-se no segundo anno em 15 de outubro de 1844, e não fechou a matricula em junho de 1845, por ter perdido o anno.» V. *O Romance do romancista*, cit., pag. 81.

Em 1850 matriculou-se Camillo nas anlas do Seminario episcopal, no Porto. Perdeu o anno, por faltas e em 1851 voltou a frequentar as aulas do Seminario, e, diz o sr. A. Pimentel: «se não chegou a fazer exame, foi porque o marechal Saldanha decretou "perdão de acto,, por motivo da visita da rainha ás provincias do norte »

«Em 17 de março de 1852 requereu, perante o bispo do Porto, ser admittido á tonsura e aos quatro graus de ordens menores.»

*
* *

F

As «Finanças» de Camillo

Viveu sempre amargurado por todas as dificuldades da vida, incluindo a pobreza. Veja-se isto, entre o sabido e o occulto:

Em 1864 escrevia Camillo no *Bom Jesus do Monte:*

«Eu inclinava o peito sobre ema banca, para ganhar, escrevendo e tresuando sangue, o pão d'uma familia. A luz dos olhos bruxuleava já nas vascas percursoras da cegueira.

«E eu escrevia, escrevia sempre.» V. op. cit., pag. 177.

Em 15 de fevereiro de 1865 escrevia a Gomes Monteiro: — «Eu trabalho ha trez annos, incansavelmente, a vêr se consigo morrer sem dividas, dividas contrahidas em cinco annos de infortunio, que se vão prelongando pela vida fóra.»

No *Romance do romancista* (pag. 279) diz o Sr. A. Pimentel: — «Eu já vi escripto algures que Camillo dissipára rios de dinheiro. Rios de dinheiro... a 144$000 réis o volume! Só póde dizer isto quem ignorar como as lettras são mal remuneradas em Portugal. Camillo trabalhou excepcionalmente, e morreu pobre.»

*

* *

Muito a proposito releio agora, ao colligir estas notas, a que o grande e desventurado escriptor addiciona á Carta por elle dirigida a Luiz da Costa Pereira, em 1882, e que todos podem lêr nos *Narcoticos* de Camillo Castello Branco, vol., II pag. 283 Diz assim:

«Escreveu-se esta carta como prefacio aos escriptos de um naufrago que se agarrava á prancha descosida, quando todos os outros espedieutes de salvamento o haviam baldeado de rochedo contra rochedo. Creio que esses annunciados versos e prosas se esfarinharam desfeitos entre os parcéis. Em espuma muito amarga, porque é a da onda das lagrimas, se des-

fazem as illusões dos que em Portugal, depois de muitas desgraças positivas, entram a procural-as nas chimeras, — e sonham que com algumas resmas de papel e algumas horas da noite e do dia, curvados sobre uma banca, podem reconstruir o edificio desabado de uma existencia honesta. Miserrimo aquelle que na extremidade da penuria, sente ainda vaspujar-lhe no cerebro a luz do talento! Esse homem é a perfeição da infelicidade e porque as suas faculdades mentaes e inuteis o estorvam de ganhar o pão com os braços. E essa luz que tem no cerebro, emquanto não se apaga, é uma braza que o vae queimando, até o matar misericordiosamente.»

*
* * *

Com a «Mulher Fatal»

Entende o sr. Alberto Pimentel que a Dôr constitue como que o tirocinio dos superiores, para a conquista da gloria. É assim; mas não vejo porque abençoar o destino, se bem méço com a vista a requintada crueldade com que elle depura e alevanta os seus eleitos. Pelo ordinario, deploram os que amam e admiram os superiores com o curso da Desventura—que a sorte os não deixasse fruir as doçuras da obscuridade. O que *elles* soffrem, Senhor Deus!

Diz o mencionado amigo de Camillo (no citado livro *Os Amores de Camillo*, pag. 296):

«Parece providencial a acção restaurativa que provém de uma commoção violentamente dolorosa As grandes crises de angustia são como as febres intensas, que ou aniquilam, ou reconstituem, o organismo humano. Quem resiste a um forte abalo da alma, fica vaccinado para todas as situações torturantes. A dôr é fecunda como o dente do arado: rasga para fertilisar.

«Abençoada seja a dôr, que no seu ventre immaculado tem concebido os ascetas virtuosos, os heroes por abnegação, os martyres resignados, os poetas infelizes. Não se chega á virtude da compaixão, nem á lucidez placida do espirito, sem começar por soffrer. Possoas de escassa cultura intellectual teem phrases maviosas e bellas nos lances afflictivos. Um camponez é capaz de ser eloquente na angustia. Abençoada seja a dôr, a que nem sequer falta o orvalho das lagrimas, para ser fecunda e productiva.

«Camillo não attingiria a culminancia da gloria litteraria, se a vida lhe tivesse derivado serena. Assim como a tempestade faz ás vezes brotar uma torrente, esse ingente drama de amor, que o levou ao carcere em 1860, arrancou lhe da alma thesouros de sentimento, de poesia, de eloquencia sentimental, que lá jaziam adormecidos. O romancista, que até então não tinha conquistado direitos á celebridade incontestavel, principiou a ser grande na prisão.»

Vejamos episodios crueis da travessia. Leiam commigo:

«Alem dos romances, escreveu na cadêa artigos politicos e folhetins para o *Nacional*, revistas do Porto para os jornaes de Lisboa e, diz elle graciosamente, revistas de Lisboa para os jornaes do Porto; traduziu para o *Commercio do Porto — Le roman d'un jeune homme pauvre*, de Feuillet, e a *Fanny*, de Feydeau; redigiu prologos para livros alheios, como por exemplo, *A ultima libra*, drama de Rezende Junior; compoz muitos sermões, com que se pavonearam no pulpito oradores sacros então acclamados pelas beatas; collaborou em muitos albuns, que eram a moda e a praga do tempo, e que eram mandados, com carta de empenho, á cadêa, para recolherem as ultimas estrophes do poeta antes do supposto degredo.»

A proposito de albuns, conta Camillo este caso:

«Poderei apenas nomear um dos cavalheiros que me enviaram o seu album, onde eu escrevi algumas linhas que falavam da amargura de minha alma. Se o leitor as lesse, contristava-se e, sendo me inimigo, indultara-me do seu odio. Pois o cavalheiro, cujo capricho delicadamente eu servira, aconteceu depois ser um dos sessenta jurados que deviam julgar-me, e um dos doze que me haviam de condemnar, se eu o não recusasse, apenas lhe ouvi o nome: tão manifesta fizera elle a sua ruim tenção, apregoando-a nos corredores do tribunal». (1)

(1) *Memorias do carcere.*

*
* *

«Eu inclinava o peito crivado de dôres sobre uma banca, para ganhar, escrevendo e tressuando sangue, o pão d'uma familia. A luz dos olhos bruxoleava já nas vascas precursoras da cegueira.

«E eu escrevia, escrevia sempre.

«E das fadigas incomportaveis do lavor ia a refrigerar-me a fronte ao espirar reanimador da mulher amada, e servida com a immolação de todos os desejos, das esperanças todas.

«E era esta mulher a que eu vira sentada no cómoro tapeçado de verdura no Bom Jesus do Monte.

«E ella repellia-me dizendo:

«— Tenho direitos á luz dos teus olhos, ao sangue das tuas arterias, e ao ar dos teus pulmões. Trabalha, escravo!» (1)

A «familia de Camillo» era então D. Anna Placido, o filho de Pinheiro Alves e a sua ama, cujo nome figura no processo como testemunha.

Em dezembro de 1860 el-rei D. Pedro V foi ao Porto inaugurar a exposição agricola e visitou, por essa occasião, varios edificios publicos: um d'elles foi a cadêa.

Estavam no poder os «historicos». O marquez de Loulé, presidente do conselho, e Thiago Horta, ministro das obras publicas, acompanharam o monarcha.

---

(1) *No Bom Jesus do Monte.*

Depois de ter descido ás enxovias, el-rei entrou nos quartos de malta.

O ministro Horta, vendo Camillo, que estava esperando a visita á porta da céllula, disse a el-rei quem o preso era.

O sr. D. Pedro V fez um gesto de surpreza e dirigiu-se ao preso, dizendo:

— Não esperava encontral-o aqui!

Mas outro gesto significára que o rei se tinha lembrado do motivo da prisão de Camillo.

«— Ha quanto tempo aqui está? perguntou.

«— Ha dois mezes e meio.

«— Entretem-se a escrever?

«— Apenas tento entreter-me.

«— Diz bem: o local é improprio para trabalhos de espirito. Deve aqui haver muita bulha.

«— Creio que os primeiros quinze minutos de silencio n'esta casa são os que vossa magestade aqui trouxe.

«O rei deu alguns passos no meu quarto, e reparou um instante n'um livro aberto, que era um Plutarcho, na vida dos varões illustres.

«Observou-me fitamente, e disse-me:

«— Estimarei que se livre cedo.

»— Isto deve estar a terminar, disse o sr. ministro das obras publicas.

«— Começa agora, respondi eu.

«El-rei olhou-me com visivel compaixão, relanceou os olhos ás abobadas, e sahiu, repetindo:

«— Estimarei que se livre cedo.

«Passou sua magestade á enfermaria dos presos e á das presas em seguida.

«Na extrema d'esta ha uma porta que abre para o quarto d'uma senhora que ali estava presa.

«— Que é ali dentro?

«— Saberá vossa magestade, disse o carcereiro, que é o quarto da sr.ª D. ***.

«O rei entrou, e a senhora foi chamada do corredor onde tinha o seu asylo de trabalho.

«Com a senhora, veiu um menino nos braços de sua ama.

«D. Pedro V cumprimentou a presa, perguntando-lhe o tempo de sua prisão. Reparou no menino, e acarinhou-o, perguntando-lhe o nome e a idade. A mãe respondeu pela creancinha, e o rei deteve-se a contemplar a infeliz. Ao lado do monarcha compungido estava o sr. marquez de Loulé, pensando, porventura, que n'aquelle dia tinha de banquetear-se no palacio d'uma irmã d'aquella encarcerada.» (1)

Pouco tempo depois, no principio de 1861, correu no Porto o boato de que el-rei D Pedro V tinha enviado a Camillo a quantia de 2:000$000 réis para o alliviar do peso de constantes trabalhos litterarios.

O grande escriptor enviou ao *Commercio do Porto* a seguinte carta:

«*Sr. redactor.*

«Muita gente me tem perguntado por dois contos de réis, que mandou dar-me o Senhor D. Pedro V. Pessoas circumspectas acolheram

(1) *Memorias do carcere.*

e divulgaram o boato, commentando-o de diversos modos, mas nenhum lisonjeiro para mim.

«Eu creio que o Senhor D. Pedro V é infinitamente delicado, e só dá esmolas a quem lh'as pede. Quando Sua Magestade me fez a honra de perguntar, na cadêa, em que me eu occupava, respondi a Sua Magestade: «que trabalhava». Ou o Senhor D. Pedro V entendesse que eu me occupava em chapeus de palha, ou em romances, ou em caixinhas de banha, a minha posição ficava definida para o intelligente Monarcha: o homem que trabalha não pede nem acceita esmolas; e, se a pedisse ao Rei, julgar-me-hia tão humilhado como se a pedisse ao infimo dos homens.

«A cousa é outra. Ha muita gente que se diverte comigo. É bem feito, porque eu tambem me divirto com muita gente. Rogo a v. a publicidade d'estas linhas.

De v. etc.

Camillo Castello Branco.

Porto, cadêas da Relação, 11 de fevereiro de 1861.»

*
* *

Referindo-se a amigos, disse Camillo nas *Memorias do carcere:* «Entrei na cadêa, suspeitoso de que tinha poucos; e sahi obrigado a muitos.»

Os «poucos», eram os que adquirira na vida

mundana e que, salvas raras excepções, faltaram.

Os «muitos», e bons, porque foram certos em hora incerta, pondéra o sr. Alberto Pimentel, oppozeram uma barreira resistente ás correntes da opinião publica, e conseguiram fazel-a recuar. Foi um trabalho de gigantesca dedicação. O leitor sabe que, a principio, o burguez portuense era hostil a Camillo. De todos os jornaes d'aquella cidade, apenas o *Nacional* se lhe mostrava incondicionalmente favoravel, porque o *Nacional* era então o jornal portuense de mais accentuada feição litteraria. Em Lisboa, onde não havia contra Camillo motivos de resentimento pessoal nem indisposições locaes, a imprensa era mais benevola para com elle; mas a todas as gazetas da capital sobresahia em defensa calorosa a *Revolução de Setembro*, redigida pelo velho Sampaio.

Foi certamente Sampaio quem predispoz a favor de Camillo o anime de Fontes Pereira de Mello, que durante a prisão lhe prestou relevantes serviços; dedicando-lhe o *Amor de perdição*, Camillo confessa esses serviços dizendo: «... este livro, que a minha gratidão lhe dedica...»

Os amigos de Camillo, sobresaltados com os primeiros rebates da cegueira que o ameaçava, obtiveram do ministro da justiça, Alberto Antonio de Moraes Carvalho, uma portaria permittindo que o romancista, depois de verificada a existencia de molestia grave, por trez medicos, podesse dar alguns passeios fóra da cadêa.

Esta portaria tem a data de 24 de abril de 1861.

Camillo, acompanhado por um guarda da cadêa, sahia a passear; e algumas vezes ouvi dizer, depois, que, sob a responsabilidade do carcereiro Nascimento, muito dedicado ao romancista, fôra dispensada a companhia do guarda.

Nas *Memorias do carcere*, Camillo allude a estes factos, sem os explicar, lamentando-se humoristicamente de que, em face da concessão ordenada pela portaria do ministro da justiça, os dramaturgos do seculo XXV não possam celebral-o no palco, «deitado sobre um colmeiro de palha ferran, com uma bilha do agua á beira.»

A opinião publica viu o «preso» a passeiar nas ruas do Porto, e já não reagiu; começou a tomar-lhe medo, desconfiada de que a absolvição seria certa, e receiosa de represalias.

Mezes antes, a opinião publica teria triumphado; agora, em 1861, estava vencida.

Camillo, por sua parte, não parecia muito convencido de que o jury lhe fosse favoravel.

No meado de agosto d'esse anno, el-rei D. Pedro V, acompanhado pelo infante sr. D. João, voltou ao Porto para inaugurar uma exposição industrial, e visitou a cadèa.

O romancista receiou quo Sua Magestade se houvesse resentido com a carta que publicára desmentindo o donativo regio de réis 2:000$000.

«Enganei-me, diz Camillo. O senhor D. Pe-

dro V era um anjo: não sei dar-lhe outro nome.

Foram estas as suas palavras:

— «Ainda aqui está?!

«Deteve-se a pensar, e olhou para dois cavalheiros que estavam comigo...

«A minha livraria estava cercada d'um biombo com vidraças, através das quaes Sua Magestade observou os livros, notando com risonho gesto, que era copiosa bastante para preso.

«Eu disse a Sua Magestade que apenas tinha ali *numerosas insignificancias*.

«— Este quarto é mau! disse o rei, encarando no papel que rebordava da parede em rolos, formando caprichosas laçarias e cornijas.

«— Vive-se aqui, respondi. Viveu n'este quarto alguns mezes o senhor duque da Terceira, e...

«Sostive a phrase para deixar em silencio e desmemoria o açougue de 1829.

«— Agora deve estar a terminar o seu infortunio? disse Sua Magestade.

«— Hei de aer julgado em outubro.

«Sahiu o rei; correu de novo as enfermarias, e retrocedeu quando se abriu a porta da prisão onde estava a senhora, mãe do menino, que vinha pela mão do general Caula.

«El-rei chamou de parte o senhor infante D. João, naturalmente a dar-lhe a causa de não entrar n'aqnelle quarto, onde a senhora, expondo-se á mera curiosidade de quem quer

que fosse, ajuntava a humilhação inutil ao infortunio insanavel.» (1)

D. Anna Placido, organisação robusta, resentiu-se menos dos miasmas da cadêa do que o debil Camillo.

Em dezembro de 1860 escrevia o romancista, em carta a Vieira de Castro:

«De nós digo-te que ella tem saude. É a felicidade unica que te posso contar da minha vida.»

Anna Placido, apesar do seu espirito varonil, fraquejava ás vezes, na commoção das lagrimas. Alguns dos seus intimos viram-n'a chorar no carcere. Vieira de Castro deixou memoria escripta de uma visita que fizera á cadèa no dia 1.º de janeiro de 1860. Depois de descrever o quarto habitado ali por Anna Placido, e frisar o contraste do piano com a meza de pinho coberta de livros, dá testemunho das lagrimas que viu nos olhos da «mulher forte»:

... «O filhinho correu a mão no teclado. A mãe ergueu-se, arrebatou-o nos braços, e ensopou-lhe as faces de beijos e lagrimas. Respeitei aquella dôr, e allumiou-se-me o espirito na doutrina dos livros santos que dão o amor de Deus áquelles a quem Elle honra com as grandes attribulações. Eu não quero que o espirito do leitor se allumie, mas quero que respeite o infortunio. Se é incapaz d'isso, rasgue a pagina, para que não venham os olhos d'algum

(1) *Memorias do carcere*

innocente contaminar-se nas linhas empeçonhadas com a vista de um perverso.

«Levantei-me, e despedi-me.

«— Então já?

«— Se V. Ex.ª não ordena o contrario.

«— Não, não. Vá, que isto aqui é muito foi, e muito triste. Nem sequer me deixam vêr crescer a sombra dos montos ao cahir do sol. Vá, vá, mas olhe, ha de prometter-me um favor?

«— É uma pergunta, minha senhora?

«— Não, não é. Já sabia o que havia de responder-me. O que lhe peço é que se ouvir lá por fóra dizer mal de mim, não me defenda. nem diga que me viu chorar. E não se magôe com este pedido. Se lhe fôr penoso, como creio, será dobrado o premio d'Aquelle que mede o quilate de todas as virtudes pelo preço das intenções que o vulgo não percebe. E adeus. Vá, acrescentou sorrindo, mas não escorregue nas lagrimas que por ahi me tem cahido n'esse meu estrado.

«Desci ás apalpadellas. Parei n'um dos ultimos degraus, surprehendido pelo timbre sonoro da sua voz, que se acompanhava ao piano na ária do terceiro acto da *Lucia*.

«No patamar immediato escutava-a o romancista, com a testa chumbada n'um varão de ferro.

«Sentiu-me os passos, veio a mim, apontou para o sitio d'onde vinham os eccos do piano, e disse: «Lembras-te?»

«Amarga pergunta para nós ambos, que recordavamos n'ella a feliz intimidade d'alguns

mezes em Lisboa, onde todos os dias o poeta pedia para ouvir aquella musica.

«— Como está?

«— Resignada, penso eu.» (1)

Este trecho vale o quadro de uma época, em que todas as loucuras do sentimento se divinisavam, em que todos os grandes erros do amor eram tidos como virtudes grandes. Vieira de Castro não phantasiou na composição do quadro, creio-o piamente. Contou o que viu e sentiu. Mas está ali um drama completo, que no palco de um theatro dirieis bem mettido em scena: O aspecto sinistro do carcere; as lagrimas, não arrependidas, de Anna Placido; o piano e o canto reboando sob as abobadas negras; o poeta escutando-a enlevado, nas sombras do corredor.

As tendencias sentimentaes da época fizeram engrossar a cruzada dos paladinos que defendiam Anna Placido e Camillo. E esses eram os que sabiam escrever, e subjugavam a opinião publica: eram os advogados de maior fama, como Custodio José Vieira e Marcellino de Mattos; eram alguns medicos prestigiosos, como Joaquim José Ferreira, o Ferreira *Janota;* eram os redactores do *Nacional*; era Vieira de Castro, que chamava «santa» a D. Anna Placido; era Julio Cesar Machado, que fôra de Lisboa ao Porto e ia á cadeia quasi todos os dias; eram os rapazes, principalmente os estudantes, que frequentavam os botequins

(1) *Biographia.*

e que são naturalmente inclinados a desculpar todos os pecados do amor, todas as loucuras do sentimento.

O burguez continuava a achar escandaloso que D. Anna Placido fumasse á janella e tivesse um piano na cadêa; que Camillo Castello Branco sahisse á rua, a dar passeios auctorisados pelo governo. Parecera-lhe menos irritante identica concessão feita em 1859 a Domingos José da Cunha, preso na cadêa de Braga, por moedeiro falso, e comtudo o crime de moeda falsa é dos que mais affectam os interesses do commercio.

Era que as mulheres iam entontecendo com a impressão d'esse drama de amor culposo, que se estava representando na cadêa, e teria o seu ultimo acto no tribunal. Camillo, o «homem fatal», ia se tornando cada vez mais fatal pela suggestão que exercia nos espiritos. Era um preso excepcional, que sahia da Relação, para ir ao jardim de S. Lazaro, acompanhado pelo seu formidoloso *Nepluno*, que todos os dias pela manhã entrava na cadêa, mas que jamais, por um superior espirito de liberdade, lá quizera pernoitar. Era Camillo o homem feio, mas intelligente, por quem uma mulher formosa renunciára á familia, á sociedade, ao bem-estar da riqueza; era elle o auctor de livros que, como *O romance de um homem rico* o os *Doze casamentos felises*, sahiam da cadêa para corromper os espiritos como drogas venenosas. Os burguezes ponderavam todas estas circumstancias, e encanzinavam-se no odio a Camillo,

que perturbava assim os habitos portuenses, em contraposição á meridiana da Torre dos Clerigos, que regulava a pontualidade dos antigos costumes do burgo, pela exactidão chronometrica com que disparava o tiro do meio dia.

A meridiana a querer medir o tempo, e com o tempo os costumes patriarchaes, e Camillo a estragar tudo!

*

* *

Foi *ella* quem lhe inspirou estas paginas:

«Ella dissera-me um dia: «Sou a tua mulher fatal!» Eu fitei-a com o assombro de homem afeito a vêr na mulher a creatura fragil, a linda e quebradiça argila que não podia conter seis lagrimas sinceras de um coração varonil.

«Sou a tua mulher fatal!» Comtemplei-a, ouvi-me na voz da consciencia que nunca invocara para as chimeras do amor, e a consciencia disse-me:

«Será».

Eras, eras, senhora de minha alma, mão divina que sopezaste as paixões todas que se me gladiavam no espirito, redemptora de instinctos bons, que a ignominia convertêra em consciencia de deshonra!

Ó mulher fatal, o que eu te devo, o que eu descobri na minha alma, que thesouros de amor, de gratidão, de paciencia, de devoção religiosa, de consoladoras lagrimas, de esperanças im-

mortaes, de phantasias ridentissimas ! Tudo teu, tudo por ti, minha providencia !

Cada lagrima tua, uma flor, aberte a perfumar a Divindade, em minha alma !

Corôa de espinhos, se o mundo m'a dava, rossava-me a fonte a tua aza de anjo, e os espinhos eram-me suaves e deleitosos como caricias de filha que consola chorando.

E os teus cantares, quando o archanjo da saudade, e o ciume dorido do amor, que parece caprichar em sentil-o, te visitavam na tua solidão !

Lembra-te, luz que me alumias e me cégas, lembra-te... Era assim que tu me dizias, no dia em que os anjos me invejaram o destino, o cantico da saudade, que eu te ouvi quando já podias sorrir á reminiscencia da magoa que t'o inspirava :

Tu foges-me, anjo!? Na terra,
Sou sósinha! Ai! desgraçada!
Do pó, a um alto sublime!
No abysmo, hoje... no nada!

Eras-me vida de enlevo;
Eras Deus na magestade!
Raio de sol, eu te via
No fragor da tempestade.

Eras-me o talisman santo,
Que me dava a formosura;
Eras a graça, a magia,
Da existencia a ventura.

Sonhei comtigo o impossivel,
Quiz arrancar-te a essa cruz,
A tão negro e mau destino,
De que eu tentei ser a luz

Quiz esconder-te no seio,
No sacrario da paixão;
Fechar-te os olhos no mundo,
Postos no meu coração.

E quiz mesmo além da morte,
Corpos, almas, n'uma só,
Para o ceu, se o ceu existe,
Para o pó, se tudo é pó.

Tentar a Deus fôra isto!...
Vil creatura que eu sou!
Em tão alto cume erguida
D'elle um sopro me baixou!

Foste tu o fraco e o forte!
Vi te sorrir e chorar...
Mataste-me! e eu, já fria,
Ponho as mãos p'ra te adorar.

.....
.....

Adorar, adorava-te eu, quando sobre o hombro me pendias a face formosa onde viçavam flores regadas pelo pranto da hora triste em que tua alma suspirava.

Olhava-te com a soberba de te sentir minha! Procurava-te o coração no rosto, e esquecia-me d'elle, enlevando-me no extasis de uma formosura que perpassara um intante entre duas estrellas, na hora mais arrobada da minha infancia.

Porque vieste a este mundo, cherubim?

Não tinhas anjos no ceu, para os teus amores? Não viu Deus que eras linda e pura de mais para homens?

Por que baixaste a mão a erguer um verme? Que viste em mim para te merecer uma d'essas

lagrimas que sobem de mim para Deus, na oração da manhã, no scismar á hora das Ave-Marias, em que a poetica uncção da saudade me faria, por amor de ti, acariciar os mesmos inimigos?

Bemdita sejas tu, mulher!» (1)

«D. Anna Placido era filha de Antonio José Placido Braga, natural da cidade d'este nome, negociante estabelecido no Porto, e de D. Anna Augusta Vieira, portuense por nascimento». Placido Braga foi uma das victimas do naufragio do vapor *Porto*, que veio a occorrer na tarde de 29 de março de 1825. Camillo allude a este facto quando diz: «teu pae morreu... tragado pelas vagas, despedaçado nos dentes das rochas».

D. Anna Placido, nasceu no Porto aos 27 de setembro de 1833 e falleceu repentinamente em S. Miguel de Seide aos 20 de setembro de 1895. Jaz sepultada no jazigo de familia de seu filho Nuno Placido Castello Branco, em Villa Nova de Famalicão.» (2)

---

(1) *Scenas innocentes da comedia humana.*

(2) «Antonio José da Costa, parocho da freguezia de San Miguel de Seide, concelho de Villa Nova de Famalicão.

Certifico que, revendo um dos livros de assentos de obitos, acontecidos n'osta freguezia, n'elle a folhas seis, encontrei o termo do teor saguinte:

Aos vinte dias do mez de septembro, do anno de mil oitocentos noventa e cinco, na caza e morada de seu filho Visconde de San Miguel de Seide, logar do

*
* *

II-I

As predilecções d'elle, na Camilliana

O Romance de um homem rico era, de todos os que escrevera, aquelle a que Camillo mais queria. Nas *Memorias do Carcere* diz:—«Coordenei em seguida os apontamentos que me havia dado o fallecido Antonio José Coutinho, na novella intitulada: *Romance de um homem rico*. E' o livro a que eu mais quero, e a meu juizo, o mais toleravel de quantos fiz. Estava

---

Cruzeiro desta freguezia de San Miguel de Seide, concelho de Famalicão, diocese de Braga, falleceu quasi repentinamente, um individuo do sexo feminino por nome Donna Anna Augusta Placido, Viscondessa de Correa Botelho, com edade de sessenta e quatro annos, natural da cidade do Porto, moradora que era n'esta freguezia de Seide, e viuva do seu segundo marido Camillo Castello Branco, Visconde de Correa Botelho, filha legitima de José Placido Braga, natural de Braga e Anna Augusta Placido, natural do Porto; a qual não fez testamento, deixou filhos, e foi sepultada no jazigo de sua familia, que se acha collocado no cemiterio de Villa Nova de Famalicão. E para constar lavrei em duplicado este assento, que assigno. Era ut supra. O Parocho, Antonio José da Costa. E nada mais continha o dito termo, que fielmente copiei do referido livro e ao qual me reporto, o que se tanto é necessario juro in sacris. Seide, 8 de Febr.º de 1897 e sete.

O Parocho, *Antonio José da Costa.*»

ao meu lado um coração que eu ia desenhando n'aquella *Leonor*, da mão da qual eu me deixaria cahir no abysmo, se para cada homem pudessem abrir-se as fauces de dois abysmos». Etc.

Em carta a Gomes Monteiro, Camillo revela tambem a sua predilecção pelo *Romance de um homem rico:* — «Em Lisboa tem agradado as *Estrellas propicias*. Dizem que é o melhor dos meus romances. Apearam, portanto, o *Amor de Perdição*, qus estave em primazia. O meu melhor romance é o *d'um homem rico;* o peior é o *Coração, cabeça e estomago*. As senhoras de Lisboa invertem de todo em todo este meu insuspeito parecer.»

*
* *

J

Emenda

Ha pouco, falleceu em Coimbra o lente da Universidade Avelino Cesar Calixto. Na impossibilidade de lhe publicarem biographia, deram-se, por ahi, a imprimir que o homem fora um temeroso adversario de Camillo, em ruidosa polemica. Isto é ridiculamente falso.

O professor Calixto referiu-se um dia, injuriosamente, na aula, a Camillo Castello Branco, Fel-o, porém, por via da insinuação, recebendo de Camillo o convite para explicar-se. Não respondeu.

Classificado, como merecia, em publico, pelo

grande escriptor, Calixto resmungou, uma vez, em termos á altura da *ideia*, ameaçando o estudante que o denunciara.

Levou segunda sova — e calou-se. A *Cavallaria de Sebenta* deu outro adversario a Camillo. O pobre Calixto não foi terrivel, nem o contrario foi. Não deu signal de vida, — até que morreu.

*
* *

K

Uma visita — A familia de Seide

Ha dias (fevereiro de 1910) procurou-me em minha caza, dando-me assim muita satisfação, com muita honra, a sr.ª D. Anna Roza Correia, nora de Camillo, com sua filha Rachel. Vieram a Lisboa, por motivos domesticos e lembraram-se de mim — para me verem.

Estiveram n'esta caza da travessa da Palmeira, 35, onde vieram outros que já não voltam: — João de Deus, Julio Cesar Machado, Oliveira Martins e Souza Martins.

A sr.ª D. Anna é o typo resignado e resoluto da mulher forte que tem soffrido e que não desanima na lucta — pelos seus. A sua filha Rachel — com 20 annos — denota a encantadora timidez de quem tem crescido longe do bafo suspeito dos grandes centros.

Deixaram-me a contas com a saudade — as duas visitas.

* *

L

Camillo Castello Branco e a «Corja»

1882

Na dolorosa epopêa do genio discutido e calumniado, abre uma excepção, que nos consola, este grande nome de Camillo Castello Branco. Os grandes homens insultados pela mediocridade confiaram sempre do futuro o glorioso desaggravo; Camillo encarregou-se da desforra; e os seus insultadores são *homens mortos* para a imputação, desde a hora em que o gigante os discutiu, — dado que não vinguem purificar-se no arrependimento e honrosamente confessal-o.

Eu insisto ainda agora na expiação que me reabilita: se ha quem muito deva em lição, mais que muito salutar, ao mestre de todos nós, sou eu, que lhe aggredi o trabalho colossal, sem resvalar no insulto ignobil ao *homem* que mais tarde me foi mestre e ao *lar* que me recebeu amigo.

Pude assistir, hospede n'esse lar, á formação do ultimo livro de Camillo. Pede-me a consciencia, porventura illudida, um juizo favoravel á consciencia dos insultadores do livro e do seu author; — eu creio que os sentimentos de simples equidades, avocados pela simplicissima

vergonha, dariam rebate á confissão do erro no espirito d'esses transviados, se n'esses espiritos pudesse transluzir um clarão tenuissimo d'aquelle viver de sacras amarguras que tem o lenitivo no trabalho, ou que desabafa em palavras de amigavel incitamento quando a provocação dos insensatos o não distrahe para as violencias do correctivo.

Afigure-se ao leitor de boa fé e de claro entendimento que a sorte, raro propicia a entendimentos honrados, o levou em hora de paz ao remanso de S. Miguel de Seide. É hospede na hospitaleira morada. Alta manhã, subiu ao gabinete de trabalho do mestre e achou-o solitario. Sahiu da officina para o lugar do descanço: sobre o leito, presa dos soffrimentos physicos de cada hora, que os soffrimentos moraes vingam suffocar a espaços, o grande homem descança no trabalho. Não ha que hesitar na interrupção: entrai: lá está o sorriso socratico do mestre, a receber-vos cariuhoso. Ahi tendes *a féra* que se propõem acossar uns taes que mal espulgam a insignificancia nas horas feroses em que o pulguedo da vaidade parva lhes dá rebate ás furias: ahi tendes o *homem feroz* que esses pregoeiros de especiarias podres apontam como o algoz de suas industrias d'elles. Não hesiteis na expansão do vosso crêr: elle — *o verdugo* — tem indulgencia e conselho para todas as ignorancias; tem o silencio de favor para as vaidades que o não insultam; o que elle não tem é a resignação criminosa da bondade exaggerada, quando os pygmeus chafurdam no pantano fétidissimo da injurias soez,

no intuito de lhe salpicarem a formidavel sombra; o que elle não tem é a indulgencia da exaggerada caridade, quando suspeita que o aggressor ingenuo encobre o vulto de villão covarde que se agacha na sombra, menos escura que a alma do miseravel.

Então, n'esses momentos em que os profanos imaginam, á luz vermelha da represalia do mestre, uma irritação feroz, o grande homem converte o insultador em titere, prende-lhe o cordel; puxa: as cambalhotas succedem-se; o publico ri perdidamente, ou sente frémitos de espanto: o insolente morde a terra, e, quando o auditorio espera a punhalada final vibrada pelo gigante, o gigante applica no esmurraçado nariz do iconoclasta um misericordioso piparote. E ri.

Riso que seria crudelissimo, se a bondade da suprema força o não temperasse.

A's vezes, qaando o feroz inverno da aldêa me fornecia, benevolo, o pretexto para conservar-me á beira de Camillo, o mestre concedia-me a leitura do seu trabalho, e eu lia distrahido; é que eu pensava, em quanto lia, nos esforços de uns miseros parturientes que atrôam os ares com os seus gemidos, quando cerradas noites dolorosas de meditação lhes arrancam dez paginas de *original* morto ao nascer, — uns reformadores sarrafaçaes que põem a tratos de emendas os compositores martyres, quando não preferem — no furor de producção pôr a tratos a critica misericordiosa que lhes corrige, em que peze a safanões ingratos, as demasia de desaforados absurdos. Confrontava e

confronto e espontaneidade uberrima e a ardentissima e vigorosa seiva d'aquelle espirito de luz com a escuridade interior dos eunucos que o doestam lá da acolheita das suas tropelias. E' assim que o mister do critico se distrahe, a espaços, avocado pelo dever de amargas retaliações.

A *Corja*, elaborada ao correr da penna pelo mestre, é um novo documento para o processo da mixordia litteraria. Demonstra-se, uma vez ainda, que o esplendor da *obra nova* é uma illusão d'optica, fascinadora para o gentio zanaga, se os arrebiques não occultam o ouro de lei da concepção genial, ou da observação profunda, de par com o conhecimento da lingua em que se escreve. E raro occultam esses thesouros. O que por ahi vemos é a saudação aos arrebique; e, justiça inteira, se á pobre chronica jornalistica não é vedado o ingresso nas sociedades de *geographos* e de *escriptores*, a crassissima ignorancia véda-lhe o uso da palavra em assumptos que demandam estudo. Que ha a esperar em affirmações de tal lote por parte d'esses etornos infantes prodigiosos que trocam por bilhetes de theatro a sua triste collaboração nas gazetas e os seus direitos de litterato, no *Martinho*, ou em associação risonha?

Eu não posso reproduzir-me no aquilatar da moderna escóla (?), dos modernos artistas, dos modernissimos abortos e das deturpações que o trabalho de boa fé tem obtido dos censores inconscientes e dos facciosos instrumentos involuntarios de uns tetrarchas burlescos da evo-

lução deturpadissima. Na hora em que estas palavras se formulam, outras se produzem sobre o *caso;* não escasseiam alli minudencias relatadas, nem affirmações novas que á discussão se offerecem — e á injuria tambem. Mas que primores de sanissima linguagem, para lição crudelissima dos abortos e para nossa lição solicitada, não offerece o novo livro de Camillo! Depois, como a espaços transparece, no decorrer da epopêa de miserias, o moralista mordacissimo, e como n'essa mordacidade transluz um raio de suprema piedade que sóem experimentar e conceder os espiritos de lei firmados na base dupla do estudo e da experiencia dolorosa!

Eu pasmo — hoje — quando um espirito culto e de sérios precedentes atira a luva, de envolta com a injuria, ao invencivel athleta de mil combates. Comprehendo as aggressões de uns gatunos que pedem a um puxão d'orelhas a *celebridade*, uns pelitrapos de botiquim aceites na Associação dos escriptores portuguezos (sic): mas, que uma entidade pensante, no usofructo da imputação, desça á camaradagem com a suja horda — e o que não se póde comprehender sem derivar, para o triste caso, da allucinação partidaria, tanto monte — do mais triste facciosismo.

Elle, o flagellador da *Corja*, não é apenas o erudito e pacieute investigador da nossa historia, o derradeiro e mais illustre mestre da lingua portugueza, «o gigante que fixou em livros immorredouros toda a comedia portugueza contemporanea» (palavras do snr. A. da Concei-

ção no seu primeiro artigo sobre *Corja);* mal vai aos tristes aggressores que o consideram immobilisado nos estudos de ha vinte annos: com a authoridade de quem assim levianamente creu e mais tarde corrigiu os seus erros sobre Camillo *e sobre outros*, eu poderia asseverar que o grande escriptor acompanha no seu retiro na aldêa todo o movimento litterario e scientifico do periodo contemporaneo, — poderia asseveral-o, se não visse bater em retirada, após tres dias de *lucta*, a aggressão moderna ao supposto immobilisado... Mas, não será um crime igual ao da aggressão esta apparencia de defeza?

De homens como Camillo é uso dizer se: «Está ainda mui perto de nós para a juitiça; o futuro ha de fazer-lh'a». Quer dizer: — Estabeleçamos como norma o insulto aos mestres, durante a vida; mais tarde, depois da sua morte, nos servirão seus nomes para injuriar os vivos! O' espiritos sublimados dos homens d'hoje, reformadores do existente, destruidoda torpeza legalisada! se não applicasseis todo o marmore disponivel á construcção das vossas proprias estatuas antecipadas, se não empregasseis o vosso esforço em tentativas de demolição das glorias justificadas, se não desseis guarida aos insignificantes repletos de odio e aos parlapatões repletos de charlatanismo, se abrigasseis o respeito ao genio aureolado pelos cabellos brancos e pelo saber, — não dariamos o espectaculo permanente de contendas deploraveis entre os apregoados voluntarios do bom senso e da justiça.

S. P.

*
* *

M

Ha 15 annos — Um alvitre (1)

A Narciso de Lacerda:

Era eu menos velho e tu mais rapaz, meu bom amigo, quando n'aquelle grande lar, — tão hospitaleiro e tão nobre! — de S. Miguel de Seide fruiamos gasalhosa amizade do Primacial Mestre insubstituido. Estás, como eu, a vêl-o: a sua elevada figura, tão de outro tempo aristocratica; o seu olhar imperioso, penetrante e dôce — agora, logo — turvado pelo tédio, pela amargura, pela ironia exsolvida em fel; o sorriso animador para a ignorancia humilde, e para a admiração devotada caricioso; e o seu espirito na palestra, tão reflexivo da *sua obra*, que se diria recitar o Mestre, a cada hora, selectissimos trechos de livros seus. *Foi nosso amigo:* isto seja consolação, e seja esperança d'uma hora satisfeita, antes do repouso final. Descança! os recem-chegados não poderão vangloriar-se, como nós, de taes horas de um convivio assim, como aquelle, estremecido e glorioso! Não haja duvida: que o Maior de Todos apertava firme em sua mão esquerda o

(1) Prefacio ao livro *Cartas de Camillo Castello Branca, 1895.*

bastão de marechal, quando na dextra empunhava o rewolver do suicidio. E o distinctivo do seu posto lá o tem no jazigo; e não haveria braço de official entre os distinctos — que vingasse erguêl-o, se ousadia houvesse para lh'o arrancar á ossada, a que adhriu, como adhere á grande memoria a recordação dos fieis!

*
* *

Deram-se á ultima hora a vulgarisar cartas de Camillo, e ainda bem, como demonstração de respeito pelo nome do grande homem e melhor ainda como demonstração de alto criterio litterario, se não influe em similhante resolução — como devemos crêl-o cortezmente — o proposito de affligir, ou de rebaixar adversarios, mediante a divulgação de alguma nota do impressionavel humorista. Quero suppôr, sempre cortezmente, que a publicação de taes cartas visa nobremente, com a ideia de um tributo ao seu auctor, a de uma coordenação de documentos para o estudo completo, quanto possivel, da complexa individualidade do Mestre. Não ignoras que eu, muito instado á publicação de «algumas cartas que possuisse», hesitei, e mal explico a hesitação. A um nosso camarada de officina, perito em melindres litterarios, perguntei ha dias — se eu poderia publicar essas cartas. Elle respondeu-me: — «Deve fazel-o. Não tem o direito de occultal-as.» Sem perceber a hesitação, percebi de momento a justiça de removêl-a.

Reli as cartas em meu poder. São noventa e duas. Publico apenas quarenta. Porque? se me aggredirem á conta d'este livro, desejarei desaggravar me—publicando as restantes. Não é isto ameaça: é aviso a susceptiveis pundonores: é mansissima advertencia de que eu não especulei com o escandalo, e de que apenas offereci um brinde aos admiradores do Mestre e outro brinde á minha desolada saudade.

*
* *

Ha nas cartas que formam este livro manifestações da bonhomia d'aquelle homem que tu aprendeste a adorar, no tracto de cada dia. Demonstrações de azedume são raras. A custo encontraremos a má disposição de espirito, que Theophilo Braga ahi citou na imprensa, como explicação de alguns juizos amargos de Camillo Castello Branco ácerca de litteratos ainda vivos. Se eu deixei passar n'alguma carta, das que reproduzo, juizo assim manifestado, de passagem, ácerca de escriptores do nosso tempo, foi porque a explicação me satisfez nos dominios da critica. Sim: a acrimonia em phrases provinha-lhe da má disposição do espirito. Aonde não vingaram os espantosos soffrimentos de cada hora transportar esse espirito foi á deslealdade, á traição, aos expedientes do rancor que espera. Grande sempre, sempre generoso, sempre o *Grande Romantico* nos seus ajustes de contas violentas, como nas expansões de magnanimidade. Esse coração foi tão

grande como o talento: e este phenomeno surprehendeu-me, quando eu já me evadira a surprezas — e não tenho ideia similhante enormidade, até este mez de junho do centenario de Santo Antonio, no anno de 1895.

*
* *

Talvez me fosse licito aproveitar estas paginas em branco, para n'ellas erguer pelourinho á santa estupidez que ahi, nas alfurjas do pensamento réles, alguma vez pretendeu denegrir a memoria de Camillo. Mas, respeitemo-nos, que é dever da idade, e deixemos aos creadores de ratos sabios a execução da bicharia a que sobeja em fétido quando lhe falta em succo. E pois que ha outro assumpto em discussão, — a conveniencia de ao Pantheon se transferir os restos do Prosador, encaremos de frente, por um momento só, o caso controvertido.

Pedi durante annos a todos os competentes — aos que governam, aos que influem nos do governo, aos que, além d'isso, teem vinculados os seus nomes á veneração pelo grande morto. Inutilmente pedi. Allegou-se a indifferença do publico, motivada pelas difficuldades da vida, e allegou-se a falta de recursos para uma tal ceremonia. Parece que tudo mudou: celebrações de outras glorias portuguezas — d'outra importancia — dominam e arrastam a curiosidade geral, e os recursos superabundam. «É justo! — diria o grande humorista, e tu o estás ouvindo, como eu. É justissimo! Quando a

simples suspeita de que eu pensasse em varrer a feira os fazia empallidecer, a todos, eu poderia impôr uma estatua equestre, como tributo nacional, á minha figura. Hoje, no jazigo de Urbino, não posso despertar-lhes, á chicotada, os remorsos pelo seu impudor!» Tu o estás ouvindo e o estás vendo...

*
* *

Apérto c coração, que se me dilata, e é para serenamente lhes dizer — que eu tambem mudei. Protesto contra o Pantheon, se a porta por onde *elle* entrar não houver de ser severamente vigiada, logo em seguida á introducção do seu cadaver — e á introducção do de Garrett! Não quero que a trasladação de Camillo para junto de Herculano seja um pretexto para outras glorificações á vez, e estás prevendo o desfilar de uns cortejos, — como eu o estou prevendo, para nossa miseria, se houver de realisar-se a trasladação. Como seria incompleto, inharmonico, illogico e de certo modo ingrato, este nosso fim de seculo, se Camillo e Herculano e Garrett não *sentissem* perto de si, a visinhança dos do quadro subalterno! Afugento o pensamento importuno, e vou-me ao alto. Vem tu d'ahi, desprendido espirito!

Olha os restos de Chateaubriand no rochedo de S. Malo, sobre o mar! Ahi descança, poderoso e solitario, como o Moisés de Vigny, o sombrio genio de René, e a França inteira o saudou no seu final retiro e lucidamente perce-

beu — que era bem. Vê tu agora como seria bello e como seria justo que os restos do nosso Camillo descançassem em mausoléu, para esse fim construido, na aldeia de S. Miguel de Seide, ali no coração do Minho, onde o vasto e maravilhoso espirito vinte annos conversou com os seus affectos, com as suas esperanças, com os seus sonhos, com as suas dores e com a sua immensa desventura: onde sazonaram os fructos do seu genio e d'onde o colosso subiu ao throno do Eterno, repellindo com o pé a vida, tragico e terrivel como o que parte enforcando-se: ali, onde o marulho dos córregos se funde nos gemidos dos pinhaes e nas saudações dos alados ao Creador: alli, onde ha a serenidade, o isolamento, a grandeza simples, o tributo dos homens a distancia; e uma romaria annual, no dia da sua morte; e os da aldeia a indicarem aos litteratos o jazigo do «sr. Camillo». Recordas-te do respeito religioso que elle espalhava na sua passagem pelos atalhos e pelas estradas minhotas? Mas nada d'isto será feito. Estou sonhando, — e ainda bem que já não sonham uns recem-chegados, praticos até ás podridões da medula!

*
* *

Vão pois as Cartas serenas — de boa paz, quasi sempre, correr mundo, e creio que improductivas em afflições de amor proprio. Não se lhes vincula pensamento de vaidade: não se conquista fóros de nobreza — porque se lidou

com um rei, e mal se compadeceria com similhante pensamento a repulsão que naturalmente me desperta a exploração dos nomes mais ou menos illustres, pelos subalternos que lhes sobrevivem: a miseria que ahi vemos.

Lisboa, 1 de junho de 1895, anniversario da sua morte.

S. P.

*
* *

N

Na Citanea; a proposito das cartas a Francisco Martins Sarmento. — Maria José Placido. (1)

No *Bom Jesus do Monte*, pag. 175, escreve Camillo:

«A meia legua das Taipas, tem Francisco Martins uma quinta, chamada de Briteiros. Na casa magnifica da quinta vivia um par de conjuges decrepitos, antiquissimos criados de paes e avós do meu amigo. A extensão de salas, camaras, corredores em longitude e fórma conventual: de tudo me senhoreei. Escolhi o quarto, cujas janellas faceavam com um recortado horisonte de arvoredos, e a cumieira chan d'um serro onde se divisam as reliquias

(1) A irmã de Anna Placido.

de antiga povoação, que lá dizem ter sido Citania, cidade de fundação romana.

Algumas horas alli passou comigo Francisco Martins; mas o maximo dos dias e as noites vivi diante de mim proprio, na soledade d'aquelle quarto, ou em perigosas excursões á serra, sobre um cavallo, que parecia vesado a passear sobre alcatifas.

Amanheci um dia entre as ruinas da presumida Citania. Vi algumas pedras derruidas em comoros, as quaes denunciavam ausencia de toda a arte, para de prompto desvanecer conjecturas de edificação regular. Existiam vestigios de cisterna, e descalçadas lagens de um caminho de pé-posto, que sem duvida tinha sido estrada. A meu parecer, não irá longe da fundação da monarchia portugueza a construcção d'aquelle presidio, se tal nome lhe cabe em vista dos estreitos limites do terreno plano. Póde ser que, nas guerras de desmembração, sequentes ás primeiras conquistas do conde Henrique, guerras tão cruamente pelejadas nas circumferencias de Guimarães, até ás indeterminadas fronteiras, aquelle ponto, onde os visionarios vêem cidades carthaginezas e romanas, fossem singelamente um miradouro de observação, que abrangia grande parte do territorio convisinho de Guimarães, então foco das operações militares da recente monarchia. Como quer que seja, a chamada Citania faria derrear um antiquario, sem elle descobrir nas ruinas d'ella pretexto a narcotisar com um infolio a porção do genero humano, que ainda crê nas visualidades de antiquarios, e decifra-

ções arrevezadas de pedras, e quejandos desfastios de sabios em medalhas e cipos — a gente mais estafadora do mundo!

O sr. Domingos e a sr.ª Roza (eram os conjuges meus familiares) contaram-me que lá em cima na Citania estavam mouras encantadas, que elles tinham visto em certas noites vaguearem em torcicolos com luzinhas, pelo pendor da serra. Não desfaço na palavra do sr. Domingos e da sr.ª Roza; mas inclino-me a crêr que os vélhinhos vissem pyrilampos. O mesmo não direi de outra moura que viera n'um berço á flôr do rio Ave; e no momento em que o encanto se lhe quebrou, o berço se converteu em alva fraga. Nenhuma duvida ha: lá está a fraga. A sr.ª Roza sabia as lendas todas, que Almeida Garrett publicou, já deslluzidas da campestre originalidade em que m'as ella repetiu.

De Briteiros ao Senhor do Monte era passeio de uma hora. Alli fui com Francisco Martins, e de lá trouxe peçonha de saudades, que me ainda cabia no peito.

Áquellas florestas sinto eu atado ainda o coração por mui tragadoras lembranças. Em diversas estações da minha vida, lá fui a conversar com o passado que ahi me florira, ou a inflorar esperanças que reverdejavam do pó d'outras desfeitas. A' derradeira vez, porém, que fui ao meu éden, parece que o anjo do gladio me vedava o passo. A saudade, que mo alanceava então, era serpe devorante; a esperança, mal o coração a desenhava nos longes da phantasia, acudia logo o demonio do *impos*

sivel, a sopezal'a. Em tudo se me afigurava escripto o lemma horrivel: NUNCA MAIS!

Sentei-me n'um dos degráos do escadós principal. Era lá que eu tinha visto...

Que tinha eu visto alli? O trajecto rapido de um anjo, que levava em chammas de infernal fogo as azas, já fallidas de força para enfiar seu vôo ao céo. E áquella hora em que me eu sentára no degrau, já o anjo se havia sumido na voragem, que raras vezes a desgraça abriu á mais dilecta de suas victimas!»

*
* *

E ainda acêrca de Maria José Placido e da sua morte diz, na obra citada:

«A' Alma de Maria

(Quinze formosos annos, um coração de Deus)

Quando tu eras nossa, vieste aqui, d'este alto da terra, contemplar a patria, como ave implume, nascida entre urzes, a remirar além o verde do prado, e a copa da arvore, e a prata do lago para onde a vontade lhe impelle a aza ainda imbelle.

Aqui vieste, Maria; d'aqui mandaste o derradeiro adeus á terra.

Que saudade te faria então o mundo, este mundo aonde ha a manhan de maio, o entardecer de agosto, a flôr, a soledade dos arvore-

dos, o trino do rouxinol, e o estrellado envoltorio dos anjos!

Que saudade, Maria, se tu não fosses a noiva eleita para os amores de algum espirito que te houvesse amado na puericia, e, choroso de ti, se desprendesse do coração, á voz do seu Creador!

Que saudade, Maria, se te alembrassem as quinze primaveras de tua vida, tristes e esmaiadas da juvenil alegria, que as meninas dos teus annos radiavam do olhar, do sorrir, do vago enlevo de esperanças, do seio alvoraçado de palpitações suaves!

Mas a tua vida, desde o berço viéra amarada por pégos aparcellados de muitas angustias.

Quando te havias de enfeitar com as flôres da oitava primavera, envolveste os cabellos louros na escomilha negra da orphandade. Teu pae morreu então, Maria, tragado pelas vagas, despedaçado nos dentes das rochas.

Ao decimo-segundo anno, quando despias os lutos d'alma e a vida te desdobrava a primeira dobra de sua perspectiva alegre, e o coração te segredava a alegria d'um baile e o instinctivo contentamento de ser linda e querida, morreu tua mãe, a virtuosa, a viuva que, durante quatro annos, agonisara ante o retrato de seu marido.

Fechou-se-te a meia porta por onde entreviras os jubilos das tuas amigas, a descuidada felicidade de todos os doze annos, animados por amor de paes e superabundancia dos bens de fortuna.

Levaram te a um collegio, em que se manti-

uham os rigores do claustro. Só podias ver a luz que alumiava as eufezadas arvores d'uma cerca, murada a uso monastico. As lufadas balsamicas de maio não coavam os arames das frestas da tua alcova. O rumor do mundo ia, alguma hora, surpreender tuas contemplações; e tu, erguendo a fronte formosa de desmaio e lagrimas, dizias: «Na sepultura de meus paes fui eu tambem fechada; mas elles dormem, e eu não posso adormecer...»

Maria, a incendida noiva de um anjo, que viera aqui pedir novas de seu amado aos voadores do céo: aquella avesinha branca, e tão linda, tão nova, com tanto amor ao vago, que se lhe transluzia, a tempo que o calor lhe vinha estuar nos labios calcinados, Maria, que eu havia de amar no céo, se a minha alma não estivesse condemnada á perpetua escuridão, ao horror infinito dos que despedaçaram no rosto da virtude a lampada accendida pela piedade no confluente dos dois caminhos que vão dar á dextra ou á esquerda do Senhor: Maria morreu.»

*
* *

O

O padre Antonio d'Azevedo

No livro *Duas horas de leitura*, diz Camillo:

«Fui educado n'uma aldêa, onde tenho uma irmã casada com um medico, irmão de um pa-

dre, que foi meu mestre. O mestre podia ensinar-me muita cousa que me falta; mas eu era refractario á luz da gorda sciencia do meu padre prior.

*
* *

A aldêa chama-se Villarinho da Samardan. Demora em Tras-os-montes, na comarca de Villa-Real, sobranceira ao rio Corrego, no desfiladeiro de uma serra sulcada de barrocaes.

*
* *

O prior era o padre Antonio d'Azevedo.

*
* *

Vivi dois annos com este padre. As nossas camas estavam no mesmo quarto. Ensinava-me latim e musica de canto. Elle era um bello baritono em cantares mysticos e tocava flauta — coisas classicas, talvez, lidas n'umas velhas solfas. A minha corda vocal nunca pôde graduar-se. Inclassificavel. Cantando a escala, quando chegava ao *si*, esganitava-me n'uma engasgação. A minha voz não se parecia com a voz de ninguem. Uma larynge que veio intempestiva para modular as melopeas incognitas da musica do futuro, balbuciada, ha pouco tempo, por Wagner. Desistiu-se de parte a parte, pelo que respeitava ao lyrismo. No la-

tim, andei melhor. Antes de saber traduzir o *Eutropio*, pronunciava correctissimamente a prosa e o verso. Padre Antonio fazia-me psalmear com elle os versiculos do Breviario, alternadamente. Resavamos, ao romper d'alva, *matinas*, depois *laudes*, á noite *vesperas* e *completas*. Eu sabia de cór os *psalmos penitenciaes*, sem os perceber; — os dogmas da minha religião começavam pelo idioma; — porém, o prior, se eu lhe pedia, traduzia-m'os com unção e enfase, accentuando com um compasso de dêdo no seu *Breviario* a separação dos versiculos, para que eu entendesse a correspondencia litteral. Era prégador; mas raras vezes subia ao pulpito, fóra da sua egreja. Redigia todos os seus sermoens: não usava expositores e nunca os repetia. Tinha grande difficuldade em os decorar. Ser-lhe-hia menos penoso improvisal-os: — aprendia-os á custa de eu lh'os reler. A final, recitava-lh'os inteiros, sem o papel, e elle, triste e desanimado, ainda balbuciava a primeira pagina.

Uma vez, prégava de S. Martinho, o orago da freguezia. Nunca lhe fôra tão rebelde a memoria. Os comêços dos periodos era-lhe impossivel recordal-os. Fui eu tambem para o pulpito. Acocorei-me no ultimo degrau. Fiz de ponto; e logo ao segundo periodo, que dizia: *Condusido a Ninive entre as ingratas tribus que ao furor de Salmaanasar entregaram*, etc., o prior já se não lembrava da cidade maldita, nem do nome do impio tyranno conquistador de Israel. Vali-lhe com a minha geographia, e com a minha historia, e d'ahi por deante cor-

reu tudo direito até ás tres *Ave-Marias*, pelo mordomo e por outras jerarquias recommendaveis.

*
* *

Meu cunhado, o medico, algumas vezes me disse que seu irmão, quasi sempre valetudinario, somnolento, n'uma lethargia, era uma das poucas victimas da castidade sem sombra de macula, que o clero podia apresentar como exemplo. Nem os seus companheiros de mocidade, nem os seus contemporaneos das aulas em Braga lhe conheceram um lapso.

Eu sabia uma historia d'elle que seria original, se a não tivesse presenciado o Egypto entre Hiempsal e o ministro da fazenda do pharaó. Dera-se em Braga com uma franceza, onde elle, formoso então como um cherubim, fôra levado á traição. Deixou-lhe a batina nas mãos? Não me recordo bem. Fugir sei que fugiu, e nunca mais passou pela rua da franceza, não como a esquivar-se á tentação, mas a tentador, que seria capaz de arrancar os proprios olhos seductores, como Santa Luzia; e, como S. Jacob, pôr a mão esquerda a derreter nas brazas, em quanto com a direita fomentava o peito afflante de uma doente fingida, a estorcer-se de lubricidade.

Uma vidraça do nosso quarto não tinha portadas. Elle queria ver o repontar da aurora. Quando a lua nascida por alta noite, eu accordava, ás vezes, e via-o sentado no seu leito banhado de luar, rezando os doze mysterios,

por umas contas monasticas. Depois, chamava-me. Resavamos *matinas*, com luz artificial. Iamos para a egreja. Eu tangia á missa e ecolitava, pingando mais somno que devotas lagrimas. Devolta do presbyterio, faziamos chá; depois, lia-se a versão de Alexandre Garrett, os *Annaes da propagação da fé*, as *Noites de Young*, a *Miscellanea curiosa e proveitosa*, os *Lusiadas*, o *Theatro de los dioses*, as *Viagens de Cyro*, as *Perigrinaçoens* de Fernão Mendes Pinto, e a *Historia de Portugal*, por uma sociedade de inglezes.

Passados muitos annos, dediquei-lhe um livro — *O Bem e o Mal*. Quem possuir esta esquecida novella hypnotica, releia a dedicatoria. Parece-me que ahi recordo esses fugitivos dias de innocencia e confiança na intervenção de Deus em coisas humanas.

AO

Padre Antonio de Azevedo

Nome que os pobres, seus irmãos, reverenceiam e os enfermos da alma abençoam; ancião virtuoso; operario infatigavel em serviço de DEUS e da humanidade

OFFERECE ESTE ESCRIPTO

O Auctor.

*
* *

Meu amigo:

Ha vinte e tres annos qne eu vivi em sua companhia.

Lembra-se d'aquelle incorrigivel rapaz de quatorze annos, que ia á venda da Sérra do Musio jogar a bisca com os carvoeiros, e a bordoada, muitae vezes?

Esse rapaz sou eu; é este velho, que lhe escreve aqui do cubiculo de um hospital, muito visinho do cemiterio dos Prazeres.

Eu sou aquelle a quem padre Antonio de Azevedo ensinou principios de solpha, e as declinaçõvs da arte franceza.

Sou aquelle que leu em sua casa as «Viagens de Cyro», o «Theatro dos Deuzes», os «Luziadas», «As perigrinações de Fernão Mendes Pinto», e outros livros, que foram os primeiros.

Sou aquelle que, sem saber latim, resava matinas, laudes, terça, sexta, etc., com o padre Antonio,

Sou, finalmente, aquelle, a quem padre Antonio disse: — «o tempo ha de fazer de você alguma cousa.»

Passados vinte e trez annos, como eu acabasse de escrever o meu quadragesimo segundo volume, lembrou-me dedicar-lh'o, meu venerando amigo, e rogar-lhe que peça a Deus por mim.

Lisboa, 22 de junho de 1868.

*
* *

Umas trinta cartas que recebi do prior, no transcurso de trinta annos, todas conservo. Aqui tenho uma escripta ha vinte um annos, agradecendo-me a dedicatoria do livro: ... «Livro por excellencia, livro d'ouro, digno de muito aprêço. Estimarei que continueis a escrever obras d'este quilate, para bem merecerdes o premio enunciado pelo divino oraculo; *qui fecerit et docuerit*... E, se me permittis a liberdade de amigo verdadeiro, rogo-vos do coração que façaes todo o possivel para reunir em vós mesmo o *docuerit* ao *qui fecerit*. Já encetastes a carreira e tendes feito mais que os nossos bispos a quem competia com especialidade essa tarefa. Insto-vos a que continueis, para chegardes ao *magnus vocabitur*.» Ah! eu tinha feito mais que os bispos, e por isso me chamaram então «grande parvo». *Magnus vocabitur*. O sancto prior prophetisava do carnaz. Em 1873 senti uma pungente saudade do meu querido mestre, e escrevi-lhe, a perguntar se no proximo verão o encontraria em Villarinho da Samardan. Receava eu que elle, a esse tempo, andasse nas missoens a que se dedicara nos derradeiros annos. Respondeu-me: «Perguntais-me em que tempo estarei n'esta minha e vossa caza de Villarinho. Respondo — em quanto Deus me conservar a vida. De sorte que sobre a terra ou debaixo d'ella aqui persistirei. Portanto, em pessoa ou em

memoria aqui me encontrareis em qualquer tempo.»

Não o tornei a ver. Tres annos depois, quando contava 76 annos,

serenamente,
Voltando os olhos para a cruz de Christo,
N'ella os fitou, ficando immovel...

*
* *

P

Desorientado!
Ainda a «Mulher fatal». — A Dôr!

Nas *Memorias do Carcere*, referindo-se á tormenta que o levou a dentro da *Relação* do Porto, diz Camillo:

«Não avultaria de certo mais de negro e repellente a perspectiva do degredo a um condemnado, do que a mim, n'aquella hora, se afigurou a terra que eu, de muito, trazia no desejo de ver, cuidando remoçar e aquecer em certas relvadas da margem do Corgo e sob a copa de relembradas arvores, a parte do coração avelhentada e tolhida pelo gear do meu prematuro inverno. O criado, que me seguia, imparveceu quando viu o meu subito retrocesso para a Regoa. Seguiu-me, sem discutir comigo a topographia da localidade. Na Regoa entreguei-lhe o cavallo, e mandei-o para a minha familia, d'onde viera.

— Que hei de eu dizer lá em casa!? — perguntava pela terceira vez o creado.

— Diz que me deixaste doido.

— A falar a verdade... — retrucou o moço — se o não está, parece-o. Que hei de dizer eu a sua irman?

— Diz-lhe que fiquei doido.

O criado foi jurar a minha demencia. Que admira, se Custodio José Vieira n'essa noite a jurou tambem, vendo um telegramma em que eu annunciava a minha volta ás odoriferas acacias da praça de D. Pedro?!

Ao outro dia encontrei Custodio José Vieira em Vallongo, e com elle a pavorosa enumeração dos tormentos, que me estavam esperando no Porto. Não esqueceram ao meu amigo os calcinados areaes de Africa, nem a carneirada, que tudo, pelos modos, a san moral me decretava. Em compensação, Custodio José Vieira destinava-me as aguas furtadas da sua casa, e a companhia de sua carinhosa mãe, alma de antiga têmpera, que adopta como filhos de sua compaixão todos os infelizes.

Alli estive n'aquellas aguas-furtadas um mez. Não li, não escrevi, nem pensei. Alguns amigos leaes me levavam de dias a dias o seu medo da minha captura. No aspecto d'elles o terror assumia as proporções naturaes em amigos que visitassem um regicida. Olhavam para a minha cabeça, como se já cuidassem vel'a desencaixada das vertebras, pelo repellão supremo do verdugo. Entrei em mim n'uma d'essas mysteriosas práticas com os meus amigos, vi a profundeza da voragem que ameaçava enguir-me, e deliberei fugir.

A este tempo, o marido de minha irman chegava a procurar-me no Porto, chamado pelo telegrapho. Acompanhei-o, e não pude fugir-lhe do caminho. Vi minha familia, que deixára doze annos antes. Desconheci a. A irman de meu pae, descrepita e cadaverica, disse-me que era necessario ser desgraçado, para não contradizer os fados de nossa familia. Minha irman, que eu deixara viçosa e bella, com duas creanças a brincarem-lhe no regaço, mostrou-me a filha em projectos de casamento, e o filho, pouco depois, academico do primeiro anno juridico. Ai! ella quão depressa envelhecera! Como o coração me chorava em saudades do tempo que ella tinha bonecas aos quatorze annos, as quaes eram casadas com uns bonecos, que eu tinha aos nove annos!

— Lembra-se como se chamava o seu boneco? — disse-me ella.

— Não.

— Era Gervazio. E a minha boneca, lembra-se?

— Tambem não.

— Era Gervazia. Talvez que o mano se não lembre do modo de vida que elles tinham.

— Os bonecos?! Pois elles tinham modo de vida?

— Tinham: eram boticarios. Pois não se recorda que as garrafas dos remedios eram pevides d'abobora?

— Agora me lembro; e a mana desavinha-se comigo por eu querer que o marido exercitasse o seu natural dominio da familia.

— E' verdade, até por signal uma vez o

Camillo víngou o boticario, atirando com a esposa ao tecto da casa, de modo que a arrebentou, e sahiram-lhe pelas costas as entranhas, que eram de farello. Recorda-se?

— Do farello não me recordava; mas é uma encantadora recordação essa, minha irman!

Estes colloquios eram interrompidos a miude pelos cavalheiros de Villa Real, a quem devo tamanhos affectos de estima, que seria baldo empenho encarecer palavras de reconhecimento.

Mas, n'estas visitas, que impressões melancolicas! Sahiam-me velhos os socios da infancia e graves e circumspectos, com oculos de prata e caixa de rapé, uns rapazes que tinham sido émulos na destreza e pontaria da pedra, em que venci muitas vezes os primeiros.

Estive dois dias com minha irman. Ao terceiro, a inquietação insoffrida, o espinho fatal, que me rasga as cicatrizes do coração apenas fecham, cerrou-me os ouvidos ás razões amoraveis e judiciosas da minha familia, e de sinceros amigos. Quasi fugido, voltei para o Porto, e vi as amoreiras e as acacias da Praça de D. Pedro mais floridas e aromaticas que nunca.

Refrigerados os ardores da quasi infantil saudade da terra em que entrevira o crepusculo, o crepusculo sómente do meu primeiro dia feliz, sahi do Porto, e fui a Guimarães não sei para quê, nem com que destino.

Não sei como é que os desgraçados se consolam viajando! Penso que a dór da alma venda aos olhos do rosto o que ha bello na natureza, e na mudança das scenas d'ella. Só bem contempla, e folga de contemplar, o juizo que

bem regula, e os sentidos desapaixonados e desprendidos de affectos, que mandam comnosco a mortificação da saudade.»

*
* *

Decerto, foi preciso soffrer á altura do seu genio, para que elle *achasse* esta prodigiosa pagina, que me tem desesperado. Ah! escrever assim!

Vem no *Retrato de Ricardina*, pag. 163, da 4.ª edição:

«Ha uma especie de insensibilidade, que a meu juizo, é o existir intermedio da demencia e da morte. A noite, que se faz na alma, não tem orvalho de lagrimas. Sente-se o peso do coração, é bronze que está dentro a estalar as fibras sobre que pesa; mas palpitações não dá nenhuma. O espirito estremece de agonias, que mais parecem paroxismos do arranque final que dilacerações moraes. N'esta rara especie de desgraça, os enfermos estão sempre inclinando se machinalmente para a terra, a cuidarem que a terra lhes entremostra o leito do repouso eterno. Tanto lhes faz Deus como lhes fez até áquelle derradeiro degráo, d'onde não ha olhos que o contemplem. A Providencia perdeu já a força de se fazer sentir. Os que ahi chegaram já tinham visto a sua fé conculcada a pés de verdugos, que se dispensavam de temor divino ao apertarem a corda da asfixia. Se o morrer é beneficencia celestial, não

ha ahi outra por amor da qual os desamparados devam pôr as mãos agradecidas. Os que não blasphemam, chegados tão abaixo, são anjos. Perdoem-me as pessoas muito espirituaes, se eu creio enganadamente que a santificação começa na hora em que o padecer amordaça a oração nos labios, e da tempestade interna já nem sequer relampeja esperança do céo, nem reverbero das fogueiras inconsumptiveis do inferno.»

* * *

Os Brocas. — Outras referencias

No *Amor de Perdição* (1), explica o grande escriptor o caso de sua tia ser conhecida em Villa Real por *D. Rita Brocas*. Assim diz:

«Domingos Botelho era extremamente feio. Para se inculcar como partido conveniente a uma filha segunda, faltavam-lhe bens de fortuna; os haveres d'elle não excediam a trinta mil cruzados em propriedades no Douro. Os dotes de espirito não o recommendavam tambem: era alcançadissimo de intelligencia, e grangeara entre os seus condiscipulos da uni-

(1) Observação do sr Procença, na cit *Autobiographia*.

versidade o epithete de «brocas» com que ainda hoje os seus descendentes em Villa Real são conhecidos. Bem ou mal derivado, o epitheto *brocas* vem de brôa. Entenderam os academicos que a rudeza do seu condiscipulo procedia do muito pão de milho que elle digerira na sua terra.»

Chegou a ser annunciado o apparecimento proximo de um romance de Camillo intitulado *Os Brocas*, por differentes jornaes e entre estes o *Commercio Portuguez*, *O Constituinte*, *Correspondencia do Norte*, etc., chegando o *Jornal da Noite* a dizer a respeito do romance: — «Intitula-se *Os Brocas*, chronica de uma familia. Está quasi concluido. Deve entrar brevemente no prélo.»

Camillo não chegou a dar começo a este romance, que constaria de uma «tragedia que elle escreveria froixamente n'aquella sua idade glacial, se tivesse vida para urdir o romance intitulado *Os Brocas*.» E explica o motivo: — «Como a historia é enredada e de longas complicaçoens, nem ainda muito em escorso posso antecipal'a. Se eu morrer, como é de esperar da medicina, com a malograda esperança de escrever esse livro, algum de meus sobrinhos encontrará nos meus papeis os elementos organicos de uma historia curiosa e recreativa.» V. *Bohemia do Espirito*, Porto, 1886, pag. 23.

*
* *

A irmã de Camillo era D. Carolina de Azevedo Castello Branco.

Camillo falla nos d'ella nos seguintes livros:

Duas epochas na vida, (Porto, 1854, pag. 171).
Preceitos da Consciencia (Lisboa, 1865, pag. 46).
Memorias do Carcere (vol. 1, prefacio).
Duas horas de leitura (pags. 59, 60, 62, 63, 65, 67).
No Bom Jesus do Monte (pags. 15, 16, 18, 212).
Seroens de S. Miguel de Seide (Porto, 1886, vol. III, pag. 45).
Memorias do Carcere (Lisboa, 4.ª ed., 1891, vol. II, pag. 134).

*
* *

Camillo refere-se á mãe, nos seguintes livros:

Um livro (Porto, 1854, pag. 16).
No Bom Jesus do Monte (pag. 14, 212).
Duas epochas na vida (pag. 5).
Bohemia do Espirito (pag. 384).
Divindade de Jesus (Lisboa, 1903, pag. 41).
Quatro horas innocentes (Lisboa, 1904, pag. 123, 126, 128).
O Visconde de Ouguella (Porto, 1873, pag. 10).

*
* *

℟

A ideia do suicidio

Pondera, bem observando, o sr. Tavares Proença Junior:

«Camillo manifestou em varios pontos da sua obra a ideia de suicidio, que o não abandonava.

Entre outras, occorrem-me as seguintes:

Memorias do Carcere (Lisboa, 1891), vol. I, pag. XLVII).

Amor de Salvação, pag. 12.

Lagrimas abençoadas (Lisboa, 1896, pag. 29).

A este respeito muito nos esclarecem os seguintes livros:

Amores de Camillo, (pag. 134 e seguintes).

Romance do romancista (pag. 131 e 345).

Camillo Castello Branco, por J. C. Vieira de Castro (2.º ed., Porto, 1863, pag. 117).

Etc., etc., etc.»

*
* *

S

A casa de S. Miguel de Seide [1]

A casa de S. Miguel de Seide pertencia ao pae de D. Anna Placido. Camillo refere-se á sua primeira ida a Seide em 1859 (?) nas *Noites de insomnia*, fasc. 10, pag. 15 (ed. Porto, 1874).

Na obra de Camillo mais referencias se encontram á aldeia de S. Miguel de Seide. Occorrem-me as seguintes:

Mulher fatal (ed. Lisboa. 1889, pag. 21).

Maria da Fonte (pag. 9.

Correspondencia epistolar (cit. vol. II, pag. 18, 110, 115, etc.).

Echos Humoristicos (cit. fasc, I, pag. 8; fasc. II, pag. 12).

Causas leves e pesadas (ed. Porto, 1867, pag. 221).

Cancioneiro alegre (ed. Porto 1870, pag. 98, 330, 455).

Scenas da hora final (prefacio).

Nas trevas (Lisboa, 1890, pag. 21.

Cartas a Silva Pinto (diversas).

---

(1) Na cit. *Autobiographia.*

*
* *

Camillo e Emilia das Neves

Nas *Memorias do Carcere:*

«Nos quatro ultimos mezes que precederam a minha apresentação na cadêa, experimentei o que é esterilidade, paralysia e ceguidão intellectual. Baldaram-se as obstinadas diligencias que fiz, em differentes logares onde estanciei, acolhido por amigos ou parentes. Solicitára de mim a versão de um drama italiano a senhora Emilia das Neves, artista, cujo merecimento obriga todo o escriptor que póde a quinhoar das suas glorias. Traduzi a primeira scena em Briteiros, na quinta de Francisco Martins. Para mais de tres mezes andou aquelle *thesouro litterario* no meu saco-de-noite. Instou a extremada actriz pelo traslado do seu mimoso drama. Arremetti denodado á obra, e verti a segunda scena. Andava eu cobrando hardimento para a terceira, quando o senhor commissario regio dos theatros me fez saber que a traducção fôra commettida ao senhor José da Silva Mendes Leal. Nunca as boas letras ganharam tanto com a inercia de um escriptor, empedrado pelo infortunio!»

*
* *

IV

Os seus dois filhos

Nuno Placido Castello Branco (o filho segundo de Camillo e D. Anna Placido), visconde de S. Miguel de Seide, falleceu no dia 23 de janeiro de 1896, e foi sepultado no jazigo, de Famalicão, em que repousam os restos mortaes de D. Maria Izabel da Costa Macedo, sua mulher e da pequenina Maria Camilla, sua filha.

Jorge Camillo (o filho primogenito) que falleceu, louco, em 9 de setembro de 1900, jaz em S. Miguel de Seide.

*
* *

V

Documentos que se iam occultando

Do illustre professor sr. Sabino de Souza, vereador da camara municipal de Lisboa, ao dirigir-me a seguinte carta, recebi-a e julgo util publical-a. Assim diz:

«*Ill.*^{mo} *e Ex.*^{o} *Sr.*

O conhecimento que V. Ex.^{a} teve, pelos jornaes, de que eu me exonerei do logar de se-

cretario de comissão executiva de Homenagem a Camillo Castello Branco, com certeza não espantou a V. Ex.ª, pela razão unica de que, quando se tem a idade de V. Ex.ª e se conhece tão bem os homens e a sociedade em que se vive, nada occorre já de molde a produzir estupefacção. E' um phenomeno banal que se regista ou não, e nada mais.

Entendo, porém, que a V. Ex.ª devo, antes que o faça perante a Commissão Executiva, que *creio* deverá reunir em breve, dar a razão que me fez demittir. E' que V. Ex.ª em tudo isto, — quero dizer na *parte respeitavel* do que é feito com o fim de publica e permanentemente consagrar o grande Camillo, — tem por direito incontestavel o primeiro logar e é ao mesmo tempo o legitimo representante do escasso numero dos amigos queridos do Mestre.

Sabe V. Ex.ª, porque lh'o disse e, talvez ainda, porque o observou, quanto enthusiasmo dediquei á realisação do sagrado pensamento que ha tantos annos nasceu e perdurou no cerebro de V. Ex.ª

Não o fiz com intuitos de saliencia, — tenho notavel negação para o espalhafato — nem tão pouco me moveram pruridos de, já que pelo engenho proprio não tenho a honra de pertencer ás lettras, n'estas momentaneamente estar, mercê da camaradagem accidental com litteratos e ao abrigo de tão grande sombra.

Fil-o no cumprimento do dever: já como cidadão — isto bastava — reconhecido á memoria d'um português illustre; já como lente

d'uma escola superior, e assim pertencendo ao numero dos que por ahi chamam *intellectuaes* da nossa terra, fascinado pela *obra* d'uma das mais bellas, lucidas e genericas intelligencias que fulgiram em Portugal; já, finalmentə, como vereador de Lisbôa, terra onde nasceu Camillo, convencido de que perpetuar-lhe a memoria n'uma estatua era uma honra para a cidade.

Elegeram-me secretario da Commissão Executiva; agradeci a honra, mas a breve trecho notei o abandono.

Ser secretario não é *ser tudo;* será, quando muito, ser o que mais trabalhe, d'entre os que o elegeram. Apesar, porém, de me vêr sósinho, não affrouxei e V. Ex.ª verá, quando fôr da reunião da Commissão Executiva, o que eu fiz até ao momento em que me dimitti.

Desde que, por mal dos meus peccados, entrei como vereador, nos Paços do Concelho de Lisbôa, tres assumptos me tem preoccupado sobre modo e aproposito d'elles iniciei e sustento uma situação de não conformidade, que contra mim concitou os odios dos interessados e a má vontade dos meus collegas.

Refiro-me ás palpitantes questões da carne, da viação e do lixo.

Estou quasi convencido de que vim ao mundo para viver issolado: só nos trabalhos do Homenagem a Camillo, só defendendo a cidade da cupidez d'arrematantes e concesionarios. Não julgue V. Ex.ª que já soffro do delirio da perseguição.

.....

Todavia, é certo que um dia amigos e conhecidos entraram de me preguntar o que havia ácerca da subscripção. E' claro que tudo aclarei; mas outro falou em publico e para o publico, e eu expliquei a cada um por sua vez.

Nos tempos que vão correndo é *uso* haver falcatrua em subscripções e outras fontes de dinheiro.

E eu sou póbre, todos o sabem; lucto com bem negras difficuldades, muita gente o póde affirmar: logo, o terreno era optimo para semear suspeitas.

Resolvi, pois, sahir da Commissão, afim d'evitar manejos d'esta ordem só tendentes a desalentar-me e fazer-me perder authoridade para a lucta em que estou empenhado em defeza da cidade.

Em face de tão insolito procedimento, os meus collegas da commissão administrativa Professor Fereira da Silva (que não assistira a certa memoravel sessão) e Professor Augusto Machado, resolveram acompanhar-me na demissão.

Aqui tem V. Ex.ª o que me levou a abandonar o honroso posto que, com tanta vontade, acceitára e servia.

Estou certo de que no coração de V. Ex.ª, tantas vezes ferido por calumniadores e energumenos, encontrarão eco as mágoas.

Do de V. Ex.ª
Admirador e servidor obrigado
João Sabino de Souza.

Casa de V. Ex.ª — Queluz, 15 de agosto de 1906.

*
* *

(Das «Novidades» de 13 de dezembro de 1906)

«Do illustre escriptor, sr. Silva Pinto, recebemos a seguinte carta:

«*Meu caro collega*

Com muita satisfação e alguma esperança, notei hontem a intervenção de dois dignos pares, dos mais illustres e considerados, em favor dos *netos de Camillo*, junto aos poderes publicos.

Devo, a proposito, dizer:

Que ha perto de um anno pedi ao sr. conselheiro José Luciano de Castro que estabelecesse uma pensão aos sympathicos e desventurados descendentes do primacial escriptor. O chefe progressista declarou-me que tomava em toda a consideração o meu pedido. Dias depois saia do poder.

Succedendo-lhe o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, combinei com um antigo amigo de Camillo, o sr. dr. Ricardo Jorge, pedirmos a alludida pensão ao chefe regenerador. Por varios motivos, contavamos com a prompta annuencia do sr. Hintze. Subitamente, antes qne o procurassemos, abandonava elle o governo – seja-me permittido o euphemismo.

Partícipei á desolada mãe dos Menores, com elles residente na pobre e gloriosa aldeia de S. Miguel de Seide, — que o infortunio se

obstinava, pelo visto, em perseguir Camillo na pessoa dos seus descendentes. E, sem saber o que esperasse, recommendei *esperança* á corajosa e nobre senhora, até que eu soubesse *a quem pedir*.

Adivinhei-lhe os soluços, na angustiada resposta, e fiquei *esperando*.

A intervenção dos ex.^{mos} conselheiro João Arroyo e general Dantas Baracho dá orientação ao tal sentimento vago. A idéia do *Monumento a Camillo*, encalhada na camara municipal de Lisboa, n'uma grande confusão de carnes, viação e lixo — tode a lixarada! — póde aguardar a obra de liquidação, e ha-de têl-a. Mas a desgraçada familia do maior prosador de Portugal é que não póde proseguir na sua agonia, sem macula de horrivel infamia para os que tanto choram Camões e cobrem de injurias os ingratos Portuguezes do 16.º seculo.

... Estava isto escripto, quando vejo que hoje se nobilitou a camara dos pares, votando por acclamação uma proposta do sr. Dantas Baracho: o que eu já não sabia a quem pedisse. Não retiro a carta, antes a mantenho, pelas seguintes razões:

1.ª — Porque desejo pôr a camara municipal de sobre aviso;

2.ª — Porque me é agradavel registrar a quem se deve o *cumprimento* do acto de justiça.

Só isto.

Seu

Silva Pinto.

13-12-1906.

*
* *

(Das «Novidades» de 15 de dezembro de 1906)

«A pensão aos netos de Camillo

Do sr. Sabino de Sousa, vereador da camara municipal de Lisboa, recebemas a seguinte carta:

«*Sr. Redactor*

O illustre escriptor Silva Pinto, no bem redigido jornal de v., publica hontem, 13, uma carta datada do mesmo dia, em que o velho e considerado publicista rejubila, por ver que a camara alta, pela iniciativa do digno par ex.^{mo} sr. general Dantas Baracho, votou por acclamação que aos netos do glorioso Camillo Castello Branco, que com a nobre e corajosa mãe arrastavam uma vida de privações, fosse concedida uma pensão annual.

Comprehendo o jubilo do sr. Silva Pinto, que conhecedor, talvez como ninguem, da vida difficilima d'aquelles que representam hoje directamente o maior prosador portuguez, de ha muito tempo vem com a penna e com a palavra procurando por todas as formas alcançar que o paiz se honre, pagando, aos descendentes do grande escriptor, uma insignificante parte do muito que lhe deve, que é tanto, que nunca poderá saldar as suas contas com esse portuguez illustre entre os illustres.

O que o sr. Silva Pinto tem escripto, todos os que «leem» não ignoram, mas de alguma coisa do muito que elle tem fallado, apezar de nãe ser orador, tive eu enseja de ser testemunha, pois foi da sua bocca que eu primeiro ouvi, em phrases intercaladas pelas lagrimas, a descripção da vida difficilima que levava a familia do Grande Mestre ; phrases repassadas de sentimento e terminadas pela descrença que ia avassallando o notavel publicista, ácerca do pagamento da divida de gratidão.

Quizeram os destinos que eu, que não possuo titulos para ser discipulo do immortal Camillo, fosse nomeado secretario da commissão executiva que a Camara Municipal de Lisboa estabeleceu, no intuito de consagrar a memoria de Camillo Castello Branco ; e quizeram ainda os destinos que eu representasse um papel n'uma das muitas scenas da grande peça da ingratidão nacional para com o vulto eminente que viu a luz do dia na cidade a cuja edilidade pertenço.

Intencionalmente o sr. Silva Pinto na sua carta diz que a idéa do monumento a Camillo «encalhou na Camara Municipal de Lisboa, n'uma grande confusão de carnes, viação e lixo : — toda a lixarada ! » — diz s. ex.ª

Não me pertence fazer como o sr. Silva Pinto o diagnostico do encalhe, mas o que garanto a v., é que n'uma celebre sessão da Camara Municipal, em que se versavam especialmente assumptos de viação e em que eu sustentava opiniões e affirmativas pouco agradaveis para a empreza exploradora do monopolio da via-

ção em Lisboa e n'essa mesma sessão e no mesmo dia em que a referida empreza, á mingua de argumentos, me assacava diatribes, um collega meu, em sessão, me interpellou sobre as contas da commissão do Monumento.

V. deve comprehender que apezar de á Camara não pertencer esse direito, mas exclusivamente á cemmissão e tendo a Camara consentido que se tratasse de semelhante assumpto, eu que, como secretario, nada tinha com as actas e ainda que não reconhecesse á Camara competencia para o caso, referi immediatamente a marcha dos trabalhos e não querendo que a atmosphera difamante se juntasse a suspeitas simultaneamente feitas na Camaa que com excepção do meu voto, deferia pretenções da Companhia, entreguei nas mãos do sr. Presidente do Municipio a demissão do meu cargo de secretario e com ella o pedido de convocação da commissão, para que a ella eu désse informação pormenorisada do acontecido. Quizeram os meus collegas, prof. Ferreira da Silva e o maestro Augusto Machado, honrado thesoureiro do concelho e da commissão, acompanhar me. E assim se extinguiu a commissão administrativa do monumento — pois por nós tres apenas era constituida — entregando se ao sr. Presidente da Camara os valores e documentos em nosso poder.

De então para cá, bastantes vezes tenho sollicitado do sr. Presidente a convocação da comissão executiva, até que hontem, talvez á mesma hora em que o digno par Dantas Baracho propunha a pensão aos netos de Camillo,

eu em sessão publica, solemnemente, pedi ao sr. Presidente da Camara a convocação da commissão.

Aqui tem v. o motivo por que lhe escrevo, isto é, para affirmar que não é minha a culpa de não proseguirem os trabalhos da commissão executiva e que anciosamente peço, e espero, a reunião da commissão, para a ella — e só a ella—pormenorisadamente informar dos acontecimentos.

E garanto a v. que, se, como portuguez, me envaideço com a approvação da proposta do digno par sr. Dantas Baracho, como homem, consciente e cordealmente, felicito o discipulo illustre do Grande Mestre, o sr. Silva Pinto, em quem tanto reconheço a figura primacial da consagração a Camillo, ao ponto de, a s. ex.ª, em primeiro logar, ter dado conta das rasões que me levaram a abandonar o cargo de secretario da Commissão Executiva da Homenagem a Camillo Castello Branco.

Com subida consideração, sou

De v. etc.

João Sabino de Souza.

*
* *

X

Os descendentes de Camillo Castello Branco

Cêdo a palavra, para informação, ao sr. Alberto Pimentel, nos *Amores de Camillo:*

«Deve ter sido em 1885 que Nuno Castello Branco atou relações com o sr.ª D. Anna Rosa Corrêa, da casa da Pacelada, em Landim. Sei que esta senhora tem sido uma dedicadissima mãe dos muitos filhos que lhe deixou o visconde de S. Miguel de Seide; nada menos de 7, a saber:

Flora, nascida a 11 de janeiro de 1886.

Camillo, nascido a 16 de março de 1888, no mesmo dia e mez em que nasceu o avô paterno seu padrinho, e que é vivacissimo de intelligencia.

Nuno Placido, nascido a 4 de março de 1889.

Rachel, nascida a 21 de fevereiro de 1890.

Simão, nascido a 6 de julho de 1891.

Manuel, nascido a 23 de abril de 1893.

Estélla de S. Miguel de Seide Castello Branco, que nasceu a 15 de junho de 1895 e falleceu de variola, a 13 de dezembro de 1896.

Vem a proposito dizer que ha mais os seguintes netos de Camillo Castello Branco, fi-

lhos de sua filha e do sr. Antonio Francisco de Carvalho:

I — Camilla, nascida na freguezia de Valbom, concelho de Gondomar, no dia 23 de agosto de 1867. Casou com o dr. Joaquim Urbano Cardoso e Silva, medico. D'este casamento houve uma filha, que nasceu na freguezia do Bomfim, Porto, no dia 26 de agosto de 1894.

II — Camillo, que nasceu na freguezia de Miragaya, Porto, a 3 de janeiro de 1885.»

*
* *

Y

Documento... Epilogo das «Nostalgias» de Camillo Porto, 1888

Que visão grandiosa, oh Dante!
Se tu visses o suicida
Não chorando, mas triumphante
No inferno da outra vida!

Marcella, o ferro arrancando
Da chaga que regorgita,
Vai risonha e vai cantando
Hymnos á morte bemdita.

Não vacilla a mão que entrega
O rubro ferro ao marido;
«*Não doe*», lhe diz; e desprega
O manto em sangue tingido.

Mostra-lhe a chaga... e desmaia.
Elle então crava-se o ferro...
E alva nuvem de cambraia
Envolve-os no seu desterro.

Taes eram sanctas e sanctos
Nas trevas do paganismo;
Actualmente não ha tantos...
Bem hajas, catholicismo!

Sobre ser grande peccado,
O suicidio é cobardia;
Que o vil se arraste humilhado,
Isso sim, que é valentia!

Foge o suicida á deshonra?
Clama a voz geral: demente!
Não é consentido á honra
O que á insania se consente!

Nas vidas atormentadas,
Quando a dôr faz explosão,
As rimas bem concertadas
São cintos de salvação.

Receitava um grande clinico
De tuberculos moraes:
«Se não és parvo, sê cynico,
«Ganharás forças moraes.»

Lyrismo, *verve* e rhetorica
Dão hoje effeitos diversos;
Se estoira a dôr metaphorica,
Ai de ti... que lês os versos!

Pobres versos, que eu fiz, quando
Trasbordava d'amargnra!
Ficae sorrindo e chorando
Sobre a minha sepultura.

*
* *

Z

Ultimos versos do grande desventurado

Foi depois da morte *d'elle*, que D. Anna Placido os publicou no jornalsiaho *O Leme*. E' o insondavel da agonia:

A MEUS FILHOS

Chega a morte! vejo-a, sinto-a.
A luz dos olhos se apaga...
Vem, meu filho, abraça, e beija
De teu pae a face fria.
Limpa-lhe o rosto orvalhado,
Não de pranto, que eu não chóro.
Mas do suor d'agonia,
Não me fujas, filho, imprime
Na tua alma esta imagem.
D'aqui a pouco á voragem
Resvalou teu pobre pae
Vem tambem, sancta das dôres;
Receber o extremo ai!
Não me vás levar flôres
Á sepultura, não vás.
Leva-me os filhos felizes,
Leva-os comtigo e verás
Que me aquece a luz da vida
Na sepultura esqueeida,
Onde emfim hei-de ter paz!»

INDICE

	Pag.
I — Documentos	9
II — «Les Honnêtes Gens»	49
III — Cartas de Camillo	53
IV — Ainda Elle	103
V — O Discipulo Amado	131
VI — O Mestre e eu: como nos aggredimos; como nos reconciliámos	139
VII — Prosa do «critico»	145
VIII — Prosa do «pensador» e do «artista»	175
IX — Bibliographia Camilliana	239
X — Notas finaes	255

LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA

DE

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.ª

186 — Rua Aurea — 188

Ultimas publicações

Fernando Caldeira: *Mocidades* (versos), broch. 700 rs; encad. em percalina. [illegible] rs; em papel Whatman, broch. 2$000 rs

A Madrugada, comedia em 4 actos (em verso), 2.ª ed. broch. 800 rs.; encad. 1$000 rs; em papel do Japão, 4$500 rs.

A Mantilha de Renda, comedia em 2 actos (em verso), 3.ª ed., broch. 500 rs.; encadernado, 700 rs.

D. João da Camara: *Os Velhos*, comedia em 3 actos, br. 600 rs; encad. 800 rs.; em papel do Japão, 4$000 rs.

Mario d'Almeida: *Do Sustenido*, episodio em 1 acto, em verso, br 200 rs.

Celestino Soares: *Le Reveillon des Cardinaux*, trad. em francez da *Ceia dos Cardeaes*, finissima comedia em verso de Julio Dantas, 200 rs.

Dr. Xavier da Cunha: *Riscos e Ligações*, interessantissimo livro de contos, br. 600 rs; encad. 800 rs.

João Braz d'Oliveira: *Narrativas Navaes*, V vol. publicado pela Liga Naval Portugueza — Narrativas de combate, Naufragio, Encalhe, Temporal, Tufão, Desembarque, Desarvoramento, Arribada, Avaria, Homem ao mar, Lendas d'Além-mar, etc — 1 vol broch., 1$000 rs.

Theophilo Braga: *Historia da Poesia Popular*, 3.ª ed., 2 vol br. 1$600 rs.—Vol I, As Origens —Vol. II, Cyclos Epicos, 800 rs.

Romanceiro Geral Portuguez, Romances de Aventuras, Historicos, Lendarios e Sacros, 2.ª ed., 3 vol. br, 2$500 rs.—Vol I: Romances Heroicos, Novellescos e de Aventuras, 680 pag., 1$000 rs.—Vol. II, Romances de Aventuras, Historicos, Lendarios e Sacros, 588 pag., 1$000 rs.—Vol III, Romances com fórma litteraria, dos seculos XVI e XVIII, Notas comparativas, brochado, 1$000 rs.

Dr. Jayme Ferreira: *Consultations Journalières et Formulaire Pratique*, prefacе de M. H. Huchard, membre de l'Academie de Médicine de Paris, encad., 700 rs.

Alves Tórgo: *Carteira de um veterinario*, apontamentos ao alcance de todos sobre as principaes doenças internas do cavallo, boi e cão, encad., 800 rs.

A. J de Lima e Santos: *Desenho Industrial*, Planificações e intersecções em chapas e moldes para uso de caldeireiros de ferro e cobre, latoeiros de folha branca e amarella, serralheiros, etc., broch. 1$200 rs,, encad., 1$500 rs.

No prélo:

Henrique Lopes de Mendonça: *O Duque de Vizeu*, drama historico em 5 actos (em verso), 2.ª edição, com illustrações segundo aguarellas de Roque Gameiro e gravuras em cobre da casa Rousset & Fils — Paris

Theophilo Braga: *Cancioneiro*, vol. I.

F. Adolpho Coelho: *Alexandre Herculano e o ensino publico.*

Silva Pinto: *Em férias*, 2.º volume.

J. Urbano Rodrigues e Victor Mendes: *O Camarim*, comedia em 1 acto.

PQ 9261 C3Z79

Silva Pinto, Antonio da
Camillo Castello Branco

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 02 05 018 4